A doçura da chuva



Deborah Smith

A Melhor Escritora Romântica do Ano
New York Times

PORTO EDITORA

DEBORAH SMITH

A DOÇURA DA CHUVA

Tradução de Elsa T. S. Vieira

PORTO EDITORA

A Doçura da Chuva
Deborah Smith

Publicado em Portugal por
Porto Editora, Lda.
Divisão Editorial Literária - Lisboa
E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:
A Gentle Rain
© 2007, BelleBooks Inc.

Imagem da capa: © Kristy-Anne Glubish / Corbis / VMI

1ª edição: Março de 2009
3ª edição: Julho de 2009

Nota da Autora

Caranguejos minúsculos e burriés parecem as criaturas mais exóticas do universo para uma menina de cinco anos que está pela primeira vez, descalça, numa praia da Florida. Quando eu era pequena, e crescia nos monótonos subúrbios de Atlanta, no sopé das colinas, uma semana de férias nas praias da vasta costa do Atlântico, no Norte da Florida, era uma aventura muito para além dos meus sonhos mais loucos.

Essa aventura incluía uma viagem de um dia e uma noite na carrinha da família, um conjunto novinho em folha de brinquedos de praia de plástico, uma velha geleira metálica cheia de refrigerantes e frango frito frio, para matar a fome nas estradas desertas, e o desejo ardente de trazer um saco cheio de conchas malcheirosas.

Pelo caminho, deliciava-me com as lojas pitorescas à beira da estrada, não só os famosos Stuckeys das estradas do Sul, mas também outros imaginativos chamarizes de turistas, com nomes como King Gator e Orange Mamas, todos bem abastecidos de cinzeiros feitos de conchas, sacos de laranjas e cabeças de índio esculpidas em cascas de côco.

Eu ansiava pelo desafio de caminhar sobre a areia escaldante, salpicada de fragmentos afiados de conchas de ostra. Olhava, abismada, para os bandos de gaivotas e pelicanos. A Florida prometia-me também a visão assombrosa de palmeiras, flamingos cor-de-rosa e barbas-de-velho.

Muito antes da Walt Disney chegar a Orlando, a Florida já era, para mim, o Reino da Fantasia.

O meu marido Hank e eu passámos a nossa lua-de-mel na Costa do Golfo, em Clearwater, e logo no primeiro dia encontrámos na praia um ouriço-do-mar raro e perfeitamente intacto que guardámos desde então, tão precioso como qualquer concha malcheirosa.

Baptizámos a nossa vida de casados com jantares no lendário restaurante Berns Steak House, o hino à carne e aos *martinis* da região de Tampa, e extasiámo-nos com os dançarinos de flamenco enquanto comíamos *paella* no The Columbia.

Os meus sogros mudaram-se para a Florida alguns anos depois e, hoje, vivem felizes na cidade mais histórica dos Estados Unidos, St. Augustine. Durante as muitas visitas que lhes fiz, apaixonei-me pela «outra» Florida, com os seus quatro séculos de História elegante, pitoresca e devassa: índios Seminole, conquistadores espanhóis, piratas franceses, colonos britânicos, escravos e homens livres africanos, heróis da Guerra Civil, barões do gado e reis da terebintina, a era dourada de Flagler e dos seus caminhos-de-ferro, *o*

machismo delicado de Hemingway em Key West e, acima de tudo, os aclamados livros de Marjorie Kinnan Rawlings, a escritora da Florida galardoada com um prémio Pulitzer.

Quando era criança, devorei o seu romance clássico, *The Yearling,* e chorava sempre que via a antiga adaptação a preto e branco de Hollywood, com Gregory Peck no papel principal. Em adulta fiz muitas peregrinações ao coração dos bosques e aos rios de águas negras do Norte da Florida, para visitar as comunidades maravilhosamente excêntricas que rodeiam a adorada propriedade de Marjorie na Florida, em Cross Creek.

Descobri que o mundo da Florida interior, da Florida «Cracker», é tão duro, misterioso e fascinante como ela o descreveu; apaixonei-me pela Florida das quintas, dos ranchos de gado, dos cavalos Cracker descendentes das manadas espanholas e de lagos alimentados por nascentes, tão profundos que ninguém, nem mesmo os duros pescadores Cracker conhecem a sua profundidade.

Ao longo dos anos, a minha relação de amor com a Florida e as suas muitas histórias cresceu e aprofundou-se ainda mais. Desde o lançamento de vaivéns espaciais em Cabo Canaveral aos pratos de cauda de aligátor frita e ostras frescas num campo de pesca em Apalachicola, da fonte da juventude de Ponce de León à juventude eterna de uma discoteca de South Beach, a Florida é um reino de muitas caras, todas elas um pouco queimadas pelo sol, a maioria um pouco rebelde e muitas com uma queda para o adoravelmente invulgar.

Na Florida, todos podemos ser *cowboys* e piratas e sereias. Os oceanos de ambos os lados do mundo estão «logo ali» e até aquele pequeno lago vulgar, junto do parque de estacionamento do hotel, pode ser um mundo encantado sem fundo que esconde os ossos de dinossauros.

As vastas pradarias e pântanos da Florida interior guardam memórias de transportes de gado e de antigas batalhas nativas, de *chickees* seminole e de cesteiros africanos.

E mesmo hoje, entre os campos de golfe e as estâncias dos tempos modernos, se olharmos para os bosques densos, à noite, para as sombras adornadas de barbas-de-velho, para os caminhos cobertos de areia e de conchas trazidas pelos ventos e pelas águas do mundo, podemos ver o coração da Florida a olhar para nós através dos olhos de um cavalo Cracker selvagem.

Escrevi *A Doçura da Chuva* para partilhar com os outros esse coração, tal como o vivi e amei profundamente.

«O sangue herda-se e a virtude adquire-se.»

Provérbio venezuelano

«Um bom rendimento é a melhor receita
que conheço para a felicidade.»

Jane Austen

Prólogo

Kara
O meu nascimento, 1974

No mundo inocente da minha mãe, baseado nos desenhos animados das manhãs de sábado, os bebés, com faixas a dizerem o respectivo nome, flutuavam por cima de jardins coloridos ao serem entregues por uma cegonha celestial. Lily Akens não tinha motivos para duvidar da obstetrícia dos programas de televisão.

O meu pai adolescente, Mac Tolbert, sabia mais do que ela, pois muitas vezes auxiliava no parto dos bezerros e dos potros em River Bluff, a quinta da sua família no Norte da Florida, mas não sabia como explicar o processo à minha mãe. Além disso, não tinha a certeza se os bebés humanos nasciam da mesma maneira que os animais.

Só podia partir do princípio de que o bebé saía pelo mesmo sítio por onde tinha entrado.

- Lily, L-Lily, não ch-chores - gaguejou Mac, ajoelhando-se a seu lado, sem saber o que fazer, na escuridão pegajosa, subtropical, enxotando os mosquitos que esvoaçavam no clarão trémulo da sua lanterna. Os pinheiros altos baloiçavam por cima deles sob a brisa do pântano. As rãs coaxavam no fundo dos ribeiros. Algures, fez-se ouvir um aligátor. As florestas escuras da Florida interior respiram e falam durante a noite, arrancando memórias misteriosas ao leito de calcário poroso. Embora longe de ambos os oceanos, o ar traz um leve vestígio de água salgada.

- Mas dói! - soluçou Lily. A sua bata barata, às flores, estava ensopada em fluidos e amarrotada à volta das ancas.

- Acho que é m-mesmo assim - disse-lhe Mac. - T-talvez d-devas levantar-te. C-como uma égua.

- Acho que não consigo! Oh, Mac! Dói tanto! Mac! Há qualquer coisa a querer sair de mim lá por baixo!

A tremer, Mac apontou a lanterna para o meio das pernas dela. Os cavalos e os bezerros quando nasciam apresentavam em primeiro lugar as patas da frente, como se estivessem a mergulhar no mundo. Mac olhou com atenção mas não viu mãos de bebé, apenas o crânio ensanguentado de uma cabeça minúscula. A visão aterrorizou-o, mas escondeu as emoções. Tinha de ser forte, por Lily. Eles eram diferentes dos outros adolescentes; tomavam conta um do outro desde a infância.

- É só o b-bebé.

Parecia mais confiante do que na verdade se sentia. Sabia como dar a volta a um bezerro ou a um potro atravessado, mas não se conseguia imaginar a enfiar a mão enorme dentro de Lily.

- Mac! Está a mexer-se!

Segurou-lhe nas mãos enquanto ela se sentava. Lily baloiçou-se para trás e para a frente. Os calcanhares dos ténis dela rasgaram sulcos no solo macio e húmido. Lily começou a gritar. Depois do que lhe pareceu uma eternidade, calou-se e deixou-se cair contra Mac.

- O bebé caiu - gemeu ela. - Porque não está a flutuar? Deve ter alguma coisa errada. Oh, Mac...

O meu pai apontou de novo a lanterna para o meio das coxas dela. Ele e a minha mãe ficaram a olhar, horrorizados. Nenhum deles tinha alguma vez visto uma criança recém-nascida. Eu não era uma bonequinha engraçada ou um querubim sorridente. Estava quase roxa. Tinha a cabeça amolgada. Um muco sanguinolento colava-me ao crânio uma madeixa fina de cabelo ruivo. Abri a boca e engoli uma grande golfada de ar. Para eles, o meu esforço parecia o arquejar de um moribundo.

Debruçaram-se sobre mim e choraram.

Depois a luz de várias lanternas cortou a escuridão da floresta. O irmão mais velho de Mac, Glen, foi quem os encontrou primeiro.

- Que raio é que vocês fizeram? - perguntou.

Mac e Lily soluçaram. Antes que pudessem segurar-me nos braços uma única vez, antes de se aperceberem de que eu estava viva e era normal, fui-lhes retirada.

Só depois de adulta viria a saber da existência de Mac e Lily. Só depois de adulta viria a saber que eles me tinham feito vir ao mundo nas florestas da Florida. Só depois de adulta saberia que eles me desejavam.

Era já adulta e órfã quando voltei a nascer na vida dos meus pais.

Ben
O dia em que a minha vida mudou, 1977

O meu irmão mais novo, Joey, nasceu a sorrir. Eu soube desde logo que era apenas uma questão de tempo até ele morrer, mas a vida é um rio extenso se não perdermos a esperança. Os rios ladeados de ciprestes negros da nossa Florida - a Florida real, não a Florida do Rato Mickey e dos flamingos de plástico - prometem às pessoas que viverão para sempre. É por isso que tantos idosos se mudam para cá.

Naquele dia, o meu pai e eu aguardámos que a minha mãe desse à luz numa clínica do Estado. Esperámos no exterior, à sombra dos carvalhos, protegendo-nos do sol escaldante dos pântanos do Sul da Florida. Passámos o

tempo a matar mosquitos e a fugir às vespas que viviam nos palmitos. Parecia que não havia mais nada à nossa volta a não ser floresta e aligátores. Tentei não me queixar, porque o meu pai dizia que os *cowboys* nunca se queixavam.

Tínhamos percorrido de carro os mais de trezentos quilómetros desde o rancho de gado perto de Ocala, a sul, onde o meu pai trabalhava como capataz - vivíamos uma vida simples, numa caravana enferrujada e amolgada por um tornado - até à reserva dos índios Seminole, só para que a minha mãe pudesse ser tratada de graça.

O meu pai tinha sangue Seminole, por isso podia internar a minha mãe na clínica sem pagar nada, apesar de ela ser branca. Ele tinha o seu orgulho de *cowboy*, e aceitar esmolas do povo do avô Thocco era melhor do que aceitar esmolas de desconhecidos.

A loucura era que, ali, estávamos na parte mais miserável do fim do mundo, onde os índios ainda viviam em cabanas com telhado de colmo chamadas *chickees* e os turistas ainda pagavam para ver os Seminoles, como o meu avô, lutar corpo a corpo com os aligátores.

Mas se conduzíssemos duas horas para nordeste, podíamos ver os foguetões partirem para a Lua no Cabo Canaveral. Se conduzíssemos cerca de uma hora para sudeste, podíamos sentar-nos numa praia em Fort Lauderdale a olhar para universitárias praticamente nuas.

Eu tinha nove anos, estávamos em 1977, e queria ver universitárias de biquíni. Mas tinha de estar do lado de fora daquela clínica com o meu pai.

- Olha - disse ele, endireitando o chapéu de palha na cabeça. Há horas que não parava de andar de um lado para o outro. De andar e de fumar e de olhar para a clínica. Fiquei contente por haver finalmente algo que o distraísse. - Ali. Na orla dos carvalhos.

Protegi os olhos semicerrados com a mão e vi cavalos selvagens a espreitarem por trás das barbas-de-velho que cresciam nas árvores. Eram pequenos e esguios, mas farejavam o ar com uma atitude régia.

- Aqueles cavalos não parecem grande coisa - continuou o meu pai mas não te esqueças deles, Ben. São Crackers. Como nós. Na nossa parte da Florida, havia muitas coisas que eram consideradas Cracker. Cauda de aligátor frita, pão de milho índio, casas com telhado de zinco, pequenos cavalos resistentes, gado Longhorn, porcos selvagens e pessoas miseravelmente pobres. Não tinha nada a ver com cor e não tinha nada a ver com religião. Tinha a ver com sobrevivência. Os sobreviventes eram *Crackers*.

- Aqueles cavalos são descendentes da velha linhagem espanhola - disse o meu pai. - Como os Mustangs, no Oeste. Não há animal nenhum com quatro cascos que seja mais orgulhoso, mais inteligente ou mais resistente. Alguns até têm um porte diferente, como os cavalos espanhóis acabados de sair dos barcos, há centenas de anos. Já não restam muitos. São bons cavalos e alguns conseguem correr como o vento. Será uma pena se se extinguirem.

- Vamos apanhar alguns - murmurei. Tal como o meu pai, eu estava interessado em salvar aquilo de que nos podíamos orgulhar.

Ele concordou.

- Quando eu ganhar dinheiro suficiente para comprar um rancho, havemos de ter uma manada de cavalos Cracker.

Aquela promessa ficou-me na cabeça. Os sonhos dele eram os meus. Se ele não conseguisse realizá-los, eu fá-lo-ia.

- Havemos de fazer isso - concordei. - Nós e o bebé novo. Espero que seja um rapaz. Ou, pelo menos, uma rapariga que goste de cavalos.

- Mr. Thocco - chamou o médico.

Eu e o meu pai fomos a correr. O médico deteve-nos à porta da clínica. Era um homem grande e corpulento, com cabelo louro e fino, e um sinal vermelho na bochecha. Louro com pele clara é uma má combinação sob o sol da Florida. Ele limpou o suor do rosto, apesar do ar condicionado. Olhou para mim com um sorriso falso.

- Porque não vais dar uma voltinha enquanto eu converso com o teu pai?

Lancei um olhar determinado ao meu pai. Os *cowboys* não davam *voltinhas.*

- Não - disse o meu pai. - O Ben é um homem. Pode ouvir.

- Muito bem - o médico não fez rodeios. - A sua mulher está bem, mas o senhor tem um filho com muitos problemas de saúde.

O meu pai empalideceu um pouco sob a pele morena. A sua tez passou de cor de carvalho a cor de pinho. *Isso* assustou-me.

- Que tipo de problemas?

- Tem um problema de coração com tendência para piorar com a idade. Lamento, mas calculo que, na melhor das hipóteses, não viverá mais do que alguns anos.

Senti os joelhos enfraquecerem. O meu pai levou um cigarro aos lábios e acendeu-o com um isqueiro em forma de cabeça de cavalo. A sua mão parecia firme, mas a chama vacilou.

- Essa é a pior notícia?

- Não, senhor, receio que não. O seu filho... tem aquilo a que chamamos Síndrome de Down.

O meu pai apertou o cigarro entre o polegar e o indicador.

- Que diabo é isso?

- Ele é... atrasado mental. Débil. «Deficiente mental» é o termo politicamente correcto. O atraso pode ser grave ou pode ser moderado. Seja como for, não é bom.

Achei que o meu coração ia parar. *Um atrasado mental.* Eu sabia o que eram atrasados mentais. Já os tinha visto nos centros comerciais em Ocala. Os atrasados babavam-se e faziam caras estúpidas. Era preciso fazer um esforço para não olhar para eles. A minha mãe dizia que era má educação olhar.

Mas toda a gente sabia que um *atrasado* era alguém que se devia esconder, para que as pessoas normais não fossem obrigadas a olhar para ele. Os atrasados não eram pessoas verdadeiras. Se nascia um atrasado na família, queria dizer que havia algo errado com toda a linhagem. Se fossemos cavalos

ou touros, depois disso ninguém quereria cruzar as suas éguas ou vacas connosco.

O meu pai atirou lentamente o cigarro para o solo arenoso e esmagou-o com a biqueira da bota muito usada.

- Tenho de ver com os meus próprios olhos.

O médico mandou-nos entrar. Havia apenas uma recepção apertada e três pequenos quartos num corredor estreito. Uma enfermeira seminole lançou-nos um olhar penetrante de trás de uma secretária desarrumada. Afinal de contas, tínhamos um atrasado mental na família.

A clínica cheirava a metal frio e a linimento. Eu estava agoniado. O médico apontou para uma porta.

- A sua mulher está aqui - depois apontou para outra. - O bebé está ali.

- Espera aqui - disse-me o meu pai. Entrou no quarto da minha mãe, seguido pelo médico.

Eu dirigi-me à segunda porta.

- Não entres aí, rapaz - disse a enfermeira. - Não queres ver aquele bebé feio.

- É o meu irmão, minha senhora, e cale essa boca.

Eu nunca falara assim com uma mulher. Os meus pais tinham-me educado bem. Mas também nunca tinha sido o irmão mais velho de um deficiente mental de coração fraco. A vergonha e o orgulho debatiam-se dentro de mim. Comecei a defender o meu maninho bebé desde o princípio, apesar de desejar que ele nunca tivesse nascido. Entrei no quarto dele.

O bebé estava embrulhado em lençóis, dentro de uma incubadora. Encostei a cabeça ao vidro, engoli em seco e, lentamente, com os olhos semicerrados de medo, olhei para ele.

Ele devolveu-me o olhar, ou pelo menos tentou, tão bem quanto qualquer bebé consegue focar a visão.

Tinha a cabeça grande de mais e o rosto achatado. Os seus olhos eram enviesados, como os de um rapaz chinês que eu vira num *rodeo* em Tallahassee. Era escanzelado. A sua pele tinha uma estranha tonalidade azulada.

Mas não era feio. Tinha o cabelo preto dos Seminole, como eu e o meu pai. Tinha o narizinho engraçado, como o da minha mãe. Tinha no rosto a minha expressão séria. E sorriu. *Sorriu-me.*

Encostei a testa ao vidro que o separava de mim e chorei. Foi a primeira e a última vez que o deixei ver-me chorar por ele. Foi então que percebi: «Ele é um cavalo Cracker. Tenho de o considerar como um ser especial, alguém que vale a pena salvar.»

O meu pai acabou por aparecer, olhou para o bebé sem uma palavra e, finalmente, apoiou a grande mão calejada na incubadora. Pousou a outra no meu ombro. Senti-a tremer ligeiramente.

- O que achas, Ben?

- Ele é um *Cracker* - declarei com firmeza. - Se nós não lhe dermos uma oportunidade de provar o que vale, quem é que lha dará?

O meu pai apertou-me o ombro.

- Nesse caso, estamos de acordo. A tua mãe vai ficar orgulhosa de ti. Orgulhosa de nós os dois. Ela ama-o.

- Então nós também o amamos - disse eu.

- Há sítios para onde pode mandar este bebé, Mr. Thocco - disse o médico atrás de nós. - O Estado tem algumas instituições onde cuidarão dele. Não terá de pagar nada para o ter lá. Quer falar sobre as casas onde ele...

- Ele chama-se Joseph - disse o meu pai. - Era o nome do meu avô.

- Um sítio para o Joseph...

- Joey - disse eu.

- Joey - concordou o meu pai. Joey precisaria de toda a ajuda que lhe pudéssemos dar. Seriam precisos dois homens e uma mãe para apoiá-lo ao longo do caminho. Endireitei as costas. Nós éramos capazes. Éramos *cowboys*.

O médico continuou a tentar.

- Um sítio...

- Sim - disse o meu pai. Virou-se para o médico com um olhar gélido. - Chamamos «casa» a esse sítio.

Levámos Joey e a minha mãe para Ocala no dia seguinte, íamos dar o nosso melhor. E sabem que mais? Joey merecia o melhor. Apesar de eu e o meu irmão termos ficado órfãos mais cedo do que esperávamos. Apesar de a missão de encontrar um lar para nós vir a exigir muito mais sacrifícios do que eu imaginara.

Nunca mais desejei que ele não tivesse nascido.

Mas, às vezes, desejava não ter nascido *eu*.

Parte Um

«Enquanto uma pessoa não descobrir que o dinheiro é a raiz de todo o bem, está a pedir a sua própria destruição. Quando o dinheiro deixa de ser o meio através do qual os homens lidam uns com os outros, então os homens tornam-se os instrumentos de outros homens. Sangue, chicotes e armas - ou dólares. Escolha - não há outras opções.»

Ayn Rand, *Atlas Shrugged*

Capítulo 1

Kara
Reserva Dos Rios, Brasil

Eu adorava a história do meu nascimento. Os meus pais tinham-na contado tantas vezes que se tornara uma fábula. O conto de fadas da minha própria vida.

Ali estavam eles, Charles e Elizabeth Whittenbrook, um casal abastado e considerado, dois dos ambientalistas mais aclamados do mundo, a quem era atribuído o crédito de terem salvado grandes áreas da floresta tropical.

Tinham casado «no final da juventude», como o meu pai gostava de dizer, e a minha mãe conseguira finalmente engravidar do seu primeiro filho, há muito esperado e desejado, eu mesma. Eram extraordinariamente felizes no seu refúgio brasileiro, Dos Rios, nas profundezas do coração da Amazónia, enquanto aguardavam o nascimento da filha.

Certo dia chegou um pedido de ajuda aos escritórios da reserva, pelo rádio. O filho de uma família índia local ferira-se. Podiam os meus pais ajudar? Naturalmente, apesar de a minha mãe estar grávida de nove meses, ela e o meu pai prepararam um saco com material de primeiros socorros e partiram a cavalo. Salvaram a vida da criança e preparavam-se para voltar para casa.

Subitamente, a minha mãe entrou em trabalho de parto. As mulheres da tribo instalaram-na confortavelmente numa esteira de junco, na cabana do xamã, e ali, sob o luar da Amazónia, eu nasci. Enquanto a minha mãe me segurava nos braços nus, um ancião da tribo ofereceu aos meus pais o mais raro dos presentes em honra do meu nascimento - uma arara-azul-claro.

A minha mãe, no seu sotaque inglês impecável, com o seu amor pelos romances de Jane Austen, anunciou que me daria o nome de *Karaja,* em homenagem à tribo nativa mais conhecida do Brasil, mas que a ave oferecida em minha honra se chamaria *Mr. Darcy*, o nome da famosa personagem do romance *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen.

O meu pai, encantado, levou a placenta do meu nascimento até ao rio e, cerimoniosamente, entregou-a aos deuses do rio, conforme o xamã lhe dissera.

- Foi uma bênção dos deuses que nem eu nem o xamã tenhamos sido devorados por piranhas durante a cerimónia - dizia sempre o meu pai com um sorriso.

Com uma história melodramática destas como plataforma de lançamento, eu devia ter-me tornado na líder de um bravo grupo de resistentes ou na semideusa de algum culto poderoso. Mas não foi o que aconteceu. Imaginem se Marilyn Monroe tivesse tido uma filha, e essa filha tivesse crescido e fosse uma pessoa simpática, realizada, inteligente e bem adaptada, e contudo... a filha saberia que seria sempre uma lâmpada fraca em comparação com o brilho da estrela da sua mãe.

Era assim ser filha dos meus pais.

O brilho é sempre relativo.

Eu cresci gaga e rechonchuda. O facto de os meus pais serem ambientalistas famosos não ajudou nada, e não importava quanto dinheiro tinham. Nem mesmo a fama e a fortuna podem proteger aqueles de nós que são catalogados de diferentes.

No colégio interno eu era conhecida por *P-P-Porquinha Whit-tenbrook.* Mais tarde, quando ultrapassei a gaguez, fiquei conhecida apenas como *Porquinha.* Em Yale tornei-me semivegetariana. Se tem barbatanas, tudo bem. Se tem pêlo, nem pensar. Perdi grande parte do peso que tinha a mais e fiquei então conhecida como *Cenoura Whittenbrook.* Já mencionei que tenho cabelo ruivo encaracolado?

Já era adulta quando as pessoas começaram a tratar-me apenas pelo meu nome, Kara Whittenbrook. Nessa altura, os danos psicológicos já estavam feitos. Eu tornara-me numa das poucas herdeiras *tímidas* do mundo, uma autêntica eremita que preferia a floresta tropical ao chamado mundo *real.*

Além disso, odiava porco *e* cenouras.

Os meus pais não sabiam bem o que pensar de mim. Tinham esperado que eu fosse uma abelha rainha, não uma abelha operária eremita.

- Onde está a tua paixão por liderança? - perguntavam. - Qual é o teu sonho mais *grandioso?*

- Fazer dois doutoramentos e reinventar o Sistema Decimal Dewey antes dos trinta e cinco anos? - Eu não tinha sonhos grandiosos. E colocava sempre os meus objectivos em forma de pergunta.

- Não é a isso que nos referimos.

A que se referiam eles, afinal? Nunca compreendi. Objectivos que, para eles, pareciam fáceis e de somenos importância, exigiam toda a minha devoção. Trabalhei arduamente na universidade, mais ainda enquanto fazia o doutoramento. Na reserva, onde catalogava os costumes, língua e rituais das tribos da Amazónia, era uma *esponja* frenética, superando todas as expectativas, absorvendo, relatando e cumprindo objectivos com uma determinação febril.

Não tinha tempo para ser sonhadora.

Era uma concretizadora.

Os meus dois mestrados, em Ciência Bibliotecária e Cultura e Línguas Mundiais, não contavam para nada? E o facto de eu ter aprendido a tocar harpa em Juilliard e de ser boa cozinheira? Tudo isso parecia ser apenas desenhos precoces que os meus pais colocavam pacientemente na porta do frigorífico.

Na mente deles, bibliotecárias, harpistas e cozinheiras não salvam o mundo A menos que se contasse a composição de solos de harpa e de obras-primas culinárias com queijo de soja como marcos da realização humana, eu nunca tinha sido submetida a um verdadeiro teste. Até agora.

***

O corpo humano parece tão estranho em pedaços carbonizados. Olhei entorpecida para a carnificina que era o pequeno avião dos meus pais, espalhado entre as árvores e

fetos gigantescos na região mais remota de Dos Rios. Os meus pais não podiam estar mortos. Eram imortais. Pelo menos, eu sempre o julgara. Estava enganada.

- O que quer que façamos primeiro, Kara? - perguntou um guia gentilmente.

- Recolham os corpos com cuidado - disse-lhe. Falava com os duros gaúchos e batedores índios em português.

- Vire-se, não olhe mais. Nós tratamos disto, por si e pelos seus pais. É uma honra para nós.

- Obrigada, mas tenho de ajudar. Sou a filha deles.

Os homens concordaram. Por um momento, virei o rosto para o pescoço castanho e transpirado do pequeno cavalo que me trouxera até ao local do acidente. Por dentro, a dor fracturou-me em mil pedaços.

Connecticut
Serviço fúnebre dos meus pais

- C-c-comecemos - disse. A minha voz tremeu. Uma vergonha abjecta ergueu-se dentro de mim. A minha gaguez voltara. Aparecia de vez em quando e sem aviso, mas desde a universidade que não sofria um ataque, e já tinha trinta e dois anos. Pensava que finalmente ultrapassara esse problema. Pelos vistos, não era bem assim.

Ocupei o meu lugar no púlpito de uma igreja histórica do Connecticut, cheia de várias centenas de pessoas, muitas delas minhas familiares. Sentia-me desajeitada e pouco natural num vestido de lã preta perfeitamente respeitável, com sapatos de salto alto a combinar e um discreto colar de pérolas de família. Tentei de novo.

- Comecemos.

Que cheiro estranho era aquele? Dor. Dor e medo? Não, apenas a fragrância sintética das rosas brancas mandadas vir da Holanda. Apenas o sabor acre do sangue na minha garganta depois de semanas de lágrimas.

«Não penses tanto. Respira fundo. Não gaguejes. Não gaguejes.»

Encostados à parede do fundo da igreja havia guarda-costas e agentes dos Serviços Secretos. Dois ex-presidentes, vários vice-presidentes e um membro da família real inglesa - um primo pelo lado da minha mãe - ocupavam um banco à frente, perto do irmão mais velho do meu pai, o meu tio, o senador William Whittenbrook.

O tio William sorriu-me com os olhos inchados. Ele, pelo m e n o s, estava a chorar comigo a morte dos meus pais. Mas todos os outros - todas estas pessoas ricas, poderosas e, na sua maioria, conservadoras - fitavam-me com uma expressão severa. Eu conseguia ouvir os seus pensamentos.

«Por que raio a Kara trouxe aquele pássaro?»

- Aaaah - disse *Mr. Darcy,* suficientemente alto para o microfone apanhar o som. Os presentes olharam para *Mr. Darcy* e esperaram que eu controlasse a sua irreverência. Ninguém se sentia muito à vontade ao pé de araras grandes e imprevisíveis. Tapei o microfone.

- Controla-te - murmurei a *Mr. Darcy*. Ele soltou uma risada roufenha.

O meu solo de harpa, previamente gravado, encheu o grande santuário. *O Coração da Terra.* Começaram a aparecer fotografias do meu pai e da minha mãe nos dois grandes ecrãs que me flanqueavam. Era um casal alto e elegante. Numa das fotografias eu estava entre eles, uma criança ruiva e rechonchuda cheia de sardas, com um sorriso torto, calções de caminhada e uma *t-shirt* nativa tingida organicamente.

Quando a sessão de diapositivos terminou, *Mr. Darcy* soltou outra risada libertina.

- Ah, ah, ah - riu, bem alto. As araras estão entre as mais inteligentes das grandes aves da Amazónia. Ao longo dos anos, *Mr. Darcy* aprendera um rico vocabulário de calão com o pessoal e os visitantes da reserva. Mandei-o calar. Ele imitou um arroto.

- Bem-vindos, amigos e f-familiares - recomecei, com a voz ainda mais trémula. - Gostaria de começar por citar Jane Austen, uma das frases preferidas da minha mãe: «Pobres daqueles que não adquiriram bem cedo na vida o gosto pela natureza.»

«A vida da minha mãe foi d-definida pelo seu amor pela natureza... muitos tipos de natureza, não só a magnificência óbvia desta Terra verde, mas também a natureza humana, a natureza intelectual e a natureza do amor entre um homem e uma mulher. Ela adorava o meu pai, ele adorava-a a ela, e estou feliz por poder dizer que ambos me adoravam a mim, a sua única filha. Sinto-me abençoada por isso.»

Mr. *Darcy* encostou a cabeça ao meu cabelo ruivo, como se tentasse confortar-me. Pigarreei.

- Uma das citações preferidas do meu pai é de um dos nossos primos afastados, Theodore Roosevelt. «Desperdiçar e destruir os nossos recursos naturais, devastar e esgotar a terra em vez de a usar de forma a aumentar a sua utilidade, terá como resultado a deterioração, no tempo dos nossos filhos, da mesma prosperidade que, por direito, lhes devíamos passar amplificada e d-desenvolvida.»

A multidão manteve um silêncio grave e paciente.

- Ou, como o meu pai gostaria que eu vos dissesse - continuei -, «Sentimento sem acção é a r-ruína da alma.» Uma citação do famoso ambientalista Edward Abbey.

Mais silêncio. Os líderes da indústria não sorriem a sermões de amor pela natureza. O tio William tinha uma expressão compreensiva mas impaciente. «Chega», disse, só com um movimento dos lábios. Levou a mão ao coração. Afecto, sim. Tolerância, não.

Mas eu não conseguia parar.

- Talvez nada represente melhor o amor dos meus pais pela floresta tropical do que a forma como viveram as suas v-vidas - prossegui, com a voz a falhar. - Há uma história que o ilustra de forma m-maravilhosa. A história do meu nascimento. Ali estavam eles, os meus pais, um casal abastado e considerado...

Não conseguia. Não conseguia partilhar esta história tão íntima com pessoas que se limitariam a revirar os olhos com o melodrama ou a abanar a cabeça em desaprovação pela imprudência dos meus pais.

Mr. Darcy entendeu o meu silêncio magoado como algum tipo de sinal. Inclinou-se para a frente no meu ombro. Aproximou a cabeça azul do microfone, mordiscou-o com o seu bico grande e assustador, depois entoou a letra de uma das canções cómicas preferidas dos meus pais, uma cançoneta dos Monty Python.

- Sou um lenhador e está tudo bem - trinou ele numa imitação bastante boa do sotaque de uma *drag queen* britânica. - Visto roupa de mulher e frequento bares.

Todos se sobressaltaram, menos o meu tio William. O tio William escondeu o sorriso atrás da mão.

Inclinei a cabeça para *Mr. Darcy.* Depois ri-me até as lágrimas deslizarem pelas minhas faces sardentas. Solucei.

Depois disse firmemente ao microfone: Os meus pais estão mortos, compreendem? Mortos. Eu ajudei a apanhar os pedaços dos seus corpos. Senti-me *honrada* por estar presente nessa tarefa, por mais que a recordação me assombre.

«Mas o que fará o mundo sem eles? O que farão pessoas como *vós* sem pessoas como *eles* para vos recordar que há valores mais importantes, que exigem a coragem de dizer: 'Não, o que interessa aqui *não é* ganhar mais dinheiro'?

«Porque não choram? Porque estão todos aí sentados educadamente a fingirem que se importavam com Charles e Elizabeth Whittenbrook, quando a maioria de vós mal os conhecia e não tinha qualquer respeito pelo trabalho deles? Oh, sim, eu sei que aparentam preocupar-se com o ambiente, que fazem donativos dedutíveis nos impostos, mas, na hora da verdade, escolhem sempre o dinheiro em primeiro lugar.

«Se querem realmente homenagear os meus pais, encontrarão alguma maneira de salvar nem que seja uma pequena parte deste planeta verde e das pessoas que o amam tanto como eles o amavam. Salvem algo precioso do egoísmo que atravessa as nossas vidas. É isso que eu tenciono fazer. E se algum de vós pensa que sou uma louca sonhadora, como os meus pais, podem...» - mordi a língua. Não me rebaixaria ao ponto de ser mal-educada.

Mas *Mr. Darcy* não tinha esses escrúpulos.

- Ir à merda - terminou ele.

A dor tem um som. É um grito de raiva e a canção de uma promessa. É o chamamento vibrante da paixão. É capaz de nos transformar, mesmo quando gagueja.

Eu queria ser transformada.

Ben
Jacksonville, Florida

- Ben, conseguiu manter o seu irmão vivo ao longo de todos estes anos - disse o cardiologista. - O que é espantoso, tendo em conta os problemas dele. Mas, desta vez, não há nada que você, eu ou a ciência médica possamos fazer por ele.

- Raios, doutor, isso não é verdade e ambos o sabemos. O médico suspirou.

- Os cirurgiões cardíacos nem sequer vão *considerar* um paciente com Síndrome de Down como candidato a um transplante. E as companhias de seguros? Esqueça.

- Se eu arranjasse maneira de conseguir o dinheiro...

- Não se trata de dinheiro, Ben.

- Doutor, *tudo* neste mundo se resume a dinheiro, de uma maneira ou de outra. É o que oleia as engrenagens. É o *sistema.* Li que um transplante de coração para o meu irmão poderia custar duzentos e cinquenta mil dólares. Posso vender uma parte do rancho, angariar o dinheiro...

- Nem que você fosse o homem mais rico do mundo. O Joey não é um bom candidato a um transplante. Não tem mesmo nada a ver com dinheiro.

Sou um tipo duro. Um homem forte. É o que dizem. O meu pai morreu num acidente no rancho quando nós éramos miúdos, depois a minha mãe morreu também, quando eu tinha dezasseis anos e Joey apenas sete. Tive de fugir para o México com Joey para não o colocarem numa instituição.

Passámos dez anos no México e consegui juntar dinheiro suficiente para voltar para casa e comprar um rancho. O que fiz para ganhar esse dinheiro foi trabalho honesto, mas algo que ainda hoje me embaraça. Lembram-se daquilo que eu disse sobre jogar com o sistema? Pois. O truque está na forma como jogamos o jogo e o jogo joga *connosco.*

Agora o pé-de-meia que eu trouxera do México estava a esgotar-se, o tempo estava a esgotar-se e Joey estava a esgotar-se. Tive vontade de enfiar o punho no vidro da janela do consultório. Em vez disso, olhei pela janela do arranha-céus para a baixa de Jacksonville.

Olhei para leste, para a promessa vasta e soalheira do rio St. John, «o Mississippi da Florida», como lhe chamam algumas pessoas. Como se pudesse levar Joey à pesca de novo. Como se ele pudesse, talvez, morrer feliz se apanhasse mais uma solha.

Sentia um aperto no coração. Desejei poder arrancá-lo do peito e dá-lo ao Joey.

- Quanto tempo lhe resta, doutor?

- Odeio ter de lhe dizer isto, mas os pacientes com os resultados que ele teve nos exames não vivem mais do que seis meses, um ano no máximo.

Olhei para a janela durante muito tempo antes de conseguir confiar na minha voz o suficiente para falar. O médico deixou-me estar. Por fim, disse:

- O Joey podia ter sido operado quando era miúdo. O coração dele podia ter sido tratado se o diagnóstico tivesse sido feito a tempo - fiz uma pausa. - Se ele não fosse filho de gente pobre.

O médico suspirou.

- Sim, é verdade. Lamento muito.

- Está a ver, doutor? Tem sempre a ver com dinheiro, de uma maneira ou de outra.

- Bem visto.

Olhei para ele.

- Prometa-me uma coisa. Não lhe diga o que acaba de me transmitir. Não quero que ele saiba.

- Está bem, Ben. Dou-lhe a minha palavra. Mas tem de partilhar este diagnóstico com *alguém* em quem confie. Não tente lidar com isto sozinho.

Sorri friamente.

- Tenho muita experiência em lidar com as coisas sozinho.

O médico passou algumas receitas e disse-me para aumentar o oxigénio de Joey conforme achasse necessário. Colocou-me também na mão um panfleto sobre algumas instituições de apoio, mas atirei-o para o lixo quando saí para a sala de espera.

- Tartaruga de chocolate e caramelo com pepitas de manteiga de amendoim - disse Joey alegremente enquanto eu o empurrava pelo parque de estacionamento. - É isso que quero hoje, Benji.

Benji. Como o cão do filme. Ele chamava-me Benji desde os seis anos. O meu nome foi a primeira palavra que disse.

- Como queiras, maninho - tudo o que ele quisesse. Íamos sempre comer um gelado depois de cada consulta. De súbito, ocorreu-me um pensamento: «Na próxima Primavera, por esta altura, o Joey não estará cá para comer gelado.»

- Que se passa, Benji?

Parei.

- Ah, entrou-me qualquer coisa para o olho. Espera um segundo, para ver se a consigo tirar.

Às vezes, a ajuda vem de anjos improváveis. Nesse momento, eu precisava da ajuda de um anjo e ela apareceu. Do outro lado do parque de estacionamento, as portas traseiras da minha grande carrinha vermelha abriram-se. Mac e I.ily tinham-nos visto.

Talvez os anjos não se pareçam com *cowboys* altos de meia-idade e duplo queixo, ou com governantas de meia-idade coxas da perna esquerda, mas Mac e Lily eram assim. Trabalhavam para mim há dez anos e eram como família. Adoravam Joey e Joey adorava-os.

- Já estás melhor, não estás, Joey? - gritou Lily, estendendo os braços. Coxeou em direcção a nós, pelo meio de um bando de gaivotas e pombos que debicavam as batatas fritas que algum citadino deitara fora. Os pássaros nem sequer se assustaram. Reconheciam um espírito irmão.

Lily deu uma palmadinha na cabeça de Joey e ofereceu-lhe uma pastilha elástica do pacote que trazia sempre no bolso do seu vestido de ganga. Lily só tinha um estilo - vestidos de ganga com margaridas bordadas. Tinha sempre pastilhas elásticas para Joey. O oxigénio secava-lhe a boca. A pastilha ajudava.

Ele pôs a pastilha na boca e sorriu.

- Já estou melhor! Está na hora de tartaruga de chocolate e caramelo com pepitas de manteiga de amendoim! Vamos, Mac!

Mac concordou com uma expressão solene. Ninguém conseguia que Mac, um homem grande, gentil e gago, falasse muito em público. Para que servem as palavras, afinal? Se eu aprendera alguma coisa ao gerir um rancho com empregados como Mac e Lily, era que as acções são muito mais importantes do que as palavras.

Tirei a garrafa de oxigénio de Joey do suporte na cadeira de rodas, Mac pegou em Joey ao colo e os dois juntos colocámo-lo no banco da frente da carrinha. Lily pôs a garrafa no banco de trás e ajustou o tubo para Joey não parecer um cão com a trela demasiado curta. Dobrei a cadeira de rodas, arrumei-a na parte de trás da carrinha e fechei a porta.

Mac entrou novamente para a carrinha, sentando-se ao lado de Lily, eu sentei-me atrás do volante e estávamos prontos para regressar a casa.

- Gelado! - gritou Joey de novo, a sorrir, com a respiração ofegante. Liguei o leitor de CD para que ele pudesse ouvir o audio-livro do Harry Potter pela milionésima vez.

Dirigimo-nos ao rancho. Como depois de qualquer outra consulta na cidade.

Conduzi ao longo da I-10 em direcção a oeste. Se seguirmos por essa super auto-estrada sempre em direcção ao pôr-do-sol, cerca de três mil e duzentos quilómetros depois podemos beber uma cerveja junto ao Pacífico, na Califórnia. Em meados dos anos oitenta, quando fugi para o México com Joey, a I-10 era como eu, apenas um adolescente de rosto macio - quatro faixas de pavimento novo que atravessavam a parte de cima do Estado. Parte dela atravessava florestas tão ermas que eu conseguia cheirar a História que havia perdida nelas.

Agora a I-10 era apenas mais uma estrada, ignorada por um mundo de estranhos acelerados. Todos os dias apareciam novos centros comerciais. Cresciam como ervas daninhas ao lado das novas saídas. Todas as estradas mais recentes levavam às praias ou à Disneylândia. Era como se a velha Florida já não existisse. Tudo passava por ela sem parar.

Desejei que eu e a I-10 pudéssemos continuar a seguir para oeste. Em vez disso, virei para sul, em direcção aos territórios familiares do interior. As palmeiras transformaram-se em pinheiros, os relvados bem tratados em pastos amplos, os restaurantes de *sushi* em churrasqueiras. Os cartazes começaram a fazer propaganda a tractores e a botas de *cowboy* trabalhadas à mão, em vez de anunciarem o aluguer de motas de água e pranchas de *surf*. O ar pegajoso da Primavera do Norte da Florida entrou na carrinha. Os bosques profundos e pantanosos acolheram-nos sob a sua protecção.

Os carvalhos, alguns mais velhos do que o Quatro de Julho, estendiam sobre a estrada ramos do tamanho do meu corpo. As glicínias roxas estavam em flor. E as azáleas silvestres. Aqui e ali, alguns oleandros brancos e hibiscos cor-de-rosa floresciam em frente de pequenas casas e caravanas. E tudo cheirava a água escondida.

O interior da Florida é salpicado de nascentes de água calcária, poços tão fundos que ninguém sabe onde acabam. Talvez vão até à China. O mistério da água.

A geladaria preferida de Joey, a Cold N'Creamy, ficava numa velha fila de lojas ao lado de uma bomba de gasolina enferrujada no meio do nada, mais ou menos a meio caminho entre Jacksonville e o rancho. Quando parámos, olhámos para a paisagem.

- O que aconteceu às laranjeiras? - perguntou Joey.

Em frente da Cold N'Creamy, do outro lado da estrada, tinham sido arrasados vários hectares de um antigo laranjal. Um letreiro no meio da areia e dos tocos das árvores prometia uma nova comunidade de golfe para adultos activos, a construir pela Construtora J. T. Jackson. Condomínio das Laranjeiras. J. T. Jackson, quem quer que ele fosse, tinha arrasado um laranjal para construir um condomínio fechado chamado Condomínio das Laranjeiras. Mesmo pelos padrões da Florida, era preciso ter coragem.

«O Joey está a morrer. Não posso preocupar-me com laranjeiras.»

- É aquilo a que chamam «progresso» - disse. - Bem-vindos ao futuro.

Virei a direcção para estacionar no lugar para deficientes em frente da Cold N'Creamy, suficientemente perto para Joey conseguir ir a pé. Ele ficava feliz sempre

que podíamos deixar a cadeira de rodas na carrinha. Estava a dois segundos de estacionar quando um *Jaguar* prateado me roubou o lugar.

Por favor! Quem conduz um *Jaguar,* um *Jaguar* descapotável, já está a exibir-se. Não é preciso ser estúpido, ainda por cima.

Estacionei a carrinha noutro lugar.

- Deixem-se ficar. Hoje vamos comendo o gelado pelo caminho. Volto já.

- Não é justo - protestou Joey. - Aquele homem estacionou no nosso lugar. Nós temos o dístico - Joey tirou o dístico de deficiente do espelho retrovisor. - Um dístico - abanou-o à minha frente, ofegante. Senti Lily e Mac a olharem para mim do banco de trás. Eles sabiam como as pessoas se podem portar com os deficientes. São maldosas e aproveitam-se deles. No rancho, eu defendia-os sempre. Era o meu trabalho.

- Está bem, esperem um minuto - não me estava a apetecer muito armar-me em Super-Homem nesse dia. O Super-Homem seria capaz de manter Joey vivo. Eu não era.

Apanhei o Sr. Jaguar quando ele estava a introduzir moedas na máquina do *Florida Times-Union* por baixo do toldo desbotado da Cold N'Creamy. Um tipo grande, meio careca, com um bronzeado permanente e uma camisa de golfe extravagante, calças de caqui amarrotadas e um relógio com diamantes que me daria para comprar um celeiro novo e ainda sobrava dinheiro.

- Amigo - disse-lhe -, precisava daquele lugar de estacionamento.

Ele tirou o jornal da máquina antes de olhar para mim. Tinha os olhos de um pit bull. Sorriu.

- Há muitos lugares vazios. Escolha outro. *Amigo.*

- Mas está a ver, amigo, tenho um problema. O meu irmão não consegue andar muito, e você consegue.

Ele riu-se.

- Bom, *amigo,* o que se passa é o seguinte. Eu sou o novo dono disto tudo - rodou o dedo no ar, abrangendo as lojas, as terras devastadas do outro lado da estrada, o ar, o mundo, eu, tudo. - E você não.

Enfiei as mãos nos bolsos das calças de ganga. Era melhor manter os punhos fora disto.

- Não quer que eu lhe dê um sermão sobre o que diz a lei em relação aos lugares para deficientes, pois não, amigo?

Ele riu-se. Depois ergueu o jornal.

- Está a ver esta notícia? Construtor Traz Futuro ao Norte da Florida. Sou eu. J. T. Jackson - deu-me com o jornal no peito. - Aí tem. Ofereço eu. Leia. Pelos vistos não sabe quem eu sou.

Depois virou costas e entrou na Cold N'Creamy sem olhar para trás. Foi esse o erro dele.

Levei o jornal para a carrinha e atirei-o para cima do banco. Olhei para Mac.

- Ainda temos aquela corrente de reboque?

Ele confirmou, inclinando a cabeça para o lado ao perceber o meu tom. Lily levou as mãos à boca. Joey arregalou os olhos. Conheciam-me demasiado bem. Retirei da parte de trás da carrinha uma corrente de dez metros, tão grossa como o meu braço. Um minuto depois, tinha a corrente presa ao *Jaguar.*

Engatei a carrinha numa mudança baixa, acelerei e soltei o travão. A minha carrinha conseguia puxar um atrelado com quatro cavalos, sem dificuldade. Um *Jaguar*? Era canja.

Quando J. T. Jackson saiu a correr da Cold N'Creamy, com o seu cone de gelado envolvido num guardanapo, eu já tinha arrastado o carro dele até ao outro lado da estrada. Estava muito bem arrumado, na sombra irregular da única laranjeira que a sua equipa deixara de pé, rodeada por uma rede preta.

Atirei a corrente para dentro da mala e voltei a entrar na carrinha. Tentando parecer mais despreocupado do que me sentia, pus o braço de fora da janela. Há alturas em que um homem tem de sentir o vento.

J. T. Jackson correu para mim, a gritar obscenidades que eu seria incapaz de repetir em frente de senhoras ou de camionistas de longo curso.

- Tapa os ouvidos, Lily - disse, por cima do ombro. Lily obedeceu. - Joey, não aprendas palavras novas - Joey sorriu. Mas senti as botas de Mac a mudarem de posição atrás do meu banco. Homens que diziam asneiras em frente de Lily deixavam-no irritado. E a mim também.

J. T. Jackson apontou para o sinal magnético na porta da minha carrinha.

- Rancho Thocco? Ben Thocco? Não me esquecerei, seu *cowboy* pacóvio. Vai arrepender-se. Não sabe com quem se meteu!

- Amigo - disse-lhe. - O *seu* erro é não saber com quem é que se está a meter.

E arranquei.

***

Quando chegámos ao rancho, Elton Arnold, o ilustre xerife do condado de Saginaw, estava sentado no meu alpendre a beber chá gelado e a olhar de lado para *Gator*, que dormitava nos degraus. *Gator* era, afinal de contas, um aligátor com um metro e meio de comprimento. Mac e Lily saíram e trataram de tirar Joey da carrinha. Percebi que estavam os três assustados.

- Não se preocupem - tranquilizei-os. Mas subi para o alpendre sozinho.
- Elton - cumprimentei, inclinando a cabeça.
- Ben - respondeu ele, levando a mão ao chapéu.
- Vai prender-me por rebocar um *Jaguar?*
- Não, mas para a próxima vire costas. O J. T. Jackson contribuiu para a minha campanha de reeleição.
- Eu também.
- Sim, mas o seu cheque tinha três dígitos, e o dele tinha cinco.
- Merda. Lamento muito, Elton.
- Telefonei ao Glen para pedir ajuda. Sabia que você nunca o faria.

O irmão mais velho de Mac.

- Preferia ir para a prisão.
- O Glen é um filho da mãe, mas naturalmente que não quer ver o patrão do irmão atrás das grades - Elton soltou uma gargalhada. - Senão teria de cuidar ele próprio do

Mac. Por isso salvou-lhe o traseiro. Fez um telefonema e pôs água na fervura. Parece que é amigo do J. T.

- Como já disse, preferia ir preso.

- Ben, tenha juízo. O que fariam sem si o seu irmão e esta manta de retalhos de trabalhadores fracos da cabeça? - Elton acabou de beber o chá, levantou-se e olhou para mim com simpatia. - Aceite a ajuda de onde ela vem, filho. Sabe o que diz a Bíblia: o orgulho precede a queda.

- Sim, mas o dinheiro amortece a aterragem.

- Não é sempre assim? - o xerife sorriu e deu-me uma palmada amigável nas costas. - Pode não ser um homem rico, mas é um homem livre. Desta vez. Dê-se por feliz.

E deixou-me ali parado.

Um homem livre.

Sim, sim.

Capítulo 2

Kara
Herdade dos Whittenbrook, Connecticut

Sedge Trevelyan era a razão pela qual o meu avô, Armitage Whittenbrook, nunca deserdara o meu pai. E o meu avô queria fazê-lo. O meu pai já era um *hippie* defensor do ambiente muito antes de os *hippies* começarem a defender o ambiente, e isso custou-lhe o afecto do meu avô. Enquanto estudante em Yale, nos anos cinquenta, o meu pai já organizava os primeiros movimentos ecológicos. Era um trabalho solitário para um Whittenbrook. O tio William, alegre e amigo da diversão, era o filho mais novo e o preferido. O avô Armitage desprezava abertamente os esforços do meu pai para ser um «amante da natureza». Estava sempre a diminuir-lhe o dinheiro e a ameaçar excluí-lo do testamento.

Sedge, o advogado da família que orientava o fundo monetário do meu pai, contornou discretamente os métodos do meu avô e enviou sempre algum dinheiro para as actividades dos meus pais. Sedge, um britânico de classe alta e muito reservado, era, à primeira vista, um defensor improvável da rebelião, excepto para quem conhecesse a sua história pessoal. Era descendente directo de Carlos II, através de uma das muitas amantes desse rei insaciável do século dezassete. A bem da verdade, Sedge era conde da nobreza britânica, mas nunca usava o título. A posição social que herdara não significava nada para ele; quando chegou à escola preparatória já fora renegado pela família por ser homossexual. Ser homossexual tinha mais peso do que ser aristocrata. Por conta própria, subira a pulso no mundo da lei e dos negócios.

Para mim, Sedge era como um avô substituto que tratava de todos os problemas, grandes e pequenos. Embora contasse agora oitenta anos, e tivesse passado os aspectos práticos da gestão dos bens da minha família à sua equipa, ainda me prestava aconselhamento. Defendia as minhas pequenas causas tal como defendera as grandes causas do meu pai.

Sedge e eu estávamos em The Brooks - uma casa colonial acolhedora e cheia de recantos no coração da herdade Whittenbrook - sentados em frente da lareira da sala principal. Estávamos rodeados de cabedais e madeiras elegantes. Na lareira crepitavam troncos para nos proteger do frio de Março no Nordeste. Na cozinha, Malcolm, o companheiro de longa data de Sedge, cantava um verso de *Gilbert & Sullivan* a *Mr. Darcy*. O tio William vivia mais acima, na Whitten House, a famosa mansão georgiana que o nosso ilustre antepassado, James Innesbree Whittenbrook, construíra em 1702.

- Sedge - murmurei, com a cabeça apoiada nas mãos -, fiz figura de parva no serviço fúnebre. Insultei aquela gente toda num momento de despeito incontrolável.

- Eles hão-de sobreviver - disse Sedge, fazendo girar o conhaque no copo que tinha apoiado no joelho das calças de bombazina. - Gostei bastante da canção de *Mr. Darcy*.

Era indiscutivelmente *vaudevilliana.* Fez-me lembrar o Benny Hill na BBC. E a última tirada de *Mr. Darcy* foi impagável.

- Eu gaguejei.

- Ninguém se vai lembrar da gaguez, minha querida. Vão recordar apenas a tua devoção e a tua eloquência.

- Achas mesmo que fiz justiça à memória dos meus pais?

- Acho. Vi um lado teu que nunca tinha visto antes. Paixão. Convicção. Coragem. Por que raio estás agora a ter uma recaída de insegurança?

- Não me encaixo aqui. Estas pessoas não são a minha «tribo». A culpa não é deles. Vou voltar para Dos Rios. Sou bibliotecária e observadora cultural. Sou uma gestora eficaz e uma excelente organizadora. Posso ajudar os investigadores da reserva com vários projectos, escrever relatórios, catalogar os livros todos...

- Eles passarão muito bem sem ti.

- Ah, sim? - franzi o sobrolho. - Quem mais consegue transformar arroz, bananas, couves e raiz de mandioca num prato vegetariano delicioso?

- Kara...

- Não vou desabrochar e transformar-me agora numa activista carismática como a minha mãe. Não vou ser uma líder eloquente como o meu pai. Mas sou capaz de fazer uma salada de comer e chorar por mais.

- Prometeste salvar um local e o seu povo, em honra dos teus pais.

- E fui sincera. Estou a pensar em criar um segundo refúgio. Adquirir algumas extensões de floresta tropical no Peru.

- Isso é apenas gastar dinheiro. Kara, a chave da tua promessa no serviço fúnebre é esta: *tu.* Tens de encontrar o teu próprio espaço, a tua própria tribo. Tens de correr riscos. Tens de sair da tua zona de conforto. Foi isso que os teus pais sempre tentaram dizer-te.

«Eles criaram-te para aceitar, apreciar e proteger formas de vida muito diferentes da nossa. E tu nunca aplicaste essa lição maravilhosa ao mundo para além da floresta tropical. *Tu* tens de te importar. *Tu* tens de entrar num mundo diferente. Qualquer coisa menos do que isso é apenas um exercício académico e um uso pretensioso da tua herança.»

Pretensioso? *Adorava* ser pretensiosa - levantei-me. - Olha para mim - apontei para as minhas calças de ganga e camisola de lã - Nem sequer consigo ser pretensiosa.

- Honestamente, Kara, aquilo que parecemos não tem nada a ver com aquilo que *somos.*

- Sedge, tenho de te dizer uma coisa. Quando espalhei as cinzas dos meus pais na floresta tropical guardei um pouco - mostrei-lhe um delicado medalhão de ouro que trazia ao peito - para guardar aqui.

- Perfeitamente apropriado. Faz mais sentido do que guardar as cinzas deles numa urna em cima da lareira. Nunca compreendi esse costume.

- Este colar não é só uma recordação sentimental. Tenho uma necessidade estranha e desesperada de ter a certeza de que os meus pais *são* parte de mim. É por isso que uso este medalhão. É como se... como se *sempre* me tivesse sentido órfã.

Ele pegou-me na mão.

- Minha querida, garanto-te: *sempre* foste amada. E *sempre* foste uma Whittenbrook. E *sempre* o serás - suspirou e levantou-se. - A noite está fria. Vou preparar-te um *brandy.* Chega de pensamentos mórbidos.

Fiquei ali, de pé, a pensar. «E se eu já não quiser ser uma Whittenbrook?»

***

Nessa noite não preguei olho. De qualquer maneira, nunca conseguia dormir muito. Tinha pesadelos sobre o acidente e acordava muitas vezes banhada em suores frios. Achava que nunca mais conseguiria dormir descansada.

Às quatro da manhã sentei-me, de pernas cruzadas, no chão de aço do cofre enorme dos meus pais, uma caixa-forte subterrânea construída onde fora em tempos a cave da mansão. O chão de aço estava coberto por um tapete peruano tecido à mão. Eu vestia um pijama de algodão orgânico e uma camisola de alpaca. O contraste e a ironia não me passaram ao lado.

Estava rodeada por tabuleiros com jóias, milhões em pedras preciosas e metais valiosos ao alcance dos meus dedos, algumas delas heranças importantes da família Whittenbrook, outras meras bugigangas oferecidas por amigos e familiares.

O tio William guardava o seu quinhão do espólio ancestral noutro lado. Os meus pais raramente mencionavam o seu tesouro pessoal, que tencionavam um dia doar a museus ou a obras de caridade. Eu queria escolher apenas algumas recordações. Depois, a equipa de Sedge podia dispersar o resto tal como os meus pais teriam desejado.

Tirei de um pequeno cofre embutido na parede a colecção de selos do meu pai, da sua infância. Folheei uma série de cartas manuscritas que ele recebera de correspondentes filatelistas em finais dos anos quarenta, quando era apenas um jovem adolescente. Nunca pensava nos meus pais como mais velhos do que a média, mas ambos tinham já ultrapassado os quarenta quando eu nasci, em meados da década de setenta.

Pousei as cartas e olhei para elas, aturdida. Eu também tinha uma colecção de infância preciosa, que catalogara, organizara e guardara cuidadosamente em Dos Rios. Mas a *minha* colecção era de *posters,* cassetes de vídeo e revistas de *wrestlers* da América Latina. Lutadores.

O meu pai coleccionara selos.

Eu coleccionara fotografias de *wrestlers* mascarados, de peito nu e calças justas.

Levantei-me de novo e aproximei-me de uma parede. Havia um outro cofre ligeiramente saído do seu nicho. Puxei-o, pousei-o numa mesinha e enfiei uma chave mestra na fechadura. Estava à espera de outra colecção de selos. Em vez disso, tirei uma fina pasta de cartão com uma etiqueta amarelecida na capa.

DOCUMENTOS CONFIDENCIAIS RELATIVOS A KARA

Franzi o sobrolho. Os meus pais não tinham segredos para mim. Pelo menos, segredos que tivessem de ser fechados num cofre-forte. Abri a pasta.

Fiquei parada durante muito tempo, cambaleando ligeiramente enquanto lia e relia a minha certidão de nascimento. Tentei convencer-me de que se tratava de uma piada, ou de uma fraude, ou de um engano. Mas Jane Austen recordou-me que os instintos falam muito mais alto do que as racionalizações empoladas.

Como ela disse: «Se passei tantas horas a tentar convencer-me de que estou certa, não haverá razões para temer que possa estar errada?»

Estes documentos e o seu significado eram reais.

Lentamente, as minhas pernas cederam e sentei-me no chão de aço frio.

Charles e Elizabeth
Reserva Dos Rios, Brasil
1974

Com ar fatigado e olhos vermelhos, Charles Whittenbrook aguardava ao lado de um jipe sob a chuva quente e fina. Observou, apático, enquanto o piloto fazia aterrar o pequeno avião no aeródromo da reserva. Sedge viajara mais de vinte e quatro horas seguidas para chegar tão depressa a esta região remota no ocidente do Brasil. Abraçou Charles, apesar da chuva que caía sobre as suas cabeças.

- Como está ela? E como estás tu?

- Estamos completamente desesperados - respondeu Charles, simplesmente. - E sufocados pelo sentimento de culpa.

***

Elizabeth estava sentada numa cadeira de verga no alpendre fechado da casa principal da reserva. Enrolada num cobertor tecido pelas mulheres de uma tribo local, um cobertor que lhes tinha sido oferecido em homenagem ao bebé que vinha a caminho, olhava com uma expressão de abatimento, sem pestanejar, para a floresta densa e primordial.

O seu cabelo acobreado caía-lhe em madeixas despenteadas sobre as faces pálidas. Tinha na mão um livro de Beatrix Potter. Comprara antecipadamente todos os livros clássicos para crianças e, todos os dias, há meses, lia em voz alta para a criança que lhe crescia no ventre.

- Foi um aborto espontâneo, minha querida - disse Sedge gentilmente, sentando-se em frente dela numa cadeira almofadada com cores de Carnaval. - Podia ter acontecido mesmo nas circunstâncias mais seguras. A culpa não é tua, nem do Charles.

- Um feto de sete meses não é um aborto. É um bebé. E teria sobrevivido, se não estivéssemos nós próprios tão convencidos de sermos imortais.

- Minha querida...

- Tenho quarenta e um anos. Sou cientista. Sei os riscos que corro com a minha idade. Como posso ter sido tão imprudente? O Charles e eu não tínhamos necessidade de visitar pessoalmente aquela aldeia. Podíamos ter enviado ajuda. Mas não, fomos lá nós, aos solavancos em cima de um cavalo. Eu devia ter pensado melhor, Sedge. Matei o meu bebé.

Charles, de pé ao lado da cadeira dela, pousou-lhe a mão no ombro, um gesto de conforto e repreensão.

- Não, somos ambos responsáveis. Eu também devia ter pensado melhor. Encorajei-te a ir. Eu... Deus me ajude, pensei: «Aqui está uma história que um dia contaremos ao nosso filho. Como o levávamos connosco nestas missões, nestes esforços humanitários.» Valha-me Deus.

Chorou baixinho. Ela colocou a mão trémula sobre a dele e fechou os olhos.

- Sedge, o nosso bebé está enterrado na floresta. *Enterrado na floresta.* Estávamos a dois dias daqui. Não tivemos outra alternativa. Abrimos uma sepultura na orla de um terreno salino onde se reúnem milhares de aves magníficas. Um sítio extraordinário.

Charles recompôs-se.

- Tencionamos deixar a sepultura onde está. Não há discussão. É a nossa escolha. Só nós sabemos onde repousa o corpo do nosso bebé. Mas o meu pai vai insistir num serviço fúnebre no Connecticut. Não lhe vou negar essa honra. Nem lhe vou negar o direito de me dizer como os meus ideais e a minha estupidez mataram o seu neto. É precisamente o que eu estou a dizer a mim próprio.

Sedge levantou-se.

- Chamaram-me aqui porque confiam em mim.

- Porque, para mim, és mais um irmão do que um conselheiro pago.

Sedge aceitou o elogio sem reacção.

- Se confiam em mim, então escutem o meu conselho. *Não digam a ninguém que perderam o bebé* - Charles e Elizabeth olharam para ele. Sedge continuou: - O teu pai nunca te perdoará. Ficará lívido de raiva e tornar-se-á cruel. Serás castigado de forma impressionante, à moda dos Whittenbrook.

- Por amor de Deus, Sedge, quero lá saber se perder a herança.

Elizabeth gemeu.

- Não precisamos da fortuna do meu sogro para continuar...

- Pensem nas consequências. O William ficará com a maior parte e o resto será espalhado entre primos diletantes, que comprarão mais empresas e construirão mais mansões, e o dinheiro não servirá para mais nada a não ser para promover novas aquisições para os Whittenbrook.

- Não vamos mentir só para garantir a minha herança!

- Querem ou não querem «salvar o planeta», como estão sempre a dizer? Querem ou não querem ser os pais devotados de uma criança?

Sedge olhou para Elizabeth de sobrolho franzido. O punho dela cerrara-se com força sobre o livro de Beatrix Potter.

- Mais do que qualquer outra coisa - confirmou. - Mas duvido que consiga engravidar novamente. As probabilidades estão contra nós. Já tivemos muitas dificuldades desta vez.

- Querem uma criança a quem possam deixar o vosso legado? Uma filha ou um filho maravilhoso, que será criado com a vossa visão, a vossa esperança para este velho planeta lamacento, os vossos sonhos? Que receberá um quinhão justo da riqueza dos Whittenbrook e que continuará a usá-la de forma filantrópica, como vocês? Charles?

Charles debateu-se em silêncio com a sua própria consciência, depois acenou afirmativamente.

Sedge suspirou.

- Então fiquem aqui os próximos dois meses e digam a toda a gente nos Estados Unidos que a gravidez está a correr maravilhosamente. Eu transmitirei que os achei o retrato vivo da felicidade durante a minha visita, e... - fez uma pausa, estudando-os em busca de sinais de hesitação - ...durante os próximos dois meses eu vou *encontrar-vos* um bebé recém-nascido ao qual possam chamar filho. Prometo-vos que ninguém saberá que a criança não nasceu aqui.

Charles e Elizabeth paralisaram, chocados.

- Deixa-nos discutir o assunto - disse Charles, por fim. Sedge anuiu e saiu do alpendre.

Sedge esperou quase uma hora. Fez uma careta de apreciador enquanto bebericava o forte café brasileiro, rodeado pelos azulejos coloridos e pelas madeiras rústicas do aviário da reserva. Do alto dos seus poleiros, fitavam-no dezenas de araras e papagaios órfãos ou feridos.

Uma arara ainda nova, uma das azuis, esvoaçou e pousou-lhe na mão com que segurava o café. A jovem ave, de um tom azul-eléctrico, não tinha mais do que trinta centímetros.

- Oi- disse o pássaro. Até o seu sotaque brasileiro era perfeito. Um verdadeiro nativo.

- Olá - disse Sedge. - Deves ser o espantoso *Mr. Darcy*, de quem tenho ouvido falar tanto.

- Oi.

- Fala-me no inglês da rainha, não em português brasileiro.

- Oi.

- Está bem, então. Oi.

Charles e Elizabeth entraram.

- Queremos um bebé - disse Charles.

Sedge inclinou a cabeça em sinal de aprovação.

- Darão uma vida nova maravilhosa a uma criança indesejada.

Elizabeth engoliu em seco.

- O nosso bebé era uma menina, Sedge. Com... - levou a mão cansada ao cabelo. - Com cabelo ruivo. Como eu - a voz falhou-lhe. Charles passou-lhe o braço pelos ombros e ela encostou-se a ele.

- Uma menina recém-nascida com cabelo ruivo. Assim será - prometeu Sedge. - Vou encontrar a melhor.

Kara
Presente

- Eu devia ter calculado que eles guardariam a certidão de nascimento - disse Sedge num tom fatigado. - Fartei-me de lhes pedir que a destruíssem e eles juraram-me que o fariam.

Cavalgava ao meu lado, vestindo um fato de fazenda e uma camisola de *mohair*, como se estivesse preparado para perseguir um veado pelos terrenos de alguma herdade ancestral, ou para me perseguir a mim, se eu decidisse esporear os flancos do meu puro-sangue e desaparecer. O frio colava-se-me como uma luva espessa. Eu vestia calças de montar, botas e uma camisola grossa. Não tinha chapéu nem luvas.

Queria sentir-me dormente.

- Talvez quisessem que eu a encontrasse um dia. Talvez tencionassem dizer-me que fui adoptada.

- E admitir perante o mundo todo... para não falar na família Whittenbrook, tão litigiosa e muitas vezes competitiva... que tinham mentido sobre o nascimento da filha? Eles sentiam ter-te salvado de uma vida de bebé indesejado. Sentiam que podiam contrabalançar o sentimento de culpa dando-te a melhor vida, as melhores oportunidades que qualquer criança poderia desejar. E queriam que nunca soubesses a verdade.

- Então por que razão guardaram os documentos de adopção?

- Francamente, acho que eles não esperavam morrer. Nunca - sorriu tristemente. - Por isso nunca lhes passou pela cabeça que os documentos ficariam cá para tu os descobrires - hesitou, depois disse: - Gostava que pudesses ter visto as caras deles quando te levei para o Brasil. Foi amor à primeira vista. Foi mesmo.

- *Compraste-me* para eles? Quanto é que eu custei? Fui uma pechincha?

- Por favor. Foi, em muitos aspectos, uma adopção privada normalíssima. Fiz algumas perguntas discretas através de certas ligações. Falei com advogados de adopção em todo o país. Os meus contactos informaram-me de que havia um bebé adequado, saudável e recém-nascido, numa cidadezinha no Norte da Florida. Depois disso, o processo foi relativamente simples.

Apertei mais as mãos sobre as rédeas de cabedal. O meu cavalo baio, um belo animal dos estábulos do tio William, ergueu a cabeça elegante à minha ordem subtil. Era uma Whittenbrook. Os Whittenbrook sabiam montar. Pelo menos, os verdadeiros.

- Eu tinha nome? - perguntei baixinho. - Para além de «Criança do Sexo Feminino»?

- Os teus pais biológicos entregaram-te imediatamente após o nascimento. Não te baptizaram.

- *Os meus pais biológicos.* Sedge, sinto-me como se tivesse sido gerada num laboratório.

- Não, minha querida. Nasceste da maneira habitual. Saudável, normal e adorável.

- Os meus pais biológicos eram namorados de liceu? Vi as idades deles nos documentos. Ter-me e depois entregar-me para adopção foi decisão deles? Perguntaste ao advogado se eles queriam ficar comigo? Claro, na idade deles, imagino que deviam estar mais interessados em candidatar-se à universidade do que em casar e criar uma criança.

Ele não disse nada. O som suave dos cascos dos cavalos sobre a neve era o único que se ouvia.

- Eu fui... Sedge, sou filha de alguma circunstância terrível? Achas que a minha mãe foi violada?

- Oh, Kara... Não. Não, não foi nada disso.

- Então o que foi?

Ele parou o cavalo e eu parei o meu. Olhei para a sua expressão tensa. O ranger suave dos bons arreios ingleses fundiu-se com o som da respiração dos nossos cavalos.

- Os teus pais eram... inadequados.

- Por serem menores de idade?

- Deixa-me fazer-te uma pergunta. Não há necessidade de insistires neste assunto. És uma Whittenbrook, a tua adopção foi perfeitamente legítima e não há dúvida de que és a herdeira dos teus pais adoptivos. Ninguém sabe a verdade, a não ser eu e tu. Escuta o teu coração. Queres mesmo saber mais?

- Sim - não hesitei. - Há mais duas pessoas que sabem a verdade. Os meus pais biológicos. Eles sabem que me entregaram para adopção. Sedge, e se eu tiver irmãos?

- Não tens.

- Então investigaste os meus pais biológicos depois disso!

- Quando fizeste vinte e um anos e tiveste acesso ao teu fundo, os teus pais pediram-me que os descobrisse. Para saber qual tinha sido o seu... destino.

O meu coração estava apertado.

- Descobriste que os meus pais biológicos se transformaram em seres humanos horríveis?

- Não, horríveis não. Simplesmente inesperados.

- Inesperados? Sedge, essa tua expressão de comiseração é assustadora. Por favor, diz-me o que se passa com eles.

Sedge respirou fundo.

- Minha querida, segundo todos os relatos, eles eram e *são* pessoas encantadoras, almas gentis e, há que lhes dar esse crédito, ficaram juntos e foram um casal dedicado ao longo de todos estes anos. Mas não posso dizer-te como eles se sentiram por te terem tido, ou se terás alguma importância para eles agora. E não posso encorajar-te a procurá-los. Há sempre o risco de que eles, ou as pessoas que os rodeiam, possam tentar aproveitar-se da tua posição e da tua riqueza. Há também o risco de que o sofrimento possa ser maior do que consegues suportar. E o mesmo em relação a eles.

- Posso não ser uma Whittenbrook com vontade de ferro, mas acho que consigo lidar com alguns parasitas e aventureiros. *Diz-me o que se passa com os meus pais biológicos.*

Ele fechou os olhos por um momento, depois olhou para mim.

- Para usar uma das expressões mais simpáticas, são *deficientes mentais.*

***

Sentei-me no chão coberto de neve, debaixo de um carvalho. O meu cavalo dormitava, respirando perto do meu rosto. Eu tinha um efeito soporífero sobre os cavalos. Falava-lhes num português melodioso e nas línguas nativas da Amazónia, e eles pareciam entender. Hipnotizar cavalos em dialectos sul-americanos era a minha especialidade.

Em criança, muito pequena ainda, às vezes tinha sonhos lindos e estranhos, de bosques iluminados pelo luar e repletos de uma espécie de música, como vozes tímidas a chamarem por mim dentro de uma cascata. A minha mãe dizia que eu estava a recordar o paraíso de onde viera e o meu pai, comigo às cavalitas, contava-me novamente a história de como eu, Kara Whittenbrook, nascera para os braços deles sob o brilho exótico de urna lua brasileira, e como ninguém no mundo inteiro poderia amar-me mais do que eles.

Seria isso verdade, pelo menos? Que me tinham salvado de uma vida sem amor?

Apoiei a cabeça nas mãos, chorando a morte dos meus pais mas também zangada por me terem enganado.

- Vou à Florida conhecer os meus pais biológicos - disse ao cavalo. - Tenho de descobrir quem realmente sou.

Ele encostou o focinho ao meu cabelo e soprou sobre mim o vapor doce da sua respiração. Sim, eu tinha jeito para cavalos.

Sabia pelo menos isso.

Capítulo 3

Ben
Rancho Thocco

Se alguém me tivesse pedido para prever os outros acontecimentos que estavam prestes a alterar a minha vida para sempre - tendo o primeiro sido o diagnóstico de Joey - eu nunca teria dito «Oh, provavelmente vou comprar um cavalo assassino». Achava que era mais inteligente do que isso.

Era o dia do leilão da Primavera na Feira de Gado de Talaseega. Tínhamos posto os chapéus de domingo e muita água-de-colónia para a viagem a Talaseega, local do maior leilão de gado, cavalos, burros, mulas e cabras no Norte da Florida.

Os rancheiros como eu iam ao leilão, não só para fazer negócio, mas também para conviver e trocar mexericos. Via-se de tudo, desde carrinhas último modelo a implantes mamários novos. Talaseega proporcionava excelentes oportunidades para observar pessoas. Em particular se essas pessoas eram do sexo feminino e usavam camisolas de alças *e jeans* apertados.

Porém, com o peso do diagnóstico de Joey sobre os meus ombros, eu teria de boa vontade trocado a viagem a Talaseega por uma grande tareia. Era uma viagem de quatro horas, ida e volta, e isso é muito tempo quando se tem um irmão doente, um atrelado cheio de cavalos jovens e nervosos e uma carrinha cheia de trabalhadores complicados.

Eu adorava os meus trabalhadores, mas não havia como evitar a verdade: eles não me facilitavam a vida. Eu era patrão de sete homens e três mulheres que tinham, digamos assim, uma forma *especial* de encarar o mundo. Não que não trabalhassem arduamente; trabalhavam como mulas. O dia deles, tal como o meu, começava de madrugada, para tratar de mil cabeças de gado bovino e cinquenta cavalos. Eles nunca se queixavam.

Sim, trabalhavam como mulas, mas prepará-los para ir a algum lado era como tentar reunir *gatos* num rebanho organizado.

- Faltam-me aqui duas cabeças - gritei por um megafone apontado às pequenas casas de madeira do outro lado do rio que corria em frente da casa principal. - E se esses dois não enfiarem o traseiro na carrinha imediatamente, vão ficar em casa sozinhos.

Cheech saiu com uma pena de peru nova presa na fita do chapéu. Vi-o pendurar a máquina fotográfica ao pescoço. Eu dava graças a Deus pelas máquinas digitais. Agora Cheech podia tirar mil fotografias baratas do seu tema preferido. Rochas e pés.

- *Voy ahora mismo,* patrão - gritou ele.

Cheech atravessou a correr a ponte sobre o rio, como um marinheiro de pernas tortas. Era um *cowboy* cubano. Num dos braços trazia um saco de asas de plástico. Cheech levava sempre petiscos e bebidas quando saía do rancho. Era muito esquisito com a sua alimentação e só confiava na comida do rancho. Sempre que eu levava os trabalhadores para jantar ao Fat Flamingo, um restaurante *self-service* local, Cheech levava uma lancheira e eu comprava-lhe chá gelado só para o gerente não se aborrecer.

Por outro lado, as estranhas ideias de Cheech sobre a comida faziam dele um excelente nutricionista dos animais. Era ele que tratava das tarefas relacionadas com a alimentação. Quando era preciso misturar as rações de forma a obter o máximo de proveito, Cheech era um cozinheiro de mão cheia.

Virei o megafone para o vizinho dele.

- Bigfoot, deixa os gatos em paz! Eles não precisam de saber o teu horário para o dia todo. Já o sabem de cor. Vamos embora!

Bigfoot estava a dizer aos seus quatro gatos tudo o que eles precisavam de saber sobre onde ia e quando pensava voltar. Endireitou-se e acenou-me alegremente enquanto corria sobre a ponte.

Os raios de sol incidiram na fivela de prata que ele ganhara num *rodeo* dos Jogos Paraolímpicos. A brisa fez esvoaçar a fita azul que conquistara na feira local, por arremessar um velho motor de barco mais longe do que toda a gente. Era mais ou menos como ganhar os Jogos das Terras Altas para Crackers.

Ele adorava aquela fita e usava-a em todas as ocasiões especiais. Bigfoot não sabia quanto era dois mais dois, mas conseguia pegar num bezerro de noventa quilos com tanta gentileza como uma gata a pegar nos seus gatinhos. Não havia nada com quatro patas que Bigfoot não conseguisse mover, transportar ou segurar apenas com as mãos - sem causar uma única nódoa negra ao animal.

Levei novamente o megafone à boca.

- Cheech. Bigfoot. Digam a verdade. Onde está a Lula?

Ambos os homens sorriram timidamente e encolheram os ombros. Eram como crianças quando se falava da namorada.

- Estou aqui, Ben - gritou Lula da janela da casa de Cheech. - Vou já. Parti uma das minhas pulseiras do tornozelo.

Lula e a sua irmã mais velha, Miriam, tinham sido amigas da minha mãe. Eu e Joey conhecíamo-las desde sempre. Ambas tinham sessenta e tal anos, eram um pouco a dar para o rechonchudo, mas ainda cheias de energia e fogo. Tinham alguma experiência como enfermeiras e ajudavam-me a tomar conta de Joey e dos outros. Lula e Miriam partilhavam uma caravana dupla no rancho, mas, na maior parte das noites, Lula dormia com Cheech ou com Bigfoot.

- As cabeças deles podem não funcionar bem - gostava ela de dizer. Mas as outras partes trabalham perfeitamente.

Lula não estava a aproveitar-se deles. Cheech e Bigfoot podiam ser um pouco lentos de raciocínio, mas eram homens adultos e sabiam o que queriam. Gostavam de sexo. Muito, e Lula também. O acordo resultava bem para todos os envolvidos.

Com o paradeiro de Lula esclarecido e Cheech e Bigfoot junto de mim, olhei de novo para os cavalos. Depois bati à porta do pequeno contentor afixado por cima do atrelado.

- Tudo pronto por aí, Possum?
- Estou pronto, patrão - respondeu uma voz abafada.
- Tens a tua garrafa de água e a tua ventoinha?
- Sim, patrão.
- Puseste pilhas novas na ventoinha?

- Sim, patrão. Viradas para cima, desta vez.

- Muito bem. Se tiveres muito calor, agita o lenço pelo respiradouro que eu paro.

- Está bem, patrão.

O mundo de Possum enchia-se facilmente de sensações estranhas. Às vezes, até a mais pequena coisa o distraía por completo. Um dos seus médicos explicou-me:

- Ben, você ou eu vemos uma borboleta do lado de fora da janela e pensamos: «Que coisa tão bonita e tranquilizante.» O Possum vê uma borboleta e conta cada batimento das suas asas. Não consegue evitar. É assim que os autistas pensam.

Os medicamentos acalmavam um pouco a mente de Possum, mas a melhor terapia era esconder-se. Adorava espaços confinados. Neles, o seu mundo ficava mais nítido e sentia-se seguro. Vivia num quarto por cima da cavalariça. Bom, para ser mais exacto, vivia numa pequena caixa de madeira que eu construí para ele, colocada no meio desse quarto. Tem um colchão, respiradouros e uma luz. Às vezes, tirar Possum da sua caixa era como tentar arrancar uma tartaruga de uma sarjeta.

Mas, como todos os outros no rancho, Possum tinha um objectivo e um talento. Se o puséssemos numa cocheira com um cavalo assustado, em menos de nada o cavalo estava a dormir com a cabeça apoiada no ombro dele. Se o largássemos num cercado cheio de vacas em pânico, rapidamente as punha a ruminar com ar satisfeito.

Possum tinha este efeito em todo o tipo de criaturas. Uma vez, mandei-o entrar no espaço por baixo da casa principal para procurar uma fuga num cano. Ele encontrou o cano e remendou a fuga, mas depois tive de ir lá buscá-lo porque não queria sair. Estava a falar com uns ratos que conhecera.

E acho que os ratos estavam a responder.

Com Possum, Lula, Cheech e Bigfoot prontos para seguir, dirigi-me à carrinha de caixa fechada, uma *Chevy* de carga de 1983. Comprara-a à florista e dona da loja de decoração Lucy's, em Fountain Springs, e instalara bancos na parte de trás. Ainda cheirava a crisântemos.

Enfiei a cabeça na porta das traseiras e olhei para o casal de quarentões que parecia saído de um velho filme de *cowboys* como *Riders of The Lost Mesa.*

Tal como qualquer pessoa com o bom senso de ler um livro de História saberá, havia e há muitos *cowboys* e *cowgirls* negros. Eu estava a olhar para dois deles. Não havia nada de invulgar num casal de negros a trabalhar num rancho de gado.

Excepto quando se vestiam como Roy Rogers e Dale Evans.

Antes de eu ter contratado Roy e Dale, não sabia que existiam tantas franjas e enfeites no mundo. Não só se vestiam como *cowboys* pretensiosos, como combinavam as cores. Tanto xadrez vermelho e cabedal azul pode fazer mal aos olhos.

- Roy, Dale? Tomaram os remédios esta manhã? - ambos tinham nascido com espinha bífida. Roy tomava comprimidos para as convulsões, Dale para a tensão alta e tremores nas pernas. Tinha um canal na cabeça para desviar a circulação. Eram o único par casado no rancho. Mac e Lily queriam casar-se há anos, mas o irmão de Mac, Glen, não dava autorização.

Não me façam falar sobre Glen Tolbert.

Voltando a Roy e Dale, ninguém era melhor a fazer partos de bezerros, potros ou qualquer outra coisa que saísse de um útero.

- Sim, patrão, tomámos os comprimidos - disse Roy, tapando o rosto com as mãos. Não gostava de olhar para as pessoas. Deixava-o nervoso. Puxou para os olhos o chapéu de *cowboy* de xadrez vermelho.

- Sim, Deus seja louvado - disse Dale. O chapéu de xadrez vermelho *dela* tinha uma série de pequenos crucifixos na fita. A compreensão que Dale tinha do mundo estava ao nível da de uma criança de oito anos que tivesse levado a catequese demasiado a sério. Dale era uma querida, mas dava-nos cabo da cabeça com a conversa sobre Jesus.

- A vaca doente está muito melhor esta manhã - continuou Dale. - E os gémeos já mamam.

- Ainda bem. Conseguiram. Bom trabalho.

- Foi Jesus - disse Dale afectadamente.

- Diz-lhe que eu agradeço.

- Não *dizemos* as coisas a Jesus. Ele sabe tudo.

«Pergunta-lhe por que raio quer levar o meu irmão de junto de mim», pensei amargamente.

- Muito bem - resmunguei. - Estamos todos prontos. Deixem-me só ver do Joey.

- O Joey está na carrinha e o Mac e a Lily também - disse uma voz rouca de mulher atrás de mim. - Estamos *todos* prontos. Excepto *tu*. Ben, pareces um monte de esterco com olhos.

Virei-me e olhei para um par de pequenos olhos verdes com pestanas falsas do tamanho de tarântulas. Miriam. Usava o cabelo pintado de louro platinado e às vezes entrançava-o com contas cintilantes. Falava como um camionista e não hesitava em dizer o que pensava.

Andava ainda mais rabugenta desde que deixara de fumar. Agora roía palitos. Quando estava agitada, era capaz de dar conta de um pacote de cem palitos num dia. Neste momento tinha um palito meio roído entre os lábios.

- Vais ficar com farpas na língua - avisei.

- Não andas a dormir bem. Estás com péssimo aspecto.

- Dispenso os elogios.

- Eu e a Lula podemos ficar com o Joey durante a noite.

- Já têm muito que fazer durante o dia. Ele e eu temos a nossa rotina. Durmo muito bem na poltrona.

- Aquele médico do coração devia tê-lo ajudado. Porque é que o Joey não está mais forte? Os comprimidos novos não estão a fazer nada.

- Temos de lhes dar tempo.

- Se continuas sem dormir, *tu é* que vais precisar de comprimidos para o coração.

Peguei-lhe no braço e afastei-a um pouco, para os outros não a ouvirem. Na pulseira de amuletos tilintavam sereias de prata. Antes de a minha mãe e o meu pai casarem, ela, Lula e Miriam tinham trabalhado como sereias no famoso parque temático de Weeki Wachee, perto de Tampa. Uma vez sereia, sereia para sempre. Baixei a voz e olhei em volta para me certificar de que ninguém conseguia ouvir.

- O Joey tem dias melhores e dias piores. Como sempre. Tem tido alguns dias maus ultimamente, mas não te preocupes.

- Não me preocupo se *tu* não te preocupares.

- Combinado. Deste à Lula a lista de vitaminas para comprar?

- Sim, sim, mas o Joey não precisa de mais vitaminas. *Tu* é que precisas. Ben, querido, estás a dar cabo da saúde. Não tens de levar este circo todo a Talaseega hoje.

Joey adorava ir a Talaseega. E faríamos tudo o que ele quisesse.

- Não é boa altura para sermões, Miriam. Estás pronta para conduzir?

Miriam levava a carrinha fechada. Geralmente, com o rádio no máximo, sintonizado numa estação de *gospel* por causa de Dale, e as janelas todas abertas, por ela. Miriam odiava o cheiro a crisântemos que permanecia na carrinha. Dizia que lhe fazia lembrar funerais. Pensando melhor, era por isso que eu também não gostava de a conduzir.

- Estou pronta - resmungou ela. Mas apontou-me o dedo, antes de se afastar. - Precisas de mais ajuda por aqui!

Cerrei os dentes e dirigi-me à carrinha de caixa aberta. Joey sorriu-me do banco da frente. Levava no colo uma caixinha de plástico com separadores, com os seus comprimidos para o dia muito bem arrumados. Franziu o nariz.

O *Ruibarbo* hoje está muito mal dos gases. A Lily teve de aumentar o meu oxigénio.

Tossi ao sentir o cheiro e olhei para o banco de trás. Lily tinha o nariz tapado com um lencinho bordado com margaridas, que trazia sempre consigo. Mac estava a abanar o chapéu à frente da cara. Tinha uma margarida na fita do chapéu. Mac e Lily não precisavam de alcunhas. Precisavam apenas um do outro e do seu amor misterioso por margaridas. Eu invejava-os. Sentado entre ambos, *Ruibarbo,* o cão de Joey, agitou o traseiro malhado de trinta quilos e lambeu o ar, como se lhe soubesse tão bem como o cheiro dos seus gases.

- Obrigadinho, *Ruibarbo* - disse eu com mau humor. - Agora, sim, estamos todos prontos.

***

Os cavalos para venda em Talaseega estavam divididos como alunos de liceu no baile de finalistas. Os atletas e as rainhas do baile tinham as suas próprias cocheiras, com os *pedigrees* colados na porta. Os tipos mais inteligentes estavam em cocheiras mais pequenas, com os respectivos números de catálogo. Os fracassados e os rufias eram enfiados em cercados comunitários, com autocolantes numerados nas garupas.

Paguei uma taxa para pôr os meus cavalos numa cocheira de apresentação junto dos Quartos de Milha e dos Árabes puro-sangue. Na porta da cocheira pendurei um letreiro a cores que Lula fizera no computador do rancho.

CAVALOS CRACKER REGISTADOS,
DO RANCHO THOCCO, FOUNTAIN SPRINGS, FLORIDA.
FILHOS DE WALKING SOFT COUGAR E
DE BOAS ÉGUAS CRACKER DAS LINHAGENS MAIS ANTIGAS DO ESTADO. JÁ EXIBINDO O FAMOSO «FURTA-PASSO DE GUAXINIM» DO PAI.

À excepção de um, castanho, os meus cavalos eram bonitos baios, todos com um toque de pompa no porte e a andadura do pai. As pessoas pagavam, em média, mil dólares pelos melhores. Não é muito, pelos padrões de outras raças, mas é excelente para um Cracker. Quem compra um Cracker, fá-lo com orgulho.

- O que é «furta-passo de guaxinim»? - perguntou uma menina a Possum, que estava dentro da cocheira com os cavalos. Possum, que media apenas um metro e sessenta apesar dos saltos das botas, parecia um *cowboy* anão. As crianças gostavam dele.

- É um trote, a quatro tempos - recitou ele numa voz aguda. Possum levava muito a sério o seu papel como nosso vendedor. Estava à vontade com os factos e tinha as respostas na ponta da língua. A maioria dos autistas é assim. - Exibido por muitas raças de cavalos, incluindo os Walking Horses do Tennessee, os Saddle-bred americanos e os Paso Fino - Possum espreitou entre as tábuas da cocheira e olhou para mim. Eu acenei. Estava a sair-se muito bem. - O cavalo Cracker é descendente da linhagem espanhola trazida para os Estados Unidos na época de Ponce de León - continuou. - O Cracker faz uma versão mais lenta do trote, chamada «furta-passo de guaxinim».

O pai da menina, um tipo da cidade com uma *t-shirt* a dizer «Soccer Dad», olhou em volta para ver se havia mais alguém que pudesse explicar-lhe o que era um trote.

- O que é um «furta-passo de guaxinim»? - perguntou-me. Eu tentava não invadir o território de Possum, mas sabia que as explicações dele eram claras como lama. - É a forma como os guaxinins se deslocam - expliquei. - Uma espécie de deslizar. Um passo suave. Bonito de se ver.

- Ah! - o homem parecia intrigado. Como muitas pessoas, não sabia muito sobre Crackers; nem sequer sabia que *já* eram uma raça reconhecida. Muitos apreciadores de cavalos, incluindo eu, tinham trabalhado arduamente ao longo dos anos para registar a raça. Era um princípio.

Outro par de pai e filha passou pela cocheira.

- O que é um cavalo Cracker, papá?

- É um cavalo selvagem que ninguém quer. Não te aproximes muito. Podem ter doenças.

Possum soltou um gritinho e lançou-se num dos seus arrazoados.

O homem olhou para ele com desconfiança e afastou-se com a filha pela mão.

- Calma, Possum, não podemos vencer sempre - tentei acalmá-lo.

- Rancho Thocco? - disse uma desagradável voz feminina atrás de mim. - Hum... Então *você* é que é o Ben Thocco. É o *cowboy* estúpido que rebocou o *Jaguar* do papá a semana passada.

Rodei sobre os calcanhares e olhei para uma pequena rapariga loura. Vestia calças de ganga apertadas com os joelhos coçados, uma camisola cor-de-rosa, botas de pele de cobra e diamantes suficientes para transmitir a mensagem «Eu sou rica e vocês não». Como Paris Hilton, mas menos simpática. Atrás dela, a sua comitiva observava-nos. Uma cambada de meninos universitários com tendência para a cocaína e o *chardonnay*, se querem saber a minha opinião. Levei a mão ao chapéu num cumprimento.

- Presumo que seja a filha do J. T. Jackson. Estou a ver as parecenças.

- Você tem tomates. Um destes dias gostava de os testar. Duvido que sobrevivesse.

Miriam aproximou-se.

- Beijas o teu paizinho com essa boca suja?

A loura ignorou-a e continuou a olhar para mim como se eu fosse um naco de carne pendurado num gancho.

- Nada mau, para um campónio - continuou. - Ouvi dizer que já foi *wrestler. Wrestler* mexicano. *El Diablo.*

- Vi um filme sobre *wrestlers* mexicanos - disse um dos amigos dela, com um sorriso. - *Super Nacho, o Herói do Wrestling.* Então você era um vilão de calcinhas justas? Como o Jack Black?

Olhei para ele. Apenas um olhar. O sorriso desapareceu e ele recuou um pouco, escondendo-se atrás de um dos outros idiotas.

- *El Diablo* - repetiu a loura, com uma gargalhada. - «O Diabo». Tem piada, imaginava que o Diabo usasse umas calças melhorzinhas. E botas que não estivessem tão velhas que já abrem rachas.

Ora bem, se uma loura atrevida como ela me tivesse abordado num bar e sorrido, podem ter a certeza de que lhe teria pago um *martini* para apreciar a paisagem. Mas esta loura abordara-me com sete pedras na mão e a língua enrolada em arame farpado.

- Se continuar a troçar de mim dessa maneira vai acabar por irritar a minha mãe - disse, indicando Miriam com um gesto. - Ela anda de mau humor desde que o exército lhe pôs a placa de aço na cabeça. Acaba de regressar do Iraque.

A rapariga sacudiu as madeixas louras e olhou para Lily, Mac, Joey e os meus outros empregados, que estavam nos cercados comunitários.

- Os seus empregados são todos atrasados mentais que mais ninguém quer, ou alguns são apenas estúpidos, como você?

Felizmente para ela, fui educado para não bater em raparigas, mesmo as que chamavam atrasados mentais aos meus empregados. Trinta e oito anos de idade e ainda não perdera o hábito de não lutar com raparigas. Levei novamente a mão ao chapéu.

- Diga ao seu papá que estou pronto para lhe rebocar outra vez o carro, quando ele quiser - e virei costas.

- Não se atreva a virar-me as costas, seu falhado.

Miriam enfiou um palito novo na boca.

- Desaparece, querida. Ele já acabou de falar e eu já acabei de ouvir. Não és exactamente a truta mais fresca do ribeiro - Miriam farejou o ar dramaticamente. - Já estás fora do frigorífico há muito tempo.

- Ben - chamou Roy Rogers dos cercados. - Anda ver. A Lily diz para vires ver.

Problemas. Dirigi-me para lá em passo rápido.

- Espero que tenha uma pila tão grande como a língua - gritou a loura. - Você e a merda da sua suposta *mãezinha.*

As pessoas viraram a cabeça e murmuraram. Alguns homens aproximaram-se dos amiguinhos da loura. O código do Oeste - ou, neste caso, o código do Norte da Florida diz que um *cowboy* não pode bater a uma rapariga. Mas nada o impede de dar uma tareia ao namorado dela.

Os amigos da loura empalideceram e arrastaram-na dali para fora. Miriam apanhou-me.

- Ben, se fosses casado, eu não teria de estar sempre a enxotar as raparigas.

- Ah, tu *gostas* de seleccionar as minhas namoradas.

- Aquela tem olhos de lagarto. Provavelmente toma banhos de sol numa pedra quando ninguém está a ver. Ben, não sabes o que ela é?

- Sim, mas dou-lhe o benefício da dúvida.

- É campeã de corrida de barris.

Parei.

- Não...

- Não estou a brincar. O pai dela não é só um construtor. Comprou as terras do velho Barkley, perto de Orlando. Deu-lhe o nome de Rancho JTJ de Quartos de Milha, SA.

- Não acredito. A filha do J. T. Jackson é campeã de corrida de barris?

- Podes acreditar. O pai gastou milhões em cavalos puro-sangue para ela. Comprou àquela anã de olhos de lagarto os melhores cavalos do país. Contratou os melhores treinadores. Ela foi campeã nacional quatro vezes e campeã do mundo duas vezes. Chama-se Tami Jo. Tami Jo Jackson. Já a vi no ESPN e na World Sports Network. Com um biquíni fio dental. Ben, ela não é humana. Não tem celulite nenhuma no rabo.

Suspirei.

- Não há ninguém melhor do que eu para arranjar sarilhos com gente importante.

- Pode ser importante, mas não deixa de ser uma cabra.

Daí para a frente, o meu estado de espírito só piorou.

- Ben, anda ver - chamou Dale outra vez. - A Lily está preocupada e o Joey também.

Desatei a correr. Lily e Joey estavam a espreitar através de um portão de grades para o cercado comunitário. Joey estava com dificuldade em respirar e Lily estava tão preocupada que o seu cabelo ruivo parecia electrificado. Era um esfregão humano. Mac tinha o braço à volta dela.

- Aumenta o oxigénio do Joey - disse eu a Lula. - Qual é o problema, Lily? Acalmem-se, todos.

- Olha para aquela pobre bebé - murmurou Lily.

Joey gemeu.

- A de rosto cicatrizado e olhos zangados.

Olhei para onde eles estavam a apontar. Uma jovem égua cinzenta estava separada da manada. Tinha uma feia cicatriz na testa, desde a orelha esquerda ao lado direito do focinho. Olhou para mim com olhos negros como breu. Sim, ela odiava as pessoas em geral ou, provavelmente, os homens em particular.

- Qual é a história daquela égua cinzenta? - perguntei ao responsável pelo leilão.

Ele encolheu os ombros e olhou para os papéis.

- Tem cerca de cinco anos. Vem de um rancho chamado Apalachicola. Passou por um mau bocado. O dono batia-lhe com arame farpado. O xerife confiscou-a. Mas não conseguiu reabilitá-la. É tímida e má como as cobras. Mas dizem que é capaz de mudar de direcção como um raio. Olhe para aquela garupa. Tem traseiro para ser um cavalo rápido. É uma égua resistente. Cracker.

- Cracker?

- Sim. Linhagem Ayers, diz aqui.

- Tem algum passo especial?

- Não. Não seria capaz de fazer o «furta-passo de guaxinim» nem que lhe pagassem. Oscar! Põe a trela na égua cinzenta e trá-la cá para este amigo a ver melhor. Mas tem cuidado!

Enquanto observávamos, um trabalhador do leilão tentou enfiar uma corda no cabresto da égua. Primeiro ela tentou mordê-lo, depois tentou escoiceá-lo. Ele atirou a corda e conseguiu enfiá-la no anel do cabresto. A égua empinou-se, com a cabeça voltada para o céu. A corda correu entre as mãos do homem, que soltou um grito e soprou para as palmas das mãos.

O responsável suspirou.

- Estão a ver? Comida para cão. Aquela é comida para cão.

E afastou-se.

- Comida para cão! - gemeu Lily. - Não!

Joey olhou atentamente para a égua.

- Não tenhas medo de nós - disse-lhe. - Gostamos de ti tal e qual como és. Sabemos como é ser diferente.

A égua arrebitou as orelhas e olhou para Lily e Joey, como se tivesse compreendido. Senti um nó no estômago. Se me dessem cinco minutos com o homem capaz de bater num cavalo daquela maneira, eu também lhe deixaria algumas cicatrizes. Mas esta égua era uma causa perdida.

Já tinha visto animais como ela. É impossível reabilitar um animal que odeia assim tanto as pessoas. Ela seria um perigo para toda a gente no rancho. Se tentasse acasalá-la com *Cougar,* era capaz de o magoar. Além disso, nem sequer tinha um «furta-passo de guaxinim» para transmitir aos filhos.

- Pobrezinha - murmurou Lily, sem tirar os olhos da égua.

- Nós gostamos de ti, não és comida para cão - disse Joey.

- Vamos comprá-la - murmurou Dale.

Abanei a cabeça.

- Não. Rezem uma oração por ela. Talvez Jesus possa arranjar-lhe um bom lar. É tudo o que podemos fazer.

- Talvez Jesus te tenha trazido aqui para tomares conta dela! - disse Dale acaloradamente.

Eu afastei-me. Não podia salvar todas as almas feridas. Nem a da égua, nem a de Joey, e muito menos a minha.

***

Os meus jovens cavalos venderam-se bem, por mais de mil dólares cada um. Foram para boas casas, em ranchos que eu conhecia bem. Desejei-lhes a todos uma vida boa com uma palmadinha na cabeça e sentei-me nas bancadas para ver o leilão. O resto do pessoal sentou-se à minha volta, a comer farturas e a beber leite com chocolate, excepto Cheech, claro, que comeu os chocolates e chá gelado que trouxera no seu saco da merenda.

A égua cinzenta foi a leilão perto do fim, com os cavalos velhos e coxos. Eu odiava esta parte do leilão e os meus trabalhadores também. Geralmente saíamos antes de começar. Mas hoje Lily e Joey queriam ver a égua cinzenta mais uma vez.

Quando dois funcionários a levaram para dentro do picadeiro - bom, não se pode dizer que a *levaram*, uma vez que era ela que os arrastava - o leiloeiro bateu com o martelo.

- Cinquenta. Alguém dá cinquenta dólares?

Sim. Preços de comida para cão. Os negociantes de carne começaram a levantar a mão.

- Cinquenta - gritou Lily. Depois tapou a boca e encolheu-se. Virámos todos a cabeça para olhar para ela. Mac perguntou:

- O q-que estás a f-fazer, querida?

Ela tinha os olhos cheios de lágrimas.

- Eles vão fazer daquela pobrezinha comida para cão. Não posso permitir. Não posso.

- L-lily! Não podemos c-comprar... o Glen disse que n-não t-temos inteligência p-para cuidar dos nossos p-próprios cavalos... e ele n-não quer p-pagar a c-conta da ração...

- Cinquenta e cinco - disse um negociante de carne.

Lily gemeu e olhou para mim.

- Ben! Cinquenta e cinco dólares não é muito, pois não?

«Não por quatrocentos quilos de comida para cão», pensei amargamente.

- O problema não é o preço da égua, Lily, é o perigo. Ela pode magoar alguém.

Joey olhou para mim com ansiedade.

- Talvez ela seja apenas *especial*, como nós - disse baixinho. - Como tu sempre disseste, Benji. Especial. Talvez ela só precise de uma oportunidade.

Oh, céus.

- Sessenta - gritou um segundo negociante de carne. Lily agarrou no braço de Mac.

- O Glen não precisa de saber. Podíamos pagar a comida da égua. O Ben não dizia nada.

Mac ficou com ar ainda mais preocupado, como se tivesse a cara num torno; via que Lily queria a égua, e tentava sempre dar a Lily tudo o que ela queria. Mas também não queria irritar o irmão mais velho. Afinal de contas, Glen era o seu tutor legal.

Mac olhou para mim.

- Ben?

- Raios - murmurei entre dentes.

- Sessenta, dou-lhe uma, dou-lhe duas... - disse o leiloeiro.

- Sessenta e um - gritou Lily.

Mac quase caiu para o lado.

- L-lily! T-tenho de f-falar primeiro c-com o Glen.

- Sessenta e cinco - disse o comprador de carne.

Lily inclinou-se para Miriam, que estava a roer furiosamente um palito.

- O que é que vem a seguir do sessenta e cinco?

- Lily, não precisas de um cavalo mau e maluco...

- *Sesenta y seisl* - gritou Cheech ao leiloeiro.

- Quer dizer sessenta e seis! - gritou Bigfoot.

Possum, que se tinha sentado encolhido entre os assentos, exibiu os dedos de uma mão mais um dedo da outra. De seguida, mostrou novamente os dedos de uma mão e dois da outra.

- Sessenta e sete - confirmou o leiloeiro.

Baixei a cabeça e gemi.

- Setenta - gritou um dos comerciantes de carne. Parecia aborrecido. A égua era comida de primeira qualidade. Estávamos a estragar-lhe o negócio.

- O que vem a seguir? - perguntou Lily com ar tresloucado.

Bigfoot e Joey conferenciaram.

- Setenta e um - gritou Bigfoot.

Agora o outro licitante estava verdadeiramente irritado.

- Oitenta - gritou. Toda a gente nas bancadas olhava para mim, incluindo Tami Jo Jackson, que se estava a rir.

Mac apertou-me o braço.

- Eu t-trabalho m-mais para p-pagar a comida e t-tratamento da égua, Ben. Acho q-que não f-faz mal se o Glen f-ficar z-zangado com-migo desta vez. A Lily quer aquela égua. Ajuda-me.

- Dou-lhe uma - disse o leiloeiro, levantando o martelo.

- Ben, o que vem a seguir do oitenta? - gritou Lily. - É muito? Podes ficar com o meu frasco das moedas. Para sempre.

- Benji - suplicou Joey. - Não podemos salvar a égua? Eu ajudo a tomar conta dela.

- Dou-lhe duas - disse o leiloeiro.

Raios! Mais uma boca para alimentar. Uma boca que provavelmente me morderia.

- Cem - gritei.

O leiloeiro apontou para o negociante de carne. Ele franziu o sobrolho e abanou a cabeça. O martelo caiu.

- Vendida ao Rancho Thocco por cem dólares!

A égua arrastou os funcionários do leilão até à parede e projectou-os contra ela.

- Valha-me Deus! - gritou o leiloeiro.

Todos os rancheiros do Norte da Florida olharam para mim como se eu precisasse de um exame à cabeça.

E precisava mesmo.

Capítulo 4

Kara
Nova Iorque

Sedge e eu estávamos virados para a janela do seu enorme apartamento em Manhattan. Ergui os olhos para ele com carinho.

- Foste tu que me disseste que eu devia sair para o mundo. Correr alguns riscos.

- Não queria dizer que devias ir à procura dos teus pais biológicos. Estás à espera de encontrar respostas que podem revelar-se desastrosas para ti.

- Vou correr o risco.

- Mas, minha querida, esta situação não tem a ver só contigo. Em breve será anunciado - hesitou, estudando discretamente a minha reacção - que Charles e Elizabeth Whittenbrook vão receber um Prémio Nobel da Paz honorário e póstumo pelo seu trabalho como ambientalistas.

O Nobel. Sentei-me lentamente numa cadeira junto da janela. Ele tocou-me no cabelo, num gesto tranquilizador.

- O prémio será entregue na Suécia, em meados de Outubro. Dentro de poucos meses. Devias estar presente. Sei que eles desejariam muito que aceitasses esta honra em nome deles.

Olhei para ele, infeliz.

- Claro que estarei lá. Mas o que estás realmente a dizer é que não devo dizer aos meus pais biológicos quem sou. Para proteger o legado dos meus pais adoptivos.

Ele confirmou.

- És a única filha que eles tiveram. Não consegues esquecer tudo isto e ficar, apenas e simplesmente, Kara Whittenbrook?

- Mas também sou a única filha dos meus pais biológicos. Tenho dois pais e mães em quem pensar.

- Mas uns desejaram-te desesperadamente e os outros desistiram de ti de boa vontade.

- Ainda não sei se foi assim.

Ele sentou-se numa poltrona ao meu lado.

- Podemos no mínimo acordar que manterás a tua identidade em segredo, pelo menos por enquanto? Depois de conheceres os teus pais biológicos podes não querer que eles façam parte da tua vida. Por favor, não lhes reveles imediatamente quem és. Peço-te. Pelos teus pais.

Após um momento, concordei.

- Pelos meus pais.

Kara
Atlanta

- Queria a carrinha prateada de duas portas de 1995, por favor - disse em voz alta, tentando fazer-me ouvir por cima do rugido dos enormes aviões de passageiros que espalhavam o seu cheiro a combustível pelos céus cinzentos de Atlanta. Uma trovoada de Primavera deixara o ar húmido, quente e pesado. Até agora, o Estado dos Pêssegos parecia-me mais a Área Metropolitana Industrial e Húmida de Um Estado Qualquer. Incluindo essas constantes pragas urbanas, o tráfego congestionado e, em cada esquina, uma loja de conveniência com grades nas janelas. Mas talvez o parque de estacionamento de um stand de carros usados, a cinco minutos de um dos maiores aeroportos do mundo, não proporcionasse uma visão muito autêntica da capital do Sul.

Um homem grande, com sardas cor de café, ajeitou o boné de basebol dos Atlanta Braves sobre a carapinha grisalha e mirou-me de alto a baixo.

- Tenho ali um belo compacto de quatro portas, de 2000. Apenas doze e meio.
- Quero aquela carrinha de 95, por favor.
- Querida, aquele carro é tão velho que nem os dinossauros o reconhecem.
- Mas é aquele que eu quero, se faz favor. Transmissão manual. Emissão mínima de gases de estufa. Uma média de seis litros aos cem, na cidade ou em estrada. Serve-me perfeitamente.
- Como quiser, querida. Por ser para si, seis mil.
- De certeza que não é esse o preço de avaliação de um carro com tantos anos. Está a tentar roubar-me.

Ele franziu o sobrolho e olhou para o trânsito na auto-estrada interestadual, à distância.

- Quer discutir o valor de avaliação? A auto-estrada é ali, querida. Chame um táxi e vá tentar enganar outro pobre e honesto vendedor de carros usados.

Brandi a minha ligação ao mundo dos preços de automóveis.

- Tenho um Blackberry, e não tenho medo de o usar.

O homem cedeu, aborrecido.

- Está bem, está bem. Cinco mil e duzentos.
- Quatro e meio.
- Quatro e oitocentos.
- Quatro e seiscentos, e pago em dinheiro vivo.

Ele sorriu.

- Vendido! Querida, estou impressionado.

Assinei os papéis, passei-lhe uma pilha de notas novinhas em folha e mostrei a minha carta de condução falsa como prova de identificação. Karen A. Johnson, dizia. De New Jersey. Trinta e dois anos, um metro e sessenta e cinco, cabelo ruivo, olhos verdes, sessenta quilos. Ligeiramente pesada para uma mulher de estrutura óssea média, mas era mais músculo do que gordura.

A minha carta de condução falsa trazia também um número de segurança social falso, que produziria resultados vagos caso alguma autoridade tentasse verificá-lo. Sedge e o pessoal de segurança dos Whittenbrook eram muito bons a produzir

documentos falsos.

- Obrigada - agradeci educadamente, quando o vendedor me entregou as chaves do meu novo carro.

- Espero que saiba o que está a fazer, querida.

Puxei o meu chapéu de algodão orgânico mais para baixo.

- Não se preocupe.

Uma hora depois, após debater-me com o trânsito lendário de Atlanta, estacionei junto do Hotel Ritz Carlton, em frente da praça Lenox Square, no coração do bairro reluzente de Buckhead. Sedge e Malcolm tinham uma suite com vista sobre a cidade. Eu, contudo, era agora apenas Karen A. Johnson, proprietária de uma carrinha que estacionei junto do passeio, recebendo um olhar furioso do condutor de um Mercedes.

Enquanto Sedge se encostava à bengala e Malcolm se ocupava com os detalhes, eu coloquei na carrinha as minhas malas, material de campismo, um cavalete, várias câmaras e a comida de arara para *Mr. Darcy*.

Em último lugar, pus a harpa. Era uma harpa popular, não um modelo para concerto, mas, mesmo assim, media um metro e meio de altura. Mal consegui enfiar o estojo em cima de tudo o resto. A ponta ficou entre os dois bancos da frente.

Mr. Darcy inclinou a cabeça azul perante tanta actividade e fez apenas uma observação muito sensata:

- *Mon Dieu* - disse.

- Posso perguntar por que raio vais levar a harpa? - disse Malcolm.

- Sou uma artista e música itinerante:

- Podias levar antes um banjo.

- Toco muitos instrumentos de cordas, mas o banjo não é um deles.

- Para onde vais, toda a gente toca banjo. Vi nos filmes.

- Acho que isso é apenas um estereótipo, Malcolm.

Quando terminei os meus preparativos, virei-me para Sedge, lutando contra as emoções. Ele parecia estar com o mesmo problema. Pigarreou.

- Vou esperar aqui no hotel até chegares em segurança aos territórios selvagens da Florida Norte-Central, minha querida - apontou para a pasta que Malcolm colocara no banco do condutor da carrinha. - Ali estão os teus mapas. O motel fica dezasseis quilómetros a leste do rancho Thocco. Tens um quarto com kitchenette reservado por um mês.

- Tentei arranjar-te alguma coisa mais perto - acrescentou Malcolm. - Mas havia apenas duas pensões na cidade mais próxima, Fountain Springs, e nenhuma delas aparecia nos guias oficiais.

- Imaginem - comentei num tom inocente.

Olhei para Sedge.

- O meu motel permite pássaros?

- Agora permite. A Propriedades Whittenbrook adquiriu-o. É teu.

- Não, é da Kara Whittenbrook - ergui a carta de condução. - Eu sou a Karen Johnson. Um pouco gordinha, segundo esta carta falsa, mas, tirando isso, bem representada.

- Copiei os detalhes físicos da tua carta do Connecticut - disse Malcolm. - Estão

bastante fiéis.

Lancei-lhe um olhar mal-humorado. Sedge distraiu-me com um toque gentil.

- Tens o número do meu telemóvel particular, para qualquer emergência.

- Sim - senti as lágrimas a crescerem-me nos olhos. - Acho que consigo ser auto-suficiente durante algumas semanas nos territórios selvagens dos subúrbios da Disneylândia. Mas obrigada de qualquer maneira.

Minha querida, posso apenas repetir aquilo que já te pedi. Não digas a ninguém quem és. Não fazes ideia do que os teus pais biológicos poderão sentir, dizer ou fazer. Podes fazer-lhes mais mal do que bem se te introduzires nas suas vidas simples. E não posso garantir nada sobre o homem que lhes dá trabalho. Pelo que sei, ele trata bem de um irmão mais novo, também deficiente, e não tem cadastro. Foi tudo o que consegui descobrir em tão pouco tempo. Talvez seja boa pessoa, talvez não. Se ele souber quem tu és, pode tentar aproveitar-se das tuas boas intenções.

- Acho que consigo lidar com ele.

Mr. Darcy instalou-se em cima do apoio para a cabeça do banco do passageiro da carrinha, inclinando o corpo para a frente para não tocar no tecto. Sentei-me ao lado dele, atrás do volante. Abri a janela do condutor e olhei para Sedge e Malcolm. O céu por cima da cabeça deles tinha começado a clarear, formando um pano de fundo azul-celeste para os cornizos e as azáleas em flor. Talvez o Sul sempre fosse, afinal de contas, uma região encantadora e a cores.

- Eu telefono.

- Agradecia muito - disse Sedge num tom contrariado. Malcolm, com ar emocionado, fez um pequeno aceno.

Carreguei no acelerador.

- Aqui vamos nós - disse a *Mr. Darcy*. Saímos do caminho curvo de acesso ao hotel e virei para a Peachtree Street, passando entre arranha-céus e lojas. Nem um pessegueiro em lado nenhum, apesar do nome da rua.

- O que é, o que é? - disse *Mr. Darcy* com um sotaque britânico efeminado, inclinando a cabeça. Olhou para o chão do carro, onde, em cima da minha mala de macramé de cânhamo, estava um livro de bolso. Cross Creek, de Marjorie Kinnan Rawlings. As famosas memórias da vida nas florestas da Florida, escritas nos anos trinta. Sem dúvida que *Mr.* Darcy gostava da capa colorida, que retratava um pitoresco lago de pesca por baixo de carvalhos cobertos de barbas-de-velho.

- É um livro famoso - expliquei-lhe. - E a escritora ganhou um Pulitzer pelo seu romance, The Yearling. Não leias esse, *Mr. Darcy*, é muito triste. Ela era muito observadora em relação à Florida interior e ao seu povo. Pode dizer-se que era a Jane Austen da Florida.

- *Mon dieu* - disse *Mr. Darcy*.

E seguimos para sul.

Ben
Cabana do amor

Não é o tipo de coisa que um homem quer ouvir uma mulher dizer quando estão na cama.

- Querido - disse Paula gentilmente, esfregando-me as costas nuas com a mão. - Tens andado em baixo nestas últimas semanas. Distraído. Tens a certeza de que não andas com nada na cabeça que esteja a afectar-te a... a libido?

O meu irmão estava a morrer, mas eu ainda não tinha dito nada a ninguém. E não tencionava dizer. Quando começamos a falar da morte, é como se estivéssemos a chamá-la. Para nós ou para aqueles que amamos. Eu pensava sempre nos meus pais.

Levantei a mão esquerda com o indicador ligado.

- Aquela nova égua morde-me num sítio diferente todas as semanas.

Sentada ao meu lado, nua sobre a cama desfeita, Paula suspirou e deu-me mais umas palmadinhas nas costas. Uma lua cheia erguia-se do outro lado da porta de rede. A minha cabana do amor ficava escondida nos pântanos ao fundo do rancho. O único sítio onde tinha alguma privacidade.

A lua cintilou sobre o pequeno lago, mesmo em frente aos degraus da porta. Um lago de nascente, profundo como a eternidade. Dois professores da Universidade da Florida tinham mergulhado trinta metros e encontrado a entrada de água principal, mas quem sabia a que profundidade se prolongava mais ainda depois disso? Dizem que as águas paradas são as mais profundas. Na Florida, é mesmo verdade.

Na minha opinião, tudo nesta vida está ligado, tal como a água liga a terra. Todos caminhamos em direcção ao mar e a água pode purificar-nos.

Desejei que Paula se calasse e apreciasse o cenário.

- Querido - continuou ela, abanando a cabeça - conheço-te há mais de quatro anos. Já te vi aparecer aqui ao sábado à noite com dedos dos pés partidos, pontos na cabeça e nódoas negras do tamanho de panquecas. Mas nunca nada te impediu de fazer uma rapariga passar um bom bocado. Isto é diferente. Porque não vais uma destas manhãs a Tallahassee, para conversar com o doutor Steinberg? Eu deixo-te entrar sem ninguém dar por isso.

Paula era chefe da recepção de um grande consultório na capital do Estado.

- O Steinberg é bom a tratar de dedos mordidos? - perguntei. - E de pés espezinhados?

- É psiquiatra, querido.

Virei-me e olhei para ela, na escuridão. Estava a falar a sério.

- Não estou maluco. Só levei uma dentada.

- Andas deprimido, Ben. O que se passa?

Abanei a cabeça. Estava na hora de recorrer à magia Thocco para mudar de assunto. Passei o braço à sua volta e puxei-a para mim, depois pousei a outra mão na barriga dela. Ela era doce e carinhosa e eu sabia como gostava que lhe acariciasse a cicatriz da cesariana. Paula tinha três filhos, um ex-marido que não prestava para nada e uma agenda totalmente preenchida. Eu trazia à sua vida um pouco de diversão, um sábado por mês. Tínhamos a amizade colorida perfeita. Mas ela apoiou a mão no meu peito

com firmeza.

- Estás a fugir à conversa. Não tentes enganar-me. E não tentes enganar as outras.

Soltei um suspiro e larguei-a.

- Mas estão todas preocupadas comigo?

- Sim. Estamos receosas de que estejas pronto para outra coisa. Talvez tenhas encontrado a futura Mrs. Ben Thocco? Ficaríamos felizes por ti, Ben, mas gostávamos que nos avisasses. Vais ser difícil de substituir, meu querido.

As minhas mulheres achavam que eu tinha encontrado uma potencial esposa? Raios, eu já desistira da ideia de ter uma namorada certa. Não tinha tempo, dinheiro ou paciência para isso. Não havia muitas mulheres dispostas a ajudar-me com o rancho. Já estava a imaginar o meu anúncio nos classificados:

CCS (Cowboy *Cracker Solteiro) procura mulher disposta a trabalhar 24 h/dia em rancho no fim do mundo, a tratar de gado, casa, jardim, terras, e ainda de medicamentos, comida e entretenimento para sete empregados que não conduzem, não cozinham nem sabem trabalhar com o comando à distância da TV, para não falar num irmão mais novo deficiente, tão doce que lhe partirá o coração. Tem de gostar de aligátores.*

- Não há mulher nenhuma no horizonte - respondi a Paula, num resmungo. - O que é que se passa, andam a juntar-se para falar de mim? - pousei os pés descalços no chão de tábuas. Naquele momento, uma lasca na sola do pé teria sido bem-vinda.

- Estamos sempre a falar de ti. Não é nada pessoal - deu-me uma palmada brincalhona no ombro. - É assim que funcionam os haréns.

Esfreguei a testa, tentando apagar as rugas de tensão. Ter quatro namoradas ao mesmo tempo também tem as suas desvantagens. Não muitas, mas algumas. Não que se pudesse chamar «namorar» aos meus encontros rotativos de sábado à noite com Paula, Suzie, Cathy e Rhonda. Em particular porque todas sabiam umas das outras e, não só não competiam entre si, como se tinham tornado boas amigas ao longo dos anos.

- Talvez esteja a precisar de umas semaninhas de descanso, para recarregar baterias.

- Boa ideia, querido - recomeçou a acariciar-me as costas. - Gostamos muito de ti, Ben.

Não há nada menos sexy do que uma mulher nua a fazer-nos festas de compaixão nas costas. Pior ainda é quando ela representa todo um grupo de mulheres nuas.

- Eu aviso as outras - murmurou ela. - Voltaremos ao esquema normal dentro de um mês ou dois, está bem?

Assenti, derrotado.

- Bem podem rezar para aquela égua cinzenta não me morder em lado nenhum abaixo da fivela do cinto - levantei o dedo. - Se achas que foi difícil pôr um penso aqui...

Ela riu-se e levantou-se para se vestir. Fiquei ali sentado, a olhar novamente para o lago iluminado pelo luar, desejando poder afundar-me sob a superfície brilhante.

Capítulo 5

Kara

Durante aqueles dois dias que passei na auto-estrada, a caminho da Florida, pensei constantemente nos meus pais - os biológicos e os adoptivos. Toquei no medalhão de ouro que trazia ao peito; falei em voz alta com os meus falecidos pais, na esperança de que eles conseguissem ouvir-me. Fiz-lhes perguntas. «No fundo, queriam que eu descobrisse?» E pedi-lhes ajuda. «Mostrem-me aquilo que devo descobrir.»

Conduzir sozinha por estradas desconhecidas abre-me a mente como se meditasse. A minha mente tornou-se um caleidoscópio a captar imagens. Voltei-a para o cenário.

Eu era campos de algodão, pinhais, campos de nogueiras, pastos intermináveis, hectares de amendoins e outras culturas. Tornei-me nas altas cercas contra veados e nas aranhas metálicas gigantes dos sistemas de irrigação móveis que se erguiam sobre a terra. A minha pele desabrochou num carnaval estranhamente belo de bombas de gasolina, paragens de camionistas, restaurantes, lojas de preços baixos, bazares e um ou outro salão de massagens e bar de striptease. Estava estupefacta. A «cintura bíblica»1 anunciava abertamente o pecado?

Parei ao pôr-do-sol, não muito longe de Plains, a cidade natal do presidente Jimmy Carter. Montei a minha tenda num parque público, na orla de um vasto campo de amendoim. A terra húmida cheirava-me a eternidade.

- Há qualquer coisa profundamente antiga no aroma da terra e em tudo o que isso simboliza - costumava dizer o meu pai.

A terra parecia prolongar-se até ao infinito, tocando num céu escarlate e dourado, delineado em baixo pelas silhuetas majestosas de carvalhos enormes e pela robustez disciplinada de pinheiros altos e muito direitos. Acendi uma lanterna ao lado da minha pequena fogueira e comecei a ler Cross Creek no crepúsculo suave.

Mr. Darcy aconchegou-se no meu ombro, tapado por uma pequena manta de bebé por causa do fresco da noite. Dormitou, com a cabeça debaixo da asa, fazendo leves cacarejos junto ao meu ouvido. Perguntei-me se ele teria memórias dos seus pais.

Antes de me deitar, peguei num dos meus cadernos de espiral - adorava catalogar pormenores insignificantes sobre pessoas e locais - e escrevi os nomes dos meus pais biológicos numa página, em letra grande.

Lily Atkens. Mac Tolbert.

Amachuquei o papel, atirei-o à fogueira e vi as chamas cor de laranja consumi-lo. Para as tribos nativas da Amazónia, o fumo comunica com o mundo dos espíritos. Vi os nomes dos meus pais biológicos erguerem-se para o céu escuro e estrelado da Geórgia. Mamã, papá? Apresento-vos os meus pais.

Olhei para um mapa de satélite no meu computador portátil, espantada por conseguir apanhar rede sem fios num campo de amendoim na Geórgia. Aproximei a

[1] Designação dada aos estados americanos caracterizados por um vincado fanatismo religioso e conservador (N. da T.)

imagem do Norte da Florida, a meio caminho entre as praias do Golfo e as do Atlântico. Floresta, floresta, floresta, floresta. Ribeiros, nascentes. Rios. Estradas minúsculas. Aumentei mais a imagem. Uma mancha de pasto aberto rodeada por terras selvagens. O Rancho Thocco.

Era atravessado por um pequeno rio. O Little Halchawatchee. Muitas das coisas antigas e veneráveis na Florida têm nomes que vêm dos índios Seminoles. O rio era rodeado por edifícios, celeiros e barracões. Um rancho de gado, numa parte do mundo que a maior parte das pessoas associa a praias e oceanos. A Florida tem uma longa história de ranchos e cowboys. Fascinante.

Recostei-me, olhando para a imagem de satélite. Rancho Thocco. Thocco. Outro nome de origem seminole. Interessante. Do rio Amazonas ao Little Hatchawatchee. De uma cultura nativa a outra.

Ben Thocco, espero que sejas um homem bom e decente.

Queimei também o nome dele num pedaço de papel. Pedindo aos espíritos que me deixassem descobrir.

Ben

Começou como outra manhã qualquer no rancho, com toda a gente a queixar-se dos meus ovos mexidos demasiado gordurosos e uma cobra real de meio metro escondida atrás de uma saca de batatas na arrecadação.

- A cobra voltou - resmungou Lula, enquanto passava por mim com uma travessa de queques que eu deixara queimar no forno. Nada como a combinação do cheiro a bolos queimados e ao perfume falsificado de Lula para fazer um homem perder o apetite.

- Leva o bacon para a mesa, por favor - pedi a Dale. Dale olhou para Lula de sobrolho franzido. Lera histórias ilustradas da Bíblia e estava bastante convencida de que Lula era Jezebel.

Dale saiu da cozinha com uma pilha de bacon extra-estaladiço numa frigideira de ferro preto. Atirei a minha pega de cozinha a um gato malhado que estava a tentar enfiar a pata na caixa da margarina.

- Sai daí, *Grub* - ele olhou para mim e ronronou. Peguei num martelo e numa mão cheia de pregos, tirei uma caixa de cereais vazia do caixote do lixo e fui reforçar contra cobras-reais as paredes de uma casa Cracker de cem anos.

Mac saiu da arrecadação com a cobra confortavelmente enrolada no seu antebraço. Lily coxeava ao seu lado, admirando a presa.

- Vermelha, amarela e preta. As cobras reais são tão bonitas. Parecem doces de Halloween. A pobre bebé estava apenas com fome, Ben - para Lily, qualquer criatura necessitada era «pobre bebé». Ainda não dera um nome à égua cinzenta. Continuava a chamar-lhe «Pobre Bebé».

- Essa cobra real é a razão para ainda não termos visto uma única barata na arrecadação esta Primavera - disse Miriam. - Por mim, é deixá-la estar. Sai mais barato

do que uma lata de veneno para as baratas - voltou-se novamente para o prato de ovos mexidos. Comíamos na cozinha, numa mesa de piquenique com três metros, feita de restos de madeira. Sete empregados, duas sereias já entradotas, Joey e este vosso amigo, cabiam perfeitamente à volta dessa mesa improvisada e ainda sobrava espaço. Joey, na sua cadeira de rodas, ocupava uma das cabeceiras.

Pegou numa das suas guloseimas preferidas para o pequeno-almoço, um queque instantâneo em miniatura, com genuíno aroma artificial de mirtilo.

- Não queimaste este, Benji.
- Pois não, esse escapou.

Joey mergulhou os queques queimados em mel de palmito. Toda a gente dizia que os meus queques sabiam a estuque, mas Joey adorava-os.

- Se calhar a cobra gostava que lhe fizesses o pequeno-almoço, Benji.
- É melhor não, não queremos matá-la.

Entrei na arrecadação e agachei-me, afastando a saca de batatas com o martelo. Mac estava à porta, acariciando o corpo colorido da cobra.

- Vou s-soltá-la no j-jardim - ele e Lily saíram pela porta de rede das traseiras, Lily a falar para a cobra.

Por baixo de uma prateleira encontrei um buraco na parede, que os esquilos estavam sempre a reabrir, e tapei-o com a caixa de cereais. Ouvi Joey falar com Miriam, à mesa.

- Esta manhã estou tão cansado - disse ele. Podes aumentar-me o oxigénio alguns minutos?
- Claro, querido - disse ela.

Ele estava a ficar mais fraco. Dia após dia, pouco a pouco. Agachei-me no chão da arrecadação, com a cabeça baixa, os ombros curvados. A ventoinha que rodava no tecto do vestíbulo apanhou os meus pensamentos e não os largou mais. «Ele está a morrer», dizia. «Está a morrer, não podes fazer nada, está a morrer.» Ouvi os passos de Mac e Lily de regresso. Fingi estar à procura de mais buracos.

Lily enfiou a cabeça na arrecadação.

- Ben - gritou. - A minha pobre bebé fugiu.

Calculei que estivesse a falar da égua cinzenta, não da cobra.

Raios! Ia ser um daqueles dias.

Kara
Na fronteira estadual

Todos os dias eu recitava um mantra para mim própria. «Açúcar, não. Gorduras, não. Alimentos processados, não. Amar o planeta. Comida magra, comida crua.» Quando uma pessoa cresce com a alcunha Porquinha Whittenbrook aprende a adorar brócolos.

Mas nessa manhã fui seduzida. Seduzida pelo engodo mais venerável das estradas sulistas: os rolinhos de noz pecã do Stuckeys. São uns bolos compridos, pegajosos, rijos e doces, feitos de melaço branco e nozes pecãs esmagadas. A receita remonta à cozinha

de Mr. e Mrs. Stuckey nos anos trinta, altura em que os telhados azuis do seu empório começaram a surgir à beira da estrada, ao longo dos caminhos de alcatrão que serpenteiam pelos campos.

Os Stuckey's modernos sobreviveram a concorrentes de qualidade inferior e continuam a prosperar. Nessa manhã, parei na estrada interestadual, logo a seguir à fronteira da Florida, ainda ensonada depois de uma noite agitada numa tenda pouco resistente aos mosquitos, com *Mr. Darcy* a passear-se em cima da minha cabeça.

- Experimente isto, querida - disse a empregada do Stuckeys, abrindo o plástico de uma embalagem de rolo de pecã. - Faz bem a todos os males - bebi mais um gole de café forte e dei uma dentada no bolo. Senti corações invisíveis a rodopiarem à volta da minha cabeça. Amor.

Comprei uma caixa com seis deliciosos rolinhos de pecã, apertei-a contra o peito como se fosse uma droga ilegal e corri para a carrinha. *Mr. Darcy* estava empoleirado na minha bagagem, a mordiscar nozes pecãs cruas, amendoins, gomos de laranja e sementes de girassol. A sua dieta era sempre baixa em calorias, mesmo quando a minha não era. Comi um rolinho de pecã de uma só vez, empurrando-o com café suficientemente forte para deixar encantado até o brasileiro mais presumido, e olhei-me no espelho retrovisor.

- Oh, não! - o meu cabelo também se tornara sulista. Toda a vida eu travara uma batalha contra o cabelo frisado. As madeixas ruivas da minha mãe eram suaves, lisas, elegantes e manejáveis. Eu tentara desesperadamente imitar o visual dela, mas o meu cabelo ruivo, pelos ombros, era hipercinético e desleal. O meu cabelo fazia amor com a mínima alteração na humidade do ar. Agora, os seus fios profissionalmente escadeados e esticados tinham explodido em caracolinhos minúsculos como teias de algodão doce sopradas pelo vento.

Puxei a massa volumosa para a nuca, prendi-a com um elástico e fitei o meu rosto sardento e rechonchudo.

- Por favor, não deixes que este seja o verdadeiro eu - disse.
- Stuckeys - contrapôs *Mr. Darcy,* levantando com o bico uma tentadora noz pecã.

***

O destino aparece vindo do nada quando menos o esperamos.

Ao final da manhã entrei numa selva magnificente de palmeiras anãs e carvalhos adornados com barbas-de-velho. O ar condicionado da carrinha tinha-se avariado. Estava a transpirar. De súbito, um cavalo cinzento saiu a correr da floresta à minha esquerda. Pisei a embraiagem e o travão e, instintivamente, estiquei o braço direito para impedir *Mr. Darcy* de ser projectado contra o pára-brisas.

A traseira da carrinha começou a derrapar, saiu da estrada, continuou a deslizar na berma lisa e relvada, e embateu contra o carvalho gigante mais próximo. O impacto foi relativamente fraco - apenas um solavanco - e depois o silêncio instalou-se. *Mr. Darcy* abriu as asas de um metro e meio de envergadura. A ponta da forte asa esquerda acertou-me na cabeça enquanto ele se endireitava. A pobre ave estava sem palavras, reduzida a guinchos primitivos.

Eu sabia como ele se sentia.

Saí do carro a cambalear, tonta, mas incólume. Ouvi a vegetação restolhar enquanto o cavalo penetrava no bosque. Depois, de súbito, um baque. Pequenos ramos de árvore a partirem-se. Um grande corpo equino a cair por terra. Um silêncio sinistro.

- Anda daí - chamei *Mr. Darcy*. Ele saltou para o meu ombro enquanto eu remexia no equipamento de campismo, à procura de alguma coisa que pudesse ser útil. Peguei numa corda de nylon curta, pus a tiracolo uma faca, na sua bainha e correia tecidas com cores vivas, e dirigi-me ao desconhecido.

Ben

Meio-dia e nada da égua cinzenta. Tenho de admitir que é muito inteligente. Tinha-a fechado num grande recinto na cavalariça que as éguas usavam para parir. Calculara que nunca mais lhe poríamos a vista em cima se a pusesse no pasto, com a manada, além de que podia matar e comer os outros cavalos. Era Hannibal Lecter com cascos.

Lily e Joey tinham adquirido o hábito diário de conversar com ela durante horas, e tinham conseguido conquistar a sua confiança ao ponto de ela comer as cenouras que lhe traziam, desde que as deixassem em cima de um poste da cerca e se afastassem. Eram as únicas duas pessoas que ela não tentava morder ou escoicear.

Agora, descobri que tudo não passara de uma representação, ela enganara-nos. Tanto quanto conseguia perceber, fugira depois de abrir o portão da cocheira. Há cavalos que mordiscam tudo. Ela devia estar a lamber a tranca, por acaso, e tivera sorte.

Se a encontrássemos, tencionava comprar-lhe um osso para roer. Humano. Os preferidos dela.

Mandei o pessoal dispersar em todas as direcções do rancho, na esperança de ela ainda estar na propriedade. As minhas terras não eram grandes em comparação com os maiores ranchos do Estado; há ranchos no Sul da Florida do tamanho de países pequenos. O Rancho Thocco tinha mil e duzentos hectares; oitocentos eram pastos delimitados por cercas. Os outros quatrocentos, florestas selvagens e pântanos perigosos, rodeavam o restante, como um fosso. No total, o meu rancho tinha quase treze quilómetros quadrados de terra desta Florida selvagem e verde, e eu adorava-o. Mas a verdade é que até uma manada de elefantes seria capaz de se esconder naquela selva sulista, quanto mais uma égua com problemas de personalidade.

Cheech, Possum e Bigfoot saíram a cavalo; Roy, Dale e Lula percorreram o perímetro da cerca num lento veículo todo-o-terreno que usávamos para transportar bezerros doentes; Joey e Miriam ficaram à espera no celeiro, com um saco de cenouras, e eu fui procurá-la pelas estradas locais na carrinha de caixa aberta, com Lily e Mac.

- A minha pobre bebé, sozinha e assustada - gemeu Lily. Olhou pela janela aberta e abraçou *Ruibarbo* em busca de conforto. Como já mencionei, o principal talento canino de *Ruibarbo* é soltar gases. Mas o seu outro talento é oferecer às pessoas uma grande quantidade de cão peludo e ofegante para abraçar. Joey dormia todas as noites com um braço por cima de *Ruibarbo*. Lily apertou-o tanto que ele soltou um traque.

- V-vamos encontrar a t-t-ua bebé - disse Mac, que estava sentado no banco de trás. Deu uma palmadinha no ombro de Lily e abriu mais a janela.

Eu perscrutei a floresta. O sol de Primavera dava origem a bonitas sombras debaixo das árvores, mas ninguém devia deixar-se enganar pelo cenário convidativo. Uma floresta na Florida é um mundo de palmitos à altura dos joelhos. No Verão, essas palmeiras de folhas grossas e afiadas são ninhos de cascavéis e vespas. Só um cavalo Cracker se atreveria a enfrentar essa vegetação.

Ou a égua estava atolada num pântano qualquer, ou conseguia esconder-se melhor do que um gato numa exposição de cães. Como já disse, não é muito difícil desaparecer na nossa parte da Florida. Nos velhos tempos, os fabricantes clandestinos de álcool e os contrabandistas de rum faziam-no constantemente.

Agora eram os traficantes de droga que desapareciam entre os ciprestes, nas águas paradas. Os seus corpos acabavam por aparecer com menos um pedaço ou dois. Os nossos gordos aligátores limitavam-se a sorrir.

Abrandei a velocidade numa curva ladeada por carvalhos tão grandes que os seus ramos formavam uma abóbada sobre a estrada. O que vi fez com que a minha libido, como Paula lhe chamava, se encolhesse dentro das calças de ganga. Fumo branco, do radiador, erguia-se do capot amachucado de uma velha carrinha prateada.

O pára-choques da frente estava esborrachado contra o tronco de um carvalho. Marcas negras de travagem indicavam onde o condutor tentara parar rapidamente.

Do outro lado da estrada estava um velho reboque ferrugento. Serviço de Reboques dos Irmãos Marko Pollo.

- Os irm-mãos Pollo! - disse Mac num tom grave. Lily levou a mão ao peito. *Ruibarbo* rosnou.

Pois. Mau sinal. Os irmãos Pollo passavam mais tempo na cadeia do que fora dela. Quando estavam em liberdade condicional, percorriam as estradas locais à procura de idiotas com problemas no automóvel e a carteira bem recheada. Estacionei atrás da carrinha prateada e saí. Não se via ninguém. Depois de estudar rapidamente a cena, a minha libido encolheu-se ainda mais.

Vi marcas de cascos ao lado da carrinha, desaparecendo na floresta por um estreito trilho de veados. Pequenas pegadas humanas seguiam-nos. E pegadas grandes, feitas pelas botas dos pacóvios dos Pollo, seguiam as mais pequenas.

Tive um mau pressentimento de que acabara de encontrar a égua cinzenta.

E não fora o único.

***

Aquilo que vi no bosque foi uma cena que recordarei enquanto for vivo. O tipo de cena que acaba por transformar-se numa história para contar à volta da lareira, com as luzes apagadas. O tipo de cena que prova como, de vez em quando, um relâmpago mágico torna a vida normal em algo extraordinário.

Vi dois dos irmãos Pollo, furiosos e ensanguentados, um deles com um grande golpe de faca no braço esquerdo, o outro com uma ferida no ombro do tamanho exacto da dentadura da égua cinzenta.

A égua cinzenta estava em guarda, com as orelhas dobradas para trás sobre a cabeça cicatrizada e uma expressão assassina nos olhos, apesar de ter as quatro patas presas num monte de densas videiras.

Montada na garupa da égua cinzenta, vi uma bonita ruiva.

O que por si só já é difícil de acreditar. Para não mencionar a faca exótica, com jóias incrustadas, que a ruiva brandia numa mão, e a arara azul gigante empoleirada no seu ombro.

A ruiva tinha conseguido prender uma corda de nylon no anel do cabresto da égua, numa rédea improvisada. Um milagre. Montava a égua como se não fosse nada, com a mão que segurava a rédea calmamente pousada no garrote da égua, as costas direitas, a cabeça erguida, as pernas fortes apertadas contra os flancos do animal. Madeixas de cabelo encaracolado flutuavam em torno de um rosto que um homem levaria de boa vontade para apresentar à mãe, e depois para a cama. Fiquei sem fôlego ao olhar para ela. Demorei um minuto a absorver tudo o que via.

- Está bem? - perguntei-lhe.

Ela olhou para mim sem o mínimo indício de medo e não baixou a faca.

- Isso depende de quem é e porque se juntou a esta discussão - tal como a faca exótica, o seu sotaque não era destes lados. - Estes dois cavalheiros insistem em que esta égua lhes pertence. Mas tenho as minhas dúvidas.

- E com toda a razão. Essa égua vem do meu rancho. Passei a manhã inteira à procura dela. Chamo-me Ben Thocco.

- Ben Thocco - ela inclinou a cabeça e estudou-me com novo interesse. Como se, afinal de contas, talvez decidisse não me dar uma facada.

Virei-me para os Pollo.

- Parece-me que estão prestes a ter aqui um problema, rapazes. E esse problema sou eu.

Palavras corajosas, mas os Pollo inclinaram as cabeças barbudas como serpentes venenosas que tivessem sido espicaçadas com um ancinho. Eu tenho um metro e oitenta e cinco e sou magro. Eles têm um metro e noventa e cinco e não são.

- Eu e o Juicy fomos atacados - rosnou Inny. Inny e Juicy. O pai Pollo era o Marko. Ninguém sabia por que raio pusera aos filhos os nomes Inny e Juicy.

Juicy levantou o braço cortado.

- Sim, fomos atacados por aquela cabra e pela merda da sua égua quando estávamos apenas a tentar ajudar.

- Cuidado com a língua em frente de uma senhora. Já não basta serem ladrões de cavalos?

- A quem é que está a chamar ladrão? - Inny soltou uma grande gargalhada e olhou para Juicy. - *El Diablo* está a chamar-nos nomes.

Juicy sorriu.

- Talvez ele resolva vestir as calcinhas justas e pôr a máscara e tente deitar-nos ao chão com uma tesoura de pernas.

Ambos se riram.

Pronto, agora eu estava mesmo furioso.

Apontei para o chão.

- Meu Deus, Inny, faças o que fizeres, não pises isso. Acho que é venenoso.

Como o idiota que era, Inny não conseguiu resistir a olhar para baixo. Aproveitei a oportunidade para lhe dar uma cotovelada entre os olhos. Aqui está uma dica profissional que aprendi no ringue: o osso grande do cotovelo é uma arma melhor do que os pequenos ossinhos do punho. Inny caiu ao chão, inconsciente.

Mas ainda sobrava Juicy, que era o mais esperto dos dois.

- Vou acabar contigo - prometeu, avançando em direcção a mim. - E depois vou tirar aquela cabra de merda de cima do cavalo.

Dei um pontapé no joelho de Juicy, mas isso apenas o abrandou. Ele acertou-me com um murro no ombro e, enquanto eu tentava agarrar-lhe o braço, fechou a mão sobre a minha garganta. Cravei-lhe dois dedos na carne macia da axila e tentei arrancar-lhe uma costela da maneira mais difícil, mas parecia que estava apenas a fazer-lhe cócegas. Senti os joelhos dobrarem-se e comecei a ver pontinhos negros à frente dos olhos. Nesse momento, Juicy gemeu e largou-me.

Virou-se, com o sangue a começar a brotar de um grande golpe nas costas. A minha ruiva - sim, mesmo meio estrangulado, pensava nela como a «minha» ruiva - estava à frente dele, brandindo aquela faca perigosa. Nessa altura as coisas deixaram de ser divertidas para mim, porque Juicy levantou o braço para acabar com ela e eu não conseguia mexer-me suficientemente depressa para a ajudar.

- Fuja - consegui dizer-lhe.

- Nunca - respondeu ela e levantou a faca. Apaixonei-me por ela nesse instante. Nesse preciso instante. Foi quando comecei a amá-la.

Uma mão grande apareceu do nada e fechou-se sobre o punho de Juicy. Um segundo depois, os cento e trinta quilos de Juicy foram arremessados contra a árvore mais próxima. Juicy deslizou para o chão, onde ficou sentado, a pestanejar. Era evidente que precisava de um pouco de tempo para organizar o que restava do seu cérebro.

A ruiva ficou paralisada e olhou para alguém atrás de mim. Virei-me, levando a mão à garganta. Era Mac. Ele acenou-lhe para a tranquilizar.

- Está t-tudo b-bem, menina - gaguejou. Depois corou, porque odiava gaguejar em frente de mulheres e de desconhecidos. Baixou a cabeça e desviou o rosto.

Ela continuava a olhar para Mac como se nunca ninguém a tivesse salvado antes.

- Como se chama, bravo cavaleiro?

Mac ficou tão atónito por ser chamado bravo e cavaleiro, que respondeu, sem gaguejar:

- Mac. Mac Tolbert, menina.

Depois algo invadiu os olhos dela. Tinha olhos azuis, que ficaram ainda mais azuis.

- Sir Mac - disse, lentamente.

- Pobre bebé! - Lily apareceu a coxear pelo trilho, retorcendo as mãos. - Pobre bebé! Pobre bebé - a égua, a ruiva, eu, Mac. Éramos todos os seus pobres bebés. Mas ela só tinha olhos para a ruiva. - Estás magoada? Como te chamas, pobre bebé? Eu chamo-me Lily.

Olhos azuis tristes. Tão azuis.

- Chamo-me Karen - disse, por fim, a ruiva. - Karen Johnson - como se tivesse tido de pensar antes e fosse um nome difícil de dizer.

Atrás de nós, a égua cinzenta relinchou.

Como se soubesse alguma coisa que nós não sabíamos.

Kara
A chegada

Um reboque legítimo levou a minha carrinha para uma oficina na cidade mais próxima, Fountain Springs. A égua não estava ferida e eu também não. Inny e Juicy Pollo não tiveram tanta sorte. Iam a caminho do médico e depois para a cadeia. Ben Thocco parecia um pouco abalado, mas encolheu os ombros e desviou o olhar quando tentei agradecer-lhe.

Lacónico. Sem artifícios Humilde. E extremamente atraente.

El Diablo. Os irmãos Pollo tinham-lhe arremessado o título como se fosse um insulto. Máscara. Calças justas. Certamente que só podia ser uma coincidência. Armazenei a informação com alguma incredulidade e, sim, uma boa dose de excitação. Mas por enquanto ia limitar-me aos factos conhecidos.

Um cowboy. No mínimo, Ben Thocco era um cowboy genuíno, que me salvara ao estilo galante dos cowboys.

Com a ajuda dos meus pais biológicos.

E agora eu ia a caminho do Rancho Thocco, embora de uma forma que nunca poderia ter previsto.

Aturdida, segurava a corda presa à égua cinzenta. Ia na caixa da grande carrinha último modelo de Ben Thocco, com Lily ao meu lado, ambas indecorosamente sentadas no chão, encostadas a uma caixa de ferramentas. A minha harpa ocupava a maior parte do espaço e obrigava-nos a ir apertadas uma contra a outra.

Ben Thocco conduzia num ritmo lento, adaptado ao passo nervoso da égua. Calculei que devíamos ter percorrido três quilómetros em pouco mais de uma hora, a velocidade de uma caminhada descontraída na passadeira do ginásio. O que mais me impressionou foi o pé firme de Thocco no acelerador e a sua paciência.

Mr. Darcy estava empoleirado sobre a pequena montanha das minhas coisas. Olhava para *Ruibarbo*, um cão aparentemente amistoso, entalado entre os pés de Lily. *Ruibarbo* farejou o ar na direcção de *Mr.* Darcy.

- Criatura - disse *Mr. Darcy*.

- O *Ruibarbo* pensa que o teu pássaro é uma grande galinha azul - disse Lily. - Ele gosta de galinhas.

- Para comer?

- Não. Cuida delas. No rancho, ladra aos falcões e aos guaxinins que tentam entrar na capoeira. Uma vez, até enxotou um gato selvagem.

- Sim? Ainda há panteras nesta parte da Florida?

- O que é uma pantera?

Senti o coração apertado. Ela era quase completamente ignorante.

- É uma espécie de gato selvagem.

- Ah! Uma *paintera*. É assim que nós dizemos.

- *Paintera* - repeti.

Ela sorriu-me.

- Não és daqui, pois não? Não faz mal. Não é preciso teres vergonha por não saberes falar.

Ela era simples, mas gentil. Olhei para a frente e pestanejei para combater a emoção de estar ao mesmo tempo envergonhada dela e de mim mesma.

- Não chores - disse ela. - Sei que deves estar preocupada com o teu carro. Mas eles hão-de arranjá-lo - Lily pegou-me na mão e deu-lhe uma palmadinha.

- Tenho a certeza de que o meu carro vai ficar arranjado. É um modelo antigo. Bastante usado. Nem vale a pena preocupar-me com ele.

Lily inclinou-se para mim e murmurou:

- Não fiques triste por não teres um carro bom. Ninguém vai troçar de ti. Eu e o Mac dizemos ao Ben. O Ben não deixará ninguém troçar de ti. Nem do teu carro.

Era impossível vencer esta pequena batalha de intelectos. Ela superava-me constantemente, apenas por ter uma alma generosa. Em comparação, a minha alma parecia-me nesse momento má e mesquinha. Ouvimos bater à janela atrás de nós. Lily virou-se e acenou alegremente.

- Olha para nós, Mac! Levamos a égua cinzenta e ela não está a tentar morder ninguém! Ela gosta da Karen!

Virei-me para sorrir corajosamente a Mac. Ele baixou de imediato a cabeça e desviou o rosto. Senti o coração apertado. Ele gaguejava. Como eu. Partilhávamos o mesmo monstro, escondido dentro de nós. Eu conseguira controlar o meu, mas ele não.

Mac não hesitara em defender-me de um atacante brutal. Teria este homem doce e paternal chorado a filha que ele e Lily tinham dado para adopção, há mais de trinta anos? Tive pena dele. Sofri por ele, sabendo como a gaguez contribuía para a sua timidez.

Olhei furtivamente para Lily. O seu vestido de ganga tinha margaridas bordadas, bem como as peúgas brancas pelo tornozelo que calçava por dentro de ténis amarelos. Eu nunca conhecera uma mulher adulta que usasse peúgas pelo tornozelo, excepto a jogar ténis ou golfe. Ela era infantil e encantadora, uma dona de casa rechonchuda, de conto de fadas. Aceitara-me como se eu tivesse brotado da terra, como uma flor silvestre cuja semente se esquecera de ter plantado.

Eu era parecida com ela.

Talvez mais ninguém notasse essa semelhança, mas eu vi-a desde o primeiro instante. Éramos ambas baixas e robustas. Eu era mais alta, mas não muito. Tínhamos o mesmo cabelo ruivo encaracolado, embora o dela fosse baço e já um pouco grisalho.

Usava-o tão curto que mais parecia um capacete de pêlo. Ela parecia, de certa forma, reprimida. Como se tivesse medo de se endireitar. Os seus olhos eram de um azul deslavado, em comparação com a tonalidade viva dos meus olhos mais jovens, mas era o mesmo azul, apenas diferente em décadas e em grau. A sua pele estava salpicada de sardas e não usava maquilhagem. As suas pestanas e sobrancelhas eram quase cor-de-rosa. Eu podia ter-lhe dito que havia especialistas que podiam pintá-las de castanho, como as minhas, mas ela nunca teria percebido qual era o objectivo.

Não usava jóias, excepto um pequeno amuleto de prata num colar. O amuleto era

uma margarida. Tinha as sobrancelhas arqueadas como as minhas, o nariz curto e ligeiramente largo, como o meu. O seu sorriso era igual ao meu, partindo do princípio de que eu alguma vez voltaria a sorrir sinceramente.

Mas havia uma grande diferença.

Lily estava torta. Ou talvez eu fosse demasiado direita.

O seu rosto estava ligeiramente repuxado para a esquerda, não de forma tão grave como nas vítimas de trombose, mas visivelmente. Tinha a pálpebra esquerda descaída. O ombro esquerdo estava inclinado para baixo, e o direito, para compensar, parecia demasiado levantado. Pior do que tudo, arrastava ligeiramente o pé esquerdo, o que lhe dava um andar desequilibrado, bamboleante.

O que a deixara assim? Quantas vezes teria sido atormentada por pessoas cruéis? Que nomes lhe teriam chamado? Estariam esses nomes a ecoar-lhe nos ouvidos enquanto eu saía do seu corpo? Teria ficado contente por me ver partir?

- Estamos em casa - disse Lily, com um sorriso. - Olha à volta. Sei que deves estar com medo desta floresta velha e selvagem. Nem sequer olhaste para ela. Mas aqui estamos em segurança. Vês? - agitou o braço.

Afastei os olhos dela e pestanejei.

O Paraíso.

O rancho de Ben Thocco emergia ao fundo de um túnel de floresta, no fim de uma longa estrada de areia ladeada por hibiscos cor-de-rosa em todos os pontos onde o sol conseguia penetrar nas sombras. O aroma a solo fértil invadiu os meus sentidos. O cheiro a água estava por todo o lado. Um bando de codornizes atravessou a estrada em frente da carrinha. Os veados que mordiscavam as folhas de Primavera ergueram as cabeças.

- Temos muitos bichos - disse Lily. - Eu pus nomes a todos. Ali está a Branca de Neve, o Mickey, o Donald, e... acho que é a Cinderela, mas também pode ser a Minnie.

- Gostas da fantasia da Disneylândia? - perguntei gentilmente.

- Oh, sim! O Ben levou-nos lá uma vez. Já lá foste? - neguei com um gesto de cabeça mas ela não reparou; estava ocupada a dizer-me os nomes dos outros animais selvagens do seu próprio Reino da Fantasia.

Era como Shangri-La, com gado e palmeiras. Eu atravessara um espelho mágico e deixara para trás o mundo da Florida moderna, dos turistas, das auto-estradas, das lojas de conchas e dos condomínios para aposentados com bingo, golfe e autocarros directos para as corridas de cães. O rancho Thocco estendia-se diante dos meus olhos com um encanto fascinante.

No centro de um pátio sombrio, com chão de areia, erguia-se uma casa de madeira de dois pisos, com telhado de zinco e chaminés de pedra cinzenta salpicada de conchas de ostra. Os alpendres eram largos e compridos, cheios de banquinhos, cadeiras de baloiço e até velhas cadeiras de cozinha com assentos de vinil estalado.

Pelo pátio passeavam-se galinhas gordas, que tentavam não se aproximar de um pequeno aligátor adormecido, mas que, à parte isso, debicavam e arranhavam a terra sem a mínima preocupação. Grandes extensões de pastos estendiam-se para além da curva de um pântano enorme. Os pastos estavam salpicados de vacas Hereford castanhas e brancas e alguns cavalos. O pântano estava decorado com gaivotas. Um

corvo-marinho mergulhou do céu e desapareceu nas águas escuras.

Virei-me para o pátio principal. Os pára-raios dos celeiros grandes e modernos e dos barracões sólidos erguiam-se entre os carvalhos gigantes. O ar cheirava a água fresca, a floresta, com um leve vestígio de estrume e flores primaveris. Respirei fundo. Orgânico e real. Uma dúzia de garças brancas tinha feito os seus grandes ninhos num dos carvalhos, ornamentando-o como pombas gigantes numa árvore de Natal. Bandos de aves melodiosas chamavam os seus companheiros. Os esquilos conversavam entre si.

Adorei imediatamente o sítio.

Lily saltou da carrinha sem largar a corda da égua.

- Olha para ti, pobre bebé! Estás cansada de tanto andar.

Pus-me de pé.

- Precisas de ajuda com ela?

- Não, é uma boa bebé! Está apenas nervosa.

- C-cuidado, q-querida! - avisou Mac, enquanto saía da carrinha, erguendo ambas as mãos.

- Oh, Mac, não te preocupes. Ela não está interessada em morder-me. Vês? A Karen domou-a!

Observei enquanto, os meus pais biológicos trabalhavam em equipa para se acalmarem um ao outro e à égua assustadiça. A égua mantinha a distância, tanto quanto a corda lho permitia, mas virou as orelhas cinzentas para Mac e Lily enquanto olhava para mim, *Mr. Darcy* e o resto do mundo.

Eu estava tão absorvida na cena que nem reparei que Ben estava de pé ao lado da carrinha, a olhar para mim.

- Pode descer à vontade - disse ele. - Não se preocupe com o *Gator*.

Dei um salto. O aligátor? Ter-se-ia aproximado enquanto eu estava distraída? Não, o dito aligátor de um metro e meio ainda estava perto do barracão dos tractores, pronto para deslizar de cima do seu monte de areia para dentro de um rio largo, de águas negras, que serpenteava através do pátio até desaparecer no pântano. Devia ser o Little Hatchawatchee. À sombra de uma palmeira, estavam vários gatos, que olhavam alternadamente para o aligátor e para mim. O aligátor não se mexeu. Nem pestanejou.

Era apenas um bebé. Não conseguiria fazer mais do que arrastar para dentro de água um coelho para o seu jantar.

- O *Gator* não faz mal - garantiu-me Ben, quando eu tentava descer da carrinha. Insistiu em ajudar-me, estendeu-me a mão para eu me apoiar e puxou-me para si. - É o animal de estimação do Possum. Encontrou-o na margem do rio. Órfão. Os aligátores não são tão maus como dizem.

Afastei-me assim que as minhas sandálias tocaram no chão.

- Acho que os membros da família dos crocodilos não podem tecnicamente ser «órfãos». Esse é um sentimento dos mamíferos.

Não faço ideia por que raio me saíram da boca aqueles disparates académicos. Corei e ergui os olhos. Ben observava-me com uma expressão solene e bem-humorada, apesar do seu olhar algo triste.

- Está bem, mas não diga ao *Gator* que não tem sangue quente. Ele ficaria magoado.

- Pode estar descansado.

- Estes são os meus cães de trabalho - disse Ben, apontando para cinco cães-pastores peludos, com olhos claros e inteligentes. - Eles têm sangue quente - os cães observaram-me como se eu precisasse de ser guiada.

- E o *Ruibarbo*?

- Esse é o amigo do meu irmão. Trouxemo-lo do canil.

- Órfão?

- Não, mas cheirava demasiado mal para que mais alguém o quisesse.

Fomos distraídos da nossa conversa quando a égua cinzenta mostrou os dentes a um grupo de homens e mulheres excitados que saíra a correr da casa e dos celeiros. A égua puxou a corda, que queimou as mãos de Lily.

- Não faz mal, não faz mal - disse Lily, tentando acalmá-la, mas quando Ben se aproximou da égua de mãos estendidas ela tentou morder-lhe os dedos, falhando por pouco.

- Calma, menina, calma - murmurou ele num tom tranquilizador. - Já me mordeste tudo. Não me queiras levar um dedo.

Eu tirei a corda das mãos de Lily.

- Não se importam? - afastei a égua do grupo, falando calmamente com ela em português. *Mr. Darcy* desceu do camião e pousou na crista prateada da égua. Ela parou, revirou os olhos e virou a cabeça para olhar para ele.

Mr. Darcy adorava cavalos. Inclinou-se e esfregou a cabeça azul no pescoço dela. Ela farejou-o. Ele mordiscou-lhe o pescoço com o bico negro e curvo. Os olhos da égua acalmaram-se e caminhámos mais um pouco, enquanto eu continuava a falar com ela num murmúrio. Ela inclinou a cabeça para mim e agitou as orelhas, curiosa. Parei e virei-me para olhar para os meus anfitriões.

- Já está calma. Onde é que a querem pôr?

Mac, Lily e os outros - um grupo de trabalhadores com uma característica em comum: os olhos muito arregalados - fitaram-me de boca aberta. Ben, que não se impressionava tão facilmente, inclinou a cabeça, enfiou as mãos nos bolsos das calças de ganga desbotada, que lhe assentavam maravilhosamente, e estudou-me com desconfiança, como se eu fosse uma nova espécie de mulher, armada com línguas estrangeiras e uma arara que gostava de cavalos.

- Há uma cocheira na cavalariça principal - disse ele. - Siga-me.

Depois de a égua cinzenta estar alegremente instalada, com uma tina de água fresca e feno para petiscar, prendi a corda de nylon a um poste, limpei as mãos aos calções de caqui e virei-me para a minha audiência, que aguardava.

- Talvez se imponha uma apresentação formal. Chamo-me Karen Johnson. Artista e harpista itinerante. Estou de visita a esta parte da Florida para pintar quadros das paisagens, das pessoas e dos animais.

Silêncio. Durante alguns segundos ouvi apenas os grilos e as rãs.

- Falas como a Katherine Hepburn - disse o gigante do grupo. Viria a saber o seu nome mais tarde. Bigfoot.

- Quem? - perguntou outro dos trabalhadores do rancho. Mais tarde identifiquei-o como sendo Roy Rogers. Falava tapando o rosto com as mãos.

- Ela tem uma harpa - anunciou Lily. - Como as que os anjos tocam. E uma faca bonita. Vejam - Lily apontou para a faca de gaúcho brasileira que eu tinha a tiracolo. - Feriu os irmãos Pollo. O xerife Arnold teve de os levar à clínica para serem cosidos antes de irem para a cadeia.

Esta notícia provocou novos olhares curiosos.

- *Dios mio*! - exclamou um cowboy de bigode.

Sorri-lhe.

- *Su acento suena cubano. Sí*?

Ele olhou para mim de boca aberta, depois virou-se para os outros.

- Ela sabe que eu sou de Cuba! Consegue ler os pensamentos!

Ben levantou as mãos.

- Muito bem, chega. Karen, estes são o Cheech e o Bigfoot, o Possum, o Roy e a Dale, já conhece o Mac e a Lily, e dentro de alguns minutos conhecerá a Miriam, a Lula e o meu irmão mais novo. E eu sou o Ben. Memorizou tudo? Mais tarde haverá um teste.

- Encantada - disse eu.

Silêncio. Alguns pareciam confusos. Ben virou-se para eles.

- Quer dizer que foi um prazer conhecer-vos.

- Ah! - exclamaram em coro.

- Benji! - chamou uma voz. - Quero conhecer a rapariga que encontrou o nosso cavalo!

Ben rodopiou na direcção da voz. O seu rosto tenso e cansado suavizou-se imediatamente. Segui o olhar dele e sustive a respiração. Uma mulher de meia-idade, com pulseiras de amuletos a tilintar nos braços queimados pelo sol, empurrava uma cadeira de rodas na nossa direcção. Nessa cadeira estava um jovem rechonchudo e sorridente, com o cabelo preto de Ben e feições que indicavam claramente ser portador da Síndrome de Down.

Não estava com muito boa cor e inalava profundamente a cânula de oxigénio que tinha no nariz. Mas o seu sorriso era magnífico.

- Karen, este é o meu irmão, Joey - disse Ben. - E esta é a Miriam.

- A sereia - brincou Miriam, sem largar o palito que tinha entre os dentes, e apertou-me a mão.

Sorri.

- Sentei-me num promontório e ouvi uma sereia, no dorso de um golfinho, cantar sons tão doces e harmoniosos que o mar bravo se apaziguou com o seu canto...

Miriam soltou um gritinho.

- E certas estrelas deixaram as suas órbitas, para ouvir a canção da sereia! - levou a mão ao coração. Eu anuí. Ela e eu tínhamos estabelecido uma ligação. Miriam lançou um olhar mal-humorado aos rostos estupefactos à sua volta. - É Shakespeare, seus idiotas. Nós, as sereias, sabemos estas coisas.

Joey Thocco olhou para mim, claramente fascinado.

- És uma sereia e uma domadora de cavalos?

Agachei-me diante dele.

- Bom, não posso afirmar ser isso tudo. Olá. A Lily disse-me que és co-proprietário

desta encantadora égua cinzenta.

- Sim! Eu, o Mac e a Lily e os outros juntámos o nosso dinheiro e comprámo-la! Se não a tivéssemos salvado, seria abatida.

- Isso teria sido terrível. É um animal maravilhoso.

- Ela não tentou morder-te, nem uma vez?

- Não, mas o dia ainda não acabou.

Joey ergueu os olhos para *Mr. Darcy*, que o estudava de cima de um poste.

- Aquele papagaio é teu?

- Sim, mas é uma arara. Uma arara azul. *Mr. Darcy*, anda dizer olá ao Joey.

Mr. Darcy abriu as asas azuis e planou até nós. Sabia como fazer uma entrada em grande. Pousou no antebraço direito de Joey Thocco. Eu estendi rapidamente a mão.

- Não tenhas medo, ele não...

Joey desatou a rir.

- Gosto dele!

Mr. Darcy inclinou-se para a frente, virando a cabeça para um lado e para o outro, enquanto observava o seu novo amigo.

- Uááá.

Joey soltou uma gargalhada.

- Uááá.

- Uááá.

- O que é que ele está a tentar dizer?

- Não tenho a certeza - respondi. - Mas vejo que ele gosta de ti.

- Uááá, *Mr. Darcy*!

- Uááá.

- Está bem, está bem - disse Ben num tom grave. - Já chega de «uááá», por agora. Perdemos metade do dia à procura desta égua. Vou levar a Karen ao motel. Depois vou à oficina em Fountain Springs saber novidades sobre o carro dela.

- Mas ela ainda não almoçou, Ben - disse Lily. - E ainda não a ouvimos tocar harpa.

- Sim, Benji - disse Joey. - E eu quero falar mais um pouco com *Mr. Darcy* sobre «uááá».

Ben franziu o sobrolho. Senti o coração apertado. Ele não queria ter trabalho comigo.

- Foi um prazer conhecer-vos a todos - disse rapidamente -, mas é melhor deixar-vos com as vossas tarefas. Vou ver qual é o veredicto sobre o meu carro, instalar-me na cidade e...

- Ela podia dormir no nosso quarto de hóspedes - disse Lily.

- E eu podia falar mais um bocadinho com *Mr. Darcy* - acrescentou Joey. - Por favor?

O meu coração parou. Passar a noite. Olhei para Ben com uma expressão esperançosa.

Mas ele, em vez disso, olhou para o irmão.

- É isso que queres, maninho?

-Sim!

Ben ergueu os olhos escuros para mim.

- Este pássaro sabe alguma palavra mais educada do que «uáá»?

- Tem um vocabulário extenso e multilingue, na sua maioria bastante inofensivo, mas é verdade que algumas expressões são um pouco indecentes. Também faz efeitos sonoros e canta. Para além de canções obscenas de comédias britânicas, a sua música preferida são os acordes de abertura da banda sonora da Guerra das Estrelas.

- Guerra das Estrelasl - gritou Joey. - É o meu filme preferido! Benji!

Ben Thocco levou a mão à cabeça e inclinou-a na minha direcção como se estivesse a tocar na ponta de um chapéu invisível.

- Bem-vinda ao Rancho Thocco.

***

Nessa primeira noite, quando falei com Sedge ao telemóvel, ele disse-me, num tom carinhoso:

- Minha querida, cumpriste a tua missão. Já descobriste mais sobre os teus pais biológicos do que estavas à espera de conseguir. Achas que é mesmo necessário ficares mais tempo?

- Quero saber um pouco mais sobre eles, Sedge. E sobre as suas vidas, aqui. Sobre este rancho e sobre Ben Thocco.

- Minha querida, nações inteiras foram destruídas por esse tipo de curiosidade imprudente.

- Sim, mas também houve nações inteiras criadas por ela. Vamos esperar que eu consiga construir e não destruir.

Estava deitada em cima das cobertas de uma das duas camas cheias de folhos do pequeno quarto de hóspedes na caravana onde viviam Mac e Lily. A caravana estava numa pequena clareira no bosque, a cinco minutos a pé da casa principal do rancho, rodeada de caravanas e pequenas casas bem tratadas pertencentes aos outros trabalhadores, excepto Possum, que vivia num quarto na cavalariça.

A decoração alegre que Lily e Mac tinham escolhido para o seu minúsculo quarto de hóspedes parecia brilhar no escuro. Margaridas. Por todo o lado. No papel de parede. Na colcha. Nas fronhas das almofadas, nas cortinas, no tapete. Retratos de margaridas emoldurados nas paredes. Na cozinha da caravana havia canecas com margaridas e, na sala, um cobertor com margaridas em cima do sofá. Em frente da caravana havia uma alegre profusão de cores em canteiros, comedouros para pássaros e ornamentos de jardim - cataventos baratos e coloridos, espanta espíritos, letreiros de «Bem-vindo à Nossa Casa».

Tudo partilhando um tema comum - margaridas, pequenas e optimistas.

A estranha adoração de Lily por essa flor simples deixava-me perplexa. Era tão doce, inocente e... triste.

Mr. Darcy, que tinha estado a dormitar em cima da cabeceira da cama, saltou para o colchão e aninhou a cabeça no meu pescoço. Emitiu pequenos sons tranquilizadores e mordiscou-me o nariz. A sua língua, grossa e seca, como borracha queimada pelo sol, tocou-me na pele. Acariciei-lhe as penas e desejei que as araras gostassem de um bom

abraço.

Encontrara os meus pais e o seu mentor e protector. Ele parecia ser um bom homem, embora brusco e sardónico. A vida dos meus pais, com ele, parecia ser estável, produtiva e feliz. Graças a uma estranha coincidência, eu conseguira ter oportunidade de fazer parte dessa vida.

Já os ajudara a capturar dois ladrões de cavalos.

Malditos ladrões.

E era possível que tivesse encontrado *El Diablo*.

Senti o coração acelerar ao pensar nessa possibilidade. Eu era finalista em Yale quando *El Diablo* Americano, um jovem vilão no clássico melodrama herói-bandido do *wrestling* mexicano, morrera num espectacular combate transmitido ao vivo pelas cadeias de televisão do México e de toda a América Central e do Sul.

Eu tinha chorado imenso. Achava que ele podia ter-se redimido. Pelo menos, na minha opinião.

Se Ben Thocco era *El Diablo* Americano, encontrá-lo aqui, uma década depois da sua morte prematura, seria um estranho golpe do destino e a concretização de uma fantasia juvenil.

Sim, eu sentia-me só nesta estranha terra onde nascera.

E, no entanto, curiosamente, sentia-me também em casa.

Capítulo 6

Ben

Ainda falam das forças da natureza. Da última vez que um furacão passou pelo Norte da Florida, soubemos da sua aproximação com dias de antecedência, incêndios florestais no Verão? Vemo-los quilómetros antes de chegarem às nossas terras. Raios, até os tornados dão algum aviso às pessoas!

Mas Karen não.

Apoderou-se da minha cozinha logo na primeira manhã. De madrugada, bem cedo, saí do quarto de Joey, onde dormia numa poltrona reclinável para estar perto caso ele precisasse de ajuda com os comprimidos, o oxigénio ou para ir à casa de banho, e ali estava Karen a organizar o meu pequeno exército como Patton a abrir caminho pela Europa. Miriam, Lula e Lily corriam em todas as direcções, seguindo as ordens de Karen.

- Estamos a «organizar um sistema» - citou Lily. - É o que a Karen diz.
- Sai do nosso caminho, Ben - avisou Miriam. - É o salve-se quem puder.

Ruibarbo estava escondido debaixo da mesa.

- Deixem passar - disse Lula, entrando apressadamente pela porta do alpendre lateral.

Trazia uma velha cafeteira de esmalte azul que eu andava a pensar em deitar fora porque o bico estava ferrugento e a tampa desaparecera - bom, não *desaparecera,* estava pregada sobre um buraco de esquilo na porta da sala. Agora a cafeteira estava cheia de junquilhos amarelos e um ramo de azálea do pântano, coberto de botões cor de laranja. Lula pousou-a no meio da mesa da cozinha.

- Isto é para a televisão? - inquiri. - Não mandei vir uma nova decoração.
- Pensei que podia fazer-me útil - disse Karen, baixando-se para retirar um tabuleiro do forno. O aroma a queques de banana atingiu-me e, por um segundo, esqueci tudo o resto.
- Queques caseiros feitos com restos - informou-me Miriam, pondo os garfos e as facas à volta dos velhos pratos de barro que Lily ia dispondo, muito devagarinho, sobre a mesa de piquenique.
- A Karen pegou nas bananas podres e transformou-as em ouro.
- Eu tinha um bom uso para essas bananas - defendi-me. - Simplesmente ainda não tinha descoberto qual.
- Ah, sim? - perguntou Karen, arqueando a sobrancelha. - Cultivar uma plantação de bactérias?

Ela parecia um morango humano. Mas no bom sentido. Estava corada do calor e tinha um pano cor-de-rosa preso à cintura. A sua *t-shirt* era cor de barro, com o logótipo da Federação da Vida Selvagem. Eu gostava da forma como lhe assentava. Tinha um bom par de queques.

- Num sistema ecológico bem planeado, nada se desperdiça - disse-me, empilhando os queques numa travessa. - Quer um café?

- Só se não vier acompanhado com um sermão.

- Combinado - estendeu-me uma caneca fumegante. - Que me diz de uma tortilha como principal prato de proteínas? Já vi que há bastantes ovos... ovos excelentes, frescos, caseiros...

- As minhas galinhas estão muito felizes por estarem à altura das suas exigências.

- ...e um pedaço de queijo *cheddar* aceitável. Além disso, fazer tortilhas dar-me-à a oportunidade de me livrar rapidamente do sucedâneo de presunto que tem no frigorífico. Encontrei na despensa alguns tomates e pimentos ligeiramente desidratados. Estão a ficar todos parecidos uns com os outros, mas servem. Para sua informação, as tortilhas são uma espécie de...

- Eu sei o que são.

- O que são? - perguntou Lily, apertando um prato de barro contra o peito, como se estivesse com medo de o deixar cair. Era raro usarmos pratos a sério, preferindo os descartáveis. Percebi que os dias malditos do material não biodegradável tinham chegado ao fim.

- Uma espécie de *pizza* de ovos - expliquei.

- *Pizza* ao pequeno-almoço?

- *Pizza* ao pequeno-almoço? - repetiu Joey, com olhos brilhantes. - Viva!

Karen franziu o sobrolho.

- Uma descrição mais adequada seria...

Dei um salto, entornando o café. Migalhas de nozes pecã caíram-me em cima da cabeça. Olhei para cima. A arara de Karen estava em cima do frigorífico a comer nozes. Ela pusera jornais velhos debaixo da ave para apanhar os seus excrementos, suponho, mas não as nozes. A arara viu Joey e soltou um assobio agudo e ensurdecedor. Joey riu-se e, na sua melhor imitação de Elvis Presley, disse:

- Muito obrigado.

- Muito obrigado - repetiu a ave.

Atirei uma noz à arara e limpei o café que entornara.

- Olha lá, minha grande... coisa com penas, queres ser transformada num par de sapatos azuis penugentos?

Joey riu-se da minha piada, mas foi o único. Olhei para Karen e vi-a a observar Lily com ar triste. Lily estava a pôr o último prato na mesa com o cuidado que uma criança teria, tentando não fazer nenhuma asneira.

Foi então que reparei que Karen tinha os olhos inchados. Fosse qual fosse a sua história - artista nómada, uma ova - devia ter muitas razões para chorar à noite. Quando se apercebeu de que eu estava a olhar para ela, recompôs-se rapidamente e recomeçou a dar ordens.

- A Miriam diz que você costuma supervisionar as tarefas do rancho antes do pequeno-almoço.

- Sim, bom, se por «supervisionar» quer dizer «trabalhar como uma mula de carga como toda a gente».

- Muito admirável. Óptimo. Pode então ir tratar das suas tarefas de mula. Aqui está tudo sob controlo. Volte com os outros trabalhadores dentro de quarenta e cinco minutos, aproximadamente.

- Está a expulsar-me da minha própria cozinha?
- Estou.
- Não saio daqui sem um queque.

Ela deu-me um.

Nunca se metam com um general vestido de cor-de-rosa.

Saí.

Kara

Talvez fosse a mistura de cavalheirismo, humor mordaz e coragem de Ben Thocco. Ou a bondade e respeito com que ele tratava os meus pais biológicos. E, sim, talvez fosse a excitação primitiva e arrepiante de o ver dar uma cotovelada na testa de um homem para me defender. Ou tudo junto, combinado com o facto de ele se parecer com Keanu Reeves, com sotaque sulista e botas de *cowboy*. Mas ligeiramente mais *bom como o milho,* para usar uma expressão vulgar. Um pouco mais rude. Mas no bom sentido.

Tentei estudar-lhe os olhos e a boca sem ser demasiado óbvia. Muito difícil. *El Diablo Americano* tinha olhos escuros e lábios cheios e fortes. Ben também. Mas o mesmo se podia dizer de muitos homens.

Quer fosse uma fantasia do meu passado ou uma fantasia do meu presente, Ben Thocco era tão inesperado, tão primitivo, um herói tão antiquado num mundo de relatividade metrossexual, que me deixava profundamente desconfortável e desconfiada das minhas vulnerabilidades femininas, uma complicação de que eu não precisava. Portanto, naturalmente, tornei-me de imediato defensiva quando estava perto dele.

Decidi não mencionar o meu fetiche por *El Diablo.*

Segundo Jane Austen, não há caminhos fáceis nem caminhos desconhecidos para a amizade entre homens e mulheres. Todas as danças emocionais são instintivamente organizadas e todas as reacções sexuais são previsíveis. Eu não queria ser um lemingue romântico.

Portanto, guardei a minha paixoneta para mim.

Não era fácil.

***

Quando acabámos de tomar o pequeno-almoço - não restava nem uma migalha de tortilha ou queque, e havia muitos rostos felizes em volta da mesa improvisada - um telemóvel tocou os acordes de abertura de *Aqui no Mar,* do filme *A Pequena Sereia* da Disney. Miriam resmungou e tirou o telemóvel do bolso da blusa decorada com sereias. Atendeu e passou a Ben.

- É o xerife Arnold.

Ele levou o telefone ao ouvido.

- Olá. Que se passa? - perguntou, e ficou à escuta. Eu não gostei da forma como o seu semblante se tornou ainda mais carregado. - Vou saber e depois ligo-lhe - disse.

Ben Thocco olhou para mim de uma forma que me provocou um arrepio na espinha.

- Sim? - perguntei, delicadamente.

- Por que raio andava a conduzir um carro roubado? - perguntou ele.

***

Vergonha é uma palavra demasiado suave. Fui buscar os documentos da compra da minha carrinha, esperando que as autoridades locais conseguissem confirmar que eu não roubara o veículo a nenhum cidadão da terceira idade.

Felizmente, o vendedor de carros usados em Atlanta confirmou a minha história, embora parecesse provável que, primeiro, tivesse tido de explicar muito bem a *sua* história, mas pelo menos pôs fim ao meu estatuto de suspeita. Independentemente disso, o meu carro era uma causa perdida. Fora confiscado como propriedade roubada. Mais valia que tivesse ficado destruído no meu encontro com a égua cinzenta. Pelo menos, nesse caso, eu teria podido recorrer ao seguro.

Encalhada. Encalhada nos territórios selvagens da Florida central. Não fiquei muito preocupada, e estava demasiado distraída para me aborrecer com o carro. Além disso, rapidamente se tornou evidente que o destino, apesar de Ben Thocco, estava do meu lado.

Ben

Eu estava na cozinha do rancho, rodeado pelo clube de fãs de Karen Johnson. Miriam e Lily.

- Ben, ela não é nenhuma ladra de carros - disse Miriam.
- Não disse que era.
- Então por que não gostas dela?
- Não gosto dela? Quem é que disse? - o problema era que gostava demasiado, sem saber praticamente nada sobre ela. - Quem é que disse que não gosto dela? Só não quero ter de a criar, mais nada. Falam da rapariga como se fosse um gatinho que temos de adoptar.

Miriam resmungou.

- Olhaste bem para aquele monte deplorável de coisas que ela tem? Praticamente só possui a roupa que traz vestida, aquela harpa esquisita e aquele grande e estranho pássaro. Ela *diz* que ia para o motel em Fountain Springs, mas, se é assim, porque é que tem material de campismo? É como uma cigana. Parece-me evidente que não tem onde cair morta. Não tem dinheiro. E agora não tem carro.

Lily ergueu os olhos para mim como uma galinha preocupada.

- E não tem peles.
- O quê?
- Não tem peles. As... as malas dela.
- Bagagem - interpretou Miriam. - Nem sequer pode comprar malas decentes ou uma carteira de pele, Ben. Não reparaste naquelas porcarias todas de algodão e macramé que ela usa?

Lily meneou a cabeça com veemência.

- Nem sequer tem malas d*e plástico!*
- Ouçam lá...
- E Ben, Ben... - Lily levou as mãos ao peito. - Tudo o que ela tem para comer são rolinhos de pecã do Stuckey's. Eu vi-os.

Esfreguei a cara e encostei-me a uma cadeira de cozinha. *Grub* saltou para cima da mesa com uma pequena lagartixa cinzenta na boca. Depois largou a lagartixa, que desapareceu debaixo de uma pilha de guardanapos de papel presos com uma pedra do rio.

Cobras na arrecadação, lagartixas em cima da mesa, problemas de dinheiro e o futuro de Joey sempre na cabeça. A última coisa de que precisava era de uma mulher que não se enquadrava, que provavelmente não ficaria muito tempo e que podia ter imensa bagagem que eu não queria juntar aos meus fardos. Além disso, duvidava que ela estivesse interessada em algumas horas de fornicação amigável aos sábados à noite, numa cabana sem ar condicionado. Não queria ficar mais agarrado a ela do que já estava.

Lily agarrou-me o braço.

- Por favor, Ben. Ela é a pobre bebé de alguém. Podes dar à Karen metade do meu pagamento todas as semanas, Quanto é?

Dei-lhe uma palmadinha na mão.

- Fica com o teu dinheiro. Ela é uma adulta, não é uma pobre bebé. Eu sei que tens o coração mole, mas esta jovem tem ar de quem sabe tomar conta de si própria. Para começar, podia vender aquela harpa. Provavelmente vale mais do que o carro.
- O Joey gosta dela - disse Lily - e eu também. E o Mac e a Miriam também. E a égua cinzenta.
- Ouve, Lily...
- Ela não tem ninguém, eu sei, eu sinto. Por favor, Ben. Pode ficar comigo e com o Mac. Aposto que não come muito.
- Bom, isso não sei - disse Miriam com ironia. - Pelo menos gosta muito de cozinhar. Mas aposto que conseguíamos arranjar muitas coisas para ela fazer por aqui, para pagar o que come - Miriam olhou para mim com uma sobrancelha levantada. - E ela não é propriamente feia, Ben.

Lily apertou-me mais o braço.

- Ela está tão triste. Deve ter-lhe acontecido alguma coisa má, Ben.

Ah, raios! *Raios!* Miriam agitou um palito novo debaixo do meu nariz.

- Que mal faz oferecer?

- Deixem-me pensar nisso - saí para o alpendre. Karen Johnson estava sentada debaixo de uma árvore no pátio, com a grande arara azul pousada nas costas de uma velha cadeira de madeira. *Mr. Darcy*, que raio de nome!

Não era o tipo de pássaro que se vende em lojas de animais; aquelas araras gigantes são uma espécie protegida, portanto, onde é que ela a arranjara? Era apenas uma de muitas perguntas. Karen conversava com Joey, com a harpa entre os joelhos e as mãos acariciando distraidamente as cordas.

Mac e todos os outros trabalhadores estavam de pé junto de Joey, observando-a como se ela tivesse vindo de outro planeta. Dale parecia prestes a rezar. Talvez achasse que estávamos a acolher um anjo sem o saber, como a Bíblia diz para fazermos.

Aproximei-me deles, com o cuidado de não me deixar ver pelo anjo. Queria apenas ouvir.

- Que tipo de música se toca com uma harpa? - perguntou-lhe Joey.

- A selecção é interminável. Tudo o que pode ser tocado numa guitarra ou noutro instrumento de cordas pode ser tocado numa harpa. Bach escreveu concertos, *études* e sonatas espantosos para harpa; Beethoven e Chopin criaram...

- Podes tocar qualquer coisa do Elvis?

Pausa. «Já te apanhou, Ruiva», pensei. Mas depois ela assentiu.

- Claro que sim - baixou a cabeça e levantou as mãos para as cordas.

Segundos depois, Joey - e os demais - sorriram ao reconhecer *Don't Be Cruel* num solo rápido de harpa. Quando ela acabou, toda a gente aplaudiu e Joey gritou de alegria. Depois viu que eu estava ali.

- Ben, o Elvis está a cantar para nós do Paraíso!

- Suponho que a ideia de paraíso do Elvis é uma sanduíche de manteiga de amendoim com bananas e *bacon* frito - fiz uma pausa. - Bananas *podres.*

- Oh... que homem descrente - disse Karen Johnson.

- Precisamos de conversar.

- Muito bem.

Apontei para o ribeiro com o polegar.

- Acompanhe-me ao meu gabinete.

***

Tal como já disse, o Little Hatchawatchee é atravessado por uma pequena ponte mesmo em frente da casa principal. Essa ponte leva às caravanas onde vivem os trabalhadores. Mas eu tinha construído uma ponte pedonal, mais pequena, um pouco mais abaixo. Tinha apenas largura suficiente para deixar passar uma pessoa e só cobria cerca de seis metros de água, até uma pequena ilhota relvada com um grande carvalho.

O carvalho era tão velho que estava curvado como uma anciã, como se quisesse abraçar o pequeno pedaço de terra onde se erguia. As raízes expostas estendiam-se até à água escura e desapareciam nela como as mãos escuras de guaxinins à procura de lagostins na lama do ribeiro. A ilha tinha espaço apenas para a árvore e um banco de madeira.

Sempre que me sentava naquele banco, a olhar por entre a cortina de ramos e barbas-de-velho, abria a mente para um vasto mundo de pântano e floresta. Não havia uma casa à vista, nem uma estrada, apenas a paisagem que o povo do meu pai devia ter visto antes de os colonos chegarem.

- O meu gabinete - disse, apontando para o banco. - Sente-se. É a visita, como costumamos dizer por aqui. Eu fico de pé.

Karen Johnson não era muito boa a seguir ordens. Deixou-se ficar de pé, ao meu lado, apreciando a paisagem.

- Lindo. Simplesmente lindo - disse. - Parafraseando Oscar Wilde, «A beleza é uma forma de génio... eleva os seus possuidores à categoria de príncipes».

Olhou para mim, com olhos distantes e húmidos.

- Pode rir-se da minha excentricidade. Mas é evidente que adora estas terras, este rancho maravilhoso. Logo, é um príncipe.

Quando olhava para ela eu sentia muitas coisas, mas não posso dizer que fossem muito principescas.

- Pessoalmente, prefiro citar o *Monstro das Bolachas.* O meu irmão é fã dele.

- Sei que pareço um pouco pretensiosa. Mesmo de onde venho sou considerada algo melodramática.

- Por aqui dizemos que alguém está a «armar-se em bom».

- Isso é mau.

- Bom, depende. Não estou a fazer pouco de si. Estou apenas a calcular que chegou mais longe do que o oitavo ano.

Ela pestanejou.

- Bom, sim.

- Eu não. Mas gosto do ler. Suponho que já é alguma coisa.

- Um leitor é sempre um estudante do mundo.

Ela parecia sincera. Eu queria que estivesse a ser sincera, mas não estava habituado a mulheres que levavam a minha inteligência a sério. Encolhi os ombros.

- É espantoso aquilo que se pode aprender em livros de banda desenhada.

Ela estudou as marcas dos dedos do irmão Pollo no meu pescoço.

- Está a ficar com uma nódoa negra muito feia. Dói-lhe?

- Não.

- E o seu cotovelo? Imagino que deva estar um pouco dorido depois de embater na testa *neanderthal* do Inny Pollo.

- Só me dói quando rio.

- Agradeço-lhe muito o que fez por mim ontem.

- Não fiz grande coisa. O Mac é que veio em nosso socorro. Fica fora de si quando vê mulheres a serem ameaçadas. Num mundo melhor, seria um cavaleiro, como lhe chamou. Eu? Limito-me a limpar o chão depois de a procissão de elefantes passar.

- Não é capaz de aceitar um simples elogio?

Baixei os olhos para ela. O sol que passava entre as folhas do carvalho fazia dançar sombras no seu rosto.

- Muito bem, vamos lá falar sem rodeios. Eu trato do meu negócio e cuido da minha gente. Não me esteja a adular por fazer a coisa certa.

- Não tenho nenhuma razão para o adular. Mas talvez não se tenha apercebido de que representa uma espécie rara de cavalheirismo.

- Pois, isso e um dólar já chega para um café. E nem sequer é um café de qualidade, apenas um café numa estação de serviço. Tem alguma coisa que queira confessar? Aqui entre nós?

- Não sou nenhuma criminosa.

- Isso deixa muito em aberto. Vamos lá percorrer a lista. É universitária?

- Fui, há alguns anos.

- Tem família?

- Sim.

- No Norte, Miss Hepburn?

- Sim.

- Está sem dinheiro?

Ela agitou-se um pouco.

- Não exactamente... Neste momento isso não importa. Preferia não discutir a minha história. Mas não sou ladra de carros nem qualquer outro tipo de criminosa, tarada, patife ou vagabunda.

- Anda a fugir do quê?

- De nada que o deva preocupar. Não estou... a fugir *de* nada. Prefiro pensar nisto como «tentar encontrar-me a mim própria».

- Muito bem, desde que mais *ninguém* esteja a tentar encontrá-la. Sou capaz de lidar com os problemas, desde que não me apanhem desprevenido. Vai aparecer alguém à sua procura? Um namorado violento, um marido louco?

- Não. Não sou casada e não sou o tipo de mulher que atura um namorado violento.

- Aposto que deixou marcas de facadas em alguns.

- Está a fugir ao assunto, Mr. Thocco.

- Tem dinheiro suficiente para comprar outro carro?

- Posso cuidar de mim própria.

- Calculo que isso signifique «não» - passei os dedos pelo cabelo e respirei fundo. - Muito bem, ouça. Foi uma égua do meu rancho que provocou o acidente. O facto de o seu carro ter sido roubado não é problema meu, mas o azar não a teria apanhado se não se tivesse despistado por causa da minha égua. Portanto, tem o direito de esperar que eu a compense por isso.

- Não tenciono processá-lo por danos.

- Eis o que lhe ofereço: mil dólares, em dinheiro, para ajudar a comprar um carro. E dou-lhe cama e comida de graça, aqui, durante o tempo necessário para juntar o resto do dinheiro. E dou-lhe emprego. Cozinheira. Governanta. E tudo o que seja preciso e que você possa fazer. Não é um negócio perfeito, mas...

- Aceito. E não quero os mil dólares, nem um salário. Cama e comida será mais do que suficiente, obrigada.

- Bem, ah...

- Gostava de arrumar as minhas coisas e ver que mais posso fazer para ser útil.

Eu estava atónito.

- Ouça, deixe-me explicar-lhe bem as regras. Vai ser paga. Ponto final.

- Bom, já que insiste tanto.
- Como é que há-de comprar outro carro se não for assim?
- Bom, eu... está bem. Aceito um salário. Obrigada.
- E provavelmente só posso dar-lhe emprego durante o Verão.
- Perfeito! Sempre quis ter um emprego de Verão! Obrigada.
- Nunca teve um emprego de Verão?
- Eu... - corou. - Ah, sim... claro que sim.
- Olhe... se vive do fundo de desemprego, ou de subsídios, esse tipo de coisas... não é motivo de vergonha.

O olhar dela suavizou-se enquanto estudava o meu rosto.

- Obrigada. Mas consigo... sobreviver.
- Muito bem, então. As regras são estas: trate a minha gente com respeito como trataria qualquer outra pessoa. Não os menospreze e não se aproveite da bondade deles.
- Compreendo e aceito as suas condições.
- Não sei muito bem o que pensar de si. Mas vou dar-lhe uma oportunidade de provar o que vale e tentarei ser justo consigo, para compensar o que aconteceu ao seu carro. Parece-lhe bem?
- Muito.
- Muito bem. Se precisar de respostas para algumas perguntas, fale com a Miriam. Ela e a irmã, a Lula, parecem mal-humoradas mas não são más pessoas. Não terá qualquer problema com elas. Quanto à Lily, é uma pessoa peculiar, mas não se aborreça com ela. A Lily acha que você é a melhor coisa que lhe aconteceu desde que inventaram o leite...
- Parece ser muito maternal. Presumo que ela e o Mac têm filhos?
- Não. Nenhum.
- Que... estranho. Não quero ser metediça, mas agradecia se pudesse dar-me mais alguma informação. Eles têm sido tão simpáticos comigo e parece que vou passar o Verão na casa deles... não quero dizer nada que os embarace ou magoe.

Muito inteligente. Assenti.

- Está bem. Aqui entre nós, a Lily não gosta de falar sobre bebés e o Mac também não. A Lily foi «tratada». Laqueação de trompas. Foi operada ainda em adolescente. Pelo que sei, as famílias de ambos convenceram-na a fazê-lo, como condição para a deixarem viver com o Mac. Não gosto do que lhes fizeram, mas aconteceu muito antes de eu os conhecer e, nesse tempo, era o que se fazia às pessoas como eles. Acho que é por isso que ela está sempre a dizer «pobre bebé», a torto e a direito. Porque nunca teve oportunidade de ter um bebé seu.

Karen empalideceu.

- Nunca? Ela diz que nunca teve filhos?
- Nunca. Nem um.

Karen começou a desfalecer. Agarrei-a por um braço e ela aterrou pesadamente no banco. Agachei-me ao seu lado. Meu Deus, seria tão sensível que não podia ouvir as histórias tristes das outras pessoas sem desfalecer?

- Quer um pouco de água? - perguntei.

Ela levou a mão à testa.

- Desculpe. Ainda estou um pouco abalada com os acontecimentos de ontem.

«Não parecia nada abalada quando estava a ameaçar esfaquear os Pollo», pensei. Mas não disse nada. Ela recuperou a cor e respirou fundo, depois olhou para mim e acenou com a cabeça.

- Pronto. Já passou. Não é preciso atirar-me ao rio.

- Não ia atirá-la. Apenas agarrá-la pelos pés e molhar-lhe a cabeça.

Ela tentou rir, depois desistiu e limitou-se a sorrir, apesar de ser um sorriso triste.

- Mr. Thocco, tem muito jeito com as palavras.

- É de ler tantos livros de banda desenhada e histórias de *cowboys.*

Ela cruzou as mãos no colo.

- De facto.

De facto? Juro que ela parecia ter saído de um filme antigo, uma das personagens de *Mulherzinhas,* digamos. Lily, Miriam, Dale e Lula obrigavam-nos a ver filmes de miúdas de vez em quando, e tínhamos visto esse há relativamente pouco tempo.

Ela era Jo. Sim, Jo, mas com sandálias, calções de caminhada e uma *t-shirt* «salvem o mundo» tão grosseira que parecia ter sido tecida por aranhas selvagens depois de muita *tequila.*

Dei-lhe uma palmadinha na mão, como se ela fosse um bezerro nervoso.

- Ouça, não sei o que anda a fazer por estes lados com um pássaro e uma harpa e essa treta de ser artista itinerante, mas isso é problema seu. Aqui estará em segurança e é bem-vinda se quiser ficar.

O seu rosto suavizou-se de novo e ficou ligeiramente corado.

- Obrigada - disse. - Você é verdadeiramente uma espécie rara de homem.

- Nem por isso, sou um tipo normal.

Ela sorriu. Eu sorri também.

O momento tornou-se embaraçoso. Ela franziu o sobrolho e levantou-se. Também me endireitei rapidamente. Não vou dizer que estava a corar, mas posso dizer que fiquei cheio de calor.

- Está resolvido, então - disse. - Se precisar de mais uns minutos para recuperar o fôlego, deixe-se ficar aqui a apreciar a paisagem. Eu sou o príncipe, por isso... decreto que pode ficar no meu... gabinete - estava a fazer figura de parvo.

Ela sorriu debilmente.

- Muito agradecida, alteza.

Dirigi-me à ponte, depois lembrei-me de uma coisa. Parei e virei-me para ela.

- Suponho que não quer dizer-me onde é que arranjou aquele *facón* gaúcho todo bonito com que atacou os Pollo?

Ela olhou para mim com um brilho estranho nos olhos.

- Passei algum tempo na América do Sul. Você também?

- Aqui e ali. No México e arredores. Há muito tempo.

Não adiantei a conversa.

Quanto menos falasse sobre *El Diablo,* melhor.

Ela pareceu desapontada.

Parte Dois

«Estamos seis quilómetros e meio a oeste da pequena aldeia de Island Grove, catorze quilómetros e meio a leste de uma destilaria de terebintina, e dos outros lados não contamos sequer a distância, pois os dois lagos e os vastos pântanos criam um espaço infinito entre nós e o horizonte.»

Marjorie Kinnan Rawlings, *Cross Creek*

Capítulo 7

Ben

Karen não demorou muito tempo a virar tudo de pernas para o ar. No bom sentido. Ela mandava na cozinha. Não só mandava nela como a esvaziou, esfregou e desinfectou. Karen fazia caretas sempre que olhava para a despensa cheia de esparguete enlatado e pacotes onde se lia «basta juntar água». Quase teve um ataque da primeira vez que viu o que eu tinha na arca frigorífica.

- Nunca vi tantas embalagens industriais de asas de galinha, batatas fritas e cachorros quentes - disse ela a Miriam. - Vamos dar de comer a seres humanos ou criar mutantes?

Miriam achou graça.

- A Karen perguntou-me se podia ir fazer as compras para a casa em vez de mim e da Lula - contou-me Miriam, uma noite. - «Claro», disse-lhe eu. «Desde que consigas alimentar dez pessoas durante duas semanas com o orçamento que o Ben nos dá.» E sabes o que ela respondeu? Disse que tinha aprendido a cozinhar onde as pessoas assam insectos e comem minhocas fritas. Por isso julga que consegue lidar com qualquer coisa. O que achas desta rapariga, Ben?

- Acho que é melhor estarmos atentos, não vá ela servir-nos macarrão com pernas.

Miriam riu-se.

Hum. Então Karen tinha uma faca de *cowboy* sul-americana e aprendera a cozinhar na selva. Muito bem. Mais duas peças do *puzzle* no sítio. Faltavam apenas umas mil.

Kara

Precisava de algo para concentrar as minhas energias, e fornecer três boas refeições por dia a dez adultos mantinha-me ocupada. A cozinha de Ben era o coração da casa e eu adorava-a.

Era grande, arejada, velha e informal, com manchas de ferrugem na torneira, rachas finas no tecto de ripas, um balcão de linóleo um pouco abaulado no meio e soalho de pinho que deixava ver o espaço por baixo através de um nó da madeira que saltara a um canto.

A principal peça de mobiliário era uma velha mesa de piquenique, suficientemente grande para pelo menos dez pessoas, com cadeiras desirmanadas, e a única decoração em cima dessa mesa era uma pilha de guardanapos de papel presa com a pedra pintada à mão por Lily - com margaridas.

- Pintas muito bem - disse-lhe eu. - Alguma vez pintaste em tela?

Ela corou, abanou a cabeça e saiu rapidamente da sala. Miriam sussurrou-me:

- O irmão de Mac diz que as flores dela são um disparate. Por isso, praticamente já nem pinta pedras, sequer.

O irmão de Mac. Glen. Fiz muitas notas mentais sobre aquele que era o meu tio sem o saber. Nenhuma delas boa.

Lily era a especialista em roupa suja. Apesar de alguns acidentes com lixívia, dominara a arte da máquina de lavar e do secador de roupa que residiam num pequeno recanto anexo à cozinha, E não era tarefa fácil, uma vez que, não só tratava das roupas pessoais - muitas delas manchadas de suor, terra e estrume -, como lavava também carradas de trapos dos celeiros e, de vez em quando, um cobertor dos cavalos

Passávamos todo o dia juntas, ela a lavar e eu a cozinhar, com Joey, Miriam e Lula, que faziam turnos para tratar das outras tarefas. As personalidades extravagantes de Miriam e Lula, com as pulseiras de sereias a tilintar e o seu pragmatismo divertido, agradavam-me. Eram como papagaios humanos.

Eram elas que levavam os trabalhadores às consultas médicas e levantavam as receitas na farmácia de Fountain Springs. Apenas Lily e Mac pareciam ser perfeitamente saudáveis e vigorosos. Fiquei feliz por isso. Fisicamente, os meus pais biológicos eram normais. Eu odiava a palavra «normal» e sabia que não devia usá-la como padrão, mas usava. O politicamente correcto era um conforto hipócrita.

Reflectia sobre estas coisas enquanto varria os amplos alpendres, habitados por lagartixas, aranhas, pequenas cobras, ratos, esquilos e ninhos de pardais. Mr. *Darcy* empoleirava-se nos corrimões caiados, a assobiar, a guinchar e, de vez em quando, a gritar «Ali vai!» quando alguma coisa se mexia.

As galinhas do rancho começaram a aparecer mais no pátio principal, inclinando as cabeças bonitas para olhar para ele. *Mr. Darcy* gostava de galinhas; às vezes, sentia falta de outras aves grandes. Embora já tivesse sido emparelhado algumas vezes com araras fêmeas, rapidamente se fartava da sua companhia.

Malcolm dissera uma vez num tom de brincadeira:

- Acho que ele é homossexual - e eu própria tinha as minhas dúvidas.

Seja como for, a presença dele trouxe ao de cima o sentimento territorial do grande galo do bando Thocco, que se pavoneava em direcção a *Mr. Darcy* com as penas eriçadas e ar ameaçador e enxotava as galinhas para outro lado.

- Galinha - troçava Mr. *Darcy* de vez em quando. Da maneira como o dizia, era claramente uma provocação. Joey achava que isto era a coisa mais divertida do mundo e passava muito tempo no alpendre, a olhar para *Mr. Darcy* e para o galo, enquanto eu varria.

Como era típico nas casas da Florida construídas antes do advento do ar condicionado, os alpendres rodeavam toda a casa; algumas partes estavam protegidas por uma rede, mas na sua maioria eram abertos. Durante os aguaceiros de Primavera, a chuva pingava sobre o telhado de zinco e escorria livre de algerozes sobre azáleas que eram mais altas do que eu.

As divisões interiores eram uma pequena sala de estar, a grande cozinha, dois quartos e duas pequenas casas de banho. A mobília era sólida mas em segunda mão, e a decoração consistia basicamente em estantes cheias de livros sobre gado e

administração de ranchos. Na antiga lareira de pedra, na sala de estar, há muito que fora encaixado um fogão a lenha moderno.

Havia ventoinhas de pé em todas as divisões, excepto no quarto de Joey, que tinha um grande ar condicionado montado na janela, capaz de refrescar a casa inteira nos dias mais quentes de Verão.

- O resto da casa pode estar a dois graus de pegar fogo - dizia Miriam mas o quarto do Joey é o Taj Mahal.

De facto. Ben expandira as paredes do quarto do irmão, colocara grandes janelas panorâmicas com vista para o rio e para os pastos e instalara uma porta larga para o alpendre das traseiras, onde corrimões e uma rampa permitiam a Joey deslocar-se na sua cadeira de rodas.

Não havia uma única televisão em mais lado nenhum da casa, mas Joey tinha a tecnologia mais recente - um grande televisor de ecrã plano montado na parede em frente da cama, com um sistema de satélite que lhe disponibilizava centenas de canais. Rapidamente descobri que os preferidos de Joey eram o ESPN, em todas as suas variações, o Cartoon Network, o Animal Planet e qualquer outro canal que mostrasse *cowboys,* cães, *westerns* antigos e vídeos caseiros engraçados. Numa mesa aos pés da cama de Joey havia um grande monitor de computador e numa mesinha giratória ao alcance da sua almofada estavam os comandos à distância dos jogos de vídeo.

- No Natal passado, quando a consola mais recente foi lançada, o Ben conduziu seiscentos e cinquenta quilómetros para acampar à porta de uma loja em Atlanta - disse Miriam. - As pessoas de Fountain Springs traziam os filhos cá a casa, porque o Joey teve a primeira *X-Box* desta parte do Estado.

Olhei para a velha poltrona reclinável perto da cama.

- O Ben dorme aqui todas as noites?

- Todas as noites. Se tem de ir aos celeiros à noite... às vezes há bezerros a nascer, ou potros, ou animais doentes... o Joey tem um intercomunicador - apontou para uma unidade montada na cabeceira da cama - que está preparado para tocar em todos os edifícios da propriedade. O Ben não quer que o seu irmão se assuste, ou que lhe falte alguma coisa.

O quarto de Ben devia ter sido a última das minhas prioridades, mas o facto de ele ter sempre a porta fechada intrigava-me muito mais do que gostava de admitir.

- Ninguém o limpa, nem muda a roupa da cama, nada? - perguntei inocentemente. - Ele tem ali escondida alguma colecção de ossos humanos?

Miriam encolheu os ombros.

- Nunca dorme lá. É o escritório dele. Diz que gosta de o manter privado.

Lily soltou uma exclamação horrorizada.

- O Ben nunca guardaria ossos de pessoas dentro de casa! Levava-os ao xerife Arnold!

Tive de lhe explicar que estava apenas a brincar.

***

Uma noite, Lily mostrou-me uma fotografia dos anos cinquenta que me deixou terrivelmente deprimida. Mostrava uma Lily muito nova e envergonhada, vestida com jardineiras e com um aparelho de suporte na perna deficiente, o cabelo ruivo tão curto que mais parecia rapado. Estava de mão dada com uma velha de pele curtida, num vestido estampado disforme.

Essa mulher, a avozinha Maypop, como Lily lhe chamava - havia uma tradição de nomes de flores na família[2] - parecia ao mesmo tempo triste e nervosa. Era como se soubesse que ser o centro das atenções raramente traz boa sorte aos pobres e aos incapazes.

A avó Maypop trabalhara como criada para a abastada família Tolbert e eles tinham-na deixado levar Lily, a sua neta doce e simplória, para trabalhar com ela. Aí, Lily conhecera a sua alma gémea, um rapaz doce, simples e gago. Mac. Assim, Lily e Mac tinham crescido juntos na magnificência de River Bluff, a casa pré-Guerra Civil dos Tolbert.

Lily mostrou-me uma fotografia do álbum de família de Mac. River Bluff não era um estereótipo do revivalismo grego, mas não deixava de ser uma casa grande e enfeitada, com colunas nas varandas e um torreão caiado, uma casa grandiosa segundo os padrões históricos, cheia de objectos valiosos, quadros e pianos, gerida por escravos e mais tarde por rendeiros, brancos e negros, os criados do mundo Tolbert; uma casa elegante e confortável no meio dos carvalhos e dos pântanos da Florida Norte-Central.

Pesquisei os Tolbert na Internet. Eles tinham um elaborado *site* genealógico com *links* para *sites* relacionados com a cidade de Tolbert e a sua história. Tinham fundado Tolbert, na Florida, na década de 1830, transformando um entreposto comercial da era dos pioneiros numa vila próspera e histórica nas margens do grande rio St. John.

O St. John é um curso de água enorme, que percorre quase quinhentos quilómetros em direcção ao Norte, desde os pântanos da Florida Central até desaguar no Oceano Atlântico, perto de Jacksonville. Nas proximidades de Tolbert o rio tem mais de três quilómetros de largura.

Tolbert, tal como a sua prima famosa e maior, Palatka, foi um porto de abastecimento crítico para o exército confederado durante a Guerra Civil e uma importante paragem para os barcos a vapor. Por volta de 1800, todas as fantasias da era dos barcos com rodas que possamos encontrar em Mark Twain e em espectáculos como *Show-boat,* existiam nas margens cobertas de palmeiras desse rio.

A família de Mac possuíra barcos a vapor e destilarias de terebintina, serrações e quintas. Um legado próspero, então e agora. Glen Tolbert - o meu tio, se quisesse pensar nele assim - era proprietário de várias grandes quintas comerciais, concessões de *fast food, stands* automóveis e uma empresa imobiliária. Já fora casado várias vezes e tinha filhos crescidos e ex-mulheres espalhadas pelo Sul do Estado.

Os Tolbert modernos eram um grupo poderoso. Não poderiam ter tolerado o meu nascimento? Não poderiam ter absorvido o pequeno escândalo da filha ilegítima de Mac e Lily? Não poderiam ter convencido Mac e Lily a ficarem comigo?

A, pelo menos, admitirem que eu tinha nascido?

---

[2] Maypop significa «flor de maracujá» , e Lily significa também «lírio», daí esta referência. (N. da T.)

***

Os dias num rancho de gado eram longos e cansativos. Centenas de bezerros tinham de ser reunidos, castrados e vacinados, desmamados das mães e preparados para o envio, em grandes camiões, para ranchos enormes no Oeste.

A indústria de gado da Florida tinha um papel importante a nível nacional, mas era conhecida como um negócio «vaca-bezerro», o que significava que a sua função principal era criar bezerros até à idade do desmame, depois vendê-los a outros, que os criavam até serem adultos e bons para abate.

Como semivegetariana, eu não comia carne, e considerava a indústria de gado uma grande fonte de poluição, tanto em termos de saúde humana como de recursos ambientais. Felizmente, era sensata o suficiente para guardar essa opinião para mim.

Por algum tempo.

Várias noites por semana geralmente quando dava um jogo qualquer na televisão toda a gente se reunia naquilo que, no rancho, podia ser considerada a sala de entretenimento.

Ben isolara uma parte do palheiro, por cima do celeiro do gado, onde colocara uma mesa de bilhar, vários sofás velhos, um frigorífico bem abastecido de cerveja barata e aperitivos, um microondas para fazer pipocas, uma casa de banho, vários anúncios de cerveja em *néon, posters* desportivos e uma televisão de sessenta polegadas.

Quando não estavam a ver jogos de futebol, basebol, basquetebol ou transmissões de *rodeos,* o pessoal do rancho via filmes em DVD. O género dos filmes pendia fortemente para acção-aventura, comédias picantes e desenhos animados.

As noites de televisão eram alegres. Todos discutiam pelos seus locais preferidos nos sofás, bebiam cerveja, comiam pipocas, riam, gritavam alegremente com a televisão e adormeciam com as cabeças nos ombros uns dos outros à medida que a noite avançava.

Lula encaixava-se entre Cheech e Bigfoot. Dale e Roy davam as mãos. Mac e Lily punham Joey entre ambos, quando ele adormecia. Era Mac que tinha o dever de levar Joey ao colo pelas escadas da sala de entretenimento.

E Ben? Sentava-se numa velha poltrona, na sombra, à parte do grupo, a ver o irmão dormir, com o queixo bem delineado apoiado num punho, os olhos sombrios. O que lhe passaria pela cabeça? O que o preocupava? Às vezes, o seu olhar cruzava-se com o meu. Eu não conseguia interpretá-lo. Ele observava-me da sombra e eu observava-o a ele.

Miriam e eu estávamos a murmurar a um canto, perto do frigorífico.

- O Joey diz que tu e a Lula eram amigas da mãe dele e do Ben - disse a Miriam. - Isso é um legado maravilhoso. Fazem parte da família.

Ela assentiu.

- O Ben e o Joey são como se fossem nossos filhos. Tivemos maus maridos, eu dois e a Lula três. Enfim. E a Lula nunca conseguiu ter filhos.

- E tu?

- Tive três. Rapazes muito queridos, mas selvagens como lebres. Morreram os três num acidente de automóvel, contra um poste telefónico. O mais velho tinha dezoito anos. Ia a conduzir. Estava sob o efeito de drogas.

- Oh, Miriam, lamento muito.

- Não pude dar-lhes o tempo que devia. Estava sempre a trabalhar. Eu e a Lula conseguimos os nossos diplomas de auxiliares de enfermagem depois de ficarmos velhas para trabalhar como sereias. Trabalhámos em lares de terceira idade, em hospitais, em casas particulares, a tomar conta de velhos ricos.

- Já trabalham para o Ben há muito tempo?

- Dez anos. Desde que ele e o Joey voltaram do México. Ajudamo-lo a tomar conta do Joey e dos outros.

- Qual é a gravidade do problema de coração do Joey? - perguntei.

Miriam mordeu um palito novo.

- Bastante maior do que o Ben quer admitir, acho eu. Mas ele não diz nada. Vive para aquele rapaz. Não consigo imaginar o Ben sem ele.

- Como é que o Ben conseguiu arranjar-se depois de os pais morrerem?

- Fugiu para o México para não lhe tirarem o Joey. O Ben tinha dezasseis anos, o Joey sete. Voltaram quando o Joey tinha quase dezoito e o Ben vinte e poucos. Depois ele comprou este rancho.

Aproximei-me mais.

- Só por curiosidade, o que é que o Ben fez no México? Que tipo de trabalho?

Ela lançou um olhar rápido a Ben, que estava concentrado na televisão. Um jogo dos Atlanta Braves. Miriam murmurou:

- Era *wrestler.* Mas odiava. Nunca lhe faças perguntas sobre isso.

- Que nome é que usava?

- O Diabo Americano. *El Diablo Americano*.

Era verdade. Encontrara-o.

O meu coração recuou no tempo. Eu tinha dezasseis anos e estava a ver televisão, durante uma viagem familiar a São Paulo. Íamos regularmente a essa grande cidade brasileira. Os meus pais tinham lá uma casa enorme, onde recebiam *la Crème de la Crème* do movimento ambientalista

Como de costume, eu tinha-me fechado no quarto com pilhas de livros, revistas, um pacote de doces de dieta e a minha paixão pirosa mas deliciosa: telenovelas latinas. As telenovelas eram transmitidas em espanhol e, de vez em quando, dobradas em português para o público brasileiro. Eu falava ambas as línguas.

A partir do momento em que vi *El Diablo,* não precisei mais de nenhuma delas. Ele falava comigo na linguagem silenciosa e poderosa do amor adolescente.

Ele tinha um papel secundário num melodrama lamechas. O enredo não tentava sequer clarificar a distinção entre *El Diablo Americano, wrestler* na vida real, e *El Diablo Americano,* personagem de telenovela. Eram uma e a mesma pessoa.

Ele era jovem, alto e forte, e falava um espanhol excelente, com sotaque americano. O seu estilo de representação não era extraordinário, mas, na verdade, as telenovelas não se prestavam a representações *shakespearianas.*

Representava um tipo mau, perigoso e apaixonado. Os olhos escuros brilhavam através dos buracos da máscara de poliéster azul com algumas riscas vermelhas e brancas de lado. Usava-a com tudo, quer fosse calções de futebol ou *smoking*. Usava-a na cama. Seduzia boas meninas. Seduzia boas mulheres. Partia-lhes o coração.

Sempre com a máscara posta.

Não havia cenas de sexo ou nudez, apenas muitas cenas com o seu peito nu. Nunca lhe vi o rosto, mas via regularmente aquele peito atraente. Era um peito nu maravilhoso.

O que parece ridículo agora era, na altura, o homem mais misterioso, sensual, desejável e proibido do mundo. Nessa noite, aquela adolescente que era eu, deitada na cama a pensar em *El Diablo Americano,* descobriu as alegrias da... hum... da autogratificação, chamemos-lhe assim. Desabrochei tarde, nesse aspecto. Graças a *El Diablo,* depois disso, desabrochava constantemente.

- Karen? - disse Miriam. - Sentes-te bem? Estás a ficar vermelha.

Pestanejei. De volta ao presente.

- Sim. Estou apenas a absorver essa informação fascinante.

- Como disse, não toques no assunto. Ele simplesmente odeia falar nisso.

- Porquê? O *wrestling* profissional é um entretenimento respeitável. E muito atlético. A versão mexicana é baseada mais em agilidade do que em força. Alguns dos *luchadores* são graciosos como ginastas. Se juntarmos alguns movimentos de artes marciais deslumbrantes... bom, foi o que ouvi dizer.

- Sim, concordo contigo, mas o Ben não vê as coisas dessa maneira. Primeiro, ele não gostava de fazer o papel de americano mau. Diz que o fazia sentir-se pouco patriótico. Segundo, é um actor terrível e sabe disso. Terceiro, abominava andar a pavonear-se de máscara e calcinhas justas. Por último, as pessoas estavam sempre a falar e a rir dele, porque a sua carreira foi orientada e gerida por uma mulher rica com quem ele viveu no México.

- Com quem viveu?

- Sim, ele e o Joey. Ela acolheu-os, adorava o Joey e tinha conhecimentos no mundo do espectáculo. Meteu o Ben no *wrestling* e depois nas telenovelas. Ele era como o seu cãozinho premiado. E ela mantinha-o numa trela curta.

Senti o coração afundar-se. Lancei outro olhar furtivo a Ben, para me certificar de que ele ainda estava a olhar para o jogo na televisão.

- Estás a dizer que ele esteve envolvido romanticamente com esta mulher durante dez anos?

- É a forma mais delicada de o descrever. Ele tinha dezasseis anos quando ela os acolheu, e ela já tinha uns quarenta e cinco, embora bem conservados. Vi fotografias dela. O Ben tem algumas nos arquivos, no escritório. É por isso que gosta de o manter privado.

- Ela *abusou* dele.

- Na altura, não foi assim que as pessoas o viram.

- Ele ainda mantém o contacto com ela?

- Não, ela morreu há alguns anos. Costumava telefonar-lhe, para falar sobre algum dinheiro que ele tinha a receber de vez em quando, sabes, a parte dele na venda de vídeos e coisas desse género.

- Hum... Há DVDs com as colecções de todas as telenovelas em que ele entrou e os pontos altos da sua carreira de *wrestler*. Ainda deve receber direitos de autor de vez em quando.

- Há o quê? Em DVD? Como é que sabes?

- Bom... imagino que deve haver. É assim que essas coisas funcionam, não é?

Ela lançou-me um olhar desconfiado. Eu desviei os olhos e fingi-me inocente. Tinha os DVDs todos. Razões sentimentais.

Miriam encolheu os ombros.

- Seja como for, cheguei a ouvir o Ben a falar com ela ao telefone. Chamava-se Cassandra. Ele era sempre educado com ela. Mas quando desligava, sem falha, bebia quatro tragos de *bourbon*. Puro. Pela garrafa. Depois ia dar um longo passeio a cavalo. Isso deve dizer-te o tipo de recordações que ela lhe trazia.

- Ele foi molestado.

- Se lhe perguntasses, dir-te-ia que ela lhe ofereceu uma oportunidade e ele aceitou-a. Ganhou muito dinheiro, o Joey era bem tratado e, quando o Ben estava pronto para voltar, ela desejou-lhe felicidades e deixou-o partir. Ele conservou a sua dignidade. Mais ou menos.

- Não há dignidade quando o dinheiro e a idade se aproveitam da pobreza e da juventude.

- Querida, *eu* sei disso. Mas é como o mundo funciona. Foi assim que as coisas aconteceram.

Senti-me agoniada. Nunca mais conseguiria olhar para *El Diablo Americano* da mesma maneira. Agora sentia-me protectora em relação a ele. E zangada por ele. Não admira que ele fosse um dos vilões.

Ele era Ben. E Ben sofrera.

- Não digas ao Ben que te contei estas coisas - murmurou Miriam. - Fica só entre nós?

- Só entre nós.

- Não deixes que isso te faça pensar menos dele. Nao é nenhuma alma traumatizada. Ele saiu-se bem. É um bom homem, bom para as mulheres, uma pessoa doce. Já teve algumas namoradas e elas veneram o chão que ele pisa.

- Nenhuma de momento?

Miriam fez um ar um pouco atrapalhado, mas atribuí-o ao facto de estarmos rodeadas de gente.

- Não. Tem sido um solitário em termos de amor. Mas acho que está decidido a procurar a mulher certa e a assentar - virou os olhos astutos para mim. - Ora, talvez a mulher certa esteja mesmo aqui à minha frente!

Nesse momento passou na televisão um anúncio da associação nacional de carne de vaca. Toda a gente aplaudiu.

Quando vi Ben a olhar para mim, aplaudi também, mas usando apenas as pontas dos dedos contra a palma da outra mão. Sorri-lhe gentilmente, lutando contra o nó na garganta.

Ele franziu o sobrolho. Mensagens confusas.

Recompus rapidamente a minha expressão e aplaudi com veemência a indústria de carne. Nenhum homem quer que uma mulher tenha pena dele por ter sido ferido e humilhado por outras mulheres.

Nem mesmo *El Diablo*.

***

- Dia de pagamento - anunciou Ben uma noite, enquanto Lily e eu púnhamos a mesa para o jantar. Assim que nos sentámos todos à mesa, distribuiu envelopes brancos a cada um, incluindo Joey. E eu. Eu estava lá há duas semanas.

- Oitenta horas, mais horas extras - disse ele.

Meneei a cabeça.

- Não preciso de tanto, a sério...

- Aqui ninguém trabalha sem ser pago - disse ele num tom irritado. Tens algum problema com o trabalho?

- Não, claro que não. Mas...

Todos olharam para mim com ar preocupado. Guardei o envelope no bolso dos calções.

- O que eu estava a tentar dizer era: talvez não devesses pagar-me horas extra *antes* de provares a minha última experiência culinária. É um guisado de batata-doce com queijo de soja e cobertura de iogurte.

Sorrisos. Todos relaxaram. Até os ombros largos de Ben pareceram menos tensos, embora continuasse a estudar-me enquanto se sentava.

- Possum, diz à Karen aquilo que costumamos dizer aqui sobre o dinheiro.

Possum recitou:

- O único dinheiro bom é o dinheiro *ganho.*

Miriam sorriu.

- Isso é o que o *Ben* diz. Eu digo: «Todos deviam ficar podres de ricos como pudessem.»

Olhei atentamente para Ben.

- Tens alguma coisa contra os ricos?

- Não. Gostava de ser um deles.

- Mas desconfias deles.

- Desconfio daqueles que *conheci.* Claro. Desconfio de *qualquer pessoa* que tenha poder sobre a minha vida ou a vida destas pessoas. Não tem só a ver com dinheiro. Tem a ver com influência. Às vezes até para a Oprah olho de lado.

Dale fez uma careta.

- Já te disse, Ben, Jesus perdoou-lhe por dizer mal da carne de vaca.

Inclinei a cabeça e olhei para Ben com ar sério.

- Achas que é apropriado uma mulher aceitar dinheiro do marido, e o marido da mulher?

- Claro. Qualquer pessoa que tenha um bom casamento te dirá que é preciso que ambos trabalhem para conseguirem ganhar a vida. Desde que sejam parceiros em pé de igualdade.

- Então a tua definição de «dinheiro ganho» não é literal?

Lula riu-se.

- Qualquer mulher que ature um marido merece todos os tostões que conseguir arrancar-lhe.

Ben tamborilou com os dedos na mesa.

- Tudo depende daquilo que for preciso abdicar em troca desse dinheiro. Orgulho, dignidade, amor-próprio.

- E se alguém, por exemplo, *herdar* muito dinheiro? Achas que devia renunciar a ele?

- Dê-mo a mim. *Sí*! - disse Cheech.

Toda a gente riu.

Ben lançou-me um olhar sombrio.

- Depende de como o ganhou.

- Eu disse «herdar».

- A questão é *como* a pessoa o herdou e o que faz com ele depois - hesitou. Ser politicamente correcto era difícil. - Uma pessoa não é livre se estiver acorrentada a dinheiro que sinta não ter merecido.

- Então, pelas tuas regras, presentes em dinheiro não são aceitáveis? Mesmo que tenham sido oferecidos com amor?

- Nunca vi um caso em que um presente em dinheiro não ocultasse outra intenção.

- Então não concordas com o ditado, «A cavalo dado, não se olha o dente».

- Pode morder, como a égua cinzenta. - interrompeu Joey.

Ben sorriu melancolicamente.

- Sim. Tudo o que seja livre, geralmente, morde - serviu-se de umas colheres de guisado de batata-doce e espetou com o garfo uma coisa pegajosa, mole e branca. Fez um trejeito de asco. - Posso dizer-te uma coisa sobre dinheiro, Karen. Se herdares uma fortuna, faças o que fizeres, não invistas em queijo de soja.

Risos.

Tive de pôr o assunto de lado.

Ben

Já diz o ditado, «Deus ajuda quem se ajuda a si próprio». Pois bem, na minha opinião, há muita gente a servir-se de muito mais do que Deus tencionava dar-lhes, e essas pessoas não se importam nada de tirar às outras aquilo que Deus lhes deu.

- Deus é um banqueiro - ouvi um pregador dizer uma vez. - Empresta-nos a vida mortal e dá-nos a eternidade, com juros.

Não. Deus não é banqueiro. Deus tem uma casa de penhores e fica à espera para ver o que estamos dispostos a sacrificar. Até onde somos capazes de ir, antes de perdermos tudo aquilo que nos é querido.

Eu estava decidido a não lhe dar nada que não pudesse resgatar mais tarde.

Quando regressei do México, jurei que nunca mais deveria obrigações a ninguém, homem ou mulher. Depois peguei em trabalhadores que precisavam de ajuda para conseguirem viver com alguma dignidade, mais do que um emprego normal lhes poderia dar. Sim, há ajudas do governo para pessoas como os meus empregados, mas isso obriga-as a mendigar por migalhas. Eles precisavam de ajuda, não de continuarem dependentes. Assim, eu pagava-lhes um salário a sério por trabalho a sério, dei-lhes abrigo e fiz-lhes seguros médicos.

Quando dei por isso, precisava de um empréstimo aqui, uma segunda hipoteca ali. Se juntarmos a isso dois anos em que o preço da carne caiu, estava praticamente falido. Mas, por Deus, ia aguentar-me enquanto conseguisse, aceitando o mínimo de ajuda possível.

E não me aproximaria da casa de penhores do Dólar todo-poderoso.

***

- Só para que saibas: a Karen só compra legumes *orgânicos* no mercado em Fountain Springs - disse-me Miriam uma tarde, enfiando a cabeça no meu escritório. - Não sei exactamente como é que decide o que se qualifica como orgânico - continuou -, mas ela tem um sistema.

Ergui os olhos da secretária e resmunguei:

- Talvez haja feijões-verdes silvestres, que treparam livremente pela estaca antes de serem colhidos

- E está a fazer um acordo com a Louisa Crocker para trocar excrementos de galinha pelos *pickles* caseiros e pelas conservas sem açúcar da Louisa. Oh, e a Karen está a negociar uma troca com o Keeber Jentson. Sabes quem é, o velho *hippie* com o rebanho de cabras.

- Troca? A menos que ela tenha alguma planta de marijuana para lhe dar...

- Bagas de palmito. Ele quer apanhar as bagas dos teus palmitos quando estiverem maduras, em Agosto.

- O Keeber deve andar a fumar mais erva do que eu julgava. Qualquer homem que se meta no meio dos palmitos em Agosto para apanhar meia dúzia de bagas deve estar para lá de pedrado.

- Ele diz que consegue vendê-las, ao alqueire, a uma companhia de comida saudável. Fazem comprimidos com elas. São boas para a próstata e para o desempenho sexual dos homens. Foi provado por vários médicos. Não são as tretas habituais de ervanária. A Karen sabe as estatísticas todas, pergunta-lhe.

«Uma conversa com a Karen sobre plantas para melhorar o desempenho sexual?» Não, não precisava de ajuda nesse departamento quando estava perto dela; na verdade, falar sobre o tema com Karen provaria, certamente, que o meu material estava a funcionar na perfeição.

Pigarreei.

- Bem, Miriam, já o meu avô pregava as virtudes do palmito, mas eu não sabia...

- A Karen diz que precisas de diversificar as tuas fontes de rendimentos.

- Bom, ainda não tenho problemas de próstata, por isso diz-lhe que não se preocupe comigo. Além disso, o que é que o Keeber nos daria em troca das bagas?

- Queijo de cabra caseiro.

- O Keeber faz queijo de cabra? - havia muitos rumores sobre Keeber e o seu amor pelas cabras. O queijo não estava entre eles.

- Claro que sim. Tem um contrato com restaurantes finos e lojas de alimentos saudáveis, de Tallahassee a Jacksonville. Vende o queijo tão depressa quanto consegue ordenhar as suas meninas.

- Não me digas. E ele abastece-nos, em troca de bagas selvagens?

- Sim. Não é o máximo?

Não, não era.

- Mas será que ela acha que eu nem sequer tenho dinheiro para comprar comida?

- *Ben* - disse Miriam calmamente. - Estou a ver essa expressão na tua cara. O teu pior defeito é esse orgulho teimoso. Ben? Qualquer idiota consegue ver que estás preocupado com o dinheiro. *Aceita o raio do queijo de cabra.*

- Não tenho nada contra orçamentos e trocas e bagas e seja o que for, mas...

- Ela diz que são pequenos passinhos para que o rancho se torne numa cooperativa auto-sustentável, orientada para a comunidade. Deixa-a em paz, Ben. É uma rapariga esperta. Pode poupar-te algum dinheiro. As pessoas na cidade acham que ela é boa para ti. Gostam dela.

- Está bem, está bem.

Miriam sorriu.

- Sabes, nos anos sessenta, a tua mãe e eu, na praia em Key West, olhávamos para Cuba e perguntávamo-nos se iríamos ser destruídos por Castro e pelos russos. Nessa altura, as pessoas teriam dito que a Karen era uma vermelha com conversas comunistas.

- Bom, a Karen pode ser vermelha, mas não me parece que seja comunista.

Miriam aproximou-se e espetou-me o dedo no peito.

- É uma dádiva de Deus, é isso que ela é. E tens de a convencer a ficar aqui, permanentemente. Compra alguns comprimidos de palmito, se é que me entendes.

Sorriu e deixou-me com os meus pensamentos.

Bagas, sexo e Karen. Uma mistura embriagante.

Kara

«Metade do mundo não consegue compreender os prazeres da outra metade», disse Jane Austen.

Eu acreditava nisso com todo o meu coração. Até agora, a minha vida fora uma aprendizagem para dar valor ao «outro», mas sem nunca ter realmente vivido o «outro». Uma coisa é viver *entre* pessoas diferentes de nós, observando, mas à parte; outra coisa completamente diferente é viver *com* essas pessoas, partilhando os seus problemas como se fossem nossos. O rancho não era um ambiente teórico. Era o mundo real, com questões práticas do dia-a-dia, rodeado pela invasão do desenvolvimento, assolado por

dificuldades económicas. Era um local de perigo iminente. Era o sítio, e as pessoas, de que eu tinha andado à procura. Talvez este rancho fosse o cantinho deste mundo verde de Deus que eu podia salvar.

Não há nada mais maravilhoso do que sentirmo-nos necessários.

Eu nunca tinha tido essa sensação antes.

Capítulo 8

Ben

Desde que Karen chegara, cada refeição era um acontecimento. Estávamos sempre à espera de ver o que faria a seguir. Um dia, enquanto eu e os trabalhadores do rancho entrávamos na cozinha à hora do almoço, ela disse:

- Oh... preciso de mais ovos crus para o molho da salada César.

Ovos crus? Toda a gente trocou um olhar preocupado e depois olhou para mim.

- Não faz mal, tenham calma - respondi. - Vai ficar bom. É uma receita fina. Nem vão perceber que leva ovos crus.

Karen sorriu.

- Venho já - saiu para o alpendre das traseiras e seguiu em direcção à capoeira.

- Cuidado - gritou Bigfoot. - Vi uma cobra-rateira aí fora há pouco. Era grande o suficiente para comer um... *rato.* E elas *gostam* de ovos crus! - Apesar do seu tamanho, Bigfoot tinha medo de cobras.

Karen virou-se para trás e sorriu.

- Alguma vez viste uma cobra grande o suficiente para comer uma vaca?

Bigfoot empalideceu.

- Não.

- Eu já.

E dirigiu-se para a capoeira.

Olhámos novamente uns para os outros. Mac virou-se para Lily e perguntou num tom solene:

- Há c-cobras desse t-tamanho no Norte?

- Acho que não, pois não, Ben?

- Não. Acho que ela está a falar da América do Sul.

Roy lançou-me um olhar confuso.

- Mas o Sul da América não é *aqui?*

- Não, aqui é... fazemos assim: logo à noite, procuro um mapa no computador para vos mostrar.

- A América do Sul é a sul do México - disse Joey. - O Ben costumava ir lá muitas vezes, em trabalho.

Olhei para ele de lado e Joey baixou a cabeça num pedido silencioso de desculpa. Não se falava sobre *wrestling.*

Os trabalhadores olharam todos para mim de boca aberta.

- Ben, alguma vez viste uma cobra grande o suficiente para comer uma vaca? - perguntou Possum. Parecia prestes a esconder-se debaixo da mesa.

- Não. Ouçam, não precisam de se preocupar com cobras gigantes. Prometo. Elas não vão esconder-se num barco para Miami, nem passar a fronteira do Texas às escondidas, nem apanhar o autocarro de Tijuana. Não vão aparecer aqui.

O grupo relaxou um pouco.

Mac exibiu uma expressão de orgulho.

- A K-karen não t-tem medo de n-nada. Nem de c-cobras gigantes. Nem de ovos c-crus. Nada. É uma rapariga especial.

Lily sorriu e fez um gesto de concordância.

- Ela faz a cama dela e lava a louça e limpa a casa de banho. E à noite, às vezes, sentamo-nos à mesa da cozinha e eu vejo-a pintar. Ela está sempre a insistir comigo para pintar também um quadro, mas eu prefiro olhar para ela.

- Ela g-gosta dos cestos que eu f-faço - informou Mac. - Os meus cestos de b-bambu. Eu disse-lhe que aprendi a f-fazê-los q-quando era pequeno e que a avó Bee m-me ensinou...

- A avó Bee era a cozinheira na casa dos Tolbert, em River Bluff - informou Lily. - Ela dizia que fazia cestos tal como a sua trisavô os fazia em África. A minha avó era governanta na casa e eu ajudava-a nas limpezas, por isso a avó Bee tentou ensinar-me também a fazer cestos africanos, mas eu não sou capaz. Mas ela dizia que o Mac tinha muito jeito. A Karen também diz o mesmo.

O sorriso de Mac abriu-se mais.

- A K-karen diz q-que eu estou a manter v-viva uma tradição t-tão antiga como a c-civi... civili... zação.

Lily inclinou-se para a frente e baixou a voz como se tivesse medo de que o resto do mundo a ouvisse.

- A Karen perguntou-me por que é que o Mac não mostra os cestos dele às pessoas. Diz que, da próxima vez que houver uma feira de artesanato em Fountain Springs, devíamos levar os cestos do Mac para vender. Eu disse-lhe o que o Glen diz. Que o Mac é um Tolbert e os Tolbert não vendem cestos à beira da estrada como os ciganos. O Glen diz que as pessoas vão pensar que o Mac é estúpido e que não sabe trabalhar a sério. Quando eu contei isto à Karen, ela tirou os cestos todos do armário e pô-los em cima da mesa da cozinha. Disse que fazer bons cestos não tem nada de estúpido. Disse que os cestos do Mac deviam estar num museu. Ora toma!

Eu escutei-os com preocupação. Eles adoravam Karen, como se ela tivesse vivido a vida toda no rancho. Todos os dias era «A Karen faz isto e a Karen faz aquilo». Joey sentia o mesmo. Ela conversava com Joey sobre comida, música, arte e todo o tipo de coisas, na sua voz solene com sotaque do Norte. Tocava harpa para ele todas as tardes. Joey andava positivamente a brilhar.

Karen podia muito bem ser o melhor remédio para o seu coração doente.

E para os corações carentes de Mac e Lily. E para o meu coração solitário. E era isso que me deixava *mesmo* preocupado.

Kara
A caminho dos pastos

- *Pst* - fez Lula baixinho, no corredor junto à porta do escritório de Ben. - Chega aqui, Karen. Quero mostrar-te uma coisa privada de que o Ben não gosta de falar.

Eu estava a arranjar comida para um piquenique na pradaria. Essa era a minha maneira de ver as coisas. Na realidade, estava a preparar-me para ir levar o almoço a Ben e aos outros, algures nas profundezas dos pastos e florestas do Rancho Thocco. Estava entusiasmada com a aventura.

Mas a atracção pelo escritório de Ben era irresistível. Percorri sorrateiramente o corredor estreito, como se houvesse câmaras de vigilância. Lula, que era também secretária e contabilista de Ben, estava em frente da porta entreaberta.

Parei.

- Lula, não posso, em boa consciência, entrar no escritório sem autorização dele.

Ela soltou uma risada desdenhosa.

- Não estava a convidar-te. Posso ser muitas coisas, mas não sou uma traidora. Completamente. Não, olha. O que quero mostrar-te é isto, porque sei que o Ben dá a impressão de ser um tipo inflexível e incapaz de dar o braço a torcer. Mas olha aqui...

Estendeu-me um monte de certificados de prémios. Enquanto os lia, a minha boca abria-se.

- Oh, céus - murmurei. - Oh, *céus.*

Lula sorriu e deu-me uma cotovelada.

- Eu sabia que isto te deixaria em *brasa.* Agora vê lá se és simpática para o rapaz.

Soltando uma gargalhada, tirou-me os certificados das mãos, voltou a colocá-los no covil privado de Ben e fechou a porta.

Ben
A carne

- Jesus diz para irem para ali - gritou Dale a um aglomerado de vacas, enxotando-as com as mãos e o pequeno cavalo de gado. Montava uma pequena égua Cracker castanha, à qual pusera o nome *Escaravelho.*

A égua tinha esse nome porque corria atrás das vacas com um passo duro e bamboleante que fazia lembrar um escaravelho a correr. Dale adorava aquela égua, quase tanto como amava Roy e Jesus. A sela de *Escaravelho* era trabalhada à mão, com crucifixos e números de versículos das Escrituras. Um Natal, Roy pedira-me duzentos dólares emprestados, para mandar fazer a sela. Dale chorara de alegria quando a vira. Ela e Roy tinham sido só sorrisos, do Natal até ao Ano Novo.

- Tragam os bezerros ao longo da cerca - disse eu a Cheech e a Bigfoot pelo *walkie-talkie.* Estávamos a transferir quinhentas cabeças para a floresta na parte leste do rancho, onde podiam passar os dias mais quentes a dormitar à sombra dos carvalhos gigantes. Aquelas árvores já ali estavam quando George Washington disse que não era capaz de mentir. Davam sombra ao gado desde que os rancheiros pioneiros vendiam as suas manadas à Cuba espanhola. Escravos em fuga tinham-se escondido entre elas. Ianques e rebeldes tinham acampado à sua sombra. Aquelas árvores tinham olhado para o céu quando John Glenn subiu ao espaço, do Cabo Canaveral. Eram marcos históricos vivos. Guardavam nas raízes as histórias de fantasmas, tribos e gerações inteiras.

Cheech e Bigfoot conduziram os seus cavalos em direcção aos bezerros tresmalhados. Os animais olharam para eles, fascinados. Há qualquer coisa no passo sedutor e deslizante de um cavalo Cracker que acalma os corações dos bovinos. Uma codorniz, com a sua ninhada atrás, correu de uma cerca à outra, atravessando rapidamente o véu de poeira levantado pelos cascos dos animais.

Eu deixava as minhas cercas de rede cobrirem-se de sebes vivas e flores silvestres. É muito inteligente, em termos ambientais, disseram-me os especialistas. «É senso comum», murmuraram os meus fantasmas Cracker-Seminole.

O gado usava as cercas cobertas de vegetação como sombras e corta-ventos. Os animais selvagens usavam-nas como casa. Codornizes, coelhos, guaxinins, esquilos, aves, perus - eu já vira de tudo a sair daquelas cercas. Juro, havia dias em que uma sebe daquelas proporcionava mais diversão do que um circo.

- Cinco-dois-nove - chamou Mac. Olhei para ele. Estava no meio das vacas, a dar-lhes palmadas nos flancos avermelhados enquanto elas passavam. Apontou para uma. - A cinco-d-dois-nove perdeu a identificação E a sete quatro oito também, e a dois t-três dois.

Magia, pura e simples. Mac não só conseguia distinguir vacas que, aos meus olhos, pareciam todas iguais, como ainda se lembrava dos números de identificação de cada uma. Eu via apenas mais um bovino fêmea com a cria. Mas Mac conhecia cada vaca e cada bezerro e, para ele, cada animal era especial.

Outro bando de codornizes atravessou a relva do pasto em passo rápido. Uma nuvem de pó ergueu-se de uma zona sem erva. Pensei para comigo que tinha de voltar a semear o pasto. O trabalho de um rancho não é apenas tratar do gado, é também cultivar. Relva com alto teor de proteínas produz carne com alto teor de proteínas. Comemos o que as vacas comem.

Harmonia. Não se pode ganhar a vida com a natureza se a natureza não puder contar connosco.

O meu *walkie-talkie* crepitou de novo.

- Estarei aí com a carroça ao meio-dia - disse Karen.
- Não lhe chamamos carroça. Chamamos-lhe tractor.
- Oh, pobres sem imaginação.
- Oh, pobre com imaginação a mais - retorqui.

Ela riu-se. O som percorreu-me da cabeça aos pés. Mesmo através do *walkie-talkie* tinha um riso *fabuloso.*

Fiz uma nota mental para tentar arranjar-me um pouco antes do almoço. Tinha o chapéu de palha ensopado em repelente de mosquitos. O suor escorria-me pelas pernas abaixo, dentro das calças de caqui. Esqueçam as calças de ganga. Um *cowboy* a sério, na Florida, veste calças do algodão mais fino que conseguir encontrar. E camisolas de alças. E protector solar, mesmo para quem tem pele resistente e sangue índio. E óculos de sol. Dos grandes. Havia dias em que eu parecia um nadador-salvador a cavalo.

Mas cheirava a qualquer coisa morta na praia há vários dias.

***

Raios. Karen apareceu uma hora mais cedo, com o cabelo ruivo enfiado num chapéu de palha de aba larga, com uma fita com margaridas, que Lily lhe oferecera. A carroça - um dos tractores do rancho - puxava um pequeno atrelado metálico, que ela enchera de geleiras, caixas de mantimentos e o grelhador a carvão mais pequeno, que costumava estar no alpendre das traseiras. Lily estava sentada no meio de tudo isso, numa cadeira de armar, a sorrir e a acenar-nos.

Com a outra mão, segurava a corda da égua cinzenta. A égua parecia bastante calma, até me ver e à manada de vacas Heresford vermelhas e brancas, a maior parte delas com bezerros. Empinou-se, resfolegando, e quase arrastou Lily para fora do atrelado.

Karen saltou do tractor e agarrou a corda. Nós, os homens, tivemos de nos afastar para a égua não desatar a tentar morder toda a gente. Mac e eu observámos com preocupação enquanto a égua trotava entre os carvalhos, praticamente arrastando Lily e Karen com ela. Finalmente, conseguiram pará-la. Ficou debaixo das árvores, a bufar e a olhar para as vacas. Karen prendeu a corda a um ramo grosso de carvalho do tamanho de uma casa.

- Lá se vai o carvalho - brinquei. - Até onde é que ela o conseguirá arrastar?

Karen limpou o suor do rosto. Usava uns óculos de sol muito esquisitos. Acho que as armações eram feitas de pedacinhos de castanhas-do-maranhão.

- Se nunca a tirarmos da cocheira, ela nunca se habituará.

- Por estes lados, não acreditamos em cavalos socializados. Começam logo a tentar organizar os outros cavalos e a exigir feno de melhor qualidade.

- Estou impressionada. A tua definição de socialização não está muito longe da verdade. No entanto, acho que estamos de acordo se eu disser que a acção colectiva é mais benéfica. Um por todos e todos por um.

- Ah, sim? Já ouviste falar de uma acção colectiva chamada «debandada»?

- Muito engraçado. Agora vou tratar do almoço.

O nosso almoço habitual, quando andávamos nos pastos, consistia em tartes de fruta frias, barras de proteínas e todos os restos existentes na cozinha que se pudessem colocar entre duas fatias de pão.

O almoço de Karen nos pastos consistia em *paella* de marisco e legumes grelhados.

Enquanto devorávamos aquele festim, Possum olhou para Karen e disse:

- De hoje em diante, se quiseres chamar carroça ao tractor, estás à vontade.

Todos acenaram em sinal de concordância.

Ela sorriu.

Tenho de admitir, o ponto alto do meu dia foi estar sentado debaixo de um carvalho a ver Karen arrumar as coisas depois do almoço. Ela mexia-se bem. As suas partes mexiam-se bem. Todo o conjunto se mexia bem.

Lily e Mac estavam a dormitar em cima de um cobertor. Os demais tinham-se esticado à sombra, ao lado dos cavalos.

- Para que conste - disse eu - Não aprovo sestas.

- Mas devias. Uma sesta à tarde faz parte de um estilo de vida saudável.

- Desculpa, mas não vais conseguir incutir hábitos saudáveis modernos num *cowboy* Cracker.

- A sério? Então és escravo das tradições autodestrutivas dos *cowboys?*
- Sim. Já ouviste falar no Bone Mizell?
- É uma pessoa ou uma doença? Tem cura?

Puxei a aba do meu chapéu mais para baixo, mas não tanto que não conseguisse olhar para ela.

- O Bone Mizell foi o maior *cowboy* Cracker de todos os tempos. Finais do século dezanove. Trabalhou para alguns dos maiores rancheiros do Estado. Dizem que o Bone conseguia emparelhar uma manada inteira.
- Desculpa?
- Fazer corresponder as vacas aos respectivos bezerros. Lembrava-se de sinais característicos, marcas, o que fosse - apontei para Mac, que dormia. - O Mac é capaz de fazer o mesmo. É um talento raro.

Ela lançou um olhar rápido a Mac.

- Gostava de ver isso.
- Deixa-te ficar depois do almoço e verás. Seja como for, voltando ao Bone, era um homem selvagem. Bebia muito, levava uma vida dura. Mas, Deus do céu, que personagem! As pessoas adoravam-no. Uma vez, viram-no tirar uma bezerra Cracker selvagem do meio dos espinheiros e morder-lhe na orelha para a marcar como sua. E há a história do *yankee* rico que morreu numa expedição de pesca perto de Kissimmee. Por causa do calor, não houve outra alternativa senão enterrá-lo ali mesmo.

Algum tempo depois, a viúva pagou ao Bone para desenterrar o cadáver e o enviar para o Norte. Mas o Bone, que tinha um sentido de humor Cracker, desenterrou um velho *cowboy* seu amigo e enviou-lhe esse cadáver. A viúva organizou um grande serviço fúnebre para o corpo; nunca deu pela diferença. O Bone diz que o fez porque o amigo sempre quisera viajar.

- Oh, por favor... Isso deve ser uma lenda. Folclore.
- Estou apenas a dizer que ele era famoso. Podes pesquisar. O Remington pintou-o.
- Fredric Remington?
- Sim. Para uma grande revista de Nova Iorque. O título do quadro é «Um *Cowboy* Cracker».
- Espera aí! Não é a gravura que tens emoldurada na sala? Aquele vagabundo de barba, num cavalo de pescoço curvado, no meio de um pântano?
- Eh!
- Peço desculpa. Estou impressionada.
- Porquê? Por eu ter uma gravura de Remington?
- Pelo legado que representas.
- Ah...
- O que aconteceu ao Bone Mizell?
- Morreu de botas calçadas.
- A cavalgar pelos pastos?
- Não. Bêbado, na estação ferroviária de Fort Ogden.
- Ah, estou a ver.
- Encontraram-no morto no meio do chão. Reza a história que, quando o médico declarou o óbito, era tão difícil de acreditar que um tipo disse: «Doutor, não vai fazer

nenhum teste?» E o médico respondeu: «Não é preciso. Vê-se que tem álcool a noventa graus.»

Karen esboçou o princípio de um sorriso, mas depois uma expressão de censura levou a melhor.

- Com certeza que não queres imitar esse tipo de comportamento destrutivo!
- Não, essa parte não. Mas gosto do espírito dele.
- Então afirmas não estar interessado em ideias modernas?
- Exacto.
- Um reaccionário do tipo mais tradicional.
- Sei que estás a dizer isso no bom sentido.

Ela sentou-se em cima de uma geleira ao meu lado.

- Deve ser por isso que foste nomeado para tantos prémios por gestão ambientalista.

Levantei um pouco o chapéu.

- Quem é que te disse?
- A Lula mostrou-me alguns. Nada temas, ela não me deixou entrar no teu santuário. Ben, aqueles prémios são...
- Ah, os amantes da natureza. Eu deixo-os vir passear um pouco nos bosques selvagens e, em troca, eles dizem coisas boas a meu respeito. É só isso.
- Sim? Conseguiste fazer coisas espantosas nos dez anos decorridos desde que compraste o rancho - ela começou a contar pelos dedos. - Construíste novas valas de irrigação para utilizar o rio, pondo fim ao mesmo tempo aos escoamentos de fertilizantes e desperdícios animais. Deixaste que as sebes naturais voltassem a crescer ao longo das tuas cercas, para fornecer abrigo e fontes de alimento à vida selvagem. Semeaste erva de elevado teor de proteínas e legumes especificamente destinados à alimentação de veados, perus e outros animais selvagens numa parte dos teus pastos. Encorajaste a nidificação das aves de grande porte, incluindo garças e águias carecas. Permitiste que libertassem ursos pretos e até algumas panteras nativas na tua floresta. Muito impressionante, para um homem que afirma ser apenas um rancheiro tradicional.
- Ora bolas.
- Ben, não estou a dizer isto para te lisonjear. Estou sinceramente impressionada.

Endireitei-me.

- Mas o problema é que eu não estou a fazer nada de especial. Estou apenas a fazer o que é correcto.
- É isso que te torna especial.
- Gostava era que me trouxesse mais algum dinheiro.
- E é o que acontecerá. A longo prazo...
- Podemos não chegar ao longo prazo. Mas isto fica só entre nós.

Ela estudou-me o rosto.

- Pensava que a criação de gado para venda de carne era lucrativa.
- Há anos em que é, outros em que não. Podias dizer às pessoas que voltassem às dietas baixas em hidratos de carbono. Já quase que tinha pago a enfardadeira.
- Talvez o gado não seja o melhor produto. Se estás verdadeiramente interessado em fazer o que é melhor para o planeta...

- Oh, não! Não me digas que és contra o consumo de carne vermelha.

Ela hesitou.

- Não é nada pessoal.

Levantei-me, tirei o chapéu e sacudi-o na perna.

- Não vou vender a minha manada. Vamos terminar já este assunto. Não quero falar mais nisso.

- Não precisas de vender a manada de um dia para o outro. Apenas... uma transição...

- Transição para o quê? Criar gado é tudo o que sei fazer. É o que faço melhor. Só preciso de um pouco de sorte para voltar ao normal - apontei para a *t-shirt* dela, que tinha o desenho de uma baleia-corcunda. - O que *não* preciso é de uma alma caridosa ignorante a dar-me sermões sobre o salvamento das baleias.

Ela levantou-se com ar ofendido.

- As minhas baleias e as tuas Heresfords estão ligadas por um ecossistema intrincado. Não são coisas separadas.

- Bom, quando uma baleia subir o rio Little Hatchawatchee e começar a comer ração nas gamelas, ponho-lhe o meu ferro.

- És um teimoso...

Uma mancha cinzenta, o trovão de cascos. Uma rajada.

A égua cinzenta passou por nós a galope, com a corda a arrastar, ou, pelo menos, o que restava da corda depois de ela a roer. Tinha as orelhas dobradas para trás, o beiço arreganhado, os dentes à mostra. Odiava as vacas e estava prestes a mostrar-lhes quem é que mandava aqui.

- Estás a ver - disse eu a Karen, enquanto corria para salvar a manada. - Até aquela égua gosta de carne.

Kara

Olhei tristemente para a égua cinzenta por cima da cerca do seu curral.

- Temos de ter uma conversinha sobre um pequeno problema psicológico chamado «transferência de hostilidade» - disse-lhe, em português. - Sim, pode ser satisfatório descarregar a raiva sobre espectadores inocentes e indefesos. Mas, em última análise, quem sofre és tu - fiz uma pausa. - Embora talvez esse ponto seja discutível, da perspectiva das cinco vacas que mordeste.

Ela resfolegou baixinho, como se estivesse a apreciar essa recordação agradável.

Pigarreei.

- Felizmente, todas elas vão recuperar.

A égua aproximou-se de mim, suspirou e esfregou a cabeça no meu cotovelo. Com cuidado, acariciei-a na orelha que estava mais perto de mim. Dei-lhe mais uma palmadinha na cabeça, depois afastei-me.

- Agora, pensa em mudar a tua atitude e depois partilha a lição com o Ben.

Virei-me e dei de caras com Ben. Sujo de pó e de sangue de vaca.

- Ouvi o meu nome aí no meio - disse ele com ar sério. - E não me soou bem.

- Digamos apenas que tenho a certeza de que o Bone Mizell estaria orgulhoso de ti.

- Acho que não estás a dizer isso no bom sentido - disse ele, enquanto eu me afastava.

***

Nunca tive intenção de começar uma guerra contra a carne de vaca. Juro. Estava apenas a brincar com pequenos agentes de mudança enquanto tentava decidir qual a melhor forma de ajudar Ben a salvar o rancho, não apenas por ele, mas também por Mac e Lily.

- Não tens fome esta noite, Lily? - perguntou Ben. - O assado está óptimo.

Lily abanou a cabeça.

- Agora como saladas. E muitos legumes frescos. E amidos com baixo índice gli... gli... - olhou para mim em busca de ajuda.

- Glicémico - disse eu em voz baixa, sem levantar os olhos.

- Amidos com baixo índice glicémico.

Lily passou a travessa do assado a Cheech, que estava ao seu lado. Mas Cheech abanou a cabeça e passou a travessa a Bigfoot. Bigfoot espetou o garfo numa fatia, hesitou, voltou a colocá-la na travessa e passou-a a Mac.

Mac olhou com desejo para o monte de carne, batatas novas, cenouras e cebolas, mas passou a travessa a Possum. Possum quebrou a corrente despejando uma dose enorme para o prato. Suspirei de alívio.

- Karen? - disse Ben em voz baixa e agradável. - Há alguma coisa que eu deva saber sobre o assado?

- Está b-bom, Ben! - disse Mac alegremente. - Mas esta m-menina sabe c-cozinhar muitas c-coisas boas sem ser c-carne. Quando fiquei c-com as éguas p-prenhas na outra n-noite, a Karen t-trouxe-me uma sanduíche de abóbora f-frita. Frita. *Abóbora.* E estava b-boa!

Sanduíche de abóbora frita. Ben franziu o sobrolho. Os demais olharam para mim boquiabertos.

- Não há nada de errado numa sanduíche de... abóbora - disse Miriam, sem grande convicção.

- Ah, vá lá, Miriam, isso é completamente *esquisito* - contrariou Lula. - Ninguém pode passar uma noite a ajudar os potros a nascer só com uma sanduíche de abóbora.

Os olhos de Lily faiscaram.

- Pode, sim, senhora! A Karen diz que não comer carne é inteligente. Diz que comer carne é mau para o mundo. Por isso... vamos comer antes abóbora frita.

Silêncio.

Gemi baixinho. Ben espetou o garfo num pedaço de carne e levou-o à boca.

- Fechem os olhos, então, porque eu estou prestes a destruir o planeta - mastigou e engoliu.

- Não pedi a ninguém que seguisse o meu exemplo - disse eu, constrangida. - É uma escolha pessoal, não uma afirmação política. Por favor, comam o vosso assado.

Mac, por favor. Joey, podes comer - Joey, hesitante, empurrou a comida no prato, como se tivesse de decidir entre duas lealdades.

Por fim, deu mais uma dentada na carne, mas a seguir olhou para mim em busca de sinais de desaprovação. Esbocei um sorriso encorajador. Mas foi a única carne que comeu. Enfiei uma garfada de salada na boca e mastiguei com ar de desafio, olhando para Ben. Mas Ben observava Joey.

E não estava nada satisfeito.

Logo a seguir ao jantar saí para o pátio para despejar os restos na pilha de adubo das galinhas, também conhecida como «canteiro de vermes», uma vez que Cheech e Bigfoot tiravam de lá as minhocas para a pesca. Eu tinha-lhes pedido que me trouxessem todos os peixes comestíveis que conseguissem apanhar no rio.

Ben seguiu-me entre as sombras. Trazia um charuto na mão. O fumo ergueu-se em direcção ao céu estrelado.

- Tens alguma coisa contra fumar um charuto enrolado à mão, de vez em quando - perguntou com maus modos -, ou isso também é mau para o planeta?

- Podes fumar o que quiseres. O consumo moderado de tabaco orgânico é, na minha opinião, uma cerimónia inofensiva. O problema está em fumar tabaco processado, com aditivos artificiais, concebidos para serem altamente viciadores.

- Raios, não sei se acabaste de insultar os meus charutos ou não. Preciso de um tradutor.

Despejei o balde de restos para o monte e virei-me para ele, completamente furiosa.

- Não sou uma ameaça, Ben. Não estou a tentar converter a ti e aos teus empregados a uma religião estranha. Tu já és um ambientalista, quer o admitas ou não.

Ele apagou o charuto num poste e atirou-o para o monte de adubo.

- Vamos directos ao assunto. O Joey adora assado. Adora hambúrgueres, costeletas e *tacos* de carne. Adora entrecosto assado, cachorros quentes e salsichas ao pequeno-almoço. Não lhe restam muitas coisas para apreciar. *Não* o faças ter medo da comida que ele adora. *Não* lhe tires isso.

A minha raiva desapareceu. Isto explicava muita coisa.

- Ben, desculpa. Não percebi que ele e os outros reagiriam de forma tão radical a alguns comentários simples. Eu falo com ele. Vou tentar tranquilizá-lo em relação à carne. Desculpa.

- Achas que sou um *cowboy* estúpido? Que só... só quem frequentou a universidade sabe compreender a diferença entre comida boa e comida má?

- Não! *Nunca* colocaria um diploma universitário acima da experiência de vida e do senso comum. Tens de compreender que eu vi como é genial um estilo de vida natural e...

- Aquelas costeletas e blocos de carne picada que estão guardados na arca frigorífica, por baixo da comida de plástico que tanto odeias, vêm de gado gordo e feliz que eu criei com as minhas próprias mãos. Há quem lhe chame carne «orgânica». Eu chamo-lhe a minha vida. Criei aqueles animais, tratei-os bem e, meu Deus, tive tomates para admitir que o seu destino era morrerem para fornecer comida para mim e para os meus. Matei-os rapidamente e rezei em agradecimento. Cortei a carne e tenho orgulho em comê-la, e de ela servir para alimentar aqueles que trabalham para mim.

- Ben, por favor, não penses...

- Este país está cheio de pessoas que nunca tiveram de matar um animal para pôr comida na mesa. Há crianças que acham que a carne provém de uma máquina mágica no supermercado. Raios! Eu como carne, os meus empregados comem carne, e não pedimos a ninguém para olhar o animal nos olhos e o matar em nosso lugar, de modo a podermos fingir que o bife que temos no prato nunca fez parte de uma criatura viva. *Sabemos* o que é preciso para viver, para comer e para sobreviver. E *nunca* vou pedir desculpa por isso. Nem a ti, nem a ninguém.

Estendi as mãos, desesperada.

- Mas eu respeito a recolha sustentável de recursos animais. Peixe, marisco...

- Porquê apenas peixe? Achas que uma truta não quer evitar ser o jantar de alguém?

- Não estás a perceber. A criação em massa de animais de grande porte, para produzir carne, é ineficaz e ecologicamente errada.

- Correndo o risco de parecer Dale a falar, não foi isso que Jesus disse - ele levantou a mão. - Porra, toda a gente na Bíblia tinha cabras! E estou bastante certo de que *comiam* algumas delas.

- Não estou a tentar desafiar toda a tradição judaico-cristã de consumo de carne, está bem? E não estou de forma alguma a menosprezar o teu meio de subsistência.

- Menospreza-o à vontade. Mas não ponhas ideias erradas na cabeça do Joey ou de qualquer outra pessoa por aqui. Eles têm tendência a levar as coisas muito a peito. Só vêem para a frente. E acham que tu és uma santa. Farão tudo o que disseres e imitarão tudo o que fizeres.

- Estás a presumir que tenho uma influência tremenda sobre as pessoas. Quem me dera ser uma força assim neste mundo.

Ele tirou outro charuto meio fumado do bolso da camisa empoeirada, fez menção de o acender, mas soltou uma maldição e atirou-o para o monte de adubo.

- Queres tratar dos problemas de todo o mundo? Bom, que tal começares pelos teus? Por que raio choras na cama quase todas as noites?

- Como é que sabes... oh, não.

- Sim, o Mac e a Lily. Estão preocupados contigo. Ouvem-te.

- Então eu... eu vou passar a tapar a cabeça com uma almofada - disse, tentando passar por ele. Ben segurou-me no braço. Com gentileza. Quando lancei um olhar cortante à sua mão, retirou-a rapidamente. Mas não desviou os olhos escuros dos meus.

- Tens a certeza de que não tens um problema qualquer que eu deva saber?

- Tenho. E prometo que não vou alterar as tuas rotinas nem trazer problemas sérios à tua vida. Prometo. Estou apenas a tentar ajudar.

- Eu... caramba. Talvez eu possa ajudar-te também.

- Não, não podes - vacilei um pouco, olhando para ele sob a luz das estrelas. - Mas obrigada, de qualquer maneira. És um bom homem. Não julgues que não reparei nisso.

- De que planeta é que vieste? - a sua voz era melancólica. - Nunca conheci ninguém como tu em toda a minha vida.

- Vou aceitar isso como um elogio - peguei no balde e dirigi-me à casa. De repente parei e olhei para ele. - Um destes dias, não estás disposto a experimentar uma sanduíche de abóbora frita?

- Nem que me pagasses - disse ele.

Capítulo 9

Kara

Depois do infame episódio do assado, para não falar na minha cumplicidade no ataque da égua cinzenta às vacas, fiquei a sentir-me como se fosse uma menina rica e desocupada, a debater-me como uma idiota no mundo das pessoas reais. Talvez merecesse o meu próprio *reality show* na televisão. Ao pé de mim, Paris Hilton e Nicole Richie teriam parecido positivamente razoáveis.

Não podia alterar o passado nem as minhas incertezas, mas talvez pudesse ajudar um cavalo maltratado que Mac e Lily adoravam.

- Ela ainda não te mordeu nem uma vez - opinou Miriam num tom animado. - O Ben está com ciúmes.

Lily, Miriam, Joey e eu estávamos junto da cocheira da égua. Ela tentava morder os outros cavalos, mais por preocupação do que por verdadeira maldade, por isso continuava a viver separada da manada.

- Prisioneira - dizia-lhe *Mr. Darcy* de um lugar seguro, empoleirado numa trave do celeiro.

Talvez, mas a cavalariça principal era um sítio maravilhoso para cumprir pena. Tinha ventoinhas no tecto e clarabóias. As cocheiras eram grandes e bem arranjadas e estavam todas voltadas para um grande picadeiro fechado. O recinto era suficientemente grande para fazer manobras básicas, proporcionando uma zona seca e protegida para treinar os cavalos mesmo em dias de mau tempo. Uma cerca alta de madeira separava o picadeiro do corredor para onde davam as cocheiras.

Ben soltava muitas vezes *Cougar,* o seu garanhão de procriação, no picadeiro. *Cougar* tinha vinte anos e um pouco de artrite. Parecia satisfeito por ficar debaixo de um tecto, percorrendo o grande picadeiro e cumprimentando descaradamente as várias éguas do seu harém. Elas observavam-no com adoração.

Excepto a égua cinzenta. Uma manhã, vi-o aproximar-se e inclinar a cabeça para ela por cima da cerca do picadeiro. Podiam ter tocado narizes, se ela quisesse. Em vez disso, a égua baixou as orelhas, mostrou-lhe os dentes e virou o traseiro para a porta da cocheira.

E não no bom sentido, como diria Ben.

- Pronta para a nossa conversa diária? - perguntei-lhe agora. Ela olhou para mim calmamente, enquanto eu prendia uma corda ao seu cabresto. Depois de sair da cocheira, roeu cenouras das palmas das mãos de Joey e Lily. Conduzi-a para o picadeiro, enfiei a ponta da corda no bolso de trás dos meus calções, cruzei as mãos atrás das costas numa pose contemplativa e comecei a andar. Como sempre, ela caminhou ao meu lado, tão docilmente como um cão pela trela. Falei com ela em português, contando-lhe as minhas preocupações por estar aqui, as minhas mágoas, dizendo-lhe como sentia a falta dos meus falecidos pais, como me sentia dividida pelas

circunstâncias actuais. Se eu era boa terapia para a égua cinzenta, ela pagava-me escutando as minhas angústias.

Às vezes, passávamos duas horas ou mais a caminhar a furta-passo num círculo largo, as minhas botas de caminhada e os seus cascos a levantarem pequenas nuvens de areia à nossa frente. Mas hoje não. Eu parei e ela também.

- Ouvi dizer que não é possível montar-te – disse-lhe. Estou em crer que me deixaste sentar em cima de ti, naquele primeiro dia, apenas devido ao choque e a uma antipatia comum pelos irmãos Pollo. O Ben é de opinião de que eu não devia tentar repetir a proeza. Vamos dar ouvidos a esse tipo de pessimismo? Sim ou não? Que me dizes?

Quando ela agitou as orelhas para trás e para a frente em resposta, passei a corda sobre o seu pescoço, prendi a ponta solta ao cabresto, respirei fundo, agarrei um grande tufo da sua crina prateada e subi para cima dela. A égua era de médio porte e a minha cabeça ficava praticamente à altura do seu garrote, por isso consegui montá-la facilmente. Agitou-se um pouco quando me sentei sobre a sua garupa, mas não entrou em pânico.

Soltei lentamente a respiração e segurei a corda dobrada nas mãos, com as palmas para baixo. Para montar à Oeste - ao estilo dos *cowboys,* podemos dizê-lo - uma mão fica na rédea e a outra livre, para arremessar o laço a uma vaca. O estilo oriental - como se vê em concursos de saltos, nos Jogos Olímpicos e em outros eventos - mantém as duas mãos nas rédeas. Apertei os joelhos contra os flancos da égua cinzenta.

- A andar, por favor.

Ela obedeceu.

- Não façam barulho - ouvi Miriam murmurar. - Estamos a assistir a um milagre.

Quando olhei, vi que Miriam, Lily e Joey estavam imóveis como estátuas junto da cerca de madeira, observando-me com espanto. Lily levou a mão ao peito. Olhei de novo em frente, puxei um pouco mais as rédeas improvisadas e fiquei impressionada quando a égua cinzenta respondeu baixando ligeiramente a cabeça.

Fi-la caminhar em círculos, primeiro para a direita, depois para a esquerda, descrevendo oitos, apertando e aliviando as pernas, fazendo pequenos movimentos com as mãos. Ela flectiu a cabeça, controlou-se como uma dançarina graciosa e, em suma, deixou-me estupefacta, tendo em conta que estava a ser conduzida apenas por uma corda e um cabresto, o seu desempenho não podia ter sido melhor.

- Vou tentar que ela faça alguns exercícios de *dressage* muito simples - anunciei em voz baixa e calma para não a assustar.

- O que é *dressage*? - perguntou Lily num murmúrio alto.

Pensei por um momento, tentando resumir séculos de complicadas comunicações entre cavalo e cavaleiro. Por fim desisti e disse:

- É *ballet* para cavalos.

- Oh!

- Como os Lipizzaners, Lily - disse Miriam. - Sabes, aqueles cavalos brancos que vemos na televisão. Eles dançam e saltam. E os cavaleiros têm chapéus engraçados.

- Oh, céus! Karen, a égua cinzenta consegue fazer o que eles fazem?

- Bom, a maior parte dos cavalos saudáveis e razoavelmente fortes consegue efectuar técnicas de *dressage* avançada, mas isso requer anos de treino e apenas alguns chegam ao nível dos Lipizzaners.

- Ela está a andar muito bem - disse Joey. - Aposto que os *Zipperlanners* não conseguem andar tão bem como ela.

Zipperlanners. Sorri.

- Temos uma nova raça.

Miss Égua, aqui declaro que é uma *Zipperlanner*.

A égua cinzenta agitou as orelhas. Resolvi arriscar um pouco mais. Dei-lhe um toque e ela acelerou para um trote longo e descontraído. Ben dizia que ela não tinha andadura própria, como muitos cavalos Cracker têm, mas tinha um trote muito bonito e longo. Conduzi-a mais uma vez em oitos largos. Mais um toque dos meus calcanhares e ela passou facilmente para um meio galope. Maravilhoso. Continuámos em círculos.

Ela mudava de andamento como uma campeã. Os cavalos conduzem naturalmente com uma das patas da frente. Por uma questão de coordenação e graciosidade, a pata estendida deve estar sempre do lado de dentro quando descrevem um círculo. Um cavalo treinado é ambidextro e consegue mudar a orientação num abrir e fechar de olhos, seguindo ordens. A égua cinzenta respondia perfeitamente. Eu estava hipnotizada, encantada e completamente embrenhada no meio galope.

Até ela me atirar contra a cerca.

Na verdade, o que aconteceu não foi culpa da égua. Ela viu Ben, que entrara no celeiro e se encostara à cerca, tirando o chapéu como se estivesse na igreja, para assistir àquele espectáculo surpreendente. Os movimentos dele assustaram-na, a sua presença enraiveceu-a. Ergueu a cabeça, atirou-se a ele e arrancou-lhe o chapéu das mãos com os dentes.

E eu, apanhada desprevenida, deslizei num arco perfeito. A cerca do picadeiro deteve o meu movimento. Bati-lhe com o ombro esquerdo, ressaltei e aterrei, sentada, na areia. A égua cinzenta, de olhos arregalados, galopou até ao outro lado do picadeiro, onde largou o chapéu de Ben. Depois pisou-o, aparentemente cheia de ódio por chapéus de palha.

- Karen? Karen? - Ben segurou-me no rosto com as duas mãos. Os meus pensamentos recuperaram a clareza enquanto ele se agachava à minha frente, segurando-me na cabeça, olhando para os meus olhos aturdidos. - Meu Deus, desculpa.

- Eu devia ter estado mais atenta.

- Não, estavas a ir muito bem. Lindo. Quantos dedos vês? - ergueu vários.

Respirei fundo e a minha cabeça desanuviou-se.

- Indicador, dedo do meio e um polegar sujo de terra. Já precisavas de uma manicura.

- Linda menina. O que é que te dói?

- De momento, nada. Estou toda dormente.

- Ela está bem - disse Ben, virando-se para os outros.

Apercebi-me vagamente de Lily agachada ao meu lado, a acariciar-me o cabelo, e de Miriam a acalmar Joey, que estava ofegante.

- Estou bem, a sério - menti. Depois olhei para os olhos de Ben. Aquela égua *é* possível de montar.

- Bom, não exactamente. Mas talvez venha a ser, um dia.

- Oh, pobre descrente.

- Oh, pobre lunática. Vou levar-te às urgências da clínica em Fountain Springs.

- Não.

- Sim.

- Não - virei-me para Lily, que estava a chorar, acariciando-me o cabelo. - Lily, não estou magoada.

- Pobre bebé.

- Lily, eu... não chores. Não imaginas como sou resistente. Não... - calei-me. Após respirar fundo, o meu bom senso voltou. Olhei para Ben. - Ajuda-me a levantar e eu vou buscar o teu chapéu.

- O chapéu é uma causa perdida. Não tem importância. Posso arranjar outro chapéu. Não estou preocupado com o chapéu. Estou preocupado com... - calou-se abruptamente. O bom senso era um vírus e eu transmiti-lho. - Muito bem. Vamos lá a levantar - endireitou-se e ajudou-me a pôr de pé. Lily ergueu-se também, segurando-me no braço como se quisesse dar-me forças. A minha mãe, pensei. A minha mãe verdadeira.

Recuperei o equilíbrio. «Mãe biológica», corrigi. Sacudi-me, acenei a Joey e a Miriam, peguei na mão de Lily e dei-lhe uma palmadinha.

- Vou buscar o chapéu do Ben.

- Tem cuidado!

- Já te envolveste o suficiente com aquela égua por um dia - disse Ben.

- Deixa a Karen ir - disse Miriam. - Ela não gosta de desistir.

Ergui os olhos para ele.

- Não gosto de desistir.

Ele suspirou e afastou-se. Caminhei em direcção à égua cinzenta. Ela olhou para mim, atenta. Resfolegou na direcção de Ben, por cima da minha cabeça. Falei-lhe em português. Ela baixou a cabeça, os seus olhos acalmaram-se e esperou. Estendi a mão cuidadosamente - ela ficava extremamente nervosa com gestos junto da cabeça, mesmo comigo - e enfiei a mão na corda dobrada

- Para trás - ordenei num tom gentil. Ela recuou, saindo de cima do chapéu de Ben. Baixei-me lentamente e apanhei-o.

A égua revirou os olhos mas não se assustou. Estendi-lhe o chapéu de palha espezinhado. Ela cheirou-o.

- Ele não te quer fazer mal - disse-lhe, num murmúrio. - Sei que um homem mau abusou da tua confiança e te deixou essa cicatriz horrível, mas o Ben Thocco é totalmente digno de confiança. Não vês que não há um único cavalo maltratado neste rancho? Nunca reparaste como o *Cougar* encosta o focinho ao dela com ternura? - levei o chapéu ao nariz e inalei profundamente. - Ele cheira bem, não cheira? Um cheiro suado, masculino e limpo. Vê como eu confio nele. Olha para isto - lentamente, levantei o chapéu de Ben e pu-lo na minha cabeça.

A égua recuou, resfolegando. Mas eu não me mexi e ela cheirou novamente o chapéu, lambeu-o e relaxou. Aproximei-me do seu flanco e murmurei:

- Tu e eu temos de mostrar a toda a gente que não somos apenas... um pónei de circo. De acordo? - segurei-lhe na crina e saltei para cima dela.

Felizmente, ela só se empinou um pouco.

E eu não caí.

Dei-lhe um toque com os calcanhares, ela caminhou e dirigimo-nos à cerca com passo lento e triunfante. Depois saltei para o chão. Tinha as pernas a tremer. Conduzi-a à cocheira, tirei-lhe a corda e fechei a porta. Ela virou-se graciosamente, apoiou a cabeça na porta e olhou para mim.

- Muito bem - disse-lhe.

Virei-me, coxeando um pouco, e vi Ben. Ele amparou-me.

- Muito bem - concordou de má vontade.

Levantei a cabeça e, por baixo da aba do chapéu, olhei para o seu rosto. Ficava-me muito grande e quase me tapava os olhos. Ele levantou a aba com um toque do polegar.

- Fica-te bem.

- Obrigada.

- Porquê? Por fazer a égua atirar-te ao chão?

- Por me dares a oportunidade de provar o que valho.

- Não tens de me provar nada.

- Não sou a pessoa que pensas que sou. As coisas sempre foram demasiado fáceis para mim.

Ele franziu o sobrolho quando eu disse aquilo e o momento mágico desvaneceu-se. Lily, Miriam e Joey chegaram junto de nós. Lily apertou as mãos sobre o peito.

- Nunca mais ninguém chamará *Comida para Cão* à nossa égua.

Concordei.

- Ela precisa de um nome. Tens alguma ideia?

Lily abanou a cabeça.

- Põe-lhe tu um nome - disse Ben calmamente. - Conquistaste esse direito. Compreende-la.

Joey e Miriam assentiram.

- Ela dá-te ouvidos - disse Miriam. - Se outra pessoa qualquer a baptizar, ela ainda lhe arranca um pedaço. Talvez devesses chamar-lhe *Assassina.*

Olhei para Ben.

- Podias sugerir um nome seminole. Qualquer coisa que preste homenagem à sua personalidade nativa.

Ele fez uma careta.

- Tipo o quê? *Aquela que Morde com Força?*

Virei-me e olhei para a égua cinzenta.

- Ela precisa de um nome que seja algo a que possa aspirar. Algo inspirador. Qualquer coisa que fale ao mais profundo do seu ser.

- *Mandíbulas* - resmungou Miriam.

- Um nome bonito - pediu Lily.

A égua cinzenta olhou para mim, com olhos escuros e esperançosos. A cicatriz terrível chamava a atenção, obscurecendo o que fora em tempos um bonito focinho. Ela

estava danificada, mas era uma sobrevivente. Pertencia aos meus pais biológicos; eles tinham-na salvado, com a ajuda de Ben. Acreditavam nela. Ela era especial.

- Esta cicatriz já não é uma cicatriz - disse eu. - É uma *estrela* - estendi a mão cuidadosamente. A égua recuou um pouco mas deixou-me pousar a ponta do dedo sobre a pele saliente. - Baptizo-te com o nome *Estrela.*

- *Estrela* - murmurou Lily. - Que bonito.

Estrela resfolegou.

Até Ben sorriu.

Ben

O que vi naquele dia, no picadeiro, foi uma cavaleira nata. Karen era suficientemente pequena para a égua, era ágil e tinha o tipo de linguagem que os cavalos entendem. Observando-a discretamente, e com base nos relatos de Miriam e dos outros, eu calculava que ela já falara com a égua em pelo menos seis línguas. Português, sim, principalmente, mas também espanhol, francês, alemão, qualquer coisa da Escandinávia e, de vez em quando, o som distintivo de uma ou mais línguas asiáticas. Devia ter-lhe posto o nome *Babel.*

Também graças a Karen, Mac e Lily tinham uma filha a fingir. Era assim que a tratavam. Como se fosse filha deles.

- Ela é mesmo o que estávamos a precisar por aqui - estava Miriam sempre a dizer, com as sobrancelhas finas arqueadas. - É uma rapariga esperta e prática. Quando o *Ruibarbo* está com gases, nem sequer pestaneja.

Graças a Karen, o estado do coração de Joey estabilizara. Ela e *Mr. Darcy* proporcionavam-lhe muita diversão todos os dias. Ninguém pode dizer-me que acordar ansioso pelo dia que começa não faz um coração bater melhor. Karen tinha o mesmo efeito em mim. No meu coração e também em outras regiões. Não estou a ser tímido, apenas galante.

Esta comparação pode não ser a mais bonita, mas é a que tenho: ver uma mulher bonita montar a cavalo é como ver uma *stripper* a dançar. É o ritmo, os movimentos oscilantes, o poder dos músculos de coxas macias. Hipnotiza os homens de tal forma que eles ficam ali parados, de chapéu na mão, como eu fiquei. O que Karen fez depois com o meu chapéu - levá-lo ao rosto, inalar o meu cheiro, pô-lo na cabeça - viveria daí em diante na minha mente, como uma luz vermelha a piscar e uma pélvis a girar à volta de um poste.

Os homens vêem as coisas assim.

Digo-o no bom sentido.

***

Nessa noite, quando o fui deitar, antes de me sentar na poltrona ao lado da cama dele, Joey abraçou *Ruibarbo* e *Grub*, que estavam aconchegados ao seu lado. Depois olhou para mim com cara de caso e perguntou:

- Não queres uma namorada?

Uma pergunta complicada. Esta era uma das razões pelas quais eu sempre limitara a minha vida amorosa aos sábados à noite na cabana do lago. Não queria que ele se sentisse mal. Joey podia não ser «normal», mas era um homem adulto, igual a qualquer outro homem nos aspectos básicos. Eu sabia que ele queria uma namorada. Sabia que tinha fantasias sexuais. Já tínhamos falado muito sobre o assunto ao longo dos anos. Eu levara-o a eventos para pessoas com Síndrome de Down, tentando arranjar -lhe alguém, mas os romances dele nunca tinham ido além de mãos dadas e beijos.

- Bom, claro que sim, um dia - disse, sentando-me na beira da cama dele. - O que te fez pensar nisso?

- Não quero que fiques sozinho, se eu morrer.

Senti o sangue gelado.

- Por que raio estás a dizer uma coisa dessas?

- Já não consigo andar, Benji. Não respiro tão bem como antes.

- Isso não quer dizer nada.

Ele pegou-me na mão.

- Benji, lembras-te quando o *Riley,* o cão-pastor, ficou velho e doente? E quando o meu pónei deixou de conseguir andar bem? E tu... tu puseste-os a dormir para não sofrerem mais? Benji, se eu ficar assim, pões-me a dormir? Não me deixavas sofrer, pois não?

Pensei que a dor que sentia por dentro me ia perfurar a pele.

- Não percebo porque estás a falar assim.

- Não gosto de não conseguir andar. Não gosto da cadeira de rodas.

- Sabes que eu te levo aonde quiseres ir. Sabes que estou feliz por estares aqui. Não estás feliz por estares aqui?

- Sim, mas pode ser que um dia esteja doente de mais para estar feliz.

- Não. Garanto-te que hei-de fazer com que estejas *sempre* feliz. O que precisas para ser feliz agora?

- Gosto de ver televisão. E de filmes da *Guerra das Estrelas.* E dos novos jogos de vídeo que vão sair.

- Eu compro-tos todos.

- Boa!

- E que mais?

- Gosto da Karen. Gosto muito dela.

- Gostavas que ela fosse tua namorada?

- Não! Gostava que ela fosse *tua* namorada.

- Bom, Joey, sabes que isso é uma coisa que não posso prometer-te. Não penses mais nisso, está bem?

Ele semicerrou os olhos. Estava a ficar com sono.

- Está bem. Mas não quero... que fiques sozinho... se eu morrer. Benji? Não faz mal gostares da Karen. Não faz mal... teres uma namorada... mesmo que eu não tenha.

E adormeceu de mão dada comigo.

Kara

Eu não tinha um namorado, propriamente dito, há pelo menos dois anos. Não estou a gabar-me desse facto, nem me sinto compelida a hastear a bandeira da castidade ou a servir de modelo seja para quem for. Estou apenas a relatar a minha realidade. Nunca fora fácil para mim concretizar os meus desejos. Tinha sido educada na mais poderosa das igrejas da castidade: o mundo real.

Os meus pais nunca me deram sermões ardentes sobre a responsabilidade sexual. Uma vez que tinham levado eles próprios, vidas despreocupadas antes de casarem, não queriam ser hipócritas. Assim, em vez disso, deixaram que fosse o mundo a dar-me sermões.

A minha mãe levava-me consigo quando visitava as clínicas para mulheres pobres onde era voluntária, nas principais cidades brasileiras. Assim, quando atingi a fase sensual da adolescência, já vira mais nados-mortos do que conseguia contar, mais vaginas infectadas e vulvas lesionadas do que um ginecologista. Em suma, quando cheguei à idade de desejar namorados, encarava cada pénis como uma vara potencialmente infectada, capaz de transmitir a desgraça das mulheres com uma simples gota de esperma.

Já estava na universidade quando contrariei cuidadosamente essa fobia com algumas aventuras. Nos anos seguintes, nunca consegui ultrapassar completamente a sensação de que os homens deviam ser todos desinfectados com anti-séptico no primeiro encontro.

Mas desta vez sentia-me irrequieta. Em algumas culturas, a mulher que usa o toucado de um homem casa com ele.

Não mencionei este facto a Ben depois de ter usado o seu chapéu.

Mas pensei nisso.

E de uma forma nada anti-séptica.

Capítulo 10

Kara

Eu adorava a ilha no meio do rio Little Hatchawatchee. Quando não estava a cozinhar, a fazer experiências com freios e selas para ver se *Estrela* as aceitava (bridão sim, sela inglesa não), a ajudar nas tarefas do rancho - que iam desde dar conselhos a Lily sobre detergentes seguros para o ambiente, a ajudar Dale a alimentar os bezerros doentes a biberão - atravessava a ponte estreita, com a câmara e o caderno de desenho, e virava-me para a paisagem deslumbrante da floresta e do pântano de ciprestes. Queria registar a beleza pura e mística do mundo de Ben.

Uma tarde, quando estava embrenhada nos meus esboços, ergui os olhos e vi-o a atravessar a ponte, as botas empoeiradas pisando suavemente as tábuas velhas. Não vou usar um lugar-comum estafado e dizer que ele se movia como uma pantera ou como o estereótipo místico dos antepassados nativo-americanos do seu pai, mas direi que caminhava com elegância. Havia sempre qualquer coisa nele que me fazia pensar em *ballet,* uma estranha analogia, uma vez que eu nunca vira Baryshnikov de botas, ganga gasta e as *t-shirts* que Lily desbotara na lixívia, com logotipos de tabaco de mascar e carrinhas de caixa aberta.

- Sou bisbilhoteiro – disse ele.

- Não há problema. A arte é para ser partilhada. E a ilha é tua.

- A Lily diz que és uma verdadeira artista. Se me deixares dar uma vista de olhos, posso falar com algumas pessoas. Talvez te consiga algumas encomendas pagas.

- Já me pagas o suficiente, obrigada.

- Da maneira como trabalhas, é mais do que merecido. Tenho reparado. É só o que quero dizer.

- Está bem, aceito um bónus. Não em dinheiro, mas em confiança e informação. De acordo?

Ele olhou para mim com desconfiança, enfiou as mãos calejadas nos bolsos das calças e mordeu o lábio inferior. Eu não conseguia compreender como um homem de quase quarenta anos podia parecer tão inescrutável como uma antiga divindade hindu e, ao mesmo tempo, vulnerável como um rapazinho.

- Pergunta o que tens a perguntar. Decidirei depois de ouvir.

- A Miriam diz que os teus pais morreram quando tinhas dezasseis anos. O teu pai num acidente no rancho e a tua mãe de pneumonia.

- Sim - mais um grunhido do que uma resposta. O assunto não lhe agradava.

- Ainda sentes a falta deles, tantos anos depois? E, se sentes, como é que lidas com a dor?

Ele pestanejou. Era evidente que não era a pergunta de que estava à espera. Os ombros largos relaxaram um pouco. Levantou o queixo.

- Apanhaste-me desprevenido com essa.

- No bom sentido, ou...

- Às vezes ainda parece que foi ontem. Estou a ver televisão e penso: «Eles haviam de ter gostado disto. Gostava de poder vê-los a assistir a este programa.» Vejo pessoas da minha idade a jantar fora ou às compras com os pais e invejo-as terrivelmente. Vejo uma nova cor de azálea e quero comprá-la para a minha mãe, porque ela adorava azáleas. Quero falar-lhe nisso, só para ver os seus olhos iluminarem-se. Compro um cavalo novo e penso: «Será que o meu pai teria gostado deste?» Isso é o pior, sabes? Querer falar com eles mas não saber sequer se eles ainda me ouvem.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas.

- Sim.

Ben engoliu em seco. Virou o rosto para a paisagem do pântano.

- Olho para ali e daria tudo para que eles pudessem estar aqui e ver esta paisagem. Para que tivessem aquilo que sempre quiseram, um rancho como este. Terra. Um sítio a que pudessem chamar seu. Tento pensar neles no... Céu, ou como queiras chamar-lhe... a olharem para mim e para Joey com satisfação. Digo a mim próprio que eles não estão tristes por nunca terem tido um rancho como este.

«Digo que eles estão para além de todas as necessidades e desejos terrenos. Mas... parte de mim detesta pensar no que eles perderam e naquilo que o Joey e eu perdemos por eles terem morrido novos, naquilo que só tive possibilidade de lhes dar depois de eles já cá não estarem. Daria *tudo só* para os ouvir dizer que estão orgulhosos de mim. Não viveram o suficiente para eu poder estar à altura dos seus sonhos.»

- Sim. *Sim.* Estar à altura do legado que nos passaram, apenas por nascermos - senti a voz a falhar e uma lágrima deslizou-me pela face. Para meu espanto, ele tirou um lenço branco do bolso das calças de ganga. Era tão velho que estava rasgado nas bainhas. Estendeu-mo.

- Para enxugares as lágrimas.

- Nunca conheci um homem que andasse com um lenço que não fosse apenas para decoração.

- Era do meu pai. Ultimamente, tem sido muito útil.

Tinha curiosidade em saber o que ele queria dizer com aquilo, mas já usara a minha pergunta de bónus. O seu tom de voz era reservado; duvidava que me dissesse mais. Enxuguei as lágrimas e devolvi o frágil lenço de algodão.

- Sinto-me honrada.

Ele dobrou o lenço e segurou-o cuidadosamente numa mão calejada, pressionando com as pontas dos dedos o tecido antigo humedecido pelas minhas lágrimas. A intimidade deliberada do gesto deixou-me as pernas fracas. Ele lançou-me um olhar melancólico.

- Ainda tens mãe e pai?

- Não.

- Morreram há pouco tempo?

- Sim.

- Lamento muito. É por isso que choras à noite?

- É uma das razões.

- Queres contar-me mais?

Fiz um gesto com a cabeça em negação.

Ele assentiu.

- Está bem. Deixo-te com os teus desenhos - apontou para o meu caderno com um gesto. - Já vi que és o que a Lily diz. Uma verdadeira artista.
- Quero outra pergunta de bónus.
- Qual?
- Que mais podes dizer-me sobre o Mac e a Lily?
- O que queres saber?
- Os seus diagnósticos.
- A razão para serem como são?
- Sim.
- O problema da Lily não é de nascença, mas o Mac provavelmente nasceu assim.
- Queres dizer...
- A mãe dele bebia. Foi uma daquelas coisas.
- Síndrome de Alcoolismo Fetal.
- Sim. Claro que os Tolbert não são o tipo de gente que lava a roupa suja em público. Se aconteceu alguma coisa ao Mac no ventre da mãe, o irmão, Glen, de certeza que não vai deixar que isso se saiba.
- Compreendo. E a Lily?
- Era muito pobre. O pai desapareceu. A mãe morreu quando a Lily ainda era bebé. Foi a avó que a criou. A avó trabalhava como criada para os Tolbert. Deixava-a com uma ama durante o dia. O namorado da ama abanou-a. Abanou a Lily, quando era bebé. Magoou-a.

Síndrome da criança sacudida. A família de Lily trabalhara para a família de Mac, enquanto Lily ficara aos cuidados de uma ama negligente. Lily nascera saudável. Pensei na pessoa que ela poderia ter sido se um desconhecido não a tivesse brutalizado. A perda. O desperdício.

E, contudo, o destino juntara-a a Mac de uma forma especial. Eu não teria nascido se um acto de crueldade não tivesse prejudicado Lily para sempre.

- Sentes-te bem? - perguntou Ben.

O meu rosto, lívido, deixava transparecer o abalo que sentia. Os dilemas existenciais deixam uma pessoa sem pinga de sangue.

- Sim, obrigada. Estava apenas curiosa.
- Tornaste-te muito próxima do Mac e da Lily. E eles de ti. Suponho que agora percebo porquê. Os teus pais não morreram há muito tempo.
- Não lhes digas nada. Não quero falar sobre o assunto.
- Está bem. Mas eles ficariam honrados se soubessem que gostas deles porque te fazem lembrar os teus pais.

Oh, céus.

- Os meus pais eram muito diferentes do Mac e da Lily.
- Não eram deficientes, é isso que queres dizer.
- Não o disse como um insulto.
- Não o entendi como tal.
- O Mac chama-me «menina». A Lily chama-me «pobre bebé». Parecem... carentes, de alguém a quem mimar.

- Tu lá sabes.
- Achas que sou carente?
- Fazes desenhos tristes.

Levantei o caderno.

- Isto não é triste. É o teu pântano maravilhoso.
- Não desenhas pessoas. Apenas lugares.
- Há beleza e significado profundo em imagens de refúgio.
- Ouve, não te estou a julgar.
- Estás, sim.
- Está bem. Andas a fugir de recordações más dos teus pais?
- Não ando a fugir. Ando a... explorar. Não leves a mal, mas... tretas.

Levantei-me.

- Não tens namorada, nem mulher, nem vida social. Não tens filhos. De que andas *tu* a fugir?
- Nenhuma mulher no seu perfeito juízo aceitaria tomar conta do Joey, deste rancho, desta gente, de mim. Pelo menos nunca conheci nenhuma suficientemente louca para isso. Ou suficientemente forte.
- Ou talvez tenhas medo, apesar das garantias científicas de que o gene é aleatório, de que se casasses e tivesses filhos pudesses ter uma criança com Síndrome de Down, como o teu irmão.

Os ombros dele abateram-se.

- Sim, Deus me perdoe. Porque um anjo é suficiente para mim. Não sou nenhum santo. Por isso, digo-te: os anjos podem dar-nos um vislumbre do Paraíso, mas também nos partem o coração.

Ben

Nunca uma mulher me fizera falar daquela maneira. Falar sobre Joey, e sobre anjos, e sobre os meus pais. Karen fazia com que fosse tão fácil... falar, simplesmente. Ela tinha-me na palma da sua mão. Mas o mais engraçado é que começava a sentir-me como se ela fosse a minha melhor amiga.

***

Nunca devia ter deixado Glen Tolbert aproximar-se de Karen. Ela não era o tipo de pessoa de aceitar a intimidação dele sem se defender, e ele não era do tipo de recuar, fascinado por ela. Eu não era do tipo que gosta de ser apanhado no meio. Além disso, naquele domingo era Dia da Mãe. Aquele domingo de Maio. Não era uma boa altura para pessoas que, como Karen, não têm mãe. Viva ou morta, fosse como fosse, não estava presente. Depois de uma pessoa perder a mãe, tem muito menos a perder. Fica irritável.

Glen Tolbert não é propriamente o substituto ideal para uma mãe. - O Diabo chegou, no seu *Hummer* - é como Miriam costuma anunciá-lo.

***

Glen era muita coisa. Tinha sessenta e poucos anos, mais dez do que Mac. E era tudo o que Mac não era: inteligente, sarcástico e arrogante. Glen aparecia sempre no rancho vestido como se tivesse acabado de sair do décimo oitavo buraco de um campo de golfe finório, o que provavelmente era verdade. Não era preciso conhecer as marcas para perceber que o relógio que trazia no pulso não fora comprado num grande armazém com chão de cimento. Além disso, conduzia sempre o veículo mais recente: um jipe *Cadillac* ou um *Hummer* todo artilhado. Nada grita mais alto «Eu tenho dinheiro e tu não» do que um *Hummer*.

Admito: eu adorava ter um.

Glen entrou no pátio do rancho, com o seu *Hummer* preto e cintilante, quando eu estava a ajudar Mac a tirar Joey da carrinha para a cadeira de rodas, depois de termos ido à missa a Fountain Springs. Uma vez que os meus trabalhadores incluíam metodistas, baptistas e outros, todas as semanas íamos a uma igreja diferente nas redondezas.

Eu não tinha grande fé na religião, mas Joey gostava dos cânticos. Possum tinha o hábito de se enfiar debaixo de um banco sempre que algum pregador falava sobre o Inferno e o Fim dos Tempos, mas tirando isso passávamos despercebidos e as congregações eram simpáticas connosco.

Karen acompanhava-nos, mas agia como uma cientista a estudar uma tribo perdida. Cantava, até tocava um pouco de harpa se lhe pedissem, mas não rezava. Eu também não. Por isso olhávamos um para o outro enquanto os outros baixavam a cabeça em oração.

Eu vestia o meu único fato escuro e as minhas botas de pele verdadeira de aligátor, mas recusava-me a usar gravata. Ela ia sempre bonita, no seu melhor fato de domingo, apesar de isso significar apenas uma *t-shirt* branca lavada, uma saia indiana e sandálias. Aos domingos, pintava as unhas dos pés com verniz transparente e brilhante. Eu reparei.

Quando chegámos ao rancho, Lily puxou Karen pela mão.

- É o Glen - murmurou-lhe Lily. - Não é o Diabo. A Miriam é que lhe chama isso.

- Ele cheira a perfume - disse Joey. - Causa-me falta de ar.

- J-já vou, G-glen - disse Mac, enquanto acabava de instalar Joey na cadeira de rodas. Depois correu para Glen como um grande cão. Gaguejava sempre mais quando estava perto do irmão. Toda a gente percebia que ele estava ansioso por agradar a Glen e que este estava ansioso por se aproveitar desse facto.

- Olá, irmão - disse Glen num tom austero, olhando para Karen enquanto pousava os óculos de sol no *tablier* do *Hummer* e fechava a porta. Glen já me tinha telefonado a fazer perguntas sobre a desconhecida que estava a viver na caravana de Mac e Lily. Eu dissera-lhe que Karen era «boa gente» e para não se preocupar. Mas Glen nunca estava convencido da bondade fosse de quem fosse, para além de si próprio.

Olhei para Karen e vi que ela estava a devolver o olhar de Glen. Não, não era apenas um olhar. A expressão dos seus olhos azuis era tão cortante que, se Glen tivesse uma placa de metal por trás, o seu contorno teria sido recortado exactamente igual.

- Passa-se alguma coisa? - perguntei-lhe. - Ainda nem sequer falaste com ele. Espera até o conheceres antes de olhares para ele dessa maneira.

- Já ouvi o suficiente para chegar à conclusão de que ele manipula o Mac e é condescendente com a Lily.

- Bom, sim, o Glen também não é uma das minhas pessoas preferidas, mas é irmão do Mac. Portanto, sê simpática.

- É uma ordem, patrão?

Ui, ela era terrível com as palavras. Olhei para ela de lado.

- Faz o favor de sorrires quando me chamares patrão. - empurrei a cadeira de rodas de Joey em direcção à casa e deixei Karen sozinha.

Foi o meu primeiro erro.

***

- Ben, vem depressa - disse Roy à porta da cozinha. - A *Estrela* mordeu o Glen.

Eu, Joey, Miriam, Lula, Possum, Cheech e Bigfoot estávamos sentados à mesa, a comer bolachas caseiras de trigo integral com passas orgânicas. Cheiravam a papas de aveia e manteiga com doce de uva.

Todos os domingos, Karen deixava uma guloseima dessas num pote de barro em cima do balcão, para me tentar. O Joey adorava-as e *Mr. Darcy* também; a arara empoleirava-se no ombro esquerdo de Joey e inclinava-se para a frente como um guindaste azul para debicar pedacinhos de bolacha da mão dele.

- Fiquem todos onde estão - ordenei. - E guardem-me uma bolacha - corri para a cavalariça. Glen estava sentado num banco, perto da sala onde guardávamos o material de equitação, apertando um lenço de papel ensanguentado sobre o antebraço bronzeado de tanto jogar golfe. Mac e Lily andavam de roda dele, estendendo-lhe mais lenços de papel. Karen assistia, montada em cima de *Estrela,* no picadeiro. *Estrela* já a deixava pôr-lhe uma rédea e uma sela. A égua não parecia arrependida e Karen também não.

- Deixa-me ver, Glen - ele levantou o lenço e eu relaxei um pouco. - Ah, é só um arranhão. Vamos desinfectar isso e pôr uma compressa. Devias ver os buracos que ela deixou nas vacas.

- Aquela égua é feroz e ela... - apontou furiosamente para Karen - .. .encorajou deliberadamente a égua a morder-me.

- N-não - disse Mac. - F-foi um a-acidente.

Lily retorceu as mãos.

- A Karen estava só a tentar mostrar-te como ensinou a *Estrela* a aproximar-se da cerca de lado. Chama-se *ballet de* cavalos.

- Lily, não digas disparates. Não estou com disposição para as tuas conversas sem sentido.

Uma sombra passou pelo rosto de Mac.

- N-não f-fales assim c-com a L-lily.

- Calma - disse eu, metendo-me entre os dois irmãos.

Glen lançou-me um olhar furioso.

- Aquela égua é um risco. É perigosa. Alguém pode ficar magoado a sério e processar-te. Uma vez que o Mac é co-proprietário, seria um alvo fácil. E, uma vez que eu tenho uma procuração para tratar dos seus assuntos financeiros, seria responsável também. Não aprovei quando ajudaste o Mac e a Lily a comprarem este animal, e agora quero que ele seja vendido.

- Não, a minha pobre bebé não! - gritou Lily. Mac passou o braço sobre os ombros dela.

- G-glen, n-não pod-demos...

- Eu insisto.

Ergui a mão.

- Dei vinte dólares para a compra desta égua, portanto também tenho uma palavra a dizer. Assumo a responsabilidade pelos vinte por cento dela que mordem.

- Isso não chega - disse Glen, aproximando-se do picadeiro e apontando para Karen. - E também quero que ela desapareça daqui.

- Não! - soluçou Lily.

Mac abanou a cabeça.

- N-não, Glen, a c-culpa n-não é d-da m-menina.

- Ela não é nenhuma «menina», é uma desconhecida com antecedentes estranhamente vagos. Que pode muito bem estar a tentar infiltrar-se na vida de um herdeiro Tolbert. Fizeste a tua pesquisa sobre o meu irmão mais novo, não foi, «menina»? Descobriste de forma muito conveniente que a família Tolbert vale milhões. O que faz do meu irmão um alvo fácil para uma vigarista inteligente.

Fechei a mão apertando o ombro de Glen.

- Vais sair deste celeiro imediatamente, ou eu arrasto-te à força.

- Não me ameaces, Ben. Sabes muito bem que te respeito, e àquilo que fazes aqui, mas se achar que já não estás a pensar nos melhores interesses do meu irmão, tiro-o daqui num abrir o fechar de olhos...

- Cuidado - pelo canto do olho vi uma mancha cinzenta. Empurrei Glen para trás no preciso momento em que *Estrela* embateu contra a cerca, com a cabeça esticada e as orelhas dobradas para trás. Os dentes da égua fecharam-se no vazio onde a cabeça de Glen estivera. O som gelou-me o sangue.

Girei sobre mim próprio e olhei para Karen, incrédulo. Ela fez recuar a égua calmamente. Não pestanejou. A égua não atacara Glen por iniciativa própria. Karen atiçara-a contra Glen como um treinador a atiçar um cão de guarda.

Glen teve a inteligência de ficar calado, com ar estupefacto. Karen lançou-lhe um olhar frio.

- Os instintos da *Estrela* para a natureza humana são excelentes. Ela olhou através da sua fachada e viu-o como o hipócrita egocêntrico, convencido e arrogante que é. Quanto a mim, Mr. Tolbert, não tenho o mínimo interesse no dinheiro dos Tolbert. E, ao contrário de si, tenho *apenas* o melhor interesse do seu irmão em mente.

Glen ainda estava sem palavras. Mas eu não. Ela fizera uma parvoíce que podia ter magoado alguém a sério e arranjado imensos sarilhos para mim, Mac e Lily.

- Leva a égua daqui e não voltes enquanto eu não disser - ordenei entre dentes.

Ela olhou para mim boquiaberta, como se eu a estivesse a trair naquele momento.

- Estás a falar a sério?

- Raios, não tinhas razão nenhuma para fazer o que acabaste de fazer. Vai. *Já.*

Ela pareceu magoada, depois fria. Anuiu secamente, virou *Estrela* e atravessou o picadeiro. Saíram pelo portão e desapareceram no sol brilhante lá fora.

- Daqui para fora - disse Glen. - Ela e a égua. Não há discussão.

Este rancho não é teu, Glen, e não és tu que mandas. Eu trato do problema.

Tiro o meu irmão deste rancho, se for preciso. Não vou aceitar «não» como resposta...

- N-não - disse Mac alto e bom som. - Não.

Deu um passo em frente, apertando Lily contra si, ela a chorar e a menear a cabeça, ele prestes a chorar também, mas ao mesmo tempo muito sério. Tinha o rosto contraído numa expressão resoluta que eu nunca vira antes.

- Não - repetiu Mac. - A Karen f-fica. A *Estrela* f-fica. E eu e a L-lily ficamos t-também - a sua expressão suavizou-se um pouco, mas apenas um pouco. - Por favor, G-glen.

Não sei o que deixou Glen mais desconcertado - ser mordido pela égua, a língua afiada de Karen ou ser contrariado pelo irmão que, até então, sempre fizera exactamente tudo o que ele lhe dizia.

- Calma - disse eu a Glen. - É melhor ires para casa, pensares melhor no assunto e depois podemos voltar a conversar.

- Esta discussão não acaba aqui.

- Pois, era bom de mais.

Ele saiu. Mac ficou a olhar para ele com ar pesaroso, mas não o seguiu.

***

Depois de Glen se ir embora, montei num cavalo e fui à procura de Karen e *Estrela.*

Encontrei-as num trilho estreito, nas margens sombrias do rio. Karen estava sentada num toco de cipreste. Os ciprestes dão aos cursos de água da Florida a sua coloração escura, ocultando os olhos selvagens de cobras, peixes e outros animais, debaixo da superfície da água cor de café.

Uma família de tartarugas, todas elas do tamanho de pratos, estava a apanhar sol na margem oposta. *Estrela,* presa nas proximidades, mordiscava as folhas de um arbusto. Um cavalo Cracker pode viver de plantas que dariam cólicas à maioria dos cavalos.

Prendi as rédeas do meu cavalo num ramo de árvore e agachei-me ao lado de Karen. Ela olhou para mim.

- Em primeiro lugar - disse, brincando com um galho de videira entre os dedos -, peço desculpa pela maneira como falei contigo há pouco. Apanhaste-nos a todos desprevenidos.

Ela assentiu e olhou para o rio. Território neutro.

- E eu peço desculpa por encorajar a *Estrela* a arrancar a cabeça do Glen Tolbert. Um ataque sem sentido. Ele é como um insecto voraz e invasivo. Provavelmente crescia-lhe outra.

- Quando pensar melhor logo te... ah, como queiras.

Ela olhou novamente para mim, com os olhos azuis preocupados e sinceros. Fez com que o meu coração se afundasse e outras partes se levantassem.

- Por que raio te preocupas tanto com a opinião dele?

- O Glen é um imbecil, mas é o único apoio que tenho.

- Como é que o convenceste a deixar o Mac viver aqui?

- Tudo começou em Talaseega. Eu tinha acabado de comprar o rancho. Eu e o Joey andávamos a ver o gado. Nessa altura, o Joey ainda não precisava de cadeira de rodas. Andava a vaguear, a conversar com uns cavalos novos. Eu estava a tratar de negócios e perdi-o de vista durante uns minutos. Uns idiotas começaram a troçar dele e a chamar-lhe... *atrasado mental*. Fizeram-no chorar. No minuto seguinte, estavam a voar pelos ares. O Mac atirava-se a eles. A Lily abraçou Joey e consolou-o. Uns tomam conta dos outros.

- Então foi assim que conheceste o Mac e a Lily.

- Sim. O Mac ainda vivia na casa dos Tolbert... têm uma quinta, River Bluff, numa cidade com o nome deles. Tolbert. A Lily vivia lá também, mas tratavam-na como uma criada. O Glen tinha mais com que se preocupar. Queria o Mac e a Lily longe da vista, não queria ter de se preocupar com eles. Eu apareci no momento certo.

- Porque não os deixa casarem-se?

- Diz que a Lily não é suficientemente boa para ser uma Tolbert.

Os olhos de Karen faiscaram.

Filho da mãe.

Eu não conseguia percebê-la. Tanta paixão por pessoas que conhecia há tão pouco tempo. A menos que... ah, raios. Pousei-lhe a mão no braço.

- Não precisas de me dizer nada se não quiseres. Mas parece-me evidente que tens um interesse pessoal na história do Mac e da Lily.

Ela olhou para mim

- Evidente? Como?

- Alguém da tua família. Tens um familiar qualquer que não é completamente... normal. Ficamos por aqui?

Ela estava a tremer debaixo da minha mão. Os seus olhos humedeceram-se. Lutou para se recompor, desviou o rosto, engoliu em seco.

- Sim, ficamos por aqui.

Eu não queria tirar a mão do seu braço nu, mas obriguei-me a fazê-lo.

- Está bem. Isso explica muita coisa.

Ela engoliu novamente.

- Então conheceste o Mac e a Lily no leilão e ficaste amigo deles por terem defendido o Joey. Uma coisa levou a outra e contrataste-os para trabalharem no teu rancho. *Salvaste-os.*

- Bom, eu não diria...

- Salvaste-os. Deste-lhes a possibilidade de viverem juntos, com relativa dignidade e independência, pela primeira vez nas suas vidas, como um casal que se ama.

- O Mac era bom com o gado e a Lily tinha um coração de ouro, por isso contratei-os, sim. Prometi a Glen que os trataria bem.

- Ele é um hipócrita desprezível.

- Bom, sim.

Ela esfregou os olhos e respirou fundo.

- E os outros... o Cheech, o Bigfoot, o Possum, o Roy e a Dale... como é que os contrataste?

- As pessoas ouviram dizer que eu contratava deficientes e começaram a procurar-me. Família, assistentes sociais, amigos. Pode ajudar este ou aquele?, pediam-me. E foi assim. Nunca planeei as coisas desta maneira. Não tinha intenções de ter uma atitude nobre. Não posso aceitar o mérito por algo que simplesmente aconteceu.

- Podes, sim. Para citar Cervantes, *«Dios que da la llaga, da la medicina*», o que quer dizer...

- Deus dá a doença, mas também a cura.

Ela olhou para mim.

- Sim - depois desviou o rosto. - Como Cervantes disse... Deus deu-te um desafio, mas também a solução. Fizeste algo maravilhoso, aqui. Algo que poucas pessoas teriam arriscado fazer. É uma responsabilidade enorme dar casa e meios de subsistência a pessoas que os outros consideram geralmente incapazes e marginais.

- Estou-me borrifando para o que as outras pessoas pensam. Eles trabalham para ganhar o seu sustento. Têm os seus problemas, sim, mas...

Karen pousou a mão no meu braço.

- Estava a elogiar-te, Ben.

Recostei-me e suspirei.

- Às vezes, canso-me, e depois sinto-me culpado por desejar não ter de ser mãe e pai para esta gente.

- Lamento se te dificultei a vida, hoje. Mas desprezo o Glen Tolbert.

- Ouve, o Glen Tolbert não é o rei da simpatia, está bem? É rico, e as pessoas ricas têm tendência para pensar que conseguem sempre o que querem...

- Nem todas as pessoas ricas têm alma egoísta e ambiciosa.

- Concordo. Mas... ouve, como havemos de encerrar o assunto do Glen Tolbert? Tens de ser simpática com ele. Estás a ouvir?

Ela levantou-se.

- Deixei o tofu a marinar. Tenho de voltar - aproximou-se de *Estrela* e montou-a agilmente. A égua não tolerava uma sela ocidental pesada; Possum, com a sua sensibilidade para se aperceber quando os animais se sentiam nervosos, ajudara Karen a escolher uma sela leve, do tipo que usávamos nos cavalos mais novos que ainda estavam a habituar-se aos arreios.

Karen, sensatamente, prendera a sela a um largo peitoral de algodão sobre o peito da égua. Quando montamos um foguetão, queremos ter a certeza de não escorregar para trás quando ele descola.

Pegou nas rédeas, que tecera com corda de algodão. Rédeas práticas num freio ocidental com um bridão inglês amaricado. Hum!

- Até já - disse ela.

Depois tocou com os calcanhares na égua e esta voou.

Voou. Como um relâmpago. Como a bala de um canhão. Atirando areia e folhas de palmeira para cima de mim e do meu cavalo, como se estivéssemos demasiado perto de um cortador de relva.

O que a maioria das pessoas não sabe é que há cavalos rápidos e há cavalos com um arranque rápido. Os puro-sangue - as raças que correm no Kentucky Derby e em eventos semelhantes - são corredores de longa distância, com pernas compridas. Nada pode batê-los em distâncias de um quilómetro ou mais. Mas os Quartos de Milha - a raça de cavalos de gado de traseiro largo e queixada de buldogue, vindos do Texas no século dezanove - conseguem ultrapassar qualquer cavalo em *sprint.* São imbatíveis nos primeiros quatrocentos metros, e foi assim que ganharam o seu nome. *Estrela* tinha um arranque fantástico, dos zero aos cem em cinco segundos. Ou menos.

Limpei a areia da cara, subi para o meu cavalo e tentámos apanhar Karen e a égua.

Não conseguimos.

Há homens que se sentem humilhados se não conseguirem vencer uma mulher numa corrida de cavalos.

Eu? Pensei apenas: «Que Cracker tão bonita e rápida».

E a égua também não estava mal.

Kara

Nessa noite, no pequeno recanto de refeições enfeitado com margaridas, na caravana de Mac e Lily, ela e eu partilhámos um jarro de chá de pêssego gelado com as minhas bolachas caseiras. Mac estava a dormitar no sofá florido, em frente de um jogo de basebol. *Mr. Darcy* dormitava também, no ombro dele.

Toquei no braço sardento de Lily.

- Peço desculpa por ter estragado a visita do irmão do Mac.

Ela mordeu o lábio.

- Por tua causa, o Mac disse-lhe *não.* Foi a primeira vez, de *sempre.*
- O que aconteceria se tu e o Mac lhe dissessem *não* mais vezes?

Lily franziu o sobrolho.

- Ele levava o Mac.
- Pronto, não chores, desculpa - acariciei-lhe o braço. - Isso não vai acontecer. Está descansada.

Ela enxugou as lágrimas, baixou-se e apanhou um saco de papel amachucado que tinha aos pés. Dele retirou um álbum infantil, com margaridas coladas na capa. Lily alisou com a mão a antiga colagem.

- Não é tão bonito como os álbuns da Miriam e da Lula.

- Referes-te àqueles que elas fizeram com fotografias da mãe do Ben e do Joey vestida de sereia?

- Sim.

Joey adorava esses álbuns. Folheava-os, pelo menos, uma vez por semana.

- Bom, esses álbuns são bonitos, sem dúvida, mas tenho a certeza de que o teu também é. Posso vê-lo? Qual é o tema?

- Não sei. O que é um tema?

Abri a capa e passei lentamente as páginas. Nelas estavam colados recortes de revistas de noivas. As modas e os anúncios começavam com uma fotografia amarelecida de um casal de noivos dos anos setenta, sorrindo debaixo de uma bola de espelhos, e acabavam com um recorte recente de uns noivos do século XXI a sorrirem enquanto ouviam os seus *iPods.*

- Um dia - disse Lily melancolicamente - o Mac e eu vamos casar.

Fechei o álbum lentamente e segurei-lhe na mão.

- Sim, hão-de casar. Prometo.

- És muito querida. Mas não consegues fazer com que o Glen mude de ideias.

- Logo se vê. Lily, por favor, não fiques aborrecida com esta pergunta, mas... quando tu e o Mac eram mais novos, nunca quiseram ter filhos?

Lily, com o olhar siderado, estudou o meu rosto. Tentei desesperadamente ler a sua mente. O que eu estava a ver seria medo de confessar que tinham dado um bebé, ou horror por recordar o parto? Lily tirou a mão da minha e desviou o olhar.

- Não. Não podíamos ter bebés. Isso seria errado, pessoas como nós terem bebés. Errado.

- Lily, foi o Glen que te disse para repetires isso?

Ela arregalou muito os olhos.

- Não! É verdade. Não falo sobre bebés! Não quero! - pegou rapidamente no álbum, guardou-o no saco de papel e depois, a chorar, segurou na minha mão e levou-a ao rosto. - Mas se tivesse tido um bebé, gostava que fosse tal e qual como tu.

Dirigiu-se apressadamente ao quarto, a coxear e a chorar, e fechou a porta atrás de si.

***

- Sedge, desculpa, sei que já passa da meia-noite, mas tinha de te ligar.

- Minha querida, o Malcolm e eu estamos no Cairo. Estamos a almoçar. Não te preocupes. O que se passa?

- Conheci o meu tio biológico e gostava de o mandar assassinar.

- Está bem. Preferes veneno, facas, armas de fogo ou uma bela bomba no carro?

- Hum, tantas opções deliciosas. Oh, esquece. Só queria ouvir-te enumerar as possibilidades.

- Nem mesmo um velho empedernido como eu aconselharia um homicídio. Conta-me, o que o que fez o tio?

Descrevi-lhe o dia.

- Sedge, ele tem a tutela legal do Mac. Ameaçou levá-lo do rancho e afastá-lo da Lily. É um fanfarrão arrogante. Tenho de fazer alguma coisa para proteger o meu... o Mac. E a Lily.

- Mas não disseste que o Ben Thocco é perfeitamente capaz de defender os interesses deles?

- Sim, mas um tribunal não ficará do lado dele contra o irmão do Mac.

- Minha querida, não há solução para essas circunstâncias.

- Sim, há. Nenhum tribunal ficaria do lado de Glen Tolbert contra a *filha* do Mac.

- Kara, Kara. Fizemos um acordo.

- Sim, mas o acordo inclui cuidar discretamente do Mac e da Lily.

- A palavra-chave é «discretamente».

- Então aconselha-me. O que posso fazer para controlar o Glen Tolbert?

- Pensa nisto como um duelo.

- Sedge, eu era *horrível* em duelos. Não tinha paciência nenhuma. A instrutora no colégio interno desistiu de mim. Disse que eu só sabia dar estocadas e não sabia aparar os golpes.

- Então, aqui tens uma oportunidade de amadurecer. De refinares as tuas capacidades. Aprende a ser paciente. Vê o que Mr. Tolbert faz a seguir e depois podes agir para anular a acção dele.

Concordei com relutância, desejei-lhe boa-noite e deitei-me na escuridão, na minha cama de margaridas, furiosa. Para cada ataque do tio Glen, eu ia ter uma estocada preparada.

Tentei imaginá-lo como uma espetada humana.

Capítulo 11

Ben

Eu devia saber que Glen não se deixaria ficar.

Geralmente, eu gostava de ir a Fountain Springs. Era sempre agradável passar algum tempo na cidade, percorrer os passeios e tirar o chapéu às senhoras, jovens e menos jovens. Mas não quando recebia uma chamada da minha gerente de conta para uma reunião no Banco Sun Farm.

Reuniões no banco eram sempre sinónimo de más notícias. Eu já me atrasara mais do que uma vez no pagamento do empréstimo que contraíra para o novo celeiro do gado, incluindo a prestação deste mês, mas a minha gestora de conta sabia que eu pagava sempre. Portanto, fiquei preocupado quando ela disse:

- Passe por cá. Precisamos de falar, Ben.

Tentei não pensar nisso pelo caminho.

Estava a transpirar. E não era só por causa do calor daquela manhã de Junho. Ao calor estou eu habituado. Ao banco a executar as hipotecas, não.

Conduzi lentamente.

O interior da Florida é húmido, mesmo na Primavera, semi-tropical e tórrido, apesar das estrelas de Natal que floriam em vasos nos pátios e relvados. No Verão, tínhamos mais de trinta e cinco graus e cem por cento de humidade, todos os dias, de Junho a Outubro. Antes do ar condicionado, a Florida não mandriava com o calor. Entrava em coma.

Os *yankees* não compreendem que a forma de vida lenta do Sul surgiu para sobreviver ao calor; os antigos passavam as tardes a bebericar chá gelado e a dormir à sombra das árvores apenas para se manterem vivos. Olhem para qualquer lugar do mundo onde o calor ainda domine. As pessoas que vivem nesses sítios movem-se como tartarugas e o sucesso é avaliado em suor. Eu cresci a empurrar Joey numa cama de rede, no alpendre da frente, todas as tardes quentes de Verão. Sem a brisa, ele não conseguia respirar bem.

Tentem manter alguém que amam vivo com o vento de uma cama de rede a baloiçar. Isso dá-nos um respeito especial pela Mãe Natureza.

Sim, os meus pensamentos eram mórbidos. Já me sentia injustiçado, antes mesmo de chegar ao banco. Conduzi ainda mais devagar, tentando apreciar a paisagem.

Abrandei na passadeira de uma escola primária, depois na passadeira da biblioteca, e entrei numa praça sombria, rodeada de edifícios antigos com toldos e bancos do lado de fora, incluindo a loja de ferragens e rações e a drogaria, onde podia adiar mais um pouco o inevitável enquanto bebia um batido caseiro encostado ao balcão de mármore.

O Banco Sun Farm ficava na porta ao lado. Estacionei entre o batido e a gestora de conta e fiquei na carrinha uns bons cinco minutos, debatendo-me comigo próprio. Agora sabia como era a sala de espera do Inferno.

Finalmente saí, mas fui pelo caminho mais longo. Como se tivesse de ir cumprimentar o Tribunal do Condado de Saginaw. O tribunal fica no meio da praça, sob uma cúpula de carvalhos. Em todo o Norte da Florida não há nada igual em termos de puro esplendor provinciano. As paredes são de pedra cinzenta. Os contornos das janelas e portas em arco são de azulejos coloridos. O telhado é de telhas vermelhas e, no cimo, tem um campanário.

O melhor de tudo é que, no relvado da frente, há uma fonte com uma estátua em tamanho real de Bob Hope vestido como um conquistador e de barbicha. Bom, está bem, supostamente é uma estátua de Juan Ponce de León. Uma placa de bronze na base redonda da fonte diz tudo:

Cidade de Fountain Springs
Fundada em 1892
O explorador espanhol Ponce de León
procurou a fonte da juventude em 1515
e decidiu que devia ser esta bela nascente.

Ponce de León nunca viajou tão para oeste nas suas visitas à Florida, mas isso não impediu os fundadores da cidade de declararem o contrário. Portanto ali estava ele, olhando para a mão direita, erguida como se estivesse a abençoar a cidade. A água irrompia dos seus cinco dedos.

Ponce de León não parecia tanto estar a dar graças por Fountain Springs, como parecia estar a perguntar a si próprio por que raio lhe saía água dos dedos.

Parei junto da fonte, de chapéu na mão, e olhei para ele durante um minuto.

- Bom, Juan, achas que vou ter más notícias no banco? - perguntei em espanhol.

Não tive resposta. Não era bom sinal.

Muito bem.

Respirei fundo e dirigi-me ao Sun Farm.

Kara

Eu sabia que Ben tinha feito uma visita inesperada à cidade nessa manhã. Mas não fazia ideia porquê.

You belong to me[3], cantou Patsy Cline ao meu ouvido nessa noite, através dos auscultadores do *iPod* de Joey. Patsy estava guardada na categoria «Músicas do Ben», que incluíam o melhor do *rock hardcore* e essencialmente sulista, tocado por bandas como os Lynyrd Skynyrd e os Allman Brothers. Mas a lista incluía também as obras de *cowboys* sensíveis como Toby Keith, Garth Brooks e, claro, a sensualidade rouca de Patsy Cline. Ben deixara entrar uma miúda no seu clube. E Toby e Garth.

[3] «Pertences-me» (N. da T.)

Ben Thocco era um *cowboy* Cracker metrossexual.

Digo-o no bom sentido.

Será que ele não sabia que a música era o espelho intuitivo da alma humana? Que civilizações inteiras, das tribos mais pequenas aos reinos mais poderosos, falavam nos ritmos únicos das suas canções? E que ouvir a música preferida de Ben me proporcionaria um olhar secreto e fiável sobre a sua mente? Eu pedira emprestado o *iPod* enquanto acabava de preparar a massa e a fruta para os queques da manhã seguinte. Admito que me demorava mais na cozinha, em algumas noites, para estar perto de Ben, que se deixava ficar comigo, arranjando desculpas para fazer comentários sobre as minhas ementas.

Mas nesta noite ele estivera extremamente calado durante o jantar e depois mandara Lily, Mac e os outros para a sala de TV comum, por cima do celeiro do gado. Depois retirara-se para o seu escritório e fechara a porta.

Grub, o gato, deitara-se no corredor, do lado de fora do escritório, brincando com a faixa de luz que passava por baixo da porta. Os gatos não gostam do mistério de portas fechadas. Eu também não.

Fui adiando as minhas tarefas. Uma lâmpada com uma cobertura metálica antiga lançava sombras suaves sobre o balcão ao lado do lava-louça. Pela janela de rede, por cima da torneira, entrava uma brisa perfumada. O Little Hatchawatchee gorgolejava sobre as rochas baixas. *Mr. Darcy* ria-se, no quarto de Joey, onde ele, Joey, Miriam e *Ruibarbo* estavam a ver um DVD com os melhores momentos do programa *Ídolos*. A voz de Paula Abdul cativava inexplicavelmente a minha arara, e, de cada vez que ela falava com um concorrente, *Mr. Darcy* soltava uma gargalhada.

O amor não vê fronteiras, nem as ouve.

Travel to the pyramids. Visit Algiers. See the rainy jungle. But come home to me, no matter what.[4] A mensagem de Patsy Cline atingiu-me o coração; senti saudades dos tempos passados em família, com os meus pais, e essa sensação fundiu-se com um crescente sentimento de melancolia relacionado com os meus sentimentos por Mac, Lily e Ben.

Eu queria que os meus pais biológicos me amassem. Queria que sentissem necessidade de mim. Queria que Ben fosse um herói clássico e, contudo, ele insistia em ser realista. A sua tolerância pragmática em relação a Glen Tolbert magoava-me, para dizer a verdade. Ao mesmo tempo, o meu idealismo privilegiado revoltava-me. Nunca me tinha preocupado com contas para pagar. Nunca tivera de fazer escolhas.

Patsy continuou a cantar. Ela fora condenada a morrer num acidente de avião, como os meus pais. *Just remember, darling...*[5]

Enxuguei as lágrimas enquanto despejava a massa numa tigela de barro e a tapava com folha de alumínio. A vida é fugaz. A vida é preciosa. Temos de gozar cada momento. A sensualidade de respirar, de sentir, de querer. De querer tomar conta de Lily e Mac. De querer agradar a Ben, embora raramente lho demonstrasse.

De querer Ben.

---

[4] «Viaja até às pirâmides. Visita Algiers. Vê a selva chuvosa. Mas volta para mim, aconteça o que acontecer.» (N. da T.)

[5] «Não te esqueças, querido...» (N. da T.)

- Karen - chamou Miriam. Dei um salto. Ela saíra do quarto de Joey sem eu dar por isso.

Tirei os auscultadores.

- O que se passa?

Ela agitou o telemóvel, decorado com autocolantes de sereias.

- Tenho amigos na cidade. Recebi informações a que não devia ter acesso. Descobri o que aconteceu hoje, quando o Ben foi ao banco.

A ética debateu-se com a curiosidade. Na minha cabeça, chamei-lhe *preocupação justa.*

- Conta-me.

- Ele atrasou-se mais de trinta dias na prestação do empréstimo para o celeiro do gado. O banco diz que isso lhes dá o direito de executar a hipoteca. Ele já se atrasou outras vezes, mas metade dos rancheiros destas terras atrasam-se de vez em quando nos pagamentos. O banco facilita-lhes sempre a vida. Eles sabem que o Ben é uma pessoa séria. Mas desta vez não. Sabes porquê? - os seus olhos faiscaram. - Porque o Glen Tolbert faz parte da administração do Sun Farm e está a apertar com o Ben.

Senti um arrepio percorrer-me o corpo.

- Por minha causa.

- Sim! Acha que assim o Ben lhe fará a vontade. Em troca, o Glen diz uma palavra em favor dele e o banco não o aborrece mais por causa da prestação atrasada.

Deixei-me cair numa cadeira.

- Mas só se o Ben concordar em livrar-se de mim. E da *Estrela.*

- Exactamente.

Ouvimos a porta. Depois os passos de Ben. Passos suaves, de pés descalços. À noite, ele vestia uma *t-shirt* e calças de fato-de-treino cinzentas, muito usadas e com manchas brancas causadas pelos acidentes de Lily com a lixívia. As suas pernas, dentro das calças de algodão fino, eram um festival de músculos interessantes.

- Raios - resmungou Miriam. - Ele caminha mesmo como um índio. Fomos caçadas.

Os olhos escuros de Ben perfuraram-nos quando entrou na cozinha. Uma sobrancelha arqueada dava alguma esperança de perdão.

- Deixem-me adivinhar - disse num tom sombrio, olhando para Miriam.

- Só disse o que tinha de ser dito - afirmou Miriam, desaparecendo de novo no quarto de Joey.

Ben olhou para mim.

- Não vais sair daqui para lado nenhum. Nem tu, nem a égua. Nem sequer me fales nesse assunto. Ninguém me coloca entre a espada e a parede desta maneira. Nem mesmo um Tolbert.

- Eu vou falar pessoalmente com o Glen, pedir-lhe desculpa.

- Uma ova é que vais - a sua expressão suavizou-se. - Não estou zangado contigo. Estou zangado com ele. Não digas nada ao Mac e à Lily.

- Claro que não. Quanto é que ainda deves do celeiro?

- Não te preocupes com isso. Eu arranjo o dinheiro. Vendo umas vacas de criação. De que serve um celeiro se estiver demasiado cheio?

- Quanto?

- Trinta mil.

- Oh, Ben...

- Tenho duas semanas. Eu trato do problema. Esta guerra não é tua.

Levantei-me.

- Claro que é. Eu vou-me embora. É melhor. Mudo-me para o motel...

- Partias o coração do Mac e da Lily se fizesses isso. E do Joey E... de toda a gente. E eu... eu ia lá buscar-te e trazia-te de volta à força. - Esfregou as mãos com nervosismo. - À força não. Sabes o que quero dizer. Não vás.

- Se é o que me estás a pedir... - senti um nó na garganta.

Ele ergueu os olhos para o céu.

- Valha-me Deus. Vejam só. Para variar, ela vai fazer o que eu lhe *disse* para fazer. Jesus? A Dale tem andado a falar contigo? Ainda bem - olhou de novo para mim. - Tenho de ir tratar da contabilidade. Boa-noite.

Dirigiu-se de novo ao escritório e fechou a porta.

Eu sentei-me. Tinha as pernas a tremer.

Em muitas tribos do mundo, os homens oferecem gado para pagar as mulheres. Ben determinara o meu valor em vacas.

Eu não me importava. Na verdade, agradava-me valer tantas cabeças.

E nunca mais voltaria a pensar em Ben como um realista pouco romântico.

***

- Sedge - disse, num tom sinistro. - Tomei a minha decisão em relação ao Glen Tolbert. Gostava que o mandasses envenenar, e que depois fosse apunhalado e desfeito por uma bomba.

- Presumo que ele entrou em acção.

- Sim - contei a Sedge o que se estava a passar com a hipoteca do celeiro. A minha voz tremia de raiva. Mr. *Darcy*, olhando para mim com ar preocupado, andava de um lado para o outro em cima da colcha com margaridas.

- É esse o único problema que ele está a causar ao Ben, minha querida? - Sedge riu-se. - Eu trato disso. É apenas uma questão de dinheiro.

- Tens a certeza?

- Oh, sim. Se essa é a melhor *estocada* de que o caro Glen é capaz, não há motivo para preocupações.

- Está bem. Vou tentar relaxar.

- Óptimo. Os problemas que envolvem dinheiro são facilmente *resolvidos* com dinheiro.

- Sedge, só por curiosidade, quanto dinheiro é que eu tenho?

- Pouco mais de mil milhões.

- Valha-me Deus. Não sou apenas rica. Sou *podre* de rica.

- É verdade. Lamento muito.

- Eu sei que é sórdido e mesquinho usar a fortuna Whittenbrook como arma; os meus pais nunca o fizeram.

- O quê? Claro que fizeram. Compraram governantes na sua demanda para salvar uma pequena parte da floresta tropical, olearam as engrenagens da burocracia, e perdi a conta aos obstáculos que derrubaram com dinheiro. O uso de uma grande fortuna como arma para fins idealistas é uma das imagens de marca da civilização. Como achas que Roma conquistou o mundo?

- Pelo extermínio ou escravização dos povos indígenas.

- Sim, mas...

- Compreendo agora algo que é muito óbvio para a maioria das pessoas neste mundo. As almas mais corajosas são as que defendem uma causa sem a protecção do dinheiro. Sedge, é este o local. São estas as pessoas. Aquilo que eu disse no serviço fúnebre. Quero fazer a diferença. Aqui. Tenho de tentar.

- Minha querida, os teus pais ficariam orgulhosos.

Capítulo 12

Ben

Ofereci algumas vacas de criação ao banco, mas a minha gestora de conta ainda não me dera resposta. Eu andava angustiado de preocupação. E esconder a preocupação é mais difícil do que a preocupação propriamente dita.

Estávamos a tomar o pequeno-almoço quando Mac disse a toda a gente que Karen estava a ajudá-lo a controlar a gaguez.

- Olho p-para a ponta do d-dedo - explicou, levantando o indicador. - Um... dois... três - moveu o dedo como se estivesse a traçar um triângulo no ar por cima dos biscoitos de trigo integral e das salsichas de soja com molho magro. - Quando... olho... para... o... dedo... enquanto... falo... não... gaguejo.

Ficámos maravilhados e aplaudimos.

- É como o ET - disse Joey. - Tens um dedo mágico.

Os olhos de Lily brilharam.

- A *Karen* é que tem magia.

- O ritmo concentra a mente - disse Karen.

- Também a cerveja - retorqui. Gostava de me meter com ela.

Ela sorriu. Estava a tentar animar-me.

- Como é que percebes tanto de gaguez? perguntou Miriam.

Karen ficou muito calada. Senti um arrepio percorrer-me a espinha.

Karen olhou para os olhos curiosos de Mac.

- Porque, quando era pequena, também gaguejava.

- A sério?

- Muito pior do que tu, Mac. Foram precisos vários anos de terapia profissional para o conseguir ultrapassar.

A informação praticamente silenciou toda a mesa.

- Ela é como nós - murmurou-me Joey. - É por isso que é especial.

Toda a gente o ouviu. Joey murmurava como uma sirene de alerta.

- Obrigada - disse ela, emocionada.

Os olhos de Lily humedeceram-se.

- Gostamos muito de ti, tal e qual como és.

Mac, também com os olhos húmidos, concordou.

Roy, Dale e os demais começaram a fungar.

E eu.

Ah, raios!

Mudar de assunto. Depressa.

Foi então que me ocorreu.

- Triângulos - disse, em voz alta. - *Concentração.* Corrida de barris. Ponham a *Estrela* a correr, à volta de uns barris e talvez ela deixe de tentar morder toda a gente.

Segundos depois estavam todos lançados numa discussão sobre corridas de barris.

Karen olhou para mim com um beijo no olhar.

***

- Aqueles barris - disse eu, apontando sob o sol escaldante para três barris de borracha, à altura de cintura, pintados às riscas cor de laranja -, vão ser os melhores amigos da *Estrela* ou apenas mais uma coisa para ela morder. Acho que ela precisa de um objectivo, como já disse. Vale a pena tentar, nem que seja para ela gastar alguma da energia que dedica a morder as vacas e a odiar os homens.

- Chamam a isto um desporto? - perguntou Karen lá de cima, com as mãos pousadas com desenvoltura na sela de *Estrela.* Apontou para os três barris, dispostos de modo a formar um grande triângulo no picadeiro ao ar livre. Joey, Miriam e os outros estavam encostados à cerca, a assistir. - A *Estrela* é capaz de aprender este padrão de olhos fechados.

- Chama-se *corrida* de barris - respondi. - É mais difícil do que parece. Apesar de ser um desporto amaricado, em comparação com as restantes provas dos *rodeos.* É praticamente só para *raparigas* - não estava com disposição para ser diplomático. Além disso, achava que Karen aceitaria o meu desafio.

- Amaricado? - perguntou ela, levantando uma sobrancelha.

Acabar de lançar o teu isco.

- Bom, sim, mas só porque «amaricado» é uma palavra de rapariga.

- Porque o desporto é dominado por cavaleiras, é isso que estás a dizer? Porque o objectivo é simplesmente correr contra o relógio e não envolve atirar uma corda para derrubar um pobre bezerro, ou fazer um desgraçado de um cavalo ou touro empinar-se convulsivamente, através do uso de correias nos rins e esporas? A minha pesquisa mostra que, nos últimos anos, a campeã que mais dinheiro tem ganho em *rodeos,* a nível nacional, é uma mulher, na corrida de barris. Achas que isso é amaricado, uma mulher ganhar mais do que os homens?

- Sim - muito bem, ela sabia pesquisar no Google «Corridas de barris, sucesso das mulheres em».

Ela sorriu.

- Lançaste o desafio. Aceito. Diz-me mais.

- Três barris. Dispostos desta maneira - apontei com as mãos, de norte para sul, como se estivesse a ajudar um avião a aterrar. - Dois lados compridos iguais, com mais ou menos trinta metros cada depois tracei uma linha de oeste para leste. - Um lado mais curto ao fundo. Cerca de vinte metros.

- Por outras palavras - disse ela -, um triângulo isósceles.

Isto causou exclamações de espanto dos trabalhadores.

- Que língua está ela a falar agora? - perguntou-me Lily.

Karen sorriu-lhe.

- É...

- Grego - interrompi. - Triângulo isósceles. É um triângulo com dois lados compridos e um curto - olhei para Karen. - Foi inventado por Euclides, há muito tempo.

Ela olhou para mim com os olhos a brilhar. Como se estivéssemos a dançar uma música lenta e lhe tivesse agradado o que encontrara ao roçar acidentalmente o meu baixo-ventre.

- Impressionante - disse.

- Vi a semana da matemática no Canal História.

- Diz-me mais.

Apontei para o portão.

- O objectivo é entrar a galope, contornar o primeiro barril para a direita, o segundo barril para a esquerda, depois seguir para o terceiro barril, o vértice superior do triângulo, e contorná-lo para a esquerda. Chama-se um padrão folha de trevo.

«Depois, galopar novamente a toda a velocidade para o portão. Tudo depende de o cavalo conseguir fazer as curvas à volta dos barris tão apertadas quanto possível, tão rápido quanto possível, sem derrubar nenhum. Num concurso, há um raio infravermelho no portão que lê o tempo ao centésimo de segundo. Os tempos dos melhores cavaleiros não ultrapassam os treze a quinze segundos.

«Nos grandes espectáculos, o primeiro e o segundo lugar são separados apenas por alguns centésimos. Mas isso não importa. Começa-se a treinar um cavalo para a corrida de barris fazendo-o percorrer o percurso a passo. Descrever a folha de trevo, trabalhar a técnica. Meter a cabeça da *Estrela* para dentro e, manter o focinho dela virado para o barril, como se estivesse presa ao barril e este a fizesse girar; tu recostas-te para trás na sela durante a aproximação, inclinas-te para a frente ao afastar.

«Desloca o teu peso, desloca o centro de gravidade do cavalo. Deslizar e virar, girar e acelerar. Como se estivessem a ensaiar uma dança.»

- Muito bem - disse ela num tom altivo. Como se eu estivesse a tentar vender gelo a um esquimó. - Vamos fazer o padrão a passo algumas vezes.

- Não é algumas. É um milhão. Vai com calma. A maioria dos cavalos demora algum tempo a acostumar-se à ideia.

Ela deu um toque a *Estrela* e fê-la avançar. Meneei a cabeça ao ver como Karen montava. Segurava as rédeas com ambas as mãos, à inglesa. A égua avançou a furta-passo em direcção ao primeiro barril, com passo indolente, a cauda cinzenta a abanar. As orelhas agitaram-se mais depressa à medida que se aproximou do barril, depois ficaram achatadas contra a cabeça e fitou o barril como se fosse a encarnação do mal.

A cauda abanou mais depressa, como a de um gato quando está furioso. Karen puxou-lhe o focinho para dentro e contornaram o barril com uns bons dois metros de distância entre elas e a borracha.

- Ela prestaria mais atenção se a habituasses a controlá-la só com uma mão, à Oeste - gritei a Karen. - É capaz de precisar de um freio com hastes. Não esse bridão inglês amaricado...

De repente, *Estrela* escoiceou com uma das patas de trás e acertou em cheio - o barril voou pelos ares.

Karen olhou para ele. Depois para mim.

- Em competição, estaríamos desqualificadas?

- A menos que ela estivesse a prestar provas para marcar golos pelos Atlanta Falcons, sim. Desqualificadas ou penalizadas.

- Muito bem, então já não há pressão. Vai correr melhor daqui para a frente.

Karen incitou *Estrela* a passar para um trote lento em direcção ao segundo barril. Uma boa mudança de direcção, habilidosa e ágil; depois uma curva larga e, *zás, Estrela* derrubou o segundo barril com um coice. Avançaram para o terceiro, e, *zás,* lá foi ele pelos ares.

Karen aproximou a égua do portão, parou e franziu o sobrolho.

- O que achas?
- Acho que ela devia dedicar-se ao *bowling.*
- Tens de admitir que ela tem uma pontaria espantosa.
- Ninguém ganha pontos por quebrar as regras.
- Talvez devesse ganhar.
- A *Estrela* está nervosa, mais nada - disse Lily. Dirigiu-se ao portão, a coxear, estendendo uma cenoura. Mac seguiu-a, empurrando a cadeira de rodas de Joey. - Pobre bebé - disse Lily à égua numa voz doce. - Não gostas que te ponham coisas no caminho, não é? - *Estrela* comeu a cenoura. Ao fundo, Miriam e os outros pareciam desapontados.

Mas Mac esboçou um sorriso de orgulho.

- O nosso c-cavalo é especial - disse a Karen. - É uma *escoiceadora* de barris. Devia haver t-troféus por isso. Ela ganharia.

Karen sorriu.

- Concordo.
- Não há Jogos Paraolímpicos para cavalos? - perguntou Joey.

Suspirei. Não precisava de um cavalo carente que nem sequer conseguia fazer um simples padrão de corrida de barris sem pôr os barris em órbita. Esfreguei as rugas de tensão na testa e fui endireitar os barris.

O meu telemóvel tocou. Está bem, não se limitou a tocar; tocou os acordes iniciais de *Freebird,* dos Lynyrd Skynyrd. Atendi.

- Estou?
- Ben, fala a Mary Lee. Do banco.

A minha gerente de conta.

Parei.

- Sim?

- Ben, não vai acreditar nisto, mas uma grande companhia de investimentos comprou todos os empréstimos agrícolas do Sun Farm. Incluindo o seu. A direcção não podia recusar o negócio. É enorme - ela baixou a voz. - Nem sequer o Glen Tolbert pôde opor-se, o idiota.

- Mary Lee, está a dizer-me que estou safo? Que o meu celeiro está salvo? Que não preciso de vender as vacas?

- Sim. O novo detentor da hipoteca dá períodos de noventa dias de prorrogação em pagamentos atrasados!

Agradeci, enfiei o telemóvel no bolso de trás, virei-me e vi Karen e Miriam a olharem para mim.

- Boas notícias? - perguntou Karen.

Contei-lhes, com um sorriso.

Miriam levou as mão ao peito.

- Um milagre - murmurou.

Karen limitou-se a sorrir.

Kara

Funcionou. Eu tinha cortado as pernas a Glen através do uso sensato do dinheiro e da influência dos Whittenbrook. Vim a saber depois que Sedge se limitara a pedir a um primo Whittenbrook que usasse a sua firma de investimentos para comprar todos os empréstimos agrícolas do Sun Farm, como um favor pessoal para mim. Sem fazer perguntas. Uma carteira de pequenos empréstimos, no valor de milhões, trocara de mãos tão casualmente como cartas num amigável jogo de póquer.

É assustador como o dinheiro joga com a vida de tantas pessoas.

- Chama-se «negociar em papéis comerciais» - explicou Sedge. - Ser detentor de hipotecas pode ser um bom negócio.

- É uma pena que o tráfico de escravos tenha sido proibido.

- Prefiro pensar nisto como «maximizar o lado mais brilhante da força».

O nepotismo é a cola dourada que sustenta ou destrói famílias. Continuaria a minha rede de familiares a ajudar-me sem fazer perguntas se soubesse que eu só era Whittenbrook de nome? Afastei o pensamento da cabeça. Um entusiasmo subversivo espalhou um formigueiro pelo meu corpo. Descobrira uma maneira secreta de ajudar Ben, Lily e Mac, e qualquer outra pessoa que precisasse de algum dinheiro rápido.

No espelho da casa de banho de Lily e Mac, por trás dos autocolantes de margaridas, estudei atentamente o meu reflexo: cabelo ruivo, ciada vez mais descontrolado e encaracolado; sardas a espalharem-se em todas as direcções, pele rosada a ficar mais bronzeada, apesar das generosas aplicações diárias de protector solar.

E os meus olhos, azul-safira e cintilantes. Repletos de paixão.

- Tu - murmurei, tocando no meu reflexo com a unha mal arranjada e sem verniz -, tens finalmente um objectivo. *Estás viva.*

Capítulo 13

Kara

Agora que encontrara uma forma de me armar em Pai Natal secreto, estava alerta a todas as oportunidades. E apareceu outra mais depressa do que eu imaginava.

- *Chiu* - disse Miriam. - Isto é um teste. Deixem a Karen em paz. Deixem-na pensar.

Lily, Mac, Miriam, Lula e eu estávamos de pé ao lado de Joey, na sua cadeira de rodas, a olhar para a estátua de Ponce de León em Fountain Springs. Eu adorava aquela cidadezinha, envolta nas florestas e no tempo; tinha uma combinação de encanto e funcionalidade prática que poucas povoações ainda conseguem manter na América.

- O Ponce de León parece... - disse eu lentamente, mordendo o lábio inferior e semicerrando os olhos, concentrada. - Parece-se com... oh! Já sei. Parece o Bob Hope.

Todos bateram palmas. Joey bateu nos braços da cadeira de rodas. Empoleirado no ombro dele, Mr. *Darcy* abanou a cabeça azul.

- Muito obrigado - entoou.

- Passei no teste?

- Sim - disse Lily. Segurou me na mão. - Mesmo que não tivesses passado, nos gostávamos de ti na mesma.

Sorri-lhe e fingi estudar melhor a estátua, pestanejando para afastar as lágrimas.

- O Bob é um pouco pateta mas, ainda assim, bastante atraente.

- Ah, tretas - disse Miriam, jovialmente. - É uma anedota. Mas é a *nossa* anedota, e estamos contentes por a teres percebido.

- O *Señor* Ponce de León parece sempre tão solene?

Ela soltou uma gargalhada.

- Não! Geralmente, tem um *soutien* na mão.

Quando olhei para ela, boquiaberta, Lula juntou-se aos risos.

- Toda a gente se mete com ele. Todos os anos, em Outubro, ele tem na mão uma bola de futebol com as iniciais da equipa de futebol do liceu local, e todos os verões alguém lhe enfia um boné de basebol por cima do capacete. Anos houve em que todas as semanas tinha um boné de uma equipa diferente. Entre as épocas desportivas já o vi segurar malas, *soutiens*, *lingerie,* flores de plástico e cartazes políticos. Chegou a fazer campanha por McCain, Giuliani, Obama, Ralph Nader *e* Hillary. Todos na mesma semana.

Ri-me.

- Uma fonte igualitária.

- Sim. Bom, por aqui, somos mais iguais do que diferentes, pelo menos no que respeita àquilo que nos faz rir.

Pensei nisso enquanto Mac e eu fazíamos turnos a empurrar a cadeira de rodas de Joey pelo passeio de pedra. Para os meus falecidos pais, o humor era um exercício intelectual, que pretendia demonstrar a graça da linguagem, a atmosfera curiosa das

circunstâncias ou a réplica cortante da razão sobre a fantasia pouco sofisticada. «Já sabes aquela de Deus a discutir a teoria existencial com Nietzsche?» Mas, às vezes, todo um mundo de contexto podia ser condensado num Bob Hope de bronze com água a escorrer dos dedos. A simplicidade é complexidade. O absurdo é o grande unificador.

Doía-me a cabeça.

- Onde é que vamos?

- Comer um gelado de banana enquanto esperamos que o farmacêutico avie as nossas receitas - revelou Miriam.

Entre os medicamentos para o coração de Joey e os inúmeros outros remédios de que os trabalhadores do rancho necessitavam, o «dia das receitas» na farmácia era sempre um acontecimento demorado.

- Eu gosto de bananas - disse Lily, enfiando o braço no meu. - São amarelas, como as margaridas.

Sentámo-nos em cadeiras com encosto em forma de coração, à volta de uma mesa de mármore ao lado da farmácia de Fountain Springs, atacando gelados de banana do tamanho de barcos *viking. Mr. Darcy* ficou à nossa espera empoleirado no volante da carrinha de Ben, estacionada lá fora.

De início, não reparei no trio de mulheres locais sentadas nos bancos altos, ao balcão, que lançavam olhares na nossa direcção. Só me apercebi quando Miriam se inclinou para Lula e murmurou:

- Atenção, aí vêm as cobras.

- Olá, Miriam, olá, Lula - disse a líder do grupo. - Já receberam alguma oferta pelo «Mundo das Barbatanas»?

- Não - respondeu Miriam. - Mas se alguém quiser comprar alguma coisa com cheiro a peixe, esteja descansada que nós damos o seu nome.

- Se esperarem muito mais, esses traseiros vão ficar do tamanho de uma baleia.

As três desataram a rir e saíram.

Lily baixou a cabeça.

- Elas são más.

Olhei para os rostos sérios de Miriam e Lula.

- O que foi aquilo?

- Oh, nada.

- A Miriam e a Lula são donas do Mundo Kissme Woomee - informou Lily.

- Mundo Kissme Woomee?

Lula encolheu os ombros.

- Não somos donas; apenas temos uma quota, juntamente com mais três dúzias de sereias velhas.

- Sereias velhas?

- Ex-funcionárias do parque de Weeki Wachee e de outros parques temáticos. Quase todas na casa dos sessenta e dos setenta. Tivemos a ideia maluca de que talvez as pessoas gostassem de visitar um museu de sereias na Florida, sabes? Porque participar num espectáculo de sereias, nessa altura, era algo especial.

Miriam suspirou.

- Era como ser Miss América, mas com lantejoulas e barbatanas.

Lula concordou.

- Tínhamos muito orgulho. Muitas de nós éramos raparigas provincianas que, assim, tínhamos oportunidade de conhecer pessoas fascinantes. Conhecemos astronautas do Cabo Canaveral e estrelas de televisão de Miami.

- O Jackie Gleason chamou-me *jeitosa* - disse Miriam.

- Eu conheci o Fabien - disse Lula. - Tenho o autógrafo dele. E a Annette Funicello e o Frankie Avalon. Ser uma sereia de espectáculo não era apenas um emprego. Significava ser uma espécie de celebridade.

- Como a minha mamã - disse Joey orgulhoso.

- Isso mesmo, querido. Como a tua maravilhosa mamã.

Inclinei-me mais para elas.

- Falem-me mais do Mundo Kissme Woomee.

Miriam encolheu os ombros.

- Juntámo-nos, há alguns anos, e comprámos vinte e cinco hectares de terra de ninguém perto da auto-estrada para Gainesville. Conseguimos construir um pequeno teatro. De seis em seis meses, mais ou menos, montamos um espectáculo. Era disso que aquelas venenosas estavam a fazer troça. Um grupo de sereias velhas a tentarem chamar a atenção das pessoas para algo que era o máximo numa altura em que o sexo era tão picante como um *martini* do *James Bond,* e toda a gente achava que raparigas com caudas de sereia a nadarem debaixo de água era muito sofisticado.

Comi uma colherada do meu gelado de banana.

- A que distância fica o Mundo Kissme Woomee?

- Oh, mais ou menos trinta quilómetros. Meia hora de caminho.

Levantei me, agitando as chaves da grande carrinha de Ben.

- Vamos. Quero ver.

Miriam franziu o sobrolho.

- Porquê? Gostas de ideias antiquadas e de causas perdidas?

Pensei por um momento.

- Na verdade, gosto.

***

Eu já tinha visto mulheres brasileiras deslumbrantes, quase nuas, em cima de saltos altíssimos, equilibrando na cabeça toucados de penas enormes e pesados, durante o famoso Carnaval brasileiro; já tinha visto mulheres polinésias atléticas mergulharem de penhascos com trinta metros de altura à caça de pérolas; já tinha visto mulheres africanas, incrivelmente graciosas, a transportarem aos ombros mais do que o seu peso em água.

Mas nunca tinha visto mulheres brancas, rechonchudas e de cabelo grisalho, com caudas de sereia sintéticas, a rodopiarem ao som de *Nine to Five* de Dolly Parton.

Debaixo de água.

Acompanhadas por tartarugas curiosas, achigãs agressivos e vários pequenos aligátores.

- São peixes anjo - murmurou Lily, deslumbrada, apertando a minha mão nas dela.

- Vão ser mordidas por alguma coisa - murmurou Joey. Mr. *Darcy* assobiou do ombro de Joey.

- São maravilhosas e inacreditavelmente corajosas - concluí.

Estávamos naquilo a que poderíamos chamar o poço da orquestra de um pequeno auditório subterrâneo, cinco metros abaixo da superfície das águas cristalinas da nascente de Kissme Woomee. O auditório não tinha espaço para mais de duzentas pessoas. Do outro lado de dez painéis acrílicos altos e grossos, suportados por grossas armações metálicas, Miriam, Lula e uma mulher chamada Teegee ondulavam dentro de água ao som de uma canção. Todas usavam uma peruca de cabelo sintético comprido e solto, um *soutien* com lantejoulas e uma cauda de sereia a combinar. Todas sorriam e seguravam um tubo de oxigénio borbulhante na mão esquerda. De dez em dez segundos, aproximadamente, inalavam uma golfada de oxigénio.

Teegee, que vivia numa pequena casa na propriedade do Kissme Woomee, era a mais nova, com apenas sessenta anos. Nenhuma delas era esbelta ou atraente, mas todas se tornavam magicamente sedutoras debaixo de água. Luzes suaves e teatrais tremeluziam entre os corais de plástico e os peixes verdadeiros.

Os vairões brilhavam em tons de cor-de-rosa, depois dourado; uma tartaruga bebé que nadava velozmente transformava-se numa estrela cintilante. Quando os pequenos aligátores se infiltravam no espectáculo, as luzes reflectiam-se nos seus olhos fendidos amarelos e transformavam-nos em tigres aquáticos dourados e sinuosos. O fundo arenoso e a água azul-prateada da nascente de Kissme Woomee formavam um cenário etéreo.

Nine to five, they've got you where they want you,
There's a better life; you dream about it, don't you?[6]

A canção chegou ao fim. Miriam, Lula e Teegee desapareceram pela esquerda, subindo uma escada de madeira que as deixava dentro de uma pequena zona de «bastidores», com um camarim para mudarem de roupa montado sobre uma comprida plataforma de madeira que separava o tecto do auditório submerso.

- Vamos - disse eu. Lily ajudou-me a empurrar a cadeira de rodas de Joey por uma rampa íngreme, entre filas de cadeiras de plástico. Saímos por uma arcada para o sol brilhante da tarde. Empurrei Joey por um passadiço de madeira, e passámos pela loja de recordações e bilheteira do Mundo Kissme Woomee, uma pequena estrutura quadrada de betão, pintada de cor-de-rosa, com folhas falsas de palmeira a cobrirem o telhado. Um letreiro perto da porta dizia tudo:

FUTURA LOCALIZAÇÃO DO MUSEU DE SEREIAS DE ESPECTÁCULO DE KISSME WOOMEE

---

[6] «Das nove às cinco, eles têm-te onde querem. Há uma vida melhor; sonhas com ela, não sonhas?» (N.da T.)

À nossa volta, a floresta da Florida zumbia com o som dos insectos. O calor estava suspenso no ar como uma neblina. Para além da pequena casa e garagem de Teegee, o Mundo das Sereias de Kissme Woomee era um oásis de obscuridade excêntrica no meio dos pinheiros e das palmeiras. Um caminho de terra serpenteava entre a floresta até à estrada alcatroada que levava a Fountain Springs.

Miriam, Lula e Teegee estavam à nossa espera, molhadas e gloriosas, sentadas num banco de pedra, na loja de recordações. Atrás de si tinham um pano de fundo berrante com palmeiras e barcos piratas. À sua volta havia expositores de postais e prateleiras de tesouros *kitsch.*

Miriam, Lula e Teegee ajeitaram as barbatanas de tecido e lantejoulas de maneira a formarem leques de cor pastel sobre os azulejos do chão da loja. Teegee, uma loura de pele curtida pelo sol, com um sorriso deslumbrante e unhas cor-de-rosa a combinar com o batom, sorriu-me.

- Eu sou a SEC - disse. - Quer dizer Sereia Executiva Chefe.

- O que achaste? - perguntou Miriam. - Vamos apresentar o nosso espectáculo dentro de poucas semanas. Dez dólares o bilhete, mais o que conseguirmos fazer na loja de recordações e no bar. Vamos ter a casa cheia de velhas ex-sereias, as respectivas famílias e malucos das barbatanas.

- Malucos das barbatanas? - perguntei.

Lula soltou uma gargalhada.

- Velhos que se excitam com sereias velhas.

- Ah...

- O que achaste? - repetiu Miriam, observando-me atentamente. - Não és uma campónia. Já foste a muitos sítios. Há alguma esperança para este espectáculo aquático, ou achamos que sim só porque o adoramos?

- Vocês adoram-no. A resposta é essa. Vocês adoram-no.

- Sim, bom, eu também gosto do programa do Jerry Springer, mas isso não é sinónimo de bom gosto.

- Já têm a magia. Simplesmente precisam de mais dinheiro para espalhar a magia. Precisam de um bom agente publicitário.

- Querida - disse Teegee, enrolando uma comprida madeixa de cabelo loiro sintético com os dedos enrugados pela água -, precisamos é de um bom cirurgião plástico.

- Precisamos de corpos novos - disse Lula.

Joey susteve a respiração. Lily tapou a boca e olhou para mim com uma expressão divertida nos olhos azuis. Muitas vezes eu perguntara a mim mesma como é que ela e Mac podiam ter reunido a paixão necessária para me conceber, tendo em conta a timidez de ambos. Mas agora o brilho alegre de rebelião nos olhos dela disse-me tudo o que queria saber. Em tempos que já lá iam, Lily e Mac tinham amado e vivido sem medo.

No seu coração, ela também fora uma sereia.

E, agora, eu ia representá-la.

- Tenho jeito para as palavras - disse ao grupo. - Vou contactar alguns jornais e estações de televisão.

- Ah, querida, já tentámos isso - resmungou Teegee. - Os malditos arrogantes ignoraram-nos.

- Mas a Karen atrai a boa sorte - disse Miriam.

- O Benji levanta-se mais cedo todos os dias - acrescentou Joey - só para ver o que ela está a fazer na cozinha. Se ela é capaz de fazer o Benji acordar mais cedo, é capaz de fazer qualquer coisa!

- Mas não é capaz de trazer os repórteres até aqui - insistiu Teegee. - Ninguém é.

- Deixem-me ver o que consigo fazer - disse.

- Eles não vêm, a menos que ofereçamos algo novo.

- E que tal a estreia de uma jovem sereia novinha em folha? - disse Miriam.

- Sim, quem?

- Adivinhem. Olhem para aquele cabelo ruivo irlandês. Podíamos passar música do *Riverdance.* Chamávamos-lhe *Waterdance.*

- Hum... ela não tem peito, mas podemos resolver isso com algum enchimento.

- Tapar as sardas com base à prova de água.

Viraram-se todas para mim. Comecei a perceber o que estavam a conspirar, mas fiz-me de inocente.

- E quem seria essa sereia ingénua, sardenta e sem peito? - perguntei baixinho.

- Tu - disse Miriam.

***

- Sedge, preciso de cobertura mediática para a minha estreia como sereia. Preciso de publicidade, para que a Miriam e a Lula e as amigas consigam atrair investidores. Quem é que conhecemos na comunicação social? - estava deitada na minha cama no quarto das margaridas. Mr. *Darcy* comia amendoins em cima da minha *t-shirt* do Mundo Kissme Woomee. - Quem é que deve favores aos Whittenbrook?

- Toda a gente - respondeu ele.

Sorri.

Talvez isto fosse mais fácil do que eu julgara.

Ben

Tenho um fraquinho por sereias, mesmo as sereias falsas, com caudas de poliéster e *soutiens* de lantejoulas. Aos sábados à noite, o meu pai costumava sentar-se à porta da nossa caravana, ao lado de um grelhador a carvão coberto de costeletas, com uma cerveja numa mão e um cigarro na outra, a observar a minha mãe enquanto ela punha os pratos descartáveis na mesa de piquenique. Eu via, pelo brilho nos olhos dele, que sabia que ela desistira do seu mundo especial por este mundo vulgar. Desistira de ser sereia para ser mulher de um *cowboy.* Trocara o oceano pela terra seca.

Era disso que eu estava à espera. De uma sereia. De uma mulher que trocasse um reino pela possibilidade de estar comigo.

Foi por isso que, quando vi Karen, com uma cauda de sereia de treino e a parte de cima de um biquíni azul a deslizar sob as luzes subaquáticas do Kissme Woomee, com o cabelo a flutuar na água como fios de seda vermelha, tentando afastar gentilmente um vairão que insistia em provar os seus lábios, a minha mente ignorou tudo o que os espectáculos de sereias tinham de idiota e a única coisa que vi foi Karen, a misteriosa Karen *yankee* - Karen, a vegetariana, a protectora de Lily e Mac, a domadora de *Estrela*, a provocadora de Glen Tolbert - a ondular na água quente do Verão como um sonho corajoso, e fiquei mudo de *desejo*.

Miriam estava ao meu lado no teatro das sereias.

- O Ben está aqui - disse ela para um pequeno microfone sem fios que comunicava com o auscultador invisível e à prova de água no ouvido de Karen.

Karen levantou as sobrancelhas tão depressa que o vairão desapareceu. Semicerrou os olhos e tentou ver através da parede de vidro que nos separava. Tinham-me dito que as artistas não conseguiam ver o público através daquele vidro, mas ela estava sem dúvida a tentar. Calculei que se sentiria um pouco envergonhada por estar a treinar à minha frente. Pelo menos, é o que quero pensar.

Nessa altura, a alça do seu biquíni rasgou-se e vislumbrei os seios, que ela tentava tapar com o braço. Depois nadou até à superfície como um foguetão subaquático lançado para a Lua.

Miriam levou a unha vermelha ao receptor que tinha na orelha.

- O quê? Oh, oh, merda - largou o microfone em cima de uma cadeira na primeira fila. - A Karen saiu da água demasiado depressa e bateu com a cabeça num prego, debaixo do passadiço de madeira. Magoou-se.

Corri até ao exterior.

Teegee e Lula estavam de roda de Karen. Esta estava agarrada à escada do passadiço, junto ao tecto do auditório submerso. Sangrava de uma ferida na cabeça.

- Ainda bem que aqui não há piranhas - disse ela, fazendo um esgar de dor. - A esta hora eu seria apenas um esqueleto com uma cauda de sereia sintética.

Ajoelhei-me e puxei-a para o passadiço. Com a cauda, pesava uma tonelada.

- Podemos tirar-lhe as barbatanas? - perguntei.

- Ela não está decente - disse Miriam. - Quando lhe enfiámos a cauda, despiu a roupa interior.

- Tirem-me as barbatanas e enrolem-me numa toalha - ordenou Karen, sangrando sobre a minha camisa suada. - Não tenho vergonha nenhuma. Tu - disse-me -, tens de virar a cara ou arrancar os olhos.

- Vou fechar os olhos com força e pensar naquele tipo grego que foi para a cama com a mãe.

Teegee dirigiu-se à loja de recordações.

- Eu tenho uma toalha para a embrulhar. Diz «Mundo das Sereias de Kissme Woomee: Onde Pode Ver o Rabo de uma Sereia». Nunca a conseguimos vender.

Embrulhada apenas naquela toalha, Karen olhou para mim tristemente enquanto eu a levava ao colo para a carrinha.

- Promete que não vais contar isto a ninguém.

- Não preciso. A Miriam e a Lula tratarão do assunto.

Ela suspirou e encostou a cabeça ensanguentada ao meu peito.

***

Gloria era a enfermeira que geria a Clínica de Emergência Médica de Fountain Springs. Tinha uma irmã com Síndrome de Down, por isso tinha uma paciência especial para Joey e para os meus trabalhadores. Saiu para a sala de espera enquanto tirava uma luva ensanguentada da mão gorducha e sorriu-me.

- É apenas uma ferida superficial. Uma vacina contra o tétano e está despachada. Ela ofereceu-se para pagar, mas eu disse-lhe que tu tens cá conta. Depois mando-te a factura.

- Muito obrigado.

- Como está o Joey?

- Óptimo - era mentira, mas *estava* melhor desde a chegada de Karen. Pelo menos não estava a piorar.

Gloria aproximou-se de mim e riu-se.

- Bela tatuagem que ela tem. Não é costume ver tatuagens naquele sítio.

Tatuagem? Karen tinha uma tatuagem? Demorei um segundo a acreditar.

- Ah, não sei. Sou apenas o patrão dela.

- Pois, pois - Gloria soltou uma gargalhada e afastou-se para tratar da papelada. Como se eu fosse o namorado de Karen e toda a gente soubesse. Pelos vistos, toda a gente me considerava irresistível.

Bati à porta da sala de exames. Tatuagem? E onde seria o «sítio»? Tencionava passar muito tempo a pensar nisso.

- *Entrez-vous* - disse Karen. - Podes entrar...

- Sim, é «entre» em francês, eu sei - entrei na pequena sala. Tinha a parte da frente da *t-shirt* e das calças de ganga sujas de sangue da cabeça dela. Tinha levado várias vezes as mãos à cabeça enquanto esperava, por isso tinha o cabelo todo espetado e sujo de sangue. Não era exactamente uma visão maravilhosa.

Mas Karen olhou para mim como se fosse.

- Obrigada por pagares a minha despesa médica - disse.

- Ora, trabalhas para mim. Faz parte do pacote de benefícios dos meus empregados. Isso e todas as pipocas que conseguires comer nas noites de televisão.

- Obrigada, mesmo assim.

- De nada.

Sentei-me num banco ao lado de Karen. Ela cheirava a linimento quente e tintura de iodo. Não era um mau aroma. Estava sentada numa marquesa, vestindo apenas a toalha do Mundo das Sereias, ainda enrolada à volta do corpo. Uma zona rapada na cabeça deixava ver dois centímetros de pontos muito bem feitos. Os ombros nus eram rosados, sardentos e macios, o rosto estava um pouco pálido, os olhos grandes, preocupados e azuis-escuros, e a toalha descaía o suficiente para deixar ver o princípio dos seios. As pernas nuas, baloiçando sobre uma cobertura de papel branco, eram as pernas nuas de uma mulher nua sentada à beira de uma cama. Pelo menos, na minha cabeça.

- Sinto-me uma idiota - disse ela. - Ser sereia é muito mais difícil do que parece. Tenho um curso de mergulho, por isso, ao princípio, pensei que seria simples, mas andar às voltinhas debaixo de água, com as pernas presas num rabo de peixe falso, a tentar coreografar cada movimento em sintonia com as outras artistas, sem esquecer de inalar oxigénio regularmente de um tubo borbulhante, *e* ouvir a música por um auscultador à prova de água, *e ainda por cima ter de sorrir...* é um talento espantoso. Nunca mais subestimarei a profissão de sereia. Falhei. Entrei em pânico.

- Não, eu é que te dou azar. Primeiro, a *Estrela* atirou-te ao chão porque eu a assustei, depois assustei-te a *ti* e espetaste um prego na cabeça.

- Não me assustaste - ela agitou-se um pouco, apertando mais a toalha sobre o peito. - Sou um bocadinho envergonhada, só isso.

- Não te preocupes. Não vi nada.

- Viste, sim.

Suspirei.

- Ouve, estou a tentar ser um cavalheiro.

- Eu sei. Obrigada.

Lançou-me um sorrisinho que me fez pensar ainda mais na tatuagem.

- Por que raio és envergonhada? - perguntei, aborrecido. - És inteligente, és forte, és bonita. Não tens nada de que te envergonhar. Excepto de pôr leite de soja no jarro das natas, à socapa. Repete comigo: O *leite não vem dos feijões. O leite vem das vacas.* Ponto final. Tirando isso, és o máximo.

- Em criança, era gorda. Baixa e gorda. Tinha quase dezoito anos quando consegui perder os quilos em excesso, através de dietas vegetarianas e muito exercício. E gaguejava, como sabes.

- Os miúdos metiam-se contigo?

- Sim. Fui um alvo preferencial da sua troça implacável. Venho de uma família de... de pessoas de sucesso, uma família onde as imperfeições físicas são consideradas um sinal de fraqueza de carácter. Foi difícil. Talvez seja por isso que, apesar do meu actual estado de perfeição... sorriu com ironia ...continuo a ser tímida sob o olhar de homens atraentes.

- Eu também não fui sempre bonito.

- Nunca foste tímido?

- Nunca fui tímido, mas tive vergonha muitas vezes. Talvez seja a mesma coisa.

- Vergonha de quê?

- De ser pobre. E... de ter sangue índio. Deus me perdoe. Quando era miúdo, os índios não tinham casinos nem se candidatavam ao Congresso. Éramos menosprezados, tratados como lixo. Ouvi a minha mãe ser insultada, por ser branca e ter casado com um índio. O meu pai era mestiço. Um homem grande, moreno e calado. Eu e o Joey quase podíamos passar por brancos. Às vezes, as pessoas achavam que talvez fossemos cubanos. Não que ser cubano fosse muito melhor, naquela altura. Acho que nunca tinha falado nisto a ninguém. Fica só entre nós.

- Claro que sim.

- E tinha vergonha do Joey. Tinha vergonha mas também era terrivelmente protector em relação a ele. Não sei o que faria sem ele. Estou a dizer coisa com coisa?

- Sim, estás. Compreendo os teus dilemas. A sério.

- Porque também tens família que é tocada. E porque a gaguez te fazia sentir também um pouco tocada.

- Tocada?

- Na cabeça. Percebes o que quero dizer.

- Sim.

- Alguma vez te perguntas sobre a razão de Deus os ter feito vir ao mundo, pensando ao mesmo tempo «Deus sabe que eu preciso dele»?

- Sim.

- Uma vez vi uma frase num postal: «Abençoados sejam os vasos imperfeitos, pois deixam passar a luz».

Ela levou a mão livre à garganta. Tinha os olhos cheios de lágrimas. Junto à raiz dos seus cabelos vi o reflexo acastanhado de uma mancha de sangue seco e tintura de iodo.

- Gosto dessa ideia - a toalha escorregou um pouco. Talvez de propósito.

Vi o princípio de uma pequena tatuagem no seio esquerdo. Não conseguia ver o que era, apenas uma mancha do tamanho da cabeça do meu polegar. Céus, como queria ver mais.

- Não tens de sentir vergonha de te exibires - repeti, inclinando a cabeça. - Confia em mim.

- Eu confio em ti - murmurou ela. A toalha deslizou mais dois centímetros.

A porta da sala de exames abriu-se. Era Miriam, ofegante. Agitou o telemóvel.

- A Teegee ligou. O *Times* vai mandar um repórter para fazer um grande artigo sobre o nosso próximo espectáculo.

Recostei-me, com os joelhos fracos e outras partes fortes demais.

- É sempre bom um artigo no *Florida Times-Union* de Jacksonville - resmunguei.

Karen, corada, puxou a toalha para cima com ar embaraçado.

- De facto. O *Florida Times-Union* de Jacksonville é um excelente jornal regional.

Miriam meneou a cabeça com uma expressão tresloucada.

- *Não é o* Florida Times-Union *de Jacksonville. É o* New York Times.

Kara

- Deixa-me dizer-te que estou muito impressionada e estupefacta com os teus poderes maquiavélicos - disse eu a Sedge nessa noite, aninhada na minha cama de margaridas, com a cabeça a latejar. - O *New York Times*? Um dos jornais mais prestigiados do mundo. Bravo!

- Eles concordaram apenas em enviar um dos seus correspondentes regionais, minha querida. E não posso garantir que a cobertura será positiva. Apenas que *haverá* um artigo. Promete que não fará nada de drástico no espectáculo. Podes magoar-te a sério.

Vou tentar não espetar mais pregos na cabeça. Desde que o Ben não me assuste..

- Ah, o intrigante Ben, de novo.

- Oh, deixa-te de coisas.

- Minha querida, tens a certeza de que os teus esforços caridosos secretos lhe agradarão? Os homens têm tendência a ser um pouco defensivos em relação a mulheres que decidem tomar conta deles e dos seus amigos. Já houve alguns casos tristes na família Whittenbrook. Lembro-me da tua tia-avó Etienne e do seu casamento fracassado com um príncipe alemão de terceira categoria...

- Isto não é caridade. É um investimento.

- Duvido que o Ben queira pensar que estás a comprar uma quota dele.

- Não quero comprá-lo a ele, Sedge. Quero possuí-lo. Para uma coisa, é preciso dinheiro. A outra é muito mais difícil de conseguir.

- O que queres dizer, minha querida? Vais deixar o rancho no final do Verão, conforme combinámos, não vais?

- Eu... não sei o que estou a dizer. Tenho um buraco na cabeça e... estou a ouvir passos. O Mac e a Lily vêm outra vez ver se eu estou bem. Boa-noite.

- Eles estão felizes com a vida que levam, minha querida. Já eram felizes antes de tu chegares e continuarão a ser felizes depois de te vires embora. Não te esqueças disso. Eles estão satisfeitos. Por favor, não te esqueças de tudo isso.

- Acredita, nunca me esqueço. Boa-noite, Sedge.

- Boa-noite, minha querida sereia.

Capítulo 14

Kara

Numa noite quente de Junho, com as corujas-das-torres a rirem nos bosques e traças do tamanho de morcegos a esvoaçarem em torno das luzes amarelas, pintei os meus olhos e lábios com cosméticos à prova de água, prendi quase um metro de cabelo sintético ruivo e ondulado ao meu couro cabeludo ainda em cicatrização, enfiei um *soutien* com lantejoulas, prendi as pernas com nove quilos de látex lilás, coberto de lantejoulas, com uma barbatana feita de tecido fino lilás e dourado, e fiz a minha estreia como sereia do Mundo Kissme Woomee.

O parque de estacionamento estava cheio de carros de cores baças, monovolumes práticos e miniautocarros adaptados para deficientes. Entre as duzentas pessoas sentadas no teatro, a idade média era setenta anos e a grande maioria, de longe, era do sexo masculino. O cheiro a solidão, viuvez e romance eterno enchia o ar como uma colónia perturbadora. Houve muitos aplausos e assobios cavalheirescos enquanto o público esperava o início. Haveria muitos namoricos na festa prevista para depois, em tendas alugadas à Casa Mortuária de Fountain Springs.

- Estás a ouvir? - disse Miriam no camarim improvisado, que era apenas uma cabana de madeira bem iluminada por cima do auditório, com acesso à água por um grande buraco no chão de tábuas.

Escutei o ruído abafado proveniente do público por baixo dos nossos pés.

- O que é?

- Os aplausos - os olhos dela brilharam. - Vais senti-los quando estiveres dentro de água. É como uma vibração. É como um tónico, querida. Mantém-nos animadas. É o público e nós adoramo-lo.

Sim. Pensei em Mac e Lily. Estavam tão excitados com a minha estreia. Todo o pessoal do rancho estava excitado.

- À Karen, a nossa nova irmã sereia - disse Miriam. Ela e as outras ergueram os seus copos de água da nascente. Uma espécie de cerimónia de baptismo. - Ela precisa de um nome novo. Um nome artístico, como nós. Eu sou a *Athena.* O nome da Lula é *Sirena.*

Uma a uma, as outras mulheres disseram-me os seus nomes artísticos, líquidos e dramáticos, alguns retirados de lendas românticas de sereias - *Loreli, Afrodite, Vénus* - e outros inspirados no brilho de Hollywood - *Ava, Marilyn* e, claro, *Ariel.* Lily, que tinha o estatuto de sereia honorária, era *June, a sereia.*

- Porquê *June*? - perguntei gentilmente.

- Porque é em Junho que as margaridas começam a desabrochar. E eu adoro margaridas.

Miriam deu-me uma cotovelada.

- Diz-nos o *teu* nome de sereia, Karen. Vá lá, despacha-te. Temos um espectáculo para fazer. - Ergueram os copos, com expressões de antecipação. Respirei fundo. Tantas identidades para conciliar. Kara. Karen. Tolbert. Whittenbrook. E agora isto.

- *Atargatis* - anunciei.

Olharam-me especadas.

- Atar-quem? - perguntou Miriam.

- *Atargatis.* Uma deusa semita venerada pelos babilónios. É a divindade feminina mais antiga representada com uma cauda de peixe. De certa forma, é a primeira sereia de que existe registo histórico.

Lula suspirou.

- Oh, *querida...* Essa conversa toda sobre os babilónios vai deixar os baptistas preocupados. A Dale vai pôr-se a rezar por ti. E se te puséssemos o nome... ah... «Esther»? Como a Esther Williams - várias cabeças acenaram em sinal de concordância.

Franzi o sobrolho.

- A actriz que entrou naqueles musicais aquáticos dos anos cinquenta?

- Isso mesmo. *Esther.* E é também um bom nome bíblico. Os baptistas ficarão contentes - levantou o copo. - Eu te baptizo...

- Não, não quero ser *Esther.* Sem ofensa para a Esther Williams ou para os baptistas, mas gosto do simbolismo clássico de *Atargatis.*

- *Atar-quem*? - repetiu Miriam, e revirou os olhos. - Tarde de mais. Nós te baptizamos...

- Atar-quem! - interrompeu Lily em voz alta, olhando para as outras. - Se a Karen quer ser *Atar-quem,* deve ser *Atar-quem.* De qualquer maneira, não interessa qual é o seu nome. Nós gostamos dela.

Lula suspirou.

- Ouve lá, *June...*

Miriam pôs a mão na anca coberta de lantejoulas.

- Está quase na hora do espectáculo. Não há tempo para discussões.

- Oh, está bem - Lula olhou para mim com ar carrancudo. - Baptizamos-te *Atar-quem.*

Abanei o dedo.

- *Não, não é* Atar-quem, é Atar...

- *Atar-quem* - entoaram todas em coro. Depois, a rir, despejaram os copos de água para cima de mim.

Lily sorriu com expressão vitoriosa, sem perceber que era como a criança que deixa o irmão baptizar o gatinho novo com o nome *Traseiro Fedorento* porque não faz a menor ideia do significado das palavras.

- *Atar-quem!* Gosto!

A expressão satisfeita no seu rosto encerrou o assunto.

- Está bem, estou feliz por ser *Atar-quem, a sereia* - concordei, com voz rouca, e abracei-a.

***

Miriam tinha razão. A alquimia de fantasia, de juventude eterna e sensualidade, tremeluzia através da água e electrificou-me. Talvez Ponce de León tivesse mesmo explorado estes reinos. Talvez a sua famosa fonte da juventude não fosse um elixir, mas sim uma imersão. Muitas religiões compreendem o simbolismo poderoso de erguer o pecador, renascido, da água.

Renascido. Nascido de novo, para uma nova identidade.

Atar-quem, a sereia.

Quando a música soou no meu auscultador e as luzes teatrais subaquáticas me atingiram pela primeira vez, fiquei com pele de galinha nos braços e chorei enquanto sorria. Aqui está uma revelação: debaixo de água, ninguém consegue ver as nossas lágrimas. Por mais idiota que isso possa parecer, senti-me uma rainha de beleza, uma deslumbrante princesa do Carnaval. Senti-me sexy. A minha mãe biológica dera-me um nome. O meu pai biológico assistia orgulhosamente nas cadeiras de plástico por trás do vidro. E Ben também.

Virar à esquerda. Virar à direita. Pontapé, um, dois, três, a realizadora do espectáculo, uma sereia reformada chamada Josie, do Alabama, dirigia-me com o seu sotaque forte, pelo auscultador. Não te esqueças de sorrir, Karen. Queridinha? Relaxa. Tens de fazer com que pareça fácil.

Fácil? Nada era fácil ser uma sereia. Das vinte mulheres que participavam no espectáculo, eu era a única principiante, a única amadora que precisava de instruções para se manter em sintonia. Não era fácil estar à altura das barbatanas das veteranas.

As emoções dominaram-me. A minha contribuição para o espectáculo dessa noite foi modesta. Fui um simples membro do coro, alcançando apenas estatuto de secundária, não de estrela. Deixei cair várias vezes o tubo de oxigénio, meti água nas piruetas, fui de encontro ao coral falso e fui atingida uma ou duas vezes por um achigã de passagem. Lancei olhares furtivos à impenetrável parede de vidro entre nós e o mundo de espectadores secos, perguntando a mim própria o que estaria a repórter do *New York Times* a pensar do nosso excêntrico espectáculo.

Durante as entrevistas, antes do espectáculo, ela parecera-me uma mulher distante e cínica, vestida com tons de terra e cabedais práticos, como se a sua missão incluísse perpetuar o estilo sofisticado e urbano de Nova Iorque no meio desta Florida quente e berrante.

Depois, o aligátor chegou.

Talvez o réptil de três metros tenha visitado a nascente nessa noite na esperança de encontrar uma companheira, ou talvez estivesse simplesmente curioso. Ou talvez tenha sido uma partida do destino. No grande final do espectáculo, as luzes subaquáticas atingiam-nos com um arco-íris de tons pastel. Eu estava ao fundo a agitar os braços num movimento ondulante, enquanto Miriam, Lula e as outras veteranas fingiam cantar a letra de *Bali Há'i*, do musical *South Pacific* - mágico. As palavras borbulhavam debaixo de água. A

música, debaixo de água, torna-se uma efervescência gloriosa, como se a canção fosse uma taça de champanhe.

Entretanto, o aligátor de três metros entrou, pela esquerda do palco, na água efervescente.

E nadou directamente em direcção a mim.

- Ignora-o, continua - ordenou Josie ao meu ouvido. Ele só está curioso. Já se vai embora.

Curioso? E que tal *esfomeado e assassino*? Algures, no pequeno cérebro de réptil do aligátor, os neurónios transmitiram-lhe uma mensagem simples: «Abrir boca. Fechar boca. Engolir a sereia ruiva.»

Fechou os dentes pré-históricos sobre as barbatanas da minha cauda cintilante e recusou-se a largá-las. Tudo o que tinha de fazer era afogar-me e depois arrastar a minha carcaça para algum sítio mais conveniente, onde se poderia deliciar com o jantar.

Quando era criança, na floresta tropical, eu brincara muitas vezes com pequenos lagartos exóticos, deixando-os morder as minhas camisolas, ou mesmo os lóbulos das minhas orelhas. Os lagartos agarravam-se com uma obsessão determinada, o que me divertia imenso, a mim e às crianças das tribos locais. E nunca tinha tido medo dos seus primos maiores.

Até agora.

A maioria das sereias fugiu sem sequer pensar em salvar a sua ingénua irmã sereia, mas Miriam, Lula e Teegee nadaram até ao aligátor e deram-lhe palmadas na cabeça. Ele nem pestanejou.

Nem tenho a certeza se os aligátores *conseguem* pestanejar.

Inspirei uma golfada de ar da minha mangueira de oxigénio e tentei agitar a cauda como um golfinho até o aligátor me largar. Mas ele simplesmente instalou-se num banco de areia entre os corais falsos, puxando-me para baixo com ele.

Ia mesmo afogar-me. E depois ser devorada como uma sardinha coberta de lantejoulas.

Senti alguém mergulhar ao meu lado e atrás de mim.

Mac. E Lily.

Lily, com as bochechas cheias de ar, agarrou-me no braço e puxou.

Mac tentava abrir as mandíbulas do aligátor à força. Logo a seguir, Ben saltou para dentro de água. Abriu o fecho da minha cauda, da cintura aos joelhos, e puxou-me. Felizmente, desta vez, eu tinha cuecas.

Ben, Lily e eu nadámos para a superfície a toda a velocidade, emergindo debaixo do mesmo passadiço que fora a minha desgraça numa ocasião anterior. Mas desta vez um prego perdido era o menor dos meus problemas. Empurrei Lily pela escada acima e Ben empurrou-me atrás dela.

Ben respirou fundo e mergulhou para ir buscar Mac.

- Mac!- gritou Lily, encolhida sobre a plataforma, ao meu lado.

Olhámos para a água agitada e vimos sangue. Lily gritou novamente. Abracei-a com força. Ben e o meu pai estavam em perigo. Aquele sangue todo na água.

O meu pai.

E Ben.

Finalmente, Mac e Ben apareceram à superfície, ofegantes. Mac chapinhava como uma criança; só mais tarde vim a descobrir que não sabia nadar. Ben puxou-o pelo colarinho e nós ajudámo-lo a sair da água. Lily desatou a chorar e atirou-se para os braços dele. Mac abraçou-a e sentou-se na plataforma, embalando-a. Quando Ben subiu a escada, vi que estava a sangrar da mão esquerda.

Ele deitou-se no passadiço, tentando recuperar o fôlego. Observei o golpe. Era uma ferida demasiado pequena para tanto sangue. Debrucei-me sobre ele rapidamente, procurando tecido rasgado na camisa e nas calças ensopadas, à procura de sinais de feridas mais graves. Ele estava *coberto* de sangue. Enquanto lhe apalpava as coxas, perguntei:

- Ben, onde é que te dói?

Entre a respiração ofegante, ele respondeu:

- Mesmo aí... estás a apertar-me... um testículo...

O corpo do aligátor apareceu à superfície, a flutuar. Vi o cabo da faca de Ben num dos lados do maxilar. Ben cortara-lhe a garganta.

Ben sentou-se, com esforço, escorrendo água ensanguentada para a plataforma. Olhei para o aligátor morto e depois para Mac e Lily, que estavam agora mais calmos. Mac sorriu-me. Este homem grande e simples viera mais uma vez em meu socorro sem hesitar. Não pesara os riscos. Era, simplesmente, o meu protector.

- Estás b-b-b-bem, menina? - perguntou ele.

Quase a chorar assenti.

- Sim. Obrigada.

- E eu? - perguntou Ben. - Eh?

- Benji - gritou Joey. Bigfoot e Cheech tinham empurrado a sua cadeira de rodas até ao local.

- Estou bem, maninho. Respira devagar. Está tudo bem. Aumenta o oxigénio dele, Cheech.

- *Sí*, patrão.

Joey olhou para mim com lágrimas nos olhos.

- Eu sabia que o aligátor não te ia comer. Eles não comem sereias.

Tanta fé. Tanto amor. Assenti de novo, com um nó na garganta.

- Ainda bem que pensas assim.

- O Ben não ia deixar.

- Tenho a certeza de que não.

Olhei para Ben com um sorriso. Ben matara um... um dragão, por mim. Embora eu não culpasse o dragão e, na verdade, tivesse pena dele, estava aliviada.

Todos os neurónios civilizados e compassivos do meu cérebro lamentavam a morte do aligátor, enquanto tudo o que era sórdido e selvagem no meu corpo queria agarrar-se a Ben e murmurar: «Meu herói. Salvaste-me da besta selvagem.»

A repórter do *New York Times* apareceu na plataforma com o seu gravador miniatura, um bloco de notas e o rosto muito pálido.

- Este é um problema comum nos vossos espectáculos? - perguntou. - Ataques de aligátor?

Miriam e as outras garantiram-lhe que não, mas pareciam aturdidas e desapontadas. Lá se iam as possibilidades de atrair investidores, a menos que fossem produtores de *reality shows* para televisão. Não perca o grande combate: aligátores contra sereias.

- Foi só um azar - disse Miriam tristemente.

A repórter escrevinhou algumas notas e depois agachou-se ao lado de Ben e de mim. Estendeu o gravador.

- Como rancheiro natural da Florida e especialista na vida selvagem local, Mr. Thocco, o que retira desta experiência?

Ben, ao contrário do resto de nós, não estava perturbado. Viu o aligátor morto passar por ele a flutuar.

- Retiro uma nova faixa de pele de aligátor para o meu chapéu, umas botas de pele de aligátor para o Mac, e uma fritada de cauda de aligátor para os restantes. Roy! Tu e o Bigfoot agarrem essa carcaça antes que desapareça na corrente. Possum, vai buscar uma faca de esfolar à minha carrinha.

- Está bem, Ben. - responderam eles em coro.

Sorri. Era um cavaleiro que chacinava bestas em defesa da sua dama.

E depois reciclava-as.

Foi então que percebi que o amava.

***

- Cinco pontos, uma pomada antibiótica e está despachado - disse Gloria, na Clínica Médica de Fountain Springs, nessa noite. - Talvez tu e o Ben não sejam talhados para espectáculos de sereias, não vos parece?

- Foi outro acidente bizarro. Posso vê-lo agora, por favor?

- Claro.

Bati à porta e entrei. Ele estava sentado na marquesa, vestindo apenas uma grande toalha de sereia enrolada à volta da cintura. Afinal de contas, as suas roupas estavam ensopadas em água ensanguentada.

O peito nu de *El Diablo.*

O meu coração palpitou. A sério.

O peito dele era dez anos mais velho do que aquele que eu adorara. E o tempo só o melhorara. Era mais largo, mais cheio, uma coroa madura para um tronco muito masculino. Uma linha vertical de pêlos escuros percorria-o e desaparecia debaixo da toalha.

A sua pele estava bronzeada. Tinha cicatrizes e arranhões de silvas, algumas sardas e pequenas picadelas de insecto já saradas. Nas costas da mão esquerda tinha um penso transparente.

El Diablo andava sempre bronzeado e bem tratado. Sem qualquer marca. Ben tinha imperfeições. Mas para mim isso só o tornava mais *sexy*.

Sentei-me no mesmo banco em que ele se sentara quando eu fora atendida ali.

- Prometo-te umas espetadas deliciosas de aligátor frito para o jantar - disse-lhe. - Vou passá-las por farinha de trigo integral e leite de soja. Com um bocadinho de mostarda de *Dijon* e mel de palmito.

- Nham nham.

- De nada.

- Estás bem?

- Eu? Não fui eu que precisei de pontos. Nem fui eu que abri a boca de um aligátor com as mãos. Os louros vão para ti e para o Mac. E para a Lily, que se teria afogado ao meu lado para não me deixar afogar sozinha.

- Estás um pouco pálida.

Era por causa da minha preocupação por ele, mas não lho disse.

- Sou um fracasso como sereia. O meu nome é *Atar-quem.* Bem podia ser *Atar-quem-se-importa?* A repórter vai escrever um artigo divertido, cínico, sofisticado e irónico sobre os devaneios da «velha Florida» nostálgica, uma tentativa vã de recapturar a inocência de uma época anterior aos centros comerciais gigantes e às auto-estradas de seis faixas e aos casinos e parques temáticos da Disney, uma época em que um longo fim-de-semana na praia, num pequeno motel, eram umas férias em família luxuosas, apesar de o ar condicionado pingar e da areia na carpete, e ela nunca compreenderá que é muito mais do que isso.

- Mas *tu* compreendes bastante bem, para uma *yankee* - disse ele suavemente. - Como se tivesses nascido aqui. Como se te estivesse no sangue.

- Eu... gosto de sítios *autênticos.* E de pessoas autênticas. E... - levantei-me, com o coração aos saltos - ... de autênticos heróis - inclinei-me e beijei-o. Um beijo leve e rápido, nos lábios. Ele estendeu a mão para mim mas eu recuei. - Está toda a gente do rancho do outro lado daquela porta. À escuta. - Apontei os nossos lábios. - Isto é a única coisa que não podem ouvir. Beijar é como chorar debaixo de água. Uma alegria silenciosa.

Ele estendeu a mão ferida, com a palma para cima.

- É o nosso segredo.

- Parece-me bem – disse. E beijei-o na palma da mão, para selar a promessa.

***

Uma semana depois, sentámo-nos todos à volta da grande mesa da cozinha enquanto Miriam lia em voz alta o artigo do *New York Times.*

- «As sereias da nascente de Kissme Woomee são mais velhas, mais pesadas e mais lentas do que as habituais sereias das lendas» - leu ela através dos óculos de armações cor-de-rosa, com sereias feitas de brilhantes nos cantos. - «E depois havia a sua jovem *protégé*, uma sereia ruiva um pouco *zaftig*, que teve de ser salva de um aligátor de três metros esfomeado, por um *cowboy* seminole de calças de ganga. Que não trouxe o seu cavalo-marinho. No geral, este espectáculo bizarro provou que nem todas as atracções turísticas nostálgicas merecem ser salvas e, no caso do ataque de aligátor, alguns divertimentos retro dependem mais de trauma do que de drama.»

- O que é uma jovem pro... pro... prot... - gaguejou Mac.
- É uma estudante - expliquei.
- O que quer dizer *zaftig*? - perguntou Lily.
- Quer dizer doce - respondeu Ben rapidamente.
- Quer dizer anafada - corrigi, mas lancei-lhe um olhar grato.

Lily estudou-me com expressão solene.

- O que quer dizer anafada?
- Agradavelmente normal - disse eu. - Nas medidas certas - eu só era *zaftig* quando avaliada pelos padrões de uma repórter anoréctica.

Lily sorriu.

- Tens as medidas certas. Eu sabia.

Miriam pousou o jornal.

Lá se vai a esperança de atrair investidores.

- Cabra da *yankee* - disse Lula, apontando para o jornal. - Devíamos tê-la afogado.

- Cabra é uma palavra feia – sendurou Dale.

Lula suspirou.

- Eu sei, Dale, mas estou preocupada com as contas da água e da luz do próximo espectáculo.

O estado de espírito na cozinha era sombrio. Cheech e Bigfoot aproximaram-se mais da sua dama desamparada, Lula. Possum esgueirou-se para debaixo da mesa e sentou-se, apertando os joelhos contra o peito. Mac, Lily, Joey e até *Mr. Darcy* e *Ruibarbo* olharam para Ben e para mim com expressões preocupadas. Miriam e Lula estavam com ar abatido.

O telefone da cozinha tocou.

- Eu atendo - ofereci-me rapidamente. - Estou? Só um momento, por favor. Ela está aqui mesmo - estendi o auscultador a Miriam. - É para ti. Um cavalheiro da Califórnia. Los Angeles, acho que foi o que ele disse.

Miriam tapou o bocal com a mão.

- Não conheço ninguém na Califórnia.
- Vê lá quem é! - sussurrou Lula.
- Estou? Fala a Miriam - olhei para ela, enquanto ouvia. Vi os seus olhos carregados de rímel abrirem-se muito nas órbitas, como berlindes a desabrocharem. - Hum-hum - disse ela. E depois: - Está bem - e finalmente: - Oh, meu Deus, tenho de ir falar com as outras raparigas. Mande-me essas

informações todas por e-mail e eu contacto-o depois, pode ser? E... e... diga a Mr. Spielberg que gosto muito dos filmes dele. Bom, menos um ou outro. Aquele sobre o miúdo robô era esquisito ... mas não interessa. Obrigada. Adeus.

Pousou o auscultador e ficou a olhar para ele. Ben franziu o sobrolho.

- Está tudo bem?

Joey estendeu-lhe a cânula de oxigénio.

- Precisas de ar?

- Mana? - perguntou Lula. - Não estás a ter uma trombose, pois não?

Miriam respirou fundo.

- Mr. Steven *Realizador Famoso em Todo o Mundo* Spielberg leu o artigo sobre nós e quer comprar os direitos para fazer um filme sobre o Kissme Woomee. Por cem mil dólares.

Lula riu-se.

- Podemos construir um bar e pavimentar o parque de estacionamento e pôr uma cerca debaixo de água para não deixar entrar os aligátores.

Ben e eu ficámos sentados, a olhar um para o outro. Ele abanou a cabeça, espantado.

- Quem havia de dizer?

- Espantoso - concordei. Vi um pequeno lagarto azul deslizar furtivamente pelo parapeito da janela da cozinha. Apanhou um mosquito que estava pousado num tomate já maduro e desapareceu por uma fenda entre o parapeito e o caixilho da janela.

Agir furtivamente, quando é ao serviço de sonhos idealistas, tem uma beleza muito própria.

***

- Muito engenhoso - disse a Sedge nessa noite. - Conhecemos pessoalmente Mr. Spielberg?

- Não, mas conhecemos pessoas que conhecem pessoas que o conhecem. E já investimos em vários projectos dele ao longo dos anos.

- Estou a ver. Muito apropriado, uma vez que aquilo por que passei com o aligátor podia muito bem ser uma cena do filme *Tubarão.*

- Minha querida, estás a ficar louca. Literalmente.

- Não. Mas se por acaso isso acontecer... - olhei através da escuridão para as margaridas que brilhavam no papel de parede, como rostos felizes - ... há aqui pessoas que me salvarão sempre.

Parte Três

«Quando uma jovem quer ser uma heroína, nem a perseverança de quarenta famílias à sua volta a consegue impedir.»

Jane Austen, A Abadia de Northanger

Capítulo 15

Ben

- Estás acordado? Ben? Acorda, patrão.

Miriam espetou-me a unha no ombro. A luz quente da manhã de Verão desceu sob as minhas pálpebras como uma neblina dourada. Semicerrei os olhos. Na sua almofada em cima do chão de tábuas corridas, *Ruibarbo* espreguiçou-se e bocejou. Meio metro mais acima, Joey respirava com dificuldade na sua nova e grande cama ajustável, com cabeceira motorizada e apoio para os pés, mais função para massagens. Vestia o seu pijama preferido, da *Guerra das Estrelas,* e estava abraçado a uma almofada com uma fronha do filme *Homem-Aranha 3.* A garrafa de oxigénio sibilava a um canto do quarto. Na mesa-de-cabeceira, aguardava-o um tabuleiro repleto de frascos de remédios.

- *Chiu!* O Joey não dormiu bem esta noite. Só adormeceu às quatro da manhã - mudei de posição, dorido. Quando é que as minhas costas de trinta e oito anos tinham começado a reclamar das noites passadas numa poltrona reclinável?

- Ben, acorda! - Miriam estava tão perto do meu ouvido direito que eu conseguia sentir o calor emanado pelo seu batom vermelho. - Quero falar contigo sobre a Karen. Acorda. Ela irá para a cozinha dentro de poucos minutos. Não temos muito tempo.

- Está bem, está bem - sentei-me e endireitei as costas da poltrona. - Fala.

- Ela dá sorte, Ben. A Teegee conhece uma vidente em Daytona Beach. Eu, a Lula e a Teegee fomos vê-la um destes dias. E ela diz que a tua aura mudou da escuridão para luz desde que a Karen chegou. Ela diz que a Karen tem muita energia turva, mas que mesmo assim é evidente que te traz boa sorte. Estás acordado?

- Sim, sim - esfreguei os olhos.

- Ben, admite. A Karen não é uma namorada de sábado à noite. É de manter. Tem o que é preciso para ser a tua melhor amiga e tua companheira neste negócio implacável dos ranchos. Desde que ela chegou, temos tido uma maré de sorte da qual ninguém pode duvidar. Faz qualquer coisa. Conquista-a com as tuas manhas. Recorre aos teus truques. *Tens* de manter esta rapariga aqui. Ela é boa para todos os nossos males. E para ti.

Miriam estava muito faladora, para uma sereia de meia-idade que fazia o turno do dia a partir das seis da manhã.

- E tu achas que não quero que ela fique? A cozinha nunca esteve tão limpa. As cobras e lagartos cheiram todos a sabão orgânico de limão e eu estou a começar a gostar do pão de sete cereais e salsichas de peru selvagem.

- Seu mentiroso reles. Sabes muito bem que isto não tem nada a ver com o que ela faz na cozinha.

Sim, a verdade era que Karen podia ter esfregado terra na mesa e posto aparas de relva no meu prato, que eu continuaria a amá-la. O beijo depois do espectáculo das sereias não me saía da cabeça. Da cabeça e da palma transpirada da mão fechada, se é que me entendem.

- Eu sei - admiti a Miriam.

Miriam suspirou.

- E então? Não és tímido. Trata de a conquistar.
- Ela é diferente.
- Porquê?

Tem bom gosto.

- Desde quando? Vestiu uma cauda de sereia com lantejoulas, não vestiu?
- Não posso persegui-la. Não é correcto. Sou patrão dela.
- Quem é que disse?
- Digo eu.
- Ben, tens de informar o teu harém sobre a Karen. Lá porque não estás com elas há algum tempo, isso não quer dizer que não estejam à espera que voltes.
- Não tenho nada para lhes dizer.

Ela resmungou tão alto que Joey abriu os olhos. Levantei-me. Miriam seguiu-me quando me aproximei da cabeceira dele. Mandei-a embora com a mão. Ela espetou-me mais uma vez a unha, tão afiada que me magoou.

- Espero bem que abras os olhos, querido. Senão, vais ter um grupo de mulheres dispostas a esfolar-te vivo e fazer carteiras com o teu couro. E a Karen estará a liderar a matilha - e saiu intempestivamente.

Joey agitou-se.

- Benji? - gemeu. - Os meus pés estão *cheios.*

Preocupação imediata. Afastei os lençóis e olhei para os seus pés inchados. O médico tinha-me dito para estar alerta aos sinais.

O princípio de insuficiência cardíaca.

***

Como sempre, olhei para o rio St. John da janela do consultório do médico, para manter os olhos ocupados. Um vento quente levantou uma nuvem de poeira no céu azul. Nuvens enormes deslizavam por esse céu.

Se forem às praias a sul de St. Augustine, onde os espanhóis desembarcaram dos seus grandes navios de guerra quase cinquenta anos antes dos ingleses em Jamestown, e se forem até à ponta de uma pequena faixa de terra chamada Anastasia Island e ficarem ali parados, a olharem para o céu, verão navios fantasma brancos, do tamanho de montanhas, a aproximarem-se do horizonte a leste, aquela linha azul-prateada na orla do céu. E sentir-se-ão como se estivessem a ver as almas a navegarem no Paraíso.

Quando Joey morrer, eu olharei para essas nuvens e fingirei que é ele que está a passar. Pensarei na música de harpa de Karen a fazer-lhe companhia.

Canções de Elvis. E tentarei encontrar algum sentido para além da solidão. Será isso o que verei. Solidão, dor e fé, certo e errado.

E mais nada.

O médico pousou a mão no meu ombro.

- É um processo lento, Ben. Ele ainda tem meses pela frente. Podemos controlar o estado do seu coração com mais um ou dois medicamentos, que o manterão confortável. Leve-o para casa, aprecie a companhia dele e crie memórias.

Apenas consegui responder com um aceno.

Quando empurrei Joey para fora do consultório, ele estava todo bem-disposto. Uma dose de diuréticos tinha feito os seus pés regressarem ao normal.

- Estou melhor, Benji? Não é?

- É, pois - dei-lhe uma palmadinha no ombro. - Como novo.

- Vamos comer gelado! Viva! Agora a Karen pode ir comer gelado connosco!

Karen estava na sala de espera com Mac e Lily. Joey insistira para que ela viesse também, para poder oferecer-lhe um gelado no regresso a casa.

Enquanto Mac e Lily faziam uma festa por causa dos pés menos inchados de Joey, Karen lançou-me um olhar inquisidor. Sabia que eu estava a esconder alguma coisa. Ignorei-a e ela finalmente desistiu. Sorriu a Joey e estendeu-lhe o seu livro de banda desenhada da *Guerra das Estrelas.*

Ele não deixava qualquer pessoa tomar conta dos seus livros de banda desenhada.

Kara

Um gelado é um daqueles prazeres simples que suspendem a vida por alguns minutos. Deve haver certamente alguma divindade tribal, algures, que segure cones de baunilha e copos para duas bolas nos braços sinuosos de pedra, persuadindo os crentes a esquecerem todas as suas dores terrenas enquanto entoam baixinho: «Gelado de caramelo e chocolate. Com pedaços de noz.»

Tentei esquecer a expressão cansada e preocupada dos olhos de Ben no consultório médico, concentrando-me no meu gelado de iogurte. Não era fácil.

- Hum, gosto muito de batidos de pêssego - suspirou Lily. Chupou pela palhinha gigante, segurando o copo com ambas as mãos. Mac sorriu enquanto abria cuidadosamente pequenas crateras no seu gelado de baunilha e cereja.

Estávamos os três sentados em cadeiras metálicas com as costas em forma de coração, no pátio cor-de-rosa em frente da Cold N'Creamy. Do outro lado da estrada, grandes *bulldozers* e escavadoras rugiam sobre um mar de areia. O sol incidia na paisagem devastada.

- O que achas dos novos vizinhos da geladaria? - perguntara Ben quando estacionara num lugar para deficientes em frente das lojas.

- Gananciosos e com uma falta de visão desprezível - respondi.

Ele sorriu. Às vezes, a minha filosofia «salvem as baleias» estava em consonância com a dele.

Ben empurrou a cadeira de rodas de Joey para uma casa de banho dentro da geladaria.

- O Joey precisa de ajuda quando faz chichi ou cocó - explicou-me Lily num murmúrio, corando.

Pensei em Ben, grande e forte e enganadoramente sardónico, a cuidar pacientemente das intimidades do irmão no espaço confinado e anti séptico de uma casa de banho pública. Enquanto via Lily e Mac a comerem os seus gelados, perguntei-me se alguma vez trataria deles de forma tão altruísta.

Um *Lamborghini* prateado e luzidio estacionou no espaço reservado para deficientes ao lado da carrinha de Ben. Uma loura decididamente *não deficiente* saiu, exibindo as pernas bronzeadas e botas de *cowboy* de salto alto requintadamente trabalhadas. Era pequena e musculada, com um corpo de ginasta. Os seios, pequenos e atrevidos, empinavam-se dentro de uma camisola de alças branca, sem *soutien.* O resto era pulseiras cintilantes e óculos de sol. Para não falar no auricular do telemóvel, preso à orelha como uma sanguessuga de estimação.

Lily susteve a respiração.

- Mac, é aquela rapariga rica e má. A do leilão - inclinou a cabeça até mim e murmurou: - Ela fez pouco de nós. E disse que o Ben tinha um belo... traseiro. Mas não disse *traseiro* - Lily e Mac endireitaram-se, ansiosos.

As minhas antenas de alarme deram sinal de si.

A loura pôs uma malinha brilhante e ridícula ao ombro e caminhou em direcção a nós com a atenção voltada para o *spa* e solário ao lado da geladaria. Pelos vistos, o seu cérebro egocêntrico já se esquecera de alguma vez ter visto Mac e Lily. Afinal de contas, eles eram seres inferiores, nem sequer dignos de serem lembrados. Quando passou pela nossa mesa, eu disse, em voz alta mas educada:

- Desculpe, não deve ter reparado no sinal de deficientes naquele lugar de estacionamento. Tem de tirar a sua viatura.

A loura girou sobre si própria como uma cobra e olhou para nós.

- O meu pai é dono de tudo, dos dois lados desta estrada, num raio de três quilómetros. Esteja à vontade para chamar alguém que se importe com o sítio onde eu estaciono. Oh, e *vá-se lixar.*

Lily, enervada, fez tombar o batido. Às vezes, tinha espasmos na mão esquerda. Desta vez, foi o suficiente para o copo cair. A bota esquerda da rapariga foi atingida por alguns salpicos de batido de pêssego. Lily gritou.

- Oh, não, oh, não! Foi sem querer.

Levantei-me rapidamente, agarrando num guardanapo de papel. Parte de mim estava envergonhada pela falta de jeito de Lily. Mesmo nas melhores circunstâncias, eu sentia-me ameaçada perto de louras magras e adoráveis. Estendi o guardanapo.

- Pedimos desculpa. Mas creio que as suas botas não ficaram estragadas. Aqui tem.

A loura arreganhou os lábios, deixando ver dentes brancos que provavelmente escondiam pequenas presas venenosas.

- Afaste esses imbecis de mim.

Deu meia-volta sobre os saltos altos e entrou no salão de beleza sem olhar para trás.

Fiquei parada, de mão esticada, ainda a oferecer o guardanapo. Uma centena de opções passaram pela minha mente. A realidade era esta: eu não era filha de pais brilhantes e poderosos, que exigiam respeito, não toleravam insultos e, na verdade, projectavam uma aura tão régia que ninguém *pensava* sequer em insultá-los. Eu era filha de duas almas gentis e fáceis de ridicularizar, que estavam agora sentados com os olhos baixos, magoados e embaraçados.

- Desculpa ter entornado o batido - disse Lily, chorosa.

Mac deu-lhe uma palmadinha na mão.

- Foi s-s-sem querer - ergueu os olhos para mim, ou melhor, na minha direcção, envergonhado e evitando fitar-me directamente. - Não f-faz mal, Karen. Já n-nos chamaram n-nomes feios antes.

Pousei o guardanapo, limpei as mãos sujas de gelado à saia de caqui e peguei nas chaves da carrinha que Ben tinha deixado em cima da mesa.

- Mac? - perguntei, calmamente. - Onde é que o Ben guarda aquela corrente de reboque?

Ben

Ouvi Tami Jo Jackson aos berros mesmo através das paredes da geladaria.

- Mas que raio... - murmurei.

- Asneiras! - exclamou Joey, com um risinho. Quando saímos para a rua, Karen já tinha rebocado o *Lamborghini* uns bons trinta metros para lá do fim do parque de estacionamento. Mac desenganchou a corrente. O carro de Tami Jo estava no meio de areia cinzenta e suja. À volta das rodas havia ervas daninhas e lixo das obras.

Mac enrolou a corrente e voltou a guardá-la na carrinha. Lily estava encolhida atrás de Karen, que estava de pé em frente de Tami Jo, com os braços cruzados. Calma como uma estátua. Ouvia Tami Jo Jackson cuspir fogo sem sequer pestanejar.

Uma cobra pestanejava mais do que Karen.

- Ponham o Joey na carrinha - disse eu a Mac e Lily.

Quando Tami Jo me viu, virou-se para mim com raiva. Chamou-me nomes, insultou a minha masculinidade, insultou o meu gosto por mulheres - especificamente, Karen - e disse-me que eu e Karen estávamos a partir desse momento proibidos de entrar em todas as propriedades de J. T. Jackson no

Norte da Florida. E por aí fora, terminando com um gesto de cabeça na direcção de Mac, Lily e Joey.

- E isso inclui os seus atrasados mentais todos babados.

Nesta altura, Karen, puxou atrás o braço sardento e deu-lhe um murro na boca.

Tami Jo embateu contra o *Lamborghini* e caiu sentada na areia suja. Levou a mão ao lábio inferior, ensanguentado. Eu agarrei em Karen quando esta estava a levantar o pé para dar um pontapé nas canelas de Tami Jo, arrastei-a até à carrinha, empurrei-a com esforço para dentro e ordenei:

- Entra. *Já.*

Ela obedeceu, com um último olhar furioso para Tami Jo.

Arranquei. Íamos todos mergulhados num silêncio sepulcral, quebrado apenas pela respiração ofegante de Joey, pequenos gemidos de preocupação de Lily e sopros delicados da parte de Karen. Fui olhando pelo espelho retrovisor, à procura de um carro da polícia. Rebocar o carro do Papá Jackson era uma coisa. Rebocar o carro de Tami Jo e depois dar-lhe um murro nos dentes era outra. A minha mente estava num turbilhão, à procura de formas de impedir que Karen fosse presa por agressão.

- B-ben - disse Mac de repente. - E se a r-r-rapariga má chamar a p-polícia?

I.ily irrompeu em lágrimas.

- Não vou deixar prenderem a Karen.

- Ninguém me vai prender - garantiu-lhes Karen rapidamente, afagando-lhes as mãos e dando-lhes palmadinhas nos ombros.

Joey suspirou.

- Acho que vou deixar de comer gelado - declarou.

Ben

Marquei o número de telefone do xerife.

- Elton? Fala o Ben.

- Olá, Ben.

- O Glen não vai poder ajudar desta vez.

- Não, Ben, não me parece. Vamos ter esperança de que os Jacksons não me telefonem. Até agora, tudo calmo.

- Não quero a Karen Johnson na cadeia. Se alguém apresentar queixa, avise-me com antecedência. Eu arranjo o dinheiro da fiança.

- Ben, tendo em conta como ela tratou dos irmãos Pollo, também eu prefiro não a enfiar numa cela. É capaz de assustar os outros prisioneiros.

- Obrigado, Elton.

- Ben?

- Sim?

- Daqui para a frente, deixe a corrente de reboque em casa.

Kara

Queria que Ben simplesmente gritasse comigo para podermos encerrar o assunto. Mas ele mal me dirigiu a palavra a noite toda. Joey, Lily e Mac, convencidos de que eu escapara a acusações criminais uma vez que, até à hora de jantar, o xerife não aparecera para me prender, divertiam os outros com a história da minha aventlura. Mas Ben não disse nada, mal tocou no peito de galinha frito, puré de batata e macarrão com três queijos - um *mea culpa* culinário da minha parte. Ele parecia, não só cansado e carrancudo, mas também infeliz.

Eu brincava com a comida no prato, apática e envergonhada. Os meus falecidos pais sempre tinham pregado a não-violência, uma filosofia com a qual eu sempre concordara, e contudo, desde que chegara à Florida, já dera uma facada num irmão Pollo, tentara atacar Glen Tolbert com um cavalo e agora dera um murro em Tami Jo Jackson.

Depois de jantar, sentei-me à mesa da cozinha a fazer a lista de compras semanal, com a mão direita ainda dorida, dois dos nós dos dedos cobertos com pequenos pensos rápidos. Ben saiu do seu escritório. Fiquei tensa. Ele encostou-se ao lava-louça com um copo de água na mão, de calças de fato-de-treino cinzentas e uma *t-shirt* desbotada dos Florida seminoles colada ao tronco. Tinha sangue de índio seminole, mas o facto de serem mascotes desportivas não parecia incomodá-lo.

Depois de algum esforço para o ignorar, ergui os olhos com expressão séria e disse:

- Por favor. Diz o que tens a dizer e vamos pôr uma pedra sobre o assunto. Fui estúpida e imprudente e podia ter-te causado muitos problemas e embaraço. Estraguei a visita do Joey à geladaria. Devia ter lidado com a Tami Jo Jackson com o meu vocabulário conciso, e não com uma corrente de reboque e um punho. Sim. Tens toda a razão. E peço desculpa. Não acredito em violência, excepto em legítima defesa, e por isso, não, não tenho justificação para ter esmurrado a encantadora Miss Tami Jo Jackson, embora fosse um prazer imenso poder dar-lhe uma tareia e em qualquer pessoa com um espírito tão cruel, e depois dar as suas carcaças a comer a javalis selvagens. No entanto...

Ele moveu-se tão depressa que não tive tempo para reagir. Simplesmente inclinou-se, pegou na minha mão magoada e beijou-a ao de leve. Depois beijou-me na testa e, depois, na boca. Uma, duas, três vezes. Levemente. Eu retribui os beijos. Ouvimos os passos de Miriam saírem do quarto de Joey. Ele endireitou-se.

- Lutas por aquilo que é certo. Tenho orgulho em te conhecer. Não te vou deixar ir para a prisão. Vamos esperar que a Tami Jo esqueça o assunto. Mas não te preocupes.

Dirigiu-se ao quarto de Joey, deixando-me ali sentada, num universo de surpresa e excitação. Miriam entrou na cozinha.

- Então - perguntou -, ele está muito chateado?

- Nem por isso - foi tudo o que consegui dizer.

Ben

Na manhã seguinte, falei com o xerife Arnold. Ele ria-se.

- Ben, a Tami Jo Jackson tem a carta de condução apreendida. Podia arranjar sarilhos se admitisse estar sequer *perto* de um carro - enquanto eu soltava um suspiro de alívio, ele acrescentou: - Mas é melhor ter cuidado. O pai dela está louco de raiva. Acho que está decidido a causar-lhe problemas.

- Ele que venha - disse eu.

Muita garganta.

Esperava que o xerife estivesse enganado.

Capítulo 16

Kara

- Ah, raios! - disse Miriam, espreitando pela porta da frente. - Está ali o Tom D. Dooley a falar com o Ben. Parece que há problemas.

Ergui os olhos. Estava ajoelhada ao lado do velho sofá da sala de estar. Tinha uma escova numa mão e o atiçador da lareira na outra. Lily estava por perto, armada com uma vassoura. Estávamos a tentar enxotar um pequeno guaxinim para a rua. Pelos vistos, entrara durante a noite para se servir da ração de *Ruibarbo,* mas depois vira-se encurralado e decidira esconder-se debaixo do sofá.

- Sai, mancha amaldiçoada! - disse em tom shakespeariano, e bati com o atiçador no sofá. O guaxinim correu sobre o tapete navajo desbotado e saiu pela porta da frente. Lily olhou para mim boquiaberta.

- Como sabias que ele se chamava *Mancha?*

- Foi um palpite.

Larguei as minhas armas e corri para a porta. Ben estava de pé no meio do pátio, de braços cruzados, cabeça baixa, a ouvir um homem mais velho, de aspecto cordial, que gesticulava animadamente. Não conseguíamos ouvir as suas palavras, mas era evidente que estava agitado.

- Quem é o Tom Dooley? - perguntei a Miriam.

- É o dono das terras do outro lado do pântano. O Ben tem esperança de um dia conseguir comprar aquela propriedade. E é «Tom D. Dooley». Trata-o por «Tom D.» Ele odeia quando as pessoas se põem a cantar aquela velha canção, *Hang Down Your Head, Tom Dooley.* Por isso usa a inicial do nome do meio - ela soprou com impaciência. - Raios! O Tom D. é um tipo reservado. Não fala com muita gente. E confia no Ben, caso contrário também não estaria aqui a falar com ele. Não vai ser fácil descobrir o que se está a passar.

- O Tom D. gosta de chá gelado bem doce?

- Toda a gente gosta de chá gelado doce. Estamos no Sul, querida.

Peguei num jarro de chá e num copo.

- Nesse caso, vou oferecer-lhe uma bebida. É a coisa mais hospitaleira que posso fazer.

Miriam levou a mão ao coração.

- Sua coisinha matreira. Estou tão orgulhosa.

***

Ben, de rosto sombrio, continuava de braços cruzados, escutando sem proferir uma palavra enquanto Tom D. Dooley, sob o feitiço do meu charme natural e do chá gelado, me contava que a Empresa de Construção J. T. Jackson acabara de lhe oferecer o dobro do valor de avaliação sobre as suas terras.

- Tenho oitocentos hectares, metade em pastos e a outra metade, a parte que fica adjacente às terras do Ben, em bosques selvagens e pântano. O Ben é o único homem suficientemente idiota para querer comprar-me estas terras, e eu sempre quis vender-lhas, mas não posso rejeitar este montante de dinheiro. Os impostos estão a acabar comigo. A minha mulher quer mudar-se para a Carolina do Norte, para estar perto dos pais, que já são velhos. Detesto vender a um forasteiro, mas o que hei-de fazer?

Ben disse, num tom sombrio:

- Sei que está numa posição complicada, mas se o Jackson puser as mãos nessas terras, arrasará tudo o que existe nelas, só para me chatear. Tom D., você tem carvalhos nessas terras ainda mais velhos do que os meus. Entre os seus bosques e os meus, temos o maior e o melhor *habitat* de felinos e ursos pretos que resta nesta parte da Florida.

- Eu sei, Ben, eu sei. Diz-me que podes fazer uma oferta minimamente decente. Qualquer coisa. Eu facilito um acordo. Juro.

Ben baixou a cabeça. O seu rosto ficou ensombrado por frustração e raiva.

- Não posso, é impossível. Pelo menos este ano.

- Ben, lamento muito. Mas não posso esperar mais um ano. Vou ter de vender.

- Tenho uma ideia - disse eu. Enquanto ambos os homens olhavam para mim com curiosidade, pousei o jarro de chá gelado, limpei as mãos húmidas aos calções e fiz um esforço para manter uma expressão pensativa. Como se estivesse insegura. - Há uma organização chamada Salvem a América Verde. Recorrendo a donativos, compram grandes extensões de terras virgens, que passam a ser reservas naturais. Espaço verde permanente. Nunca pode ser urbanizado ou explorado.

Tom D. franziu o sobrolho.

- Está a dizer-me que um grupo de amantes da natureza pode comprar as minhas terras?

- Comprariam os bosques virgens e o pântano. O Tom receberia uma quantia substancial. Podia reformar-se sem preocupações e mudar-se com a sua mulher para a Carolina do Norte, mantendo os pastos e os terrenos agrícolas, até o Ben poder comprar-lhos.

- Ouça, se os amantes da natureza me oferecerem um negócio desses, eu aceito.

Olhei cuidadosamente para Ben.

- O que achas? Não serias o proprietário do bosque, como querias, mas ficaria protegido para sempre e o mais importante é isso, não é?

A expressão cautelosa de esperança no rosto dele foi a minha recompensa. Ben pegou no jarro de chá e ergueu-o como se estivesse a brindar, dizendo:

- O que acho? Acho que tu vales o teu peso em chá gelado!

Sorri.

Ben

Raios me partam se não resultou. E depressa. Tom D. fez negócio com a Salvem a América Verde. Um dos mecenas entrou com dois milhões de dólares para comprar as centenas de hectares de bosque e pântano fronteiriços à minha propriedade. Essas terras ficariam protegidas para sempre. Sim, «para sempre» podia não ser mesmo para sempre, mas era o bastante para mim.

- Conseguiste - disse a Karen. - Há pessoas que sabem utilizar o sistema, e tu és uma delas.

- Não, *nós* conseguimos. O sistema nem sempre vence, Ben. Vês? Às vezes o sistema pode ser o nosso melhor amigo.

- Não, não iria tão longe. Mas admito que, às vezes, não é o nosso pior inimigo. Está bem assim?

Ela sorriu.

- Está bem.

Tínhamos em curso um estranho romance. O nosso primeiro beijo acontecera depois de quase termos sido comidos por um aligátor no espectáculo das sereias. Beijámo-nos pela segunda vez graças ao murro que Karen dera a Tami Jo. Ainda não nos tínhamos voltado a beijar e, por este andar, já teríamos perdido pelo menos alguns dedos quando chegássemos à fase de fazer amor.

Entretanto, fingíamos que nunca nos tínhamos beijado. Mas estávamos mais próximos do que nunca.

Uma noite, eu estava sentado à mesa a dispor os medicamentos semanais de Joey num tabuleiro com divisórias, enquanto Karen arrumava os restos de comida; *Ruibarbo* pousou a cabeça no meu joelho, *Mr. Darcy* caminhou em direcção a mim por cima da mesa e encostou a cabeça azul ao meu pescoço. Éramos como um casal. Ela, eu o o pássaro.

- O teu pássaro adora-me - disse-lhe.

- Gostos não se discutem - sorriu ao dizê-lo. Depois enxotou com o pano da louça uma traça que estava na lâmpada por cima da mesa. A traça esvoaçou. Karen apanhou-a gentilmente com a mão, levou-a até à janela por cima do lava-louça e libertou-a. Eu achava que ela era, secretamente, budista. Sem fazer alarde disso, andava pela vida prestando homenagem aos pequenos seres vivos. Apanhava aranhas e centopeias das vassouras e dava-lhes boleias seguras até à rua.

Também guiava zangões perdidos para as janelas abertas. Eu já tinha visto Mac e Lily fazerem o mesmo. De súbito, senti-me pouco à vontade. Karen virou-se para mim e disse:

- Presumo que já comeste *sushi* algumas vezes, durante o teu passado misterioso e colorido?

Ignorei a parte do «misterioso e colorido».

- Sim. Já devorei alguns crepes *maki* e combinados de *sashimi.*

- Sou capaz de fazer *sushi* um destes dias. Para surpreender o pessoal. Ver quem é que se esconde primeiro debaixo da mesa.

- Mas não uses queijo de soja.

Ela riu-se. Continuei a separar os comprimidos de Joey. Tensão arterial, ritmo cardíaco, vasodilatadores, tudo e mais alguma coisa. Quantos comprimidos podiam os médicos acrescentar ainda?

- Pareces preocupado - disse ela. - O que se passa?

- Tenho uma centena de bezerros para vacinar amanhã, tal como a centena que vacinei hoje. Foi um longo dia.

- Pareces *triste.* E não tem nada a ver com os bezerros.

- A *Estrela* tentou morder-me outra vez. Aquela égua fere-me os sentimentos.

- Ela quer impressionar-te, mas está decidida a fazê-lo à sua maneira.

- Estamos a falar da égua, não estamos?

Karen lançou-me um olhar cortante, mas os seus lábios esboçaram um sorriso.

- Hoje fiz o percurso dos barris com ela, a trote, dando ênfase à técnica e ao controlo. Segundo percebi, pela pesquisa que fiz sobre as corridas de barris, o objectivo do desporto é controlar solidamente o cavalo, instruí-lo para entrar nas curvas sem perder o equilíbrio, contornar o barril e depois correr para o próximo. A *Estrela* e eu estamos a trabalhar nisso.

- Entretanto, ela derrubou os barris todos outra vez, não foi?

Karen franziu o sobrolho, depois desistiu e confirmou.

- Ensina-a a tricotar, ou coisa do género. É capaz de ser mais fácil.

- Ela precisa simplesmente de encontrar o seu objectivo.

- Ainda estamos a falar da *Estrela?*

Karen revirou os olhos. Tirou-me o tabuleiro de medicamentos da mão e foi-me buscar uma cerveja fresca ao frigorífico. Karen não acreditava em beber cerveja pela lata. Tirou duas canecas de vidro da arca frigorífica e serviu-nos a cerveja. Não há nada como uma caneca gelada para beber cerveja. Quando ela me passou a minha caneca, o calor que partilhávamos quase embaciou o vidro.

Depois sentou-se na cadeira ao lado da minha e inclinou a cabeça sobre a pilha de frascos de medicamentos de Joey. Enquanto ela lia os rótulos, inalei o perfume do seu cabelo, da sua pele, do seu corpo. Karen deixava-me tonto.

Ela *queria* que eu a cheirasse. A julgar pela sua respiração profunda, estava a fazer o mesmo. Tinha os dedos a tremer enquanto organizava os comprimidos nos compartimentos de plástico do tabuleiro de Joey.

- Pronto. Já está - ergueu os olhos para mim com expressão solene. - O Joey tem um grave problema de coração. Está a piorar?

Eu ainda não conseguia admiti-lo. Dar corpo à verdade podia torná-la realidade. Em parte eu era puro Seminole e acreditava no poder de palavras e símbolos mais antigos do que o calcário debaixo dos Everglades.

- Não. Nada de novo. Os problemas dele são de nascença.

- E não há mais nada que se possa fazer por ele? - hesitou e depois, em tom casual, disse: - Tratamentos melhores, especialistas melhores... é apenas uma questão de *dinheiro!*

- Agora já não. Podiam ter tratado do problema dele quando era pequeno. Mas agora, é tarde de mais. Já lhes disse que vendia tudo o que tenho, se fosse preciso. Não é dinheiro. Não lhe fazem um transplante de coração e não há cirurgia nenhuma para o problema dele. Por isso, vivemos com a situação.

Ela apoiou o queixo na mão.

- Se, de repente, ficasses rico, o que farias com o dinheiro? Partindo do princípio de que não podes fazer mais nada para melhorar a saúde do Joey. Que *mais* farias se tivesses muito dinheiro?

- Ah, não gosto de brincar ao faz-de-conta.

- Faz-me a vontade. Quais são os teus sonhos?

Aqueles olhos azuis. Olhar para os olhos dela era como um tónico quente, como beber três *shots* de *tequila* de seguida.

- Está bem... Poria dinheiro num fundo para que toda a minha gente fosse garantidamente bem tratada para o resto da vida. Até fazia um fundo para os animais. Assim, se me acontecesse alguma coisa, o *Ruibarbo* e o *Grub* e a *Estrela* e os outros seriam bem tratados. E doava dinheiro para construírem mais clínicas na reserva seminole, no sul da Florida. E para escolas.

- E o que farias para *ti?*

- Comprava um *Hummer* como o do Glen Tolbert.

Ela arregalou os olhos.

- Porquê?

- Porque sou um Cracker e um campónio. Quatro rodas com um grande motor apelam à minha masculinidade básica.

- Oh, por favor. A tua masculinidade não é assim tão básica.

- Ora, obrigado.

- Ben...

Hesitei uns segundos.

- Mesmo um homem pobre parece importante se tiver um bom carro. E mesmo um homem pobre consegue crédito para *comprar* um bom carro. Quando era pequeno, víamos seminoles que não tinham onde cair mortos e rendeiros brancos e negros miseráveis a conduzirem grandes carrinhas e *Cadillacs.* Viviam em barracas e caravanas, mas podiam comprar uma coisa de que se orgulhavam. Conseguiam um empréstimo para o *Cadillac.* Mas *não* conseguiam um empréstimo para uma casa decente.

- Fala-me desse *Hummer* que compravas.

- Seria todo artilhado e... raios, até lhe punha um bar e uma televisão no banco de trás. Admito. Só porque gosto de imaginar o meu pessoal no banco de trás, a gozar desse luxo.

- Estou a ver. E que mais farias se tivesses uma quantidade ilimitada de dinheiro?

- Aumentava esta casa, para o Joey poder ter um quarto maior e eu poder ter um escritório maior, punha janelas novas para os bichos não entrarem, ar condicionado e aquecimento central, e... e comprava uma fivela de ouro para o

cinto, com a cabeça de um cavalo. Um garanhão Cracker. Feito por encomenda. Enfim... coisas estúpidas.

- Não, não são. Diz-me mais.

- Comprava a parte da frente das terras do Dooley, os pastos e tudo, claro.

- Isso é um dado adquirido.

- E punha lá uma manada de búfalos-de-água.

Ela quase cuspiu a sua cerveja para cima da mesa.

- Búfalos-de-água?

- Búfalos-de-água - fiz uns cornos com os dedos. - Peludos, de cornos compridos. Da Tailândia e de outras partes da Ásia...

- Sim, sim. Mas como é que te apaixonaste por eles?

- Tenho andado a ler sobre eles na Internet. E já vi alguns em leilão. Falei com o agente da delegação do condado sobre eles. São animais resistentes e não se incomodam com o calor nem com os pântanos, são mais fáceis de manter do que as vacas e o seu leite tem muito mais gordura, faz o melhor queijo do mundo.

- Claro. *Mozzarela* de búfala! Um queijo maravilhoso.

- Não há muitos búfalos-de-água nos Estados Unidos. Pode dizer-se que é um manancial por explorar. Manancial. Água. Percebeste?

Ela sorriu e apoiou o queixo na mão, olhando para mim com genuíno afecto.

- Percebi.

- Montava uma leitaria de búfalos-de-água. Podem ser ordenhados, sabes? Os domesticados, claro está. Produziria queijo e iogurte. Não te ponhas com sorrisos, menina. Estás a olhar para mim como as pessoas olham para o Keeber Jentson e as suas cabras. Não me estás a imaginar a fazer iogurte, é?

- Estou a sorrir no bom sentido. Pensava que eras um produtor de carne inveterado.

- E sou.

- Então não percebo o plano dos búfalos-de-água.

- Perguntaste-me o que faria se tivesse todo o dinheiro do mundo. Se pudesse correr um risco e mudar a minha vida.

- Estou a perceber. Se pudesses...

- Sim. Agrada-me a ideia de ser sócio dos animais. Dar-lhes um bom lar, um trabalho decente para pagarem o seu sustento. Eles podiam viver a vida inteira a trabalhar para ganhar a vida e serem respeitados, em vez de terem de terminar no prato de alguém. Sim, sou um mariquinhas lamechas. Mas não digas a ninguém.

- Mariquinhas? Não. És... o mais espantoso... - a voz falhou-lhe. - És sensível e admirável. O homem mais atencioso que alguma vez... muito sensível. E digo-o no bom sentido - levantou-se rapidamente, pegou no organizador de remédios e saiu com passo apressado em direcção ao quarto de Joey.

Beijara-me com palavras. Foi como me senti. Um longo beijo molhado.

***

Veeee. É o som que fazemos quando assobiamos com os dentes da frente, perfeito para os ouvidos afinados dos cães-pastores. Os meus cães viraram para a esquerda e para a direita ao ouvirem esse assobio, seguindo a indicação que lhes dei com a mão, correndo como defesas desgrenhados pelo meio de uma equipa de vacas. A manada de vacas, com as suas crias, deslocou-se de um lado para o outro. Poeira e vespas ergueram-se da vegetação enquanto as vacas abriam caminho pelo meio dela. As vespas ficaram suspensas no ar como minúsculos diabinhos vermelhos. Mais um mês e estariam prontas para picar, mas para já não.

A agitação fez com que um casal de águias levantasse voo do seu ninho nos carvalhos que circundavam o pasto. Passaram à frente do sol como duas luas escuras. Os esquilos subiram a correr os troncos das palmeiras. Um pica-pau de poupa vermelha estava empoleirado num poste da cerca, como um funcionário da companhia dos telefones, observando-me como se as minhas indicações também fossem para ele. Por baixo das minhas pernas, o cavalo abanou a cabeça para enxotar uma nuvem de mosquitos. A franja antimosquitos do seu freio dançou como a saia de uma *stripper.*

O meu telemóvel tocou. Tirei-o do cinto e franzi o sobrolho ao reconhecer o número. Glen. O intriguista. Depois de me certificar de que Mac não estava por perto, atendi.

- Sim, Glen. Que se passa?

- Achaste que eu não ia saber que a Karen Johnson atacou a filha do J. R.?

- Ninguém apresentou queixa, por isso, no que me diz respeito, é como se não tivesse acontecido.

- Ela é violenta.

- Não há aqui nada de interessante, Glen. Vai à tua vida.

- Há um mês que não vejo o meu irmão. O problema é *esse.* Já não me sinto bem-vindo no rancho.

- Lá porque tentaste fazer com que me penhorassem o celeiro, isso não quer dizer que não possas vir visitar-nos.

- Não tive nada a ver com essa história da hipoteca. Não mando no banco, simplesmente faço parte da administração.

- Glen, não estou com paciência para conversas da treta. Podes vir visitar o Mac quando quiseres. A Karen vai portar-se bem. Já falei com ela. Tens de vir ver o teu irmão. Ele tem andado triste. Tem saudades tuas - esta última parte nao era verdade, mas eu sabia que Glen gostava de graxa.

- O futuro da minha relação com o Mac está nas *tuas* mãos. Foste *tu* que ficaste do lado da Karen Johnson. Tenho estado a vigiar muito atentamente a conta bancária do meu irmão. Assim que vir algum levantamento suspeito, estou à tua porta em cinco minutos. Não vou permitir que ela se aproveite do dinheiro dos Tolbert.

- Glen, se ela se preocupasse com dinheiro, não estaria a trabalhar aqui no Verão.

- Está a ganhar tempo. Conheço o género.

- Que género é esse, Glen?

- Não interessa. Quero que compreendas que estou a levar esta situação muito a sério. Ouve bem: se me pressionares, tiro o Mac daí.

- Isso não vai acontecer - respondi suavemente.

- Então o que tencionas fazer em relação à Karen Johnson?

«Tenciono casar com ela.»

O pensamento ocorreu-me como se tivesse estado ali arrumado a um canto, à espera. Não o disse em voz alta e nem sequer tinha a certeza de que fosse possível. Pelo menos tão cedo. Mas mudou-me, mudou a minha vida e mudou a conversa com Glen. E todas as conversas que eu viria a ter com Glen no futuro.

- Glen, ela diz que se vai embora no fim do Verão. Se for, foi. Se não for, não foi. A escolha será dela.

- Estás a pressionar-me.

- Não, tu é que me estás a pressionar. E já cedi tudo o que tinha a ceder.

Desliguei o telefone e voltei a guardá-lo na bolsa presa ao cinto. Mac e Lily tinham-ma oferecido nos meus anos. Tinha uma margarida trabalhada à mão. Eu nunca consegui perceber a paixão deles por aquela flor, mas sabia que, neste caso, era um elogio. Eles confiavam em mim.

Não podia deixá-los ficar mal. Rezei para nunca ter de escolher entre eles e Karen. Pensei no Rei Salomão, da Bíblia. Ele nunca teve de gerir um rancho.

Capítulo 17

Ben
A festa

Miriam e Lula decidiram que tínhamos de dar uma festa para festejar a boa sorte que nos tinha atingido: a história da hipoteca do celeiro, o negócio com Spielberg, a venda das terras de Tom D. Dooley, o facto de Karen não ter sido acusada de agressão, e por aí fora. Uma vez que não queriam deixar Karen embaraçada, não lhe deram o seu verdadeiro nome, que era «Festa Ainda bem que Karen Johnson Entrou nas Nossas Vidas», afirmando ser apenas uma comemoração antecipada do 4 de Julho.

A meio de Junho.

Kara

Segundo percebi, estávamos a comemorar a aproximação do solstício de Verão, a chegada iminente do cheque de Spielberg pelos direitos do filme sobre o Kissme Woomee, ou o facto de *Estrela* nao tentar morder ninguém há pelo menos duas semanas. Fosse por que fosse, eu estava ansiosa por uma noite na cidade.

Ou melhor... nos arredores da cidade, à beira de uma estrada de terra, no meio do bosque.

Visto de fora, o Bar e Salão de Dança dos Caçadores era o tipo de estabelecimento onde os clientes tinham de se desviar de latas de cerveja e beatas de cigarro a flutuarem em poças de água da chuva no parque de estacionamento esburacado.

Pelo menos, eu *esperava* que fosse água da chuva.

Luzes brancas piscavam numa fila de palmeiras baixas e sólidas, à frente de um alpendre com telhado de chapas de zinco enferrujadas. O grande alpendre estava apinhado de cadeiras de baloiço, poltronas, bancos e latas de lixo.

Os grossos troncos de cipreste eram como um quadro de avisos comunitário para anúncios de vendas de garagem e panfletos a publicitar festivais locais, mercados agrícolas, fritadas de peixe e feiras de gado. As paredes estavam decoradas com crânios: de aligátores, de veados, de vacas, de cavalos. Eu tinha medo de os inspeccionar melhor. Podia haver um crânio humano lá pelo meio.

O edifício fora em tempos um salão de *bowling* e, portanto, era enorme, com um telhado baixo e direito, construído de utilitárias folhas de chapa. O revestimento metálico ostentava agora pitorescas manchas de ferrugem e no telhado havia uma carcaça de um carro de corridas há muito reformado, inclinado de forma criativa.

Holofotes virados para cima lançavam pirâmides invertidas de luz sobre o número desbotado pintado a vermelho e branco nos lados azuis do carro. Um antigo autocolante do óleo para motores *Valvoline* fitava-me de um dos pára-choques.

- A única coisa que falta neste quadro é um veado de plástico preso ao tejadilho do carro - disse, enquanto Ben e eu reuníamos todo o pessoal que saía das carrinhas. Mais de três dúzias de sereias do Kissme Woomee e seus convidados esperavam por nós no interior. - Afinal de contas, de que serve andar na estrada se não se atropelar um animalzinho de vez em quando?

Todos se riram desta piadinha, excepto Ben. Ben limitou-se a endireitar o colarinho da camisa de cambraia de Joey, muito bem engomada.

- Hei-de dizer ao Phil que pensas como ele.
- Sim?

Lily, que coxeava ao meu lado com uma mão dada a Mac e a outra afectuosamente enfiada no meu braço, apontou para o carro com um gesto de cabeça.

- O Phil tinha um veado de plástico no telhado. Mas alguém lhe deu um tiro.
- Arrancaram-lhe a cabeça - acrescentou Miriam, com uma gargalhada. Ela e Lula estavam muito bem-dispostas, com calças brilhantes pelos joelhos, camisolas de alças com rendinhas e quilómetros de jóias, todas dedicadas ao tema das sereias. Ambas contornaram os buracos do parque de estacionamento em bicos de pés.

Lula riu-se.

- Pelo menos o veado não sofreu.

Olhei de esguelha para Ben e apanhei o seu sorriso cansado. Ultimamente, o estado de espírito dele tinha vindo a piorar. Mesmo assim, conseguia estar deliciosamente apetitoso, com calças de ganga, botas e uma camisa mais elegante. Até pusera um bonito cinto de cabedal com uma cabeça de cavalo em prata na fivela. Quando é usada com a medida certa de estilo e pose, uma grande fivela de cinto atrai o olhar para o território imediatamente abaixo dela.

Era necessária uma distracção. Levantei os olhos para o seu rosto.

- Já agora, quem é o Phil?
- Uma espécie de agente secreto - disse Miriam.
- Um assassino contratado do governo - disse Lula. - Ou talvez um espião.
- O Phil é boa gente. É apenas um homem de negócios que comprou este local há alguns anos. Precisava de umas férias.
- É nosso amigo - disse Joey animadamente. - Desde o México. O Ben salvou-lhe a vida.
- *México* - murmurou Miriam ao meu ouvido. - Parte da história de que o Ben não fala. Vais ver. Apostava dinheiro em como o Phil Montegra é um assassino insensível da CIA ou coisa do género. Não lhe olhes nos olhos.

Ben

Da primeira vez que vi Phil Montegra, ele estava no deserto do sul do Texas, vestido apenas com uma calças de *smoking* e com o tronco ensanguentado. Dei com ele por volta da meia-noite, enquanto andava à caça de coelhos para eu e Joey termos o que comer. Joey estava a dormir na traseira da carrinha que eu tinha roubado quando saímos da Florida.

O sangue de Phil brilhava à luz da fogueira como sumo de cereja sobre cabedal. A pele de Phil é castanho-dourada, como verniz cor de carvalho sobre tábuas de pinho. Ele é parte negro, parte branco e parte indeterminada. Tem a testa alta, um nariz africano largo, olhos azuis-claros e cabelo cor de ferrugem que seria crespo se ele não rapasse a cabeça. É alto e magro e tem um ar esquisito, como um desenho para colorir de um homem de negócios zulu com as cores todas erradas. Mesmo nessa altura, quando eu era um adolescente e ele tinha apenas vinte e poucos anos, já conseguia assustar qualquer pessoa com um único olhar daqueles olhos azuis gelados.

Tinha os braços e o peito cobertos de pequenos cortes. Cinco homens brancos, grandes e pouco faladores - não eram *cowboys* bêbados ou arruaceiros marginais, não, eram profissionais de alguma coisa - estavam a tentar obrigá-lo a dizer-lhes algo que ele não queria dizer. E estavam prestes a deixar-se de gentilezas para começar a cortar as partes mais sensíveis de Phil.

Phil olhava para os homens à sua volta como se estivesse apenas à espera de morrer.

Apoiei a coronha da espingarda no ombro e olhei para eles por cima do cano. A espingarda era apenas uma 22.

- Acho que consigo acertar no meio dos olhos de dois e nos tomates de um terceiro antes de os últimos dois me conseguirem agarrar - disse. - Querem tirar à sorte?

Eles sorriram. Um disse aos outros, como um pai exasperado:

- Estes miúdos, hoje em dia!

Precisamente quando estavam prestes a virar-se para mim, três pares de faróis surgiram na escuridão, aproximando-se rapidamente de nós. Os homens desapareceram. Eu fiquei onde estava, virando a espingarda de um lado para o outro, para o caso de algum deles voltar para trás.

Dois dos *Jeeps* foram atrás dos inimigos de Phil e ouviram-se tiros na noite. Não me parece que algum dos cinco homens tenha sobrevivido, mas ninguém me deixou ver os corpos. O terceiro *Jeep* parou perto de Phil. Nem sequer tive tempo para dizer «Oh, merda» antes de vários homens me apontarem as suas armas, armas bem grandes.

- Ele está comigo - gritou Phil. Falava com sotaque. Não consegui perceber na altura, nem sei dizer agora, que *tipo* de sotaque, tal como não sei dizer o que raio estava Phil a fazer no deserto, vestido apenas com calças de *smoking*, prestes a ser cortado às fatias. Os homens que o salvaram eram, na sua maioria, americanos, e traziam equipamento a sério. É tudo o que sei.

Phil ficou a dever-me um favor, e é um homem que leva os favores muito a sério. Disse-lhe directamente que Joey e eu tínhamos perdido a nossa mãe e que tínhamos de fugir, caso contrário Joey acabaria numa família de acolhimento ou numa instituição. Disse-lhe que tinha roubado a carrinha antes de sair da Florida. Disse-lhe que estava à procura de trabalho e de um sítio para viver. Disse-lhe que faria qualquer coisa.

No dia seguinte, ele e os homens que o tinham salvado enfiaram-nos num helicóptero militar, a mim e a Joey, e levaram-nos para o México. Pousámos nas montanhas Sierra Madre, nos arredores da cidadezinha de San Miguel de Allende. O nome não me dizia nada. Phil disse que era especial, linda, uma velha cidade colonial nas montanhas, mas onde nos deixaram havia apenas árvores raquíticas e sol. Joey, que tinha só sete anos, agarrou-me na mão.

- Estamos na Lua, Benji? - perguntou.

Por fim, vimos um *Mercedes* escuro aproximar-se de nós.

Phil, hirto por causa dos comprimidos para as dores e das ligaduras, não estava com disposição para grandes explicações.

- A Cassandra Dumone é uma mulher muito rica. O rancho dela é lindo. É canadiana. Teve um filho como o teu irmão, portanto não se importa de cuidar dele. E arranjará muito trabalho para ti. Estás disposto a fazer o que ela te der para fazer, em troca de cuidados excelentes para o teu irmão? Se estiveres, podes sair desta situação muito melhor do que tinhas imaginado.

Eu tinha dezasseis anos e julgava-me muito esperto. Cuidara de Joey toda a minha vida, trabalhara como um adulto nos ranchos, já fizera amor com uma ou duas raparigas, segurara na cabeça do meu pai enquanto ele morria com o peito esmagado por um cavalo, vira a minha mãe parar de respirar na sala de espera das urgências, enquanto a rapariga da recepção perdia tempo por não termos seguro de saúde, e agora conseguira trazer Joey para o México sem sermos apanhados ou mortos. Era um homem, sim, e conseguia aguentar tudo o que uma dama canadiana rica me mandasse fazer. Traficar drogas, contrabandear armas, fazer passar pessoas clandestinamente pela fronteira. O que podia ser pior do que essas coisas?

- Sim - disse a Phil. - Não tenho medo de nada e estou disposto a sujar as mãos, se for preciso.

Ele ergueu uma sobrancelha.

- Duvido que ela queira que te sujes.

Oh, mas queria, sim. Simplesmente não da forma que eu estava à espera.

Kara

Detestava ter de o admitir, mas o famoso Phil tinha um clube de dança surpreendentemente bom.

A banda da casa era muito mais talentosa do que o normal em bares de beira de estrada, e tocava uma mistura embriagante de *country-western, zydeco,*

blues, Elvis, e até alguns clássicos *pop* dos anos sessenta. Não há nada como uma música lenta dos Righteous Brothers a seguir a uma rápida marcha *cajun,* seguida por uma linha de dança de *cowboys,* para eliminar todas as inibições.

A música alegre é irresistível e clássica, seja qual for o cenário ou a cultura: uma dança de casamento grega, um festival de rua africano, uma *fiesta* latina, ou o mundo *country* de um bar Cracker da Florida num sábado à noite de Verão, mesmo sob o olhar atento de um suposto assassino contratado. Em todas essas situações se encontra o ritmo da vida.

O interior do estabelecimento contribuía para a atmosfera informal. Era uma mistura de velhos compartimentos de madeira, mesas riscadas, sombras sedutoras e um bar simpático. O bar, reparei, estava bem abastecido de cerveja importada e bebidas de qualidade. Um letreiro desafiava: «Pergunte-nos pelos nossos vinhos».

- Muito bem, vou aceitar o desafio, *Phil* - murmurei entre dentes. - Lily, gostas de vinho?

Ela encolheu-se ao meu lado, segurando-me na mão.

- Não sei. Eu e o Mac não bebemos muito. O Glen disse que os pais dele bebiam muito. O Glen disse-nos para não bebermos. Nunca.

- Bom, se o Glen vos disse para não beberem, então eu não devia tentá-los com a oferta de um copo de vinho. Hum?

Lily inclinou-se para mim e murmurou, em tom conspirador:

- Aprendi palavras feias com a Miriam e a Lula.

- Diz-me. Prometo não ficar chocada - respondi, também num murmúrio.

- Que se *lixe* o Glen.

Levantei a mão livre para chamar o empregado.

- Sim, minha senhora - disse um jovem de vinte e poucos anos.

- Que cabernet sauvignon recomenda?

- Bem, minha senhora, ao copo temos...

- Não. Diga-me o que tem em garrafa, por favor. Quero uma coisa especial.

- Temos um cabernet *Quill River* de 2002. Mas custa dois e meio a garrafa.

Eu estava impressionada. Um *Quill River* de 2002? Uma das melhores colheitas recentes a saírem de Napa Valley. E uma pechincha, por apenas duzentos e cinquenta dólares a garrafa. Está bem. O famoso amigo de Ben, Phil Montegra, o capanga de Satã, tinha uma adega decente.

- Pode ser, obrigada.

- Dois dólares e meio por uma garrafa inteira não é muito, pois não? - murmurou Lily.

- É baratíssimo - respondi.

***

Ben desapareceu no andar de cima, no mundo ameaçador do misterioso Phil.

- O Phil está por trás daquela janela espelhada lá em cima - disse-me Miriam. - Ele e o Ben parece que saíram daquele filme, *Profissão: Duro.* Já o viste?

Vasculhei as minhas memórias. Cannes? Sundance?

- Acho que não.

- Patrick Swayze, a distribuir tareia como segurança de um bar. Um clássico.

- Desculpa, a minha educação foi deplorável. Podes dizer-me *exactamente* o que o Ben vê no Phil?

- Lealdade. O Phil certificou-se de que o Joey seria bem tratado no México. O Ben nunca esquece esse tipo de lealdade. Se isto fosse o filme *Profissão: Duro,* o Ben seria o Patrick Swayze e o Phil seria o Sam Elliot, o seu ídolo. Um Sam Elliot negro.

- Desculpa?

- O Phil é de cor, para o dizer à moda antiga. Pessoalmente, acho que ele não se importa com o que as pessoas dizem sobre a sua cor. É como se perguntássemos a um aligátor se se imporia que as pessoas pensem que ele é verde. O aligátor diz: «Chame-me a cor que quiser enquanto eu o como vivo.»

Com essa conversa fascinante em mente, juntei-me ao grupo numa zona especial de mesas reservadas para a nossa festa. Lily estava de mão dada com Mac de um lado e comigo do outro. Bebiam o cabernet *Quill River* como adolescentes a provarem às escondidas um golinho de vinho caseiro. Esta saída era um dos pontos altos do seu Verão; Lily prendera um novo *pin* com uma margarida ao vestido de ganga e Mac vestia uma camisa aos quadrados e calças de ganga com o vinco do ferro de engomar de Lily e uma nova margarida de seda nos suspensórios.

- Estão tão bonitos - disse-lhes. - Deviam ir dançar.

Eles negaram.

- Nós s-s-só ficamos a ver - disse Mac.

Lily aquiesceu.

- Eu não posso dançar. Sou coxa. Pareço uma palerma.

Senti um nó no estômago. Quantas vezes teriam eles desejado dançar, apenas para Glen os desencorajar de o fazer?

- Gosto do barulho! - gritou Joey.

Bebi um gole do meu copo de vinho. Mas os meus olhos viravam-se constantemente para o espaço por cima de nós, onde aquela grande janela escura assinalava o escritório do famoso Phil Montegra.

Miriam despejou mais um *shot* de *bourbon* e inclinou-se para mim.

- Ele tem um lambe-botas para gerir o estabelecimento, por isso limita-se a ficar sentado lá em cima, a observar o que se passa. O Phil apareceu por estes lados há alguns anos. Caiu aqui do céu, com um saco cheio de dinheiro. O Ben não fala sobre os negócios dele, mas acredita no que te digo, o Phil veio aqui para se esconder. Foi por isso que comprou um estabelecimento neste fim de mundo. Um dia destes faz as malas e desaparece.

Apontou para a janela.

- O Ben está lá em cima com ele, a fumar um charuto e a ter conversas de homens. E estão a olhar para *ti.* O Phil tem uma opinião a teu respeito, podes ter a certeza disso, e o Ben está a ouvi-la. *Podes ter a certeza.* Já se conhecem há muito tempo. O que quer que tenha acontecido no México, fez deles irmãos de sangue.

Fiquei com pele de galinha. Com que então, estava a ser avaliada?

- Vamos dançar - propus a Lily.

Ela olhou para mim, pasmada.

- Mas somos as duas *raparigas!*

- As raparigas podem dançar umas com as outras. Não é preciso ser romântico.

- Não posso dançar. Já te disse. Sou coxa.

- Vou ensinar-te uma dança boa para coxos.

O rosto dela assumiu uma expressão incrédula, mas deixou-me levá-la para um canto da pista de dança, onde casais de calças de ganga dançavam.

Lily e eu olhámos uma para a outra. Segurei-lhe nas mãos.

- Vamos mover-nos numa espécie de quadrado. Um, e dois. Muito simples. E no «dois» dobramos um pouco os joelhos. Como um cavalo de carrossel a subir e a descer. Chama-se *samba.*

- O quê?

- *Samba.* É a dança nacional do Brasil.

- Como é que sabes tantas coisas?

- Viajei muito.

- Um dia gostava de ir ao Brasil. Contigo. E ver o que tu viste - as mãos dela eram quentes e macias. Olhei para ela e vi-me a mim própria a espreitar por trás daqueles olhos azuis. De súbito, percebi que a amava. Amava esta minha mãe, simples e séria.

Ben

- Meu amigo - disse Phil secamente, observando a pista de dança por baixo de nós enquanto rodava um charuto cubano ilegal entre as pontas dos dedos -, a tua mulher está a dançar o *samba* num bar *country-western.*

Eu não conseguia tirar os olhos de Karen. Seguia todos os seus movimentos graciosos. Mesmo com uma *t-shirt* branca, uma saia de caqui simples e aquelas esquisitas sandálias amigas do ambiente, ela destacava-se como um flamingo ruivo num bando de pombos cinzentos.

Lily arrastava os pés e coxeava, enganava-se nos passos e ficava confusa, mas Karen ensinou-a pacientemente até que, por fim, Lily acertou com o ritmo. De súbito, o samba de Lily *parecia* realmente *samba.* Agarrada às mãos de Karen, ela olhou para pés, estupefacta, depois virou a cabeça para trás e sorriu a Mac.

Ele e todos os outros do nosso grupo - duas dúzias de sereias, seres humanos normais e Joey - aplaudiram.

Inacreditável. Karen conseguira pôr Lily, a nossa Lily tímida e coxa, a dançar o samba. O meu caro charuto cubano consumiu-se sozinho, ignorado entre os meus dedos.

- Dançar o samba num mundo de *cowboys.* Isso resume o que a Karen é - disse. Estava a falar mais comigo do que com Phil. Senti-o olhar para mim de lado. Recostei-me na poltrona de cabedal e levei o charuto aos lábios. - Ela não é a minha mulher. *Ainda.*

- Dizes que ela está muito familiarizada com a América do Sul?

- Sim.

- E fala várias línguas?

- Sim.

- Quais?

- Todas, acho eu.

É preciso muito para fazer Phil sorrir. A minha resposta quase o conseguiu.

- Posso tentar saber mais sobre ela, se quiseres. Convida-a a vir cá acima. Bebemos qualquer coisa. Só preciso de uma impressão digital num copo.

- Não. Ela contar-me-á a sua história quando entender que é altura.

- Dá um bom exemplo e conversa com ela sobre a *tua* história.

- Garanto-te que a Miriam já lhe disse que fui *wrestler.* E que fui o pónei de exibição da Cassandra.

- Talvez a minha consciência seja pragmática. Mas não me arrependo de te ter levado à Cassandra.

- Nunca te culpei pelo que aconteceu depois disso. Fiz as minhas próprias escolhas.

- Nesse caso, orgulha-te delas.

- Olha quem fala.

- Eu não sou homem de ficar muito tempo no mesmo sítio. Mas tu, meu amigo, tens aquele desejo da classe média americana de possuir terras. De cantar canções ao gado e cultivar raízes comestíveis na tua horta. E de *criar* raízes com uma mulher.

- Deixa-me em paz. Estou a trabalhá-la. Mas o problema é que tenho de a conquistar antes do fim do Verão, ou ela vai-se embora. Tenho muito em que pensar. Portanto... não vamos falar sobre isso, está bem? - já dissera mais do que queria. Recostei-me e continuei a fumar.

Phil bebeu um longo gole do seu *whisky* e foi directo ao assunto.

- O Joey está a morrer. Diz-me a verdade.

As palavras atingiram-me como um soco na cara. Ouvi-las em voz alta dava azar. Eu tinha as minhas superstições. Levantei-me.

- Sabes, as melhores amizades são como bonitos jardins que crescem da partilha de solo e estrume. Tu e eu temos tanta merda entre nós que podíamos cultivar tomates do tamanho de melancias. E digo-o no bom sentido. Não te vou dizer mais nada.

Phil anuiu.

- Posso ajudar de alguma forma com a situação do Joey?

- A única ajuda de que preciso agora é a de Deus. E tenho a sensação de que Ele não está muito interessado. Estou sempre à procura de sinais de esperança, mas até agora, nada. Nem sequer tenho a certeza de que Deus *existe* - apaguei o charuto no cinzeiro de cristal. - Com licença. Com esta nota pagã, retiro-me. Tenho de dar uso ao meu passado duvidoso se quero conquistar esta mulher. Vou dançar o *samba.*

Kara

- A seguir, vamos experimentar uma variação dos passos - estava eu a dizer a Lily. - Este passo de lado é parecido com a conga.

- A quê?

- Não te preocupes. Eu mostro-te.

- Está toda a gente a olhar para nós. E a música parou.

Eu não tinha reparado. Dançar o samba rodeada de luzes, cheiro a cerveja e música de *cowboys* requer muita concentração. Lily chegou-se mais a mim, olhando em volta. Olhei também.

A multidão sorridente que ocupava a pista de dança tinha deixado um grande espaço vazio à nossa volta, comigo e Lily no centro. Os elementos da banda estavam a conferenciar, aparentemente discutindo as próximas músicas. Ben atravessou o chão de madeira gasta em direcção a mim. Há qualquer coisa na magia da dança, nas luzes íntimas, na música provocante. Em qualquer lado do mundo, em qualquer século, sempre houve magia num homem bem-parecido a dirigir-se a uma mulher surpreendida sob as luzes de uma pista de dança.

- Lily, vou roubar-te o par - disse Ben, pegando na mão de Lily e levando-a para junto de Mac. Lily olhou para mim com espanto, por cima do ombro dele.

Quando Ben regressou, os seus olhos escuros voltaram-se para o meu cabelo, preso num rabo-de-cavalo. Ele parecia... autoritário. Não que haja algum mal num pouco de machismo sedutor.

- Liberta essa crina - disse ele. Tirei o elástico e enfiei-o num bolso da saia. O meu cabelo explodiu como algodão doce no espaço vazio à volta da minha cara. Ele estendeu a mão bronzeada e calejada.

- Queres suar um pouco?

Coloquei a minha mão, já suada, na dele.

- Sê paciente comigo. Nunca dancei o *two-step.*

A banda começou a tocar um ritmo clássico de samba, com muita percussão. Ben puxou-me para si.

- Quem é que falou em *two step?*

E depois começámos a dançar. Um samba pode ser lento e bem-educado ou um acto sexual rodopiante de movimentos sensuais. Conduzir e seguir, flirtar e recuar, suar e sorrir. Eu estava vagamente consciente da multidão que se fundia numa mancha indistinta, as minhas ancas a ondular, a cabeça a andar à roda, enquanto Ben me fazia rodopiar, me puxava, me empurrava e cedia ao ritmo do meu corpo. Ele movia-se com a graciosidade assombrosa e sensual de um dançarino experiente.

El Diablo sabia dançar o samba. Claro!

Por fim parámos, eu com as costas arqueadas, a pélvis encaixada na coxa dele, o seu braço apoiando o arco das minhas costas. A multidão irrompeu em aplausos entusiásticos. Mac, Lily, Joey e os restantes membros do nosso grupo gritaram. Um rubor de excitação cobria-me o nariz e as faces e, quando olhei para Ben, a expressão primitiva de desejo no seu rosto deixou-me os joelhos fracos.

- Já estás a suar? - perguntou ele.
- Sim - respondi.

Ben

Nessa noite, no rancho, quando julgaram que ninguém os estava a ver, Mac e Lily dançaram sob a lua brilhante da Florida. Vi-os da janela do quarto de Joey.

Mac tinha os olhos fixos por cima da cabeça de Lily. Os seus lábios moviam-se enquanto contava, um-dois, um-dois. Lily apoiava o pé esquerdo, aquele que arrastava quando caminhava, na biqueira da bota de *cowboy* empoeirada de Mac.

Mac movia cuidadosamente o pé para suportar o peso dela. Era um homem grande, com mais de um metro e noventa, e ela era uma mulher pequena. Dançava em bicos de pés com a perna boa, a direita. A cabeça dela chegava apenas ao colarinho da camisa de manga curta de Mac. Mantinha os olhos fixos no suspensório direito dele, o que tinha a margarida bordada.

Mac segurava as mãos dela bem alto, nas suas palmas calejadas. Tratava-a como se ela fosse um bezerro recém-nascido. Não tinham música, apenas o luar. Mas, pela primeira vez nas suas vidas, tinham coragem para dançar. Karen dera-lhes isso. E a mim, também. Magia.

Magia, pura e simples.

Capítulo 18

Ben

Na noite seguinte, estávamos todos na sala por cima do celeiro. Eu estava a ajudar Karen a fazer pipocas. Mantínhamos cerca de meio metro de distância entre nós. Mas não era ar vazio. Estava cheio de *samba*. Joey gritou:

- É a rapariga má! Está na televisão!

Mac e Lily juntaram-se à agitação, apontando para a grande televisão e gritando-nos que fossemos ver. Miriam e Lula gritaram também. Karen e eu fomos espreitar.

- Ela está na televisão - repetiu Lily, de olhos arregalados.

- Tami Jo Jackson, em carne e osso. E com tudo à mostra - disse Miriam.

Ali estava Tami Jo, deitada, a fazer pose num biquíni branco que era mais fio do que tecido. Os homens da minha equipa, excepção feita aos mais tímidos, Roy e Possum, olharam para aquela pele de loura como se o Natal tivesse chegado mais cedo. Dale tapou os olhos.

- Oh, sim, é uma meretriz - disse. Mac tentou segurar o queixo ao olhar para a televisão, mas Lily não se conteve.

Tami Jo sorriu, o seu sorriso sofisticado, satisfeita como uma mula a comer silvas. Estava num hotel qualquer, deitada numa espreguiçadeira ao lado da piscina, com palmeiras e flamingos como pano de fundo. Um apresentador anunciava:

- Veja Tami Jo Jackson e todas as outras belezas das corridas de barris de nível mundial mostrarem o que vale uma *cowgirl*! No fim-de-semana do Dia do Trabalhador, na arena The Groves, em Orlando, Florida! É o desporto feminino mais emocionante do mundo dos *rodeosl* A vencedora ganha tudo! Não perca! A Grande Corrida de Barris para *Cowgirls*, com o prémio de um milhão de dólares! Só aqui, na World Sports Network!

- Eu estarei lá, pronta para montar como uma campeã - ronronou Tami Jo para a câmara.

Estávamos todos mais ou menos aturdidos. Ninguém disse nada depois disso.

Até à manhã seguinte.

Kara

- Queremos que tu e a *Estrela* se inscrevam naquele concurso de corridas de barris - anunciou Joey ao pequeno-almoço. - Se tiveres de usar biquíni, prometemos não olhar.

Lentamente, pousei uma travessa de queques de farelo na mesa e sentei-me. Mac, Lily e os outros olhavam ansiosamente para Ben e para mim. Era evidente que nascera aqui uma conspiração. Eram tão sinceros, e tão ingénuos. Não faziam a mais pequena ideia do que implicava participar numa grande competição desportiva. Simplesmente acreditavam em mim e em *Estrela.* Olhei para Ben à procura de ajuda. A sua expressão severa disse-me que ele não estava com disposição para explicar realidades práticas.

- Falamos disso depois do pequeno-almoço - ordenou. Na verdade, preciso de pensar nisso durante... pelo menos um mês.

- Mas o prazo para as inscrições acaba dentro de duas semanas - disse Dale. - Pesquisámos no computador do Joey. A Lula ajudou-nos.

Quando Ben, Miriam e eu lhe lançámos olhares aborrecidos, Lula resmungou qualquer coisa entre dentes, continuando a comer o seu queque e recusando-se a olhar para nós.

- No computador diz que o concurso está aberto a qualquer pessoa que queira ir a Orlando correr - observou Lily. - *Qualquer pessoa.*

- Nós somos qualquer pessoa - disse Bigfoot. - Todos nós, aqui mesmo. Somos qualquer pessoa.

- *Sí* - concordou Cheech.

- É p-perto de Orlando - disse Mac. - Não é longe, para levar a *Estrela* no atrelado p-para cavalos.

Possum, que muitas vezes se esgueirava para debaixo da mesa quando as conversas de grupo se tornavam mais intensas, endireitou-se na cadeira, com ar orgulhoso.

- Eu faço uma protecção para a cabeça da *Estrela.* Para não se magoar quando abanar a cabeça durante a viagem - os atrelados deixavam-na nervosa.

- O Roy e eu ajudamos a tomar conta dela na arena - disse Dale. - Para garantir que ninguém se aproxima dela e seja mordida. Só pode morder-nos a nós. Somos família.

Lula, parecendo resignada no seu papel de secretária do grupo, estendeu a Ben uma folha colorida.

- Aí tens as informações. Dá uma vista de olhos às regras. Especialmente à taxa de participação. Isso deve acabar com a discussão. Eu tentei dizer-lhes.

Ben mordeu o lábio inferior, depois desistiu e pegou na folha.

- Muito bem, vamos lá despachar isto - passou os olhos pelas regras. Não é uma corrida de barris regulamentar. Não é patrocinada por nenhuma das grandes associações de *rodeos* ou de criadores. É apenas uma proeza publicitária. Vamos ver... dois dias de qualificações, para encontrar as vinte melhores que irão à final... um canal desportivo da televisão por cabo vai cobrir o torneio do princípio ao fim... hum... ora vejam só... adivinhem onde é que o torneio tem lugar? A grande arena faz parte da nova estância de J. T. Jackson. Diz aqui que The Groves é «um fabuloso espaço com vinhas, adega, estábulos, campos de golfe, hotéis e residências de luxo do aclamado construtor J. T.

Jackson, o Donald Trump imobiliário da Florida. Homem de negócios e homem do espectáculo.»

Ben olhou para mim, à espera de um comentário, mas eu estava demasiado preocupada para conseguir fazer mais do que ouvir. Ambos olhámos para aqueles rostos esperançosos. Ben mordeu novamente o lábio e continuou a ler as condições de participação.

- Muito bem, vamos lá ver que mais. O primeiro prémio é um milhão de dólares. Um milhão. De dólares. Valha-me Deus. Fora de brincadeiras. Um milhão. O concurso está aberto às primeiras cem pessoas que se inscreverem. Não há regras de qualificação. Todos são bem-vindos, profissionais ou amadores, cavalos de qualquer raça, pura ou não... o evento tem lugar na sexta-feira, sábado e domingo do fim-de-semana do Dia do Trabalhador... e tudo o que é preciso fazer para participar é...

Parou. Semicerrou os olhos, franziu o sobrolho, comprimiu os lábios, olhou melhor, depois recostou-se na cadeira e pousou a folha em cima da mesa, ao lado do prato de ovos mexidos com queijo de soja e tofu, no qual não tocara.

- A taxa de inscrição é cinquenta mil dólares.

Eu tinha acabado de beber um gole de sumo de laranja. Engasguei-me e quase sufoquei. Lily bateu-me nas costas. Embora cinquenta mil dólares fosse pouco para os padrões do mundo dos Whittenbrook, como taxa de participação num concurso desportivo era ridículo.

- Maninho? Mac, Lily? Alguém? Quem sabe dizer-me quanto é cinquenta mil dólares?

Ninguém respondeu. Limitaram-se a olhar para ele com expressões ainda mais resolutas. Lula suspirou.

- Eu tentei explicar-lhes, Ben. Disse-lhes que dava para comprar duas carrinhas novas em folha. Uma caravana. É o que o reitor do Liceu de Saginaw ganha num ano. Portanto eles sabem que é muito dinheiro. Mas meteram na cabeça que, agora que a Karen está entre nós, os milagres acontecem. Como a história da hipoteca e o parque das sereias ter conseguido um contrato para um filme e o grupo de conservação da natureza ter comprado as terras do Tom D. Dooley. Acham que isto também vai acabar por correr bem.

Ben esfregou a face, apoiou o rosto na mão e disse, fatigado:

- Pessoal, isto não se trata de ter um pouco de sorte. Deixem-me tentar explicar-vos os factos...

- Benji, não queremos saber dos factos - disse Joey calmamente. - Nem sequer sabemos o que são «factos».

Ben levou as mão à cabeça.

- Mas ouçam... O que se passa é o seguinte... Esta corrida de barris é especial. Eles só querem as melhores cavaleiras e os melhores cavalos. Têm a Tami Jo Jackson e o seu cavalo campeão do mundo e vão arranjar muitas raparigas e cavalos do mesmo nível. Provavelmente já têm cavalos e cavaleiras do estrangeiro... do Canadá, e do México, e por aí fora. As melhores cavaleiras. Os melhores cavalos.

Ergueu a folha de papel.

- Isto não é para dar uma grande oportunidade às pessoas vulgares e aos seus cavalos. Isso seria como organizar um torneio de golfe e convidar os jogadores de fim-de-semana para competirem com o Tiger Woods. Ou convidar uma idosa a participar na corrida de Daytona com a sua carrinha. Não. Isto é para gente rica e para os seus cavalos campeões. Isto é para dar publicidade aos grandes profissionais e aos grandes patrocinadores e ao grande empreendimento do J. T. Jackson.

Lily cruzou as os braços.

- Nós ajudamos a juntar os cinquenta mil dólares.

- Eu e a L-lily temos d-duzentos dólares no banco. Podes ficar com eles - insistiu Mac.

Cheech e Bigfoot apontaram para o peito.

- Temos mealheiros - disse Bigfoot.

- A Dale e eu oferecemos os nossos dízimos da igreja nos próximos seis meses - disse Roy. Dale confirmou com veemência.

- Eu dou a minha colecção de moedas - disse Possum. - Tenho cinco frascos cheios.

Ben gemeu.

- Ouçam... esqueçam o dinheiro. Vamos falar de factos. A *Estrela* não é um cavalo de corridas de barris. Nunca competiu em público. Nem sequer ainda faz treinos a galope. Raios, até há pouco tempo, a única coisa que ela fazia era derrubar os barris.

- Mas, Ben, honestamente, ela e eu temos estado a melhorar - interrompi. - Consideramos que a velocidade é secundária, em relação à técnica...

Ben lançou-me um olhar sombrio. Por que raio estava eu a defender os méritos competitivos de *Estrela*? A ideia de um cavalo - e uma cavaleira - inexperientes, sem qualificações e imaturos entrarem numa competição de nível mundial era, realmente, ridícula. No entanto, uma pequena chama de entusiasmo tremeluziu dentro de mim.

- A Karen acredita na *Estrela* - disse o Joey vivamente. - Vês?

Ben franziu ainda mais o sobrolho e olhou para mim. Tive a decência de responder com uma expressão envergonhada. Ele apontou para as regras de participação com o dedo calejado.

- Lamento muito, mas nem pensar que vamos reunir cinquenta mil dólares para entrar num concurso estúpido que a *Estrela* não tem a mínima hipótese de ganhar... na verdade, ela seria uma anedota e motivo de troça e todos nós faríamos figura de imbecis. Eu não quero fazer figura de imbecil, principalmente em frente do J. T. Jackson. Não vamos desperdiçar dinheiro com isto. Ponto final. Não quero voltar a ouvir falar no assunto.

Os olhos de Joey encheram-se de lágrimas. O ruído ritmado da garrafa de oxigénio pareceu aumentar de intensidade quando ele começou a respirar mais depressa. Vi Ben encolher-se com a aflição.

- Benji, a *Estrela* é o *nosso* cavalo - Joey indicou os presentes com um gesto da mão pálida. Comprámo-la juntos. Salvámo-la de ser comida para cão. Acreditámos nela. Ben, estás sempre a dizer que os cavalos Cracker são tão inteligentes como qualquer outro. Tal como dizes que *nós* somos tão inteligentes como as pessoas normais. E... e portanto isso quer dizer que somos tão inteligentes como os cavaleiros *ricos.* Por isso... a *Estrela é* um belo cavalo e a Karen é uma cavaleira mesmo boa. Achamos que ela e a *Estrela* podem ganhar. Porque não interessa o que um cavalo ou uma pessoa não sabem fazer bem, ou aquilo em que não são tão espertos, o que interessa é como são por dentro, e aquilo em que são *bons.* Estás sempre a dizer isso. Não acreditas no que dizes?

Xeque-mate.

Ben parecia abatido. Joey parecia abatido. Mac e Lily e os outros, abatidos. Eu, abatida. Ben e eu sabíamos que isto era uma perfeita loucura. Tentei pensar em alguma maneira discreta de pagar a taxa de inscrição sem ninguém saber. Impossível. Para variar, teria de lidar com as privações do mundo real de uma forma real.

- Tenho uma ideia - disse. - Vamos arranjar um teste para a *Estrela...* e para mim. Se ela e eu passarmos no teste, arranjaremos forma de reunir os cinquenta mil dólares e participaremos na corrida de barris.

A expressão de Ben ficou mais animada.

- Aí têm. Perfeito. E tenho o teste ideal. Quatro de Julho. O Espectáculo Equino do Condado de Saginaw em Fountain Springs. Bastam dez dólares para inscrever a *Estrela* na corrida de barris. Faço uma promessa a todos. Se ela ficar entre os três primeiros, juro que arranjo maneira de juntar os cinquenta mil dólares para ela competir em Orlando.

Sorrisos. Aplausos.

- Vamos às corridas de barris mundiais em Orlando! - exclamou Joey alegremente.

Mac acrescentou, num tom solene:

- Mas se a Karen tiver de usar um biquíni, temos de olhar todos para o lado.

Lily apertou-me a mão.

- Eu arranjo-te uma camisola para vestires por cima do biquíni. Com margaridas.

O teste de Ben era um exercício de diplomacia brilhante. Olhei para os rostos confiantes à nossa volta e por fim fixei os olhos cansados mas satisfeitos de Ben. Ele sorriu-me.

Eu retribuí.

Ambos compreendíamos que, afinal de contas, a diplomacia é meramente um engano.

***

- Lamento muito que tenhas de ser humilhada no Quatro de Julho - disse Ben. - Parece... bom, uma coisa pouco patriótica de se fazer nesse dia.

Continuei a escovar a crina prateada de *Estrela.* Ben estava a uma distância segura, do outro lado da cerca. *Estrela* arreganhou o beiço e mostrou-lhe os dentes, mas agora parecia que só o fazia por hábito.

- Só tenho pena que o Joey, o Mac, a Lily e os outros fiquem desiludidos com o resultado. Já galopei com a *Estrela* pelo percurso dos barris a uma boa velocidade. Tentei incitá-la a dar o máximo. A sua técnica é excelente, as mudanças de direcção, soberbas. Mas ela recusa-se a... a ter *pressa.* Não está interessada em correr. Prefere... passear.

- Não faria diferença. Lá porque um sapo quer ser um príncipe, não quer dizer que isso possa acontecer. Os cavalos campeões de corridas de barris são treinados como atletas profissionais. Os cavalos e as mulheres que competem nas grandes competições do circuito são os melhores. Vivem, respiram e dormem com o sentido no desporto. Estas raparigas gastam muito dinheiro em treinadores e em equipamento. E muito dinheiro em cavalos. Passam *anos* a criar os melhores animais para este tipo de corrida, na esperança de um dia terem um campeão.

O cinismo dele incomodou-me. Aqui estava eu, a tentar ser ao mesmo tempo realista *e* sonhadora.

- Compreendo - disse-lhe, num tom um pouco incisivo. Quando todos virem como é inútil, esquecerão esta fé ridícula que têm em nós. Não te preocupes. Educação e treino vencerão sempre o coração, não é? O teu teste provará exactamente aquilo que tens esperança que prove.

Ben ficou em silêncio por um instante, estudando-me.

- Não fazes a mínima ideia daquilo que eu tenho esperança que aconteça - disse. - Tal como eu não faço ideia de quais são as tuas esperanças.

E afastou-se.

Capítulo 19

Kara

Bem-vindos a uma pequena cidade da Florida no Dia da Independência. Alguns brincalhões tinham colocado bandeiras americanas e pequenos foguetes na mão gotejante da estátua de Bob *Ponce de Leon* Hope. A praça de Fountain Springs, com o seu tribunal ornamentado em estilo marroquino, era o centro de uma exposição de artesanato, com demonstrações de dança, bandas, discursos patrióticos e vendas de bolos para angariar.

Senti o cheiro de churrasco, hambúrgueres, cachorros-quentes e maçarocas de milho assadas. Esses e outros aromas de fazer crescer água na boca vinham de uma comprida churrasqueira ao lado do modesto bar, em cimento, que era explorado pelo recinto de espectáculos. O bar oferecia um menu ecléctico, incluindo fritos de milho, camarão frito, salada de palmito e feijões pretos cubanos com arroz amarelo. A fragrância doce a melancia gelada provinha de grandes geleiras, misturando-se com o cheiro acre de cerveja gelada e o aroma almiscarado de marijuana, proveniente de algum grupo de adolescentes escondidos. Se pelo menos eu não tivesse o estômago às voltas...

Fnquanto andava de um lado para o outro, ao lado do atrelado para cavalos, de Ben, vi espectadores despreocupados a jantarem em mesas de piquenique debaixo dos carvalhos. Lily trouxe-me um grande copo de plástico com chá gelado, decorado com rodelas de limão e folhas de menta. Ao meu lado, presa ao atrelado, com a sua selha de água e saco de feno ao alcance do focinho, *Estrela* observava os demais cavalos com as orelhas arrebitadas e as narinas abertas.

Eles ignoravam-na, como se a sua testa cicatrizada a tornasse imprópria para a irmandade. Apesar disso, ela observava-os atentamente em busca de pistas de aceitação futura. E eu também.

As concorrentes habituais traziam os seus próprios letreiros especiais para prenderem às garupas dos cavalos, para concorrerem com os seus números da sorte. As novatas, como eu, tinham de se contentar com os números atribuídos pela organização. Quando me pediram para escolher uma identificação oficial para o concurso, de uma pilha de papéis com números, folheei-os e parei abruptamente num marco simbólico. 472. O aniversário de casamento dos meus pais. O mês e o ano. Eles tinham casado em Paris, em Abril de 1972. Mitterand, Marceau e Montand tinham estado presentes na cerimónia.

- O que acham deste número? - perguntei a Lily e Mac.
- É grande - disse Lily, alegremente.
- Vamos levá-lo para casa e p-pô-lo no frigorífico ao lado da f-fita que tu e a *Estrela* vão ganhar - acrescentou Mac. - E, quando ela ganhar o milhão de dólares, p-pomos uma fotografia do dinheiro no frigorífico.

Senti o coração apertado. Não havia dinheiro que pagasse o milagre que eu queria oferecer-lhes.

***

A multidão instalou-se em bancadas de madeira. Calculei que a assistência devia ser composta por trezentas almas corajosas. O espectáculo começava às dez da manhã e prolongava-se até às sete da tarde, aproximadamente. Demanhã e ao final da tarde, os carvalhos circundantes projectavam sombras sobre as bancadas e o picadeiro, mas durante o resto do dia a arena não tinha qualquer sombra e o calor era abrasador.

- Não tens fome? - perguntou Lily, que estava a fazer companhia a *Estrela* e a mim à sombra do atrelado.

Dei uma palmadinha na barriga.

- Tenho de ter cuidado com o peso. Cada quilo a mais pode atrasar o tempo competitivo da *Estrela.*

Mac sentou-se num banco de armar com um pequeno prato de churrasco nas mãos. Estendeu-mo com uma expressão solene.

- Talvez só uma c-costeleta de porco não pese muito. Acho que este p-porco estava de dieta.

Sorri mas recusei. Ben e os restantes estavam sentados à volta de uma grande mesa de piquenique. Vi Ben ajeitar uma ventoinha portátil que montara para Joey, que parecia pálido e um pouco inchado por causa do calor. Apesar disso, estava com um ar radiante, sorrindo e apontando para nós sempre que amigos e vizinhos paravam para dizer olá. *Mr. Darcy* estava empoleirado no seu ombro, mordiscando fritos de milho que Joey lhe ia dando. Há pessoas que prendem trelas às patas das araras, mas Mr. *Darcy* sentir-se-ia insultado se eu fizesse uma coisa dessas. Nunca sairia deliberadamente de junto de Joey.

A espera era penosa. Havia demonstrações de equitação à Oeste e à inglesa, competições de adaptação, de trote, de *slalom,* e muitas gincanas dedicadas às crianças e aos seus cavalos. A corrida de barris para adultos seria o último evento do dia de espectáculos e a lista de participantes ultrapassava os cinquenta.

Percorri o perímetro do picadeiro da mesma forma que um alpinista estuda um pico antes de tentar escalá-lo. «A *Estrela* pode desorientar-se ali, ou ali, ou ali, e talvez ataque o chapéu de *cowboy* branco do assistente do picadeiro se ele ficar onde está, perto do portão.» Tentei antecipar todos os desastres possíveis. Um portão largo assinalava a entrada principal, ao lado da cabina do apresentador, que estava patrioticamente decorada com bandeiras.

Estrela provavelmente tentaria mordê-las.

Ben

Karen assumiu uma expressão corajosa enquanto esperava pela corrida de barris, apesar de tanto ela como eu sabermos que *Estrela* ia ser a anedota do espectáculo. Haveria risinhos dissimulados durante semanas, cada vez que alguém falasse na égua cinzenta do Rancho Thocco que tinha trotado à volta dos barris como se andasse a ver as montras no centro comercial. Já havia risinhos dissimulados por causa de Karen.

- Tens de comprar à tua *cowgirl yankee* umas botas à Oeste, Ben - disse uma das participantes da corrida de barris, enquanto conduzia o seu musculado cavalo baio para o picadeiro de aquecimento. - Nunca vi uma corredora de barris com aquelas botas de cano alto, pelo joelho. Ela vai contornar os barris ou *saltar* por cima deles?
- Botas são botas.

A verdade era que Karen se destacava irremediavelmente. Digo-o no bom sentido, pelo menos do meu ponto de vista. Ela parecia positivamente *esquisita* com as suas calças de caqui, uma *t-shirt* do Greenpeace e aquelas botas pretas altas que só condizem com a equitação à inglesa.

- Que corredora é aquela, Ben? - perguntou outra rapariga ao passar. - Uma *hippie new age*? - as raparigas das corridas de barris, no circuito secundário, são más e duras. Têm de o ser. É um mundo competitivo, uma coisa a sério. Elas adoram cavalos, mas não estão a competir por um bonito troféu para colocar por cima da lareira da sua caravana, não, senhor. Têm esperança de levar para casa um saco de dinheiro que ajude a pagar a renda e a pôr comida na mesa para os filhos.

Os seus cavalos também são duros. Tinham correias de cabedal para os prender, usavam peitorais largos e protecções de cabedal nas patas de trás e no topete, para os proteger quando deslizavam à volta dos barris.

Mas *Estrela* não. *Estrela* não estava equipada como um motoqueiro. *Estrela* tinha uma margarida de plástico nas rédeas. Para dar sorte, dissera Lily.

Suspirei. Só queria que esta humilhação acabasse.

Kara

Tinha as mãos a suar. A multidão aplaudiu. A competição de corrida de barris começou. Cinquenta cavalos e respectivas cavaleiras. Ben e eu estávamos encostados à cerca, a ver as primeiras concorrentes. *Estrela* estava selada e pronta. Tinha-a deixado presa ao atrelado. O primeiro cavalo fez o percurso em apenas dezassete segundos. A multidão aplaudiu. O segundo cavalo completou o padrão de trevo em 16, 5 segundos. Mais aplausos.

- Cavalo à solta! - gritou alguém atrás de nós.
- Deixa-me adivinhar - disse Ben desconsolado.

Virámo-nos. *Estrela* galopava em direcção a nós. A ponta da corda roída baloiçava descontraidamente. Agarrei-a, mas ela não tinha planos de ir mais longe. Com as orelhas arrebitadas e os olhos muito abertos, aproximou-se da cerca ao nosso lado, esticou a cabeça por cima dela e observou avidamente o evento.

Quando o terceiro cavalo entrou no picadeiro a toda a brida, *Estrela* levantou a cabeça, sentindo o cheiro do cavalo, e seguiu com os olhos todos os seus movimentos. Estava a tremer de excitação. Ben e eu olhámos para ela.

- Valha-me Deus - murmurou ele. - Ela está a *ver* a competição. É como se tivesse percebido de repente. Como se estivesse a dizer: «Ah, então é *este* o objectivo!»

- Ben, é impossível que ela tenha feito esse tipo de raciocínio...

- Cuidado, está a levantar a pata.

Estrela bateu com o casco da frente na cerca. Quando o quarto cavalo entrou pelo portão, aproximou-se ainda mais da cerca, esticando o pescoço tanto quanto conseguia. Ben ajudou-me a segurá-la. Para variar, ela ignorou-o.

- Vamos deixá-la ficar aqui até chegar a vossa vez. Deixa-a ver. Deixa-a aprender.

Comecei a repetir que nem mesmo o cavalo mais inteligente conseguia estabelecer uma ligação cognitiva como essa, mas, depois de observar melhor a expressão intensa e concentrada de *Estrela,* engoli as palavras. Porque não tentar acreditar no impossível?

Afinal de contas, ela *era* especial.

***

A participante com o número quarenta e oito tinha acabado de fazer um tempo admirável. A número quarenta e nove estava a postos, a cavaleira conduzindo o cavalo para o seu lugar, ao fundo de uma comprida pista de entrada, delimitada por cavaletes de madeira e cones de tráfego cor de laranja.

Montei *Estrela.* Ela começou a dançar de lado.

- Os resultados são enviados directamente para o *site* da Associação de Corridas de Barris do Norte da Florida - gritou Miriam das linhas laterais. - Nós estamos ligados à... à blogosfera, ou lá o que é. Olha para aqueles miúdos no público. Fazem vídeos dos seus cavalos e cavaleiras preferidos com os telemóveis.

«Maravilhoso», pensei. «Isto vai aparecer no *YouTube.*»

Esperava que a reputação do desporto conseguisse sobreviver à nossa estreia, minha e de *Estrela.* Conduzi-a num círculo largo até à área de aquecimento, atrás dos atrelados. Ela estava agitada; eu também.

Ben

Estrela estava pronta para correr. Bom, para andar, ou trotar, ou fosse o que fosse. Lá porque parecia compreender o objectivo, isso não queria dizer que pusesse esse conhecimento em prática. Estava tão nervosa que podia perfeitamente deitar abaixo os barris todos e atirar Karen contra a cerca.

- Vou ficar aqui junto do portão - disse-lhe, mantendo a distância. Estava agitada, impaciente e alerta.

E a égua também.

Karen olhou para mim, com o rosto pálido.

- Vem connosco até à entrada da pista, se não te importas. Ela está incrivelmente agitada.

- Está bem - caminhei ao lado delas enquanto Karen conduzia *Estrela* à entrada da pista. - O picadeiro tem uns bons quinze centímetros de areia macia. Por isso, se caíres, tens amortecimento.

A égua empinou-se. Karen puxou as rédeas com mais força e engoliu em seco.

- Até teres dito isso, o medo de cair era o único que eu *não* tinha.

Encolhi-me.

- Desculpa.

- Diz-me qualquer coisa alegre.

- Está bem. Isto não é a Indy 500, é uma corrida de banheiras no quintal. Estas raparigas e os seus cavalos fazem uns bons dois segundos a mais do que os tempos em alta competição.

- Ainda assim, são concorrentes formidáveis - disse Karen.

Recuei.

- Também tu.

- Quero que a *Estrela* tenha a sua oportunidade. E quero que todos os que gostam dela se sintam orgulhosos. A minha maior preocupação é que o Mac, a Lily, o Joey e os outros fiquem tristes se isto não correr bem. Que fiquem desiludidos por o seu cavalo não ser um campeão.

- Não. Eles não pensam assim. Basta ver como me aturam a *mim*. Não sou o cavalo mais rápido, nem o mais adorável, mas mesmo assim eles arranjam desculpas para gostar de mim. É isso que *realmente* os torna especiais. A maioria das pessoas olha para uma alma a pingar e vê apenas gotas de boas intenções a escorrerem para a terra seca. Mas este pessoal? Eles vêem uma chuva abençoada.

Ela paralisou. Inclinou a cabeça e olhou para mim como se eu tivesse acabado de escrever um poema.

- Que descrição profunda e maravilhosa.

- Oh...

Fitámo-nos um ao outro num pequeno transe silencioso.

A seguir, número quatro-sete-dois - troou o apresentador. - Quatro-sete-dois. Karen Johnson na *Estrela,* do Rancho Thocco. A *Estrela* e a Karen vão fazer a sua primeira corrida de sempre! Portanlo vamos dar-lhes uma grande salva de palmas.

Karen colocou *Estrela* em posição. A égua dobrou as patas de trás sob o corpo e ficou muito quieta, como que electrificada. Olhou para o portão ao fundo da pista com as orelhas arrebitadas e as narinas muito abertas. Karen prendeu a mão à sela, pronta para a partida. Um cavaleiro tem de estar bem seguro, quando um cavalo vai arrancar como uma flecha. Partindo do princípio de que *Estrela ia* arrancar como uma flecha.

O apresentador gritou:

- Aqui vamos nós, pessoal, cá estão a *Estrela* e a Karen, do Rancho Thocco! Pooooodem entraaaar!

Karen deu uma palmadinha no pescoço da égua.

- *Estrela,* tu não és uma gota de boas intenções. És uma chuva abençoada - Karen olhou para mim. - E tu também.

Beijou-me com essas palavras doces. Depois tocou nos flancos de *Estrela* com os calcanhares. A próxima coisa que vi foi uma nuvem de areia quando *Estrela* cravou os cascos de trás e arrancou. Karen e a égua desapareceram no picadeiro à velocidade da luz.

Não a trotar.

Não num indolente galope de domingo.

A voar.

Corri para o portão. Quando lá cheguei, *Estrela* já contornara o primeiro barril e corria para o segundo. *Mr. Darcy,* empoleirado no ombro de Joey, num lugar privilegiado para cadeiras de rodas mesmo ao lado do picadeiro, soltou um assobio estridente de emoção. Vislumbrei o rosto de Joey e ele estava a gritar de felicidade. Ao lado dele, nas bancadas, Mac e Lily estavam de pé, a incentivar Karen. Miriam, Lula e os outros estavam aos saltos.

Karen estava dobrada sobre o pescoço de *Estrela* como uma pantera esfomeada em cima de um porco selvagem.

E digo-o *realmente* no bom sentido.

Estrela contornou o segundo barril apenas com centímetros de margem de manobra e voou para o terceiro. Ela e Karen eram uma única alma. Karen deu-lhe uma palmada no lombo para a incitar a dar tudo por tudo no caminho recto em direcção ao portão. Cabelo ruivo e pêlo prateado passaram por mim num borrão indistinto. Karen endireitou-se na sela e *Estrela* parou a centímetros da barricada ao fundo da pista.

Virei-me para os comissários. Ambos os velhotes estavam boquiabertos a olhar para o ecrã digital. Pareciam aturdidos. Quando olhei também para o ecrã, compreendi.

Quinze segundos e dois décimos.

A multidão sabia quando estava a assistir a um momento histórico. Joey, excitado, dava murros nos braços da cadeira de rodas. *Mr. Darcy* não percebia

bem o porquê de tanta excitação, mas agitou-se para cima e para baixo e abriu as asas. Cheech, Bigfoot, Roy e Dale estavam aos saltos de alegria. Miriam e Lula abraçaram-se a eles. Possum encolheu-se junto a um corrimão e abraçou-se a si próprio, mas isso queria dizer que estava contente. Mac e Lily já tinham descido da bancada e corriam em direcção a nós. Lily não conseguia correr bem por causa da perna, por isso Mac pegou-lhe ao colo e correu pelos dois.

Karen conduziu *Estrela* a trote até junto de mim. *Estrela* mordeu o freio, dançou de lado e olhou para o portão com um brilho nos olhos escuros que dizia que era bem capaz de tentar outra vez.

- B-Ben, tudo o que ela p-precisava era de inspiração... alguns m-modelos equinos e um p-p-público.

A gaguez. Infelicidade instantânea. Karen fechou a boca e desviou o olhar.

- Não te rales com isso - disse-lhe, bruscamente. - Ninguém por aqui quer saber se gaguejas ou não. Continua a falar. Vai passar.

Ela engoliu em seco.

- A *Estrela* s-sabia que isto era a sério! Foi... espantoso! Como f-ficámos?

- 15,2. Ela fez 15,2.

Karen pestanejou.

Isso é... mas não foi... bastante mais rápido do que os outros cavalos? relaxou. A gaguez desapareceu. Olhou para mim.

Ben? *Quinze segundos e dois décimos?* É mais de um segundo a menos do que o cavalo mais rápido... oh, *Ben*!

Sorri.

- Miúda, tu e esta égua acabaram de fazer um tempo de alta competição. *Alta competição* - desatei a rir. Queria tirá-la de cima de *Estrela* e abraçá-la, e depois abraçar *Estrela,* mesmo que ela me mordesse. Nada mais importava. Eu ainda não me apercebera completamente das consequências.

- Amigos, temos uma vencedora! - troou o apresentador. - E não apenas uma vencedora, mas o princípio de uma lenda! O primeiro lugar vai para Karen Johnson e *Estrela,* do Rancho Thocco!

Mac e Lily aproximaram-se de nós, Lily aos saltos nos braços de Mac. Ele levantou-a e as mãos dela voaram, acariciando o focinho de *Estrela,* o joelho de Karen. Karen sorriu-lhes.

- A vossa égua é uma campeã!

Mac riu-se.

- Nós sabíamos que vocês as d-duas eram capazes!

Lily levou as mãos ao coração.

- Agora podemos entrar no concurso *grandel* E ganhar um milhão trilhão zilhão de dólares! Como o Ben prometeu!

O meu sorriso desapareceu. O de Karen também.

O que tínhamos feito? Cuidado com aquilo que desejas.

Às vezes, podemos obtê-lo.

Mas, outras vezes, somos *apanhados.*

Capítulo 20

Ben

Phil não era uma pessoa muito madrugadora. Era bem capaz de ser um vampiro. Isso explicaria muita coisa. Um vampiro negro com uma carapinha curta de cabelo cor de ferrugem e olhos mortos. Se tinha presas, escondia-as bem. Estava sentado na grande poltrona de cabedal, no seu gabinete no bar, a olhar para mim como se nada pudesse ser mais estranho do que eu estar ali às dez da manhã.

Excepto, talvez, ele estar acordado antes do meio-dia.

- Preciso que me metas num jogo de póquer de apostas elevadas, Phil - disse, explicando-lhe as razões.

Ele acendeu um charuto.

- Em vez disso, podia emprestar-te o dinheiro.

- Não. Estes cinquenta mil dólares estão condenados a ir pela pia abaixo. E não quero agravar a situação tendo de os pagar depois de desaparecerem.

- Talvez a égua vença.

- Talvez possamos atirar uma lata à Lua e chamar-lhe uma nave espacial, mas eu não apostaria que lá chegasse.

- E, no entanto, é exactamente isso que estás a fazer.

- Dei a minha palavra ao Joey e aos demais. E à Karen também. Ouve, vamos fazer isto um passo de cada vez. Neste momento, preciso de deitar as mãos a cinquenta mil dólares para pagar a taxa de inscrição. Rapidamente. Livre de impostos. Sem perguntas.

Ele sacudiu a cinza para um cinzeiro de cristal.

- Consegues arranjar dez mil para a entrada?

- Desenrasco-me.

- Está bem, posso meter-te num jogo - aspirou longamente o seu charuto. Vestia calças pretas e um roupão vermelho com dragões chineses bordados. Calçava chinelos de veludo pretos. Só Phil conseguia apresentar-se assim e continuar a meter medo às pessoas. - Mas tudo depende - disse, olhando para a ponta incandescente do charuto - do decote da Karen.

Kara

- Desculpa?! O que é que os meus seios têm a ver com um torneio de póquer numa ilha particular nas Florida Keys?

Ben arrastou os pés e enfiou as grandes mãos calejadas nos bolsos das calças de ganga. Estávamos a conversar no alpendre das traseiras, onde apenas *Grub, Ruibarbo* e *Mr. Darcy* podiam ouvir-nos. Eu tinha uma pá do lixo na mão, erguida como se fosse um escudo. O suor deslizava-me pelo rosto, pelas pernas e entre os seios. Era dia de limpezas e estava a ajudar Lily com essa tarefa. Tinha finalmente interiorizado as consequências da vitória de *Estrela.* Não me apetecia falar dos meus seios.

- Tudo o que tens de fazer é vestir qualquer coisa decotada e *sexy* - resmungou ele. - Ouve, eu também tenho de me vestir bem. Não és só tu.

- Ah, sim? Também tens de ir decotado?

- Sim, mas o meu decote é mais abaixo e mostra mais pêlos - silêncio. Senti um rubor ridiculamente afectado invadir-me o rosto. Ele franziu o sobrolho. - Desculpa.

Na verdade, a imagem era excitante. Fingi-me aborrecida.

- Vamos ter de partilhar a humilhação deste bizarro jogo de póquer. Não é verdade?

Ele suspirou.

- Sim, bom... Tens alguma sugestão melhor para arranjarmos os cinquenta mil rapidamente? Ouve, tudo o que tens de fazer é ser educada, estar bonita e conviver com as outras mulheres enquanto os homens jogam no torneio. Haverá apenas seis ou sete jogadores. É um torneio privado. Tu estarás lá apenas para alegrar a vista. É assim que o anfitrião gosta e o jogo é dele. Portanto, tem de ser.

- É um evento insultuoso, machista e *muito* ilegal.

- Ah, é apenas um jogo de cartas particular. Tão grave como uma pessoa fabricar a sua própria cerveja durante a Lei Seca.

- Estás confiante em que consegues jogar a esse nível?

- Não sou mau de todo ao póquer.

O meu coração começou a bater mais depressa. Estava na altura de pôr as cartas na mesa.

- Ben, eu sei que não gostas de falar nisto, mas não vejo motivos para continuar a fingir que não sei que foste *El Diablo.*

Ele fez uma careta.

- Sim, já tinha calculado que a Miriam não conseguiria guardar os pormenores mais interessantes só para si.

- Não tens de discutir o teu passado. Só quero saber o seguinte: *El Diablo* era um jogador de cartas excelente. *E tu?*

- A Miriam sabe mais sobre ele do que eu pensava.

Oops...

- Bom... és ou não?

- Sou. Queria que parecesse que ele estava a jogar a sério. Tudo é falso no *wrestling* e na representação, excepto o esforço que fazemos para que pareça real. Eu não era grande actor nem grande lutador, mas levava ambos os trabalhos muito a sério. Além disso, quando andamos em digressão, ou durante

um espectáculo, há muitos tempos mortos. E eu passei muitas horas a jogar póquer com lutadores e operadores de câmara. Sim, aprendi a jogar bem.

- Porque é que não jogas a dinheiro aqui? Um joguinho de póquer de vez em quando não ajudava a pagar as contas?

Ele negou com um gesto de cabeça.

- Nunca jogues quando não podes correr o risco de perder. Por melhor que sejas, ninguém consegue ganhar sempre.

- Estou a ver. É compreensível, sim.

- Muito bem, então confias em mim? Vamos experimentar este jogo?

- Sim.

- Tão simples como isso? Digo-te para confiares em mim, e tu confias?

- Sim.

- És uma miúda estranha.

- *Conquistaste* a minha confiança.

- *Ah,* touché!

- Francês! - levei a mão ao coração. - Mais, mais!

- Desculpa, é tudo o que tenho - um silêncio constrangedor. Sorrimos um para o outro. O sorriso dele desvaneceu-se. - Então sabes sobre *El Diablo* - a sua infelicidade era óbvia.

- Estou contente por seres um bom jogador de póquer. Como ele. Estou contente por teres levado *El Diablo* a sério. A verdadeira arte é dedicação. E tu foste dedicado.

- Olha, não quero falar mais sobre *El Diablo,* está bem? Importas-te?

- Ben, se ouvisses...

- Estás disposta a entrar neste jogo de póquer ou não?

Fitei-o durante longos segundos. Ele não se compadeceu.

Desisti.

- Diz-me o que temos de fazer a seguir. Vamos precisar de dez mil dólares para entrar, para a «parada», ou lá como se chama, não é?

- Sim.

- Podias organizar um jogo local para ganhar esse dinheiro, não podias?

- Sim, mas não quero extorquir dinheiro a todos os rancheiros e *cowboys* do condado. Eles não têm muito e não quero esfolá-los. Não seria justo.

És assim tão bom?

- Sou.

- Nesse caso, temos de pensar noutra maneira de arranjar o dinheiro. Suponho que pedir um empréstimo ao Phil está fora de questão?

- Sim. Não vou pedir dinheiro emprestado que não sei se vou poder pagar. Portanto, só há uma maneira de o conseguir.

Ele desapertou o cinto.

Sustive a respiração enquanto via o cabedal usado, bem oleado, deslizar sensualmente sobre as suas ancas e abdómen.

- Era do meu pai. Ganhou-a num *rodeo,* na reserva índia, e usou-a até ao dia em que morreu. Amanhã vou a Fountain Springs empenhá-la. A esta fivela e a tudo o que houver por aqui que não esteja preso ao chão. Alinhas?

Ele estava disposto a arriscar tanto para cumprir a promessa que fizera a Joey, a Mac, a Lily, aos outros e a mim. E eu estava disposta a arriscar tudo o que lhe pudesse dar, mesmo que ele nunca pedisse nada.

- Alinho - respondi.

***

- A *Estrela* também é nossa e queremos ajudar a arranjar o dinheiro - explicou Lily na manhã seguinte, estendendo-nos a sua torradeira. Atrás dela, Mac vinha carregado com os outros pequenos electrodomésticos da caravana.

E atrás *dele,* os outros trabalhadores do rancho traziam oferendas semelhantes. Vi de tudo, desde pequenas televisões e estatuetas da Disney, aos brincos de diamantes de Miriam e uma biografia de Billy Graham autografada, pertencente a Dale. Tinham também reunido o dinheiro dos seus mealheiros, num grandioso total, em moedas, de quinhentos e vinte e dois dólares e setenta e seis cêntimos. Quase fiquei com um problema permanente de visão depois de ajudar Cheech a contar as oitocentas e trinta e duas moedas dos frascos.

Olhei para Ben.

- Para citar um dos teus célebres ditados Cracker, «estou tão vesga como um esquilo a tentar vigiar duas bolotas ao mesmo tempo».

Enquanto arrumávamos os artigos oferecidos sobre a mesa da cozinha, Joey empurrou a cadeira de rodas para junto de nós. No colo tinha uma caixa com os seus jogos de vídeo preferidos.

- Aposto que o *SpongeBob SquarePants* vale muito dinheiro - anunciou, entusiasmado. - Posso passar sem ele durante algum tempo.

Ben pigarreou, constrangido.

- Está bem. Um por todos e todos por um. Vamos embora.

***

Estávamos ao lado de Ben no meio da confusão que era a loja Ouro e Penhores de Shakey Baker, numa ruela secundária em Fountain Springs. Mr. *Darcy* estava empoleirado no braço da cadeira de rodas de Joey e olhava de esguelha para um falcão empalhado na parede de contraplacado. Quando não estava a olhar para o falcão, *Mr. Darcy,* como o resto de nós, olhava para Shakey.

Shakey Baker era um ex-fuzileiro de barba, com cento e trinta quilos, natural de New Jersey. Uma camisola da equipa de futebol Atlanta Falcons com as mangas cortadas deixava ver os braços grossos completamente cobertos com tatuagens de anjos. O braço direito acabava numa mão artificial. Um tatuador inspirado pintara também nela alguns anjos.

- Dois e meio - resmungou Shakey, movendo uma escova de dentes eléctrica para um lado do balcão de linóleo.

- Duzentos e cinquenta? - perguntou Roy num tom esperançoso.

- Dois dólares e cinquenta cêntimos - confirmou Shakey.

Roy olhou para ele.

- Mas foi um presente de aniversário da minha mulher e...

- Custou mais de vinte dólares no Wal-Mart - observou Dale.

Ben deu uma palmadinha no ombro de Roy.

- Calma, amigo. Viremos buscar a tua escova de dentes muito em breve - Ben e eu trocámos um olhar. *Esperamos nós.*

A seguir, Shakey examinou a televisão portátil de Mac e Lily.

- Trinta e cinco dólares - escreveu a quantia na parte de cima, a lápis.

Mac comprimiu os lábios.

- *Ouça lá,* escreveu n-na nossa t-televisão.

- Ele escreveu na televisão, Benji! - exclamou Joey.

- Não te preocupes, maninho, a televisão não está estragada.

Dei uma palmadinha no braço de Mac e afaguei a mão de Lily.

- Aquilo sai. Prometo.

O nível de agitação do pessoal era apenas ligeiramente mais elevado do que o meu. Observei atentamente enquanto Shakey acabava de avaliar a pilha de tesouros e introduzia o último valor na máquina calculadora.

- Um total de 5,2.

Cinco mil e duzentos. Com o dinheiro dos mealheiros, o total era pouco mais de cinco mil e setecentos. Precisávamos de dez mil. Ben suspirou, desanimado.

- Posso trazer-lhe outro tractor como aquele que está lá fora no atrelado.

Shakey encolheu os ombros.

- Sim? Assim pesca mais cinco Ben Franklins.

- Porque é que estamos a pescar Ben Franklins? - perguntou Bigfoot. - É algum peixe?

- O Ben Franklin é o senhor que aparece nas notas de cem dólares - explicou Miriam, lançando um olhar furioso a Shakey. - Se o Ben Franklin fosse um peixe, não tresandaria como um certo *yankee* ganancioso. O Ben Franklin não ofereceria uma porcaria de duzentos dólares pelos meus brincos de diamantes. Paguei *quinhentos* dólares por esses brincos, numa promoção. Estavam marcados a *novecentos* na loja onQVC.

Shakey fez um gesto de desdém.

- Miriam, se tem algum problema com a maneira como faço negócio, pode ir dizer a alguém que se..

- Chega - avisou Ben.

Shakey, irritado, encolheu os ombros.

- Isto é uma loja de penhores, ok? Os bens são garantia de um empréstimo, e dou no máximo dez cêntimos por cada dólar.

Miriam apontou para mim.

- Não sabe porque estamos aqui? Para inscrever a Karen e a *Estrela* na Corrida de Barris de um milhão de dólares em Orlando. Não ouviu falar da Karen Johnson e da *Estrela, o Cavalo Maravilha das Corridas de Barris*? Precisamos de mais cinco mil dólares para termos sequer *hipótese* de conseguir a taxa de inscrição na corrida, seu *yankee* maneta e forreta.

Shakey olhou para mim.

- Era você, no *YouTube?*

Suspirei.

- Sim. Eu mesma.

- Aquela égua feia corre muito bem o...

- Eh! - resmungou Ben.

Shakey olhou para ele.

- Devia ter-me dito que era por isso que precisava de empenhar estas mer... estas coisas todas.

Ben franziu o sobrolho.

- Quero apenas um negócio justo, está bem?

- Ouça, gostava de poder ajudá-lo, mas...

Ergui a mão para pedir silêncio.

- Talvez *este* artigo valha alguma coisa - pousei uma fotografia em cima do balcão. - Esta harpa é feita à mão, de cerejeira antiga - não lhe disse que a harpa fora feita por um famoso fabricante de harpas que criava instrumentos para orquestras sinfónicas de todo o mundo. Ou que os meus pais ma tinham oferecido no meu décimo segundo aniversário.

Shakey gemeu.

- O que querem que eu faça com uma *harpa*? E se tiver de vender uma *harpa*[7]. - abanou a cabeça.

- Ben, vá lá. Dê-me qualquer coisa *útil* com que eu possa trabalhar.

Todos trocaram olhares pesarosos. Ben esfregou a testa.

- Vamos embora. Eu vendo algumas vacas.

- Não - levei as mãos ao pescoço, abri o colar e estendi o medalhão de ouro a Shakey.

«Mãe, pai, perdoem-me por empenhar um pouco das vossas cinzas.» Quase não conseguia abrir os dedos.

O simbolismo chocou-me. Conseguiria deixá-los ir? Poderia arriscar-me a perdê-los por Mac e Lily? Lentamente, abri a mão e pousei o colar na palma da mão de Shakey.

- Garanto-lhe, Mr. Baker, que esta é uma peça única. Ouro de excelente qualidade. Digno da sua avaliação mais generosa.

Ele examinou a peça com um óculo de joalheiro. Quando baixou o medalhão, tive de recorrer a toda a minha força de vontade para não lho arrancar da mão. «Deixa-os ir. Se voltarem para ti, é um sinal de que aprovam o que estás a fazer.»

- *Isto* já consigo vender - disse ele. - Vale duzentos, talvez trezentos...

- Nem sequer *tente* fazer-me rir - avisei.

- Está bem, está bem - ele acenou a Ben. - Se juntar mais um todo-o-terreno a este colar, dou-lhe os dez mil dólares. E dou-lhe trinta dias de prazo, sem juros. *Sem juros, percebeu?* Não diga nada à minha mãe. Ela acha que não criou nenhum palerma.

Ben olhou para mim com ar sério.

- Tens a certeza, em relação à harpa e ao colar?

Ele não sabia que eu acabara de empenhar as cinzas dos meus pais. Um pensamento estranho ocorreu-me. «Mas ainda tenho os meus pais.» Olhei para Mac e Lily. «Estão aqui mesmo.» Que sentimentos sinceros negociamos, quando a vida nos obriga a fazer escolhas.

- Tenho a certeza - respondi.

Shakey apontou-me o dedo falso.

- Você e aquela égua de focinho cicatrizado vão correr por todos nós, por todos aqueles a quem falta uma peça ou duas. Provavelmente não ganharão, mas pelo menos hão-de entrar no jogo. Vocês são a prova de que Deus precisa até dos anjos com menos uma asa.

Um discurso profundo. Ficámos todos algo espantados. Shakey e eu apertámos as mãos.

***

Era hora do espectáculo.

Saí da casa de banho e entrei na cozinha do rancho com uma toalha desbotada do Mundo de Sereias de Kissme Woomee enrolada à volta do corpo. Miriam, Lula, Lily e Dale aguardavam impacientemente, sentadas à volta da mesa. *Ruibarbo* estava deitado no chão de tábuas e *Grub* estava esticado em cima do balcão, ao lado do lava-louça. *Mr. Darcy* estava empoleirado nas costas de uma cadeira.

- No bom sentido - disse ele numa voz arrastada, a propósito de nada. Aprendera a frase com Ben.

- Chegou a hora do espectáculo - confirmou Miriam.

Deixei cair a toalha, revelando um vestido vermelho decotado.

- Raios me partam - disse Miriam.

Lula concordou.

- Valham-me todos os santos. Nunca acreditaria se não visse, mas a Menina Santinha está com um ar positivamente pecador.

Dale tapou os ouvidos e franziu as sobrancelhas. Mas Lily sorriu, com os olhos brilhantes.

- És a rapariga mais bonita do mundo.

Era lisonja, sim, mas difícil de resistir. Inclinei a cabeça.

- Obrigada.

Miriam espreitou para o meu decote.

- Vá lá. Confessa. O que significa essa tatuagem?

Eu não me tinha apercebido de que a tatuagem no meu seio esquerdo ficaria visível. Não era maior do que uma moeda, um delicado desenho azul aninhado entre os meus seios modestos.

- É tirada de um totem mãe-filha venerado por uma tribo de índios brasileiros. Os totens chamam-se *litjoco*s, na língua deles. As mulheres esculpem-nos em madeira macia sempre que têm um bebé. Os filhos usam as pequenas esculturas penduradas ao pescoço. Assim, é como se a mãe estivesse sempre a olhar por eles. A minha mãe e eu fizemos tatuagens iguais, tiradas de *litjocos,* quando eu era mais nova.

Lily aproximou-se e espreitou para a tatuagem.

- Sei que a tua mãe está a olhar por ti - disse, com voz trémula. - É o que as mães fazem. Nunca esquecem os seus bebés.

«Mas tu finges que a tua bebé nunca existiu», pensei com tristeza. «Porquê?»

Miriam distraiu-me quando enfiou ambas as mãos debaixo dos meus braços puxando o vestido.

- Graças a Deus que inventaram o *Velcro.* Este corpete está agarrado ao teu *soutien* sem alças como uma lapa a uma rocha. Quando a Lula usou este vestido pela primeira vez, em mil novecentos e sessenta e um, teve de vestir uma cinta de corpo inteiro por baixo, sem alças, e tivemos de coser o vestido à cinta. Valha-me Deus, aquelas coisas pareciam blindadas. Tirem-nas dos museus e mandem-nas para as nossas tropas. Aposto que são à prova de bala.

Baixei os olhos para os metros de tecido vermelho como rubis, com uma cintura muito acentuada.

- Este estilo é extraordinariamente retro. Favorece muito. É intemporal.

- Tinha um laço no meio do peito - resmungou Lula. - Perdi-o uma noite. Dei-o como... como recordação. O da Jackie tinha um laço.

- Jackie?

Miriam encolheu os ombros.

- Naquela altura toda a gente queria imitar a Jackie Kennedy, sabes. Até nós, raparigas da província que trabalhávamos como sereias. Queríamos parecer finas, para os universitários que passavam por aqui a caminho das férias da Páscoa em Fort Lauderdale. Vimos uma fotografia da Jackie na revista *Life,* num jantar de Estado, com um vestido de um estilista qualquer, sem alças, com uma cintura império e um lacinho muito giro no meio das mamocas, e todas achámos o máximo. Era o cúmulo da elegância. E era mesmo. *Ela* era. A Jackie Kennedy. Seja como for, a Lula viu a Jackie e disse: eu quero aquele vestido. Em vermelho. Não me importa quem tenho de comer para o conseguir.

Lula ergueu os olhos dos meus seios e sorriu.

- Mas não disse «comer», disse outra coisa.

Miriam sorriu também.

- Teve muitas atenções masculinas *depois* de a Denny lhe fazer o vestido.

Parei de mexer no corpete e olhei para ela.

- Denny? Denise Thocco? A mãe do Ben e do Joey?

- Sim, a Denise. Nós tratávamo-la por Denny. Ela costurava como um estilista de Nova Iorque.

- Descansa em paz, Denny - disse Lula baixinho.

Silêncio. Passei as mãos sobre o maravilhoso vestido antigo. Estava vestida com a memória da mãe de Ben. Pensei numa citação de um filósofo obscuro. «A vida eterna pode ser vista na herança simples de uma flor em botão.»

Ou num lindo vestido.

- Farei os possíveis para estar à altura da Denise Thocco e da sua maravilhosa criação - o vestido *e* Ben.

Lily tirou algo do bolso do vestido de ganga. Timidamente, estendeu-me um pedacinho de tela do tamanho de uma moeda, com uma margarida minúscula pintada.

- Talvez possas levar isto contigo. Para dar sorte - o seu fascínio misterioso por margaridas não tinha limites. Os olhos dela encheram-se novamente de lágrimas. - Importas-te se eu ajudar a tua mãe a tomar conta de ti?

Senti um nó na garganta. Tirei um alfinete-de-ama de uma caixa em cima da mesa da cozinha e prendi a margarida pintada por Lily dentro do corpete do vestido.

- Pronto - disse, com a voz rouca, desejando poder olhar para dentro de Lily e ver a recordação que ela tinha de mim. «Como gostava de saber a verdade sobre ti e sobre o Mac... O que aconteceu na noite em que eu nasci? Como podem ser tão carinhosos para mim agora, tão paternais, e não me terem desejado na altura? Por que não estás disposta a admitir que em tempos tiveste um bebé?»

- Vou usar esta margarida perto coração - prometi.

Ela concordou, contente.

- É onde as margaridas devem estar.

Ben

Mac, Roy, Cheech e Bigfoot olharam para mim como se eu fosse um desconhecido. Possum estava agachado atrás de uma das cadeiras de verga da sala. Espreitou para mim por entre a verga entretecida.

- Ah, o Benji costumava andar sempre de *smoking* no México - disse Joey.

- Pareces o *James Bond* - disse Bigfoot. - E não um *James Bond* qualquer. O melhor *James Bond*. O Roger Moore.

Os outros olharam para ele de sobrolho franzido.

- *Por favor,* o melhor é o Sean Connery - disse Cheech.

Bigfoot endireitou as costas.

- Não. O *Roger.*

- O Sean.

- Obrigado, seja como for - agradeci.

Mac avançou timidamente, mas a sua expressão disse-me que tinha um assunto sério para discutir.

- A K-karen vai estar em s-segurança neste jogo de p-póquer?
- Tens a minha palavra de honra.
- Eu e a L-lily estamos p-preocupados com ela. Vamos ter s-saudades.
- É só uma noite. Ela será tratada como uma senhora.

Ele respirou fundo.

- Está bem - estendeu a mão. Na palma calejada tinha uma moeda de cinco cêntimos com uma cabeça de búfalo, antiga, mas vulgar. - O Glen diz que isto vale muito dinheiro. Pertencia ao nosso avô. Ele ganhou muito dinheiro com pinheiros - Mac fez uma pausa, pensativo. - Suponho que lhe p-pagaram em moedas.

Mac queria dizer terebintina. Os Tolbert tinham sido importantes no negócio da terebintina na viragem do século. Naquele tempo, na nossa parte da Florida, os pobres faziam qualquer coisa por dinheiro. Se não conseguiam ganhar a vida com um rancho, uma quinta, ou na pesca, iam trabalhar para um Tolbert e passavam os dias nos pinhais abrasadores, a fugirem às cascavéis enquanto abriam buracos nos pinheiros para recolher a seiva. Recebiam cinco cêntimos por galão. Talvez Glen considerasse que era esta a importância a que Mac tinha direito.

- Queres que fique com a tua moeda valiosa? - perguntei, num tom gentil.

Mac acenou afirmativamente.

- Assim, s-se não ganhares o jogo de p-póquer, ainda p-podes levar a Karen a j-jantar.

Enfiei a moeda no bolso do peito do *smoking*.

- Obrigado, Mac.
- Se perderes o dinheiro todo e a minha moeda também, não faz mal - olhou em volta e os outros acenaram em sinal de concordância. - Gostamos de t-ti por tentares.
- Juro que vou dar o meu melhor.
- Ele vai ganhar - disse Joey firmemente. - É o meu Benji. Vai ganhar.

Kara

Eu devia ter calculado que Ben tinha um *smoking e* uma licença de piloto.

Afinal de contas, *El Diablo* tinha.

Enquanto garças curiosas espreitavam na água rasa e *Gator* desaparecia, aborrecido pelo barulho do motor, Phil Montegra desceu do céu e pousou sem dificuldade um pequeno hidroavião no pântano. Eu mantive a distância, protegendo o meu saco de lona dos salpicos, enquanto Ben, Mac e Bigfoot prendiam o hidroavião a uma estreita doca de madeira pensada para pequenos barcos a remos, canoas e barcaças do pântano. Phil ia emprestar-nos o avião.

Espantoso. Eu tinha presumido que Phil só voava durante a noite, quando se transformava em morcego.

- Façam boa viagem - disse-me Phil em francês, enquanto atirava o meu saco para dentro do pequeno avião. O seu tom tinha vestígios claros de um desafio agressivo. Ben estava ocupado a dar instruções de última hora a Miriam e aos outros. *Mr. Darcy* estava empoleirado no ombro de Lily e brincava gentilmente com os seus caracóis ruivos e cinzentos.

Eu tinha convencido Lily a deixar o cabelo crescer um bocadinho e abandonar aquele penteado tão curto e severo. Acenei-lhe enquanto perguntava a Phil, num francês frio e claro:

- Então diga-me, Phil, quando apresentou o Ben à Cassandra, *sabia* que ela era uma pedófila?

Ele sorriu.

- Em muitos países, um rapaz adolescente é considerado um *homem,* e um jovem *homem* que conquista o coração de uma mulher mais velha, rica e admirável, é considerado muito afortunado.

- Não me parece que o Ben recorde a situação de forma tão carinhosa.

- Tem razão, mas devia perguntar-lhe por que motivo continua a considerar-me um amigo.

- Porque é leal. Porque é generoso e clemente. Porque sente simpatia por todas as criaturas da noite que nunca conhecerão o verdadeiro calor humano.

- Está a magoar os meus sentimentos. Dê-me um minuto para arrancar a estaca do coração - estendeu a mão para me ajudar a subir para o lugar do passageiro. Ignorei-o e sentei-me sozinha. Ele inclinou-se para mim e disse, em voz baixa: - Acha mesmo que tem justificação para a sua atitude arrogante, *Miss Whittenbrook?*

Fiquei paralisada. Ele sabia. Demorei um momento a recompor-me o suficiente para responder num tom firme:

- O Ben pediu-lhe que me investigasse?

- Não. Na verdade, disse-me para não o fazer. Mas eu não resisti. Especialmente depois de ter deixado as suas impressões digitais numa garrafa de vinho caro. Adoro o facto de as pessoas muito ricas mandarem tirar as impressões digitais dos filhos como medida de segurança. Torna a sua identificação demasiado fácil.

- Também tenho recursos para descobrir muito mais sobre *si,* Mr. Montegra.

- Talvez.

- Mas prefiro não jogar esse jogo.

- O que está uma das herdeiras mais ricas do mundo a fazer num rancho da Florida, com um nome falso?

Senti o estômago às voltas.

- Tenho os meus motivos, e não há nada de sinistro neles. Por favor, acredite em mim e guarde esta conversa para si.

- Posso não parecer uma pessoa sentimental, *Kara,* mas o Ben e o irmão são como família para mim. Guardarei o seu segredo enquanto achar que está a pensar apenas nos seus melhores interesses.

- E estou mesmo. Garanto-lhe.

Os seus olhos escuros perfuraram-me.

- O meu amigo está com problemas. Está praticamente sem dinheiro. Tem um grande coração, mas isso trouxe-lhe responsabilidades tremendas, por causa das pessoas que acolheu debaixo da sua asa. O irmão está muito doente. *Não seja a última gota que faz transbordar o copo.*

- Quero ajudá-lo. E ajudaria, se ele me deixasse.

- Ele nunca aceitará o seu dinheiro.

- Não estou a tentar *comprá-lo.* Não sou a Cassandra.

- Então porque está aqui?

- Não é da sua conta.

- Por que se importa tanto com esta corrida de barris?

- Porque é importante para o Joey, para o Mac e a Lily, para o Ben...

- E por que raio se preocupa tanto com pessoas que só conheceu há alguns meses? Não brinque comigo. Quero uma resposta honesta.

Ele perturbava-me. Decidi correr um risco.

- Porque, há poucos meses, descobri que o Mac e a Lily são os meus pais biológicos.

Ele fitou-me intensamente, como se estivesse a arrancar a pele do meu crânio com o olhar. Por fim, os seus olhos escuros iluminaram-se.

- Acredito que está a dizer a verdade.

- Estou.

- Muito bem. Vou aceitar essa resposta, por enquanto.

Nessa altura Ben aproximou-se e Phil endireitou-se.

- Pára de importunar a minha parceira de póquer.

Phil sorriu.

- Estava só a dizer-lhe que és um bom piloto, que não tem com que se preocupar.

Ben inclinou-se, entrou no avião e sentou-se no lugar do piloto.

- Vamos acompanhar o rio por algum tempo, depois viramos à esquerda, para o Atlântico, e seguimos a costa até Miami. Depois é um saltinho até às Keys.

Prendi o cinto de segurança. Tinha as mãos a tremer.

- Vamos aterrar perto da praia onde fica o motel?

- Sim, se ainda lá estiver. O oceano está sempre a tentar recuperar as Keys. E os furacões estão sempre a tentar destruir aquilo que escapou ao oceano.

- A natureza é muito boa a contrabalançar os caprichos humanos - disse eu, olhando em frente, recusando-me a admitir a presença de Phil.

Ben olhou para ele.

- Agradeço o empréstimo do avião. Tens alguém que te venha buscar?

- Tenho sempre.

- Vemo-nos aqui, amanhã.
- Joga para ganhar, meu amigo.
- Jogo sempre.

Momentos depois, Ben e eu passámos por cima das copas dos carvalhos e planámos nas correntes de ar quente em direcção às Keys.

Tentei esquecer que Phil conhecia a minha identidade. Tentei relaxar. Impossível.

Ben

Gosto de água, mas, para mim, a terra é rainha. Não sou grande fã do oceano. Mexe-se demasiado. Mas quando se vive na Florida, que é uma ponta de terra projectada, com o Atlântico de um lado e o Golfo do outro, temos de aceitar o facto de estarmos rodeados de água por três lados. Qualquer pessoa nascida e criada na Florida é feita de areia e água salgada. Eu sou parte água, quer isso me agrade ou não, portanto presto atenção à história da água.

- A costa da Florida foi governada por piratas durante mais de trezentos anos - gritei a Karen, para me fazer ouvir por cima do ruído do motor do avião.

Era já final da tarde quando sobrevoámos a baixa altitude a água azul e as ilhas verdes das Keys. Mil e setecentas ilhas - a maioria delas demasiado pequenas para alguém viver nelas - estendem-se a partir da ponta de Miami como os ossos da cauda de um grande lagarto.

- Mais de cinquenta são urbanizadas e têm estradas, de Key Biscayne a Key West, unidas pelas longas pontes da U.S.l. As restantes são propriedade privada, estão em estado selvagem ou são apenas refúgio de fantasmas e aves marítimas.

«Os piratas adoravam estas ilhas - continuei. - Escondiam-se entre elas e, daí, podiam atacar os navios espanhóis que subiam o Golfo, provenientes da América do Sul, cheios de ouro e outros tesouros. Mas na maioria das vezes esperavam que as tempestades destruíssem os navios para depois caírem sobre eles como abutres.»

- O *Atocha* - gritou ela. - Não era aquele navio espanhol famoso, encontrado há alguns anos por caçadores de tesouros modernos?
- Sim. Milhões em ouro e prata. Ao largo de Key West.
- Esta é a primeira vez que venho a Key West - gritou ela. - Posso resumir aquilo que sei sobre a ilha de forma muito simples - começou a contar pelos dedos. - Orgulho Gay, Hemingway, Jimmy Buffet e gatos com seis dedos.
- São os aspectos principais. Vamos atracar numa marina, passar pelo motel para nos arranjarmos e depois os corsários do *capitão LaRoi* vêm buscar-nos de barco para nos levar à sua ilha privada.

Ela olhou para mim.

- Capitão LaRoi? Corsários?

- Explico melhor quando conseguirmos falar mais facilmente. Mas lembra-te disto: o Phil disse para nunca o pronunciarmos «Capitão LEE-Roy». E não faças perguntas ao capitão sobre peças de automóvel.

Ela olhou por cima dos óculos escuros. Inclinei o avião e sorri. Key West apareceu à distância, o esconderijo tropical de Hemingway, de decoradores de interiores e de piratas falsos chamados Leroy mas que o pronunciavam *LaRoi.*

Kara

- És uma meretriz *sexy* do tempo dos piratas e estás aqui para mostrar as mamas - disse a mim própria, como um jogador de futebol a tentar motivar-se antes do jogo. Olhei para o meu reflexo no espelho de corpo inteiro, no quarto de motel junto da praia. A decoração do quarto era berrante, em tons de azul claro e rosa; a cabeceira da cama, a imitar bambu, erguia-se como um órgão de madeira por trás da cama gigante, os candeeiros tinham cascas de côco na base e a televisão anunciava a disponibilidade de filmes pornográficos para adultos por encomenda. Tudo cheirava a ambientador de jasmim. As longas sombras de um entardecer de Verão enchiam o quarto com a promessa de sexo e aventura.

Mas para além das persianas fechadas de uma grande janela havia uma paisagem etérea de ondas azuis e horizontes sem fim. A água era cristalina, as palmeiras altas e graciosas, os caminhos delimitados com bonitas conchas. Uma beleza natural tão gloriosa, a contrastar com o gosto humano mais piroso. No entanto, de alguma forma, o contraste resultava.

Bateram à porta. Espreitei pelo óculo, vi Ben, fiquei quase sem reacção, depois abri lentamente a porta. Olhei para ele, fascinada. *El Diablo* sempre ficara muito bem de *smoking*.

E Ben também.

Ele baixou os olhos para mim, aparentemente a sofrer do mesmo mal que eu.

- Bela tatuagem - disse. Senti-me ruborizar. Ele estendeu a mão. - Vais precisar de ajuda para atravessar a areia com esses saltos altos.

- És capaz de ter razão.

Caminhámos até ao embarcadouro. A sensação da sua mão forte e calejada no meu braço era maravilhosa. Encostei-me a ele e senti um volume duro. Sem ser *esse.* Ergui os olhos para Ben, sentindo um arrepio de excitação.

- Vens armado?

- É só uma pistolinha.

- Espero bem que não seja preciso recorrer a ela.

Ele olhou para a minha mala.

- Trazes a retalhadora de porcos?

- A minha linda faquinha? Claro. Nunca saio de casa sem ela.

Ele sorriu.

Eu sorri também.

Uma lancha elegante proveniente de uma mancha verde à distância dirigiu-se a nós.

- Aquela é a ilha do *LaRoi?* - perguntei.

- Sim. Dois hectares e meio de loucura e autocomplacência. O Arn Leroy herdou-a do pai e do avô, juntamente com as seiscentas lojas da cadeia Leroy Mundo Auto.

- O Arn julga-se um pirata dos tempos modernos?

- Sim. Pagou a um investigador de árvores genealógicas duvidoso para provar que os Leroy são descendentes de piratas.

- Uma honra também duvidosa, parece-me a mim.

- Não quando a sua maior aspiração à fama é vender peças para automóveis a preços acessíveis.

- Então o clã Leroy, dos subúrbios da Florida, é agora o clã de piratas *LaRoi,* das exóticas Keys.

- Sim, pelo menos na cabeça do Arn.

Parámos ao fundo do embarcadouro e vimos a lancha aproximar-se. Um jovem corpulento desembarcou. Vestia calças pretas pelo joelho e uma camisa de golfe branca com um pequeno emblema dourado, um punhal. Trazia um lenço preto com o mesmo emblema a cobrir-lhe o cabelo.

- *Ahoy* - disse, seguindo o protocolo teatral com uma falta de entusiasmo evidente. Sois vós os dois convidados do *capitão LaRoi* nesta vil viagem? Benjamin Thocco e Karen Johnson?

- Sim, somos nós - respondeu Ben. Mas não precisa de se fazer de pirata por nossa causa. Nós não dizemos nada.

O jovem relaxou.

- Obrigado, amigo.

Virou-se para o leme enquanto Ben me ajudava a entrar para o pequeno barco.

- Isto vai ser muito interessante - disse eu. - Aos vossos postos, piratas.

Ben sorriu.

- Aos vossos postos, meretrizes.

***

Arnold Leroy, o herdeiro da fortuna do Leroy Mundo Auto, também conhecido por *capitão LaRoi,* descendente de piratas, era um homem corpulento e dinâmico, apreciador de charutos cubanos, de *smokings* com faixa vermelha, e com mais anéis de ouro nos dedos do que um cantor de *rap.*

- *Aye,* gosto muito de ruivas - disse, imitando um pirata, quando Ben e eu lhe fomos apresentados. - Ela tem mau feitio?

- Vou exercer o meu direito de não falar para não me comprometer - disse Ben.

- Ela *tem* mau feitio - intervim num tom frio. - Especialmente quando falam dela como se não estivesse presente.

Arn riu-se. Parecia gostar do meu espírito mordaz. Ben foi desviado para as mesas e eu fui escoltada ao piso superior. Disseram-me que gozasse as instalações. A Casa de LaRoi era uma mansão de pedra e bambu, com dois pisos, sete quartos, jardins tropicais, duas piscinas, vários *jacuzzis,* uma cozinha digna de um *gourmet* e uma equipa completa de empregados de mesa e guarda-costas.

Dei por mim muito bem arrumada entre uma dúzia de companheiras com a missão de alegrar a vista dos homens. Achei o número estranho, porque havia apenas sete homens no torneio. A menos que alguns dos jogadores tivessem trazido *duas* meninas apetitosas em vez do mínimo requerido de uma, havia seios a mais nesta casa.

A maioria delas tinha trinta anos ou menos. Pareciam modelos ou *strippers,* bronzeadas, de pernas compridas e deslumbrantes, com vestidinhos justos quase inexistentes, presos com alças tão finas que eram quase invisíveis. Andavam de um lado para o outro de forma sedutora, ignorando as restantes.

Pareciam conhecer-se umas às outras e aceitar este disparate como uma obrigação conjugal. Pelos vistos, já aqui tinham estado antes e estavam acostumadas a serem usadas como adereços decorativos na fantasia personalizada dos *Piratas das Caraíbas* de Arn Leroy. Algumas pareciam gostar de festas. Mas a maioria delas parecia apenas entediada.

- É só isto que temos de fazer? Parecer... desavergonhadas? - perguntei a uma mulher negra, com cerca de quarenta anos, com um lindo vestido dourado. Era Bettie Riggins. Tinha um sotaque sulista que seria capaz de embalar um bebé.

Ela riu-se.

- Sim, querida. Abanar a mercadoria, sorrir e mostrar as maminhas. Estamos aqui para concretizar a fantasia do Arnie. Os jogadores de póquer são como uma tripulação escolhida a dedo e nós somos o espólio. Ele diverte-se organizando estes torneios privados.

Ela riu-se. Simpatizámos uma com a outra.

Olhei em volta. Entre os bustos dourados de piratas famosos, as cadeiras de teca cobertas de almofadas vermelhas com folhinhos, e o pequeno exército de empregados atraentes, com lenços na cabeça, achei que o *capitão LaRoi* era um pirata um pouco efeminado.

- Tens a certeza de que as fantasias do bom capitão giram à volta de *mulheres?*

Ela encolheu os ombros.

- Acho que as fantasias dele giram à volta de poder e dinheiro. Anda, querida. Vamos ver.

Saímos para uma varanda larga. Lá em baixo, duas grandes mesas de póquer tinham sido colocadas no centro de um pátio com chão de tijoleira. O pátio estava rodeado de grandes troncos de madeira - como se tivessem sido

recuperados do mais recente barco espanhol naufragado, ou como os obeliscos em Stonehenge - servindo de suporte a grandes candeeiros a petróleo tremeluzentes.

Os últimos raios de um pôr-do-sol dourado erguiam-se sobre o horizonte a oeste.

- É maravilhoso - murmurei.

Bettie soltou um suspiro.

- O Arn pagou sete milhões por tudo isto e descontou-os do orçamento para despesas de representação da empresa.

- Espero que tenha seguro contra inundações. Bastará um furacão de categoria cinco para que não fique nada a não ser lascas de bambu. E, à velocidade actual a que os glaciares estão a derreter, calculo que o oceano deva chegar às lanternas do pátio dentro de trinta anos.

- Meu Deus, querida, não és destes lados, pois não? És mais inteligente do que a meretriz de galé típica.

Ri-me. Brindámos com os nossos *martinis*.

- Aquele barquito é meu e do Woodrow - disse ela, apontando para um belo iate de cruzeiro ancorado ao largo.

- É um barco impressionante.

- Não é nada, em comparação com os outros monstros que estão ancorados ali - o duplo cais da ilha estava cheio de iates, grandes e pequenos. - Também tens um barco, querida?

Pensei no iate enorme do tio William, aquele que os seus assessores escondiam discretamente do público para que os eleitores não soubessem que ele se deslocava como um príncipe saudita.

- Sim, mas está na oficina. Um dos homens do *capitão LaRoi* foi-nos buscar ao motel.

Ela apontou um dedo escuro e esguio para Ben.

- Aquele é o teu?

Procurei a resposta certa, depois decidi ceder às minhas fantasias.

- Sim. Digo-o com orgulho.

- Toda a gente ouviu falar dele. O rancheiro. Um genuíno *cowboy* da Florida. Oh, querida, é de guardar. Olha para aquele cabelo preto. Aquela pele. Tem sangue índio?

- O pai dele era Seminole, sim. *Ouviste* falar dele?

- Oh, sim. Todos os outros homens aqui são típicos homens de negócios pouco interessantes. O único rancheiro que o Arn costuma convidar é o J. T. Jackson, e esse não é um rancheiro a sério, apenas um construtor que compra ranchos como investimento. Mas o teu... hum, o teu é o artigo genuíno.

- O que pensas do J. T. Jackson? Só por curiosidade. Ouvi dizer que está por trás de uma grande corrida de barris em Orlando, no próximo mês de Setembro.

- Oh, sim, querida, ele quer ser o Donald Trump da Florida. Só aqui entre nós, é um imbecil. E a filha é apenas mais uma menina rica vadia que acha que

pode comportar-se como uma prostituta de luxo sem sofrer as consequências - bebeu um gole do seu *martini* e olhou para mim de esguelha. - Querida, não estou a insultar os teus amigos, pois não?

- Dificilmente. Há *anos* que não me dou com prostitutas de luxo.

Ela sorriu.

- Nem eu.

Apoiámo-nos no corrimão. O martini aqueceu o meu estômago nervoso. Estava a esforçar-me ao máximo para não pensar no resultado do torneio.

- Qual é o teu marido?

Ela apontou para um homem de ar amoroso, com pele cor de café, sentado a uma das mesas.

- Ali está ele, o meu Woodrow.

- É adorável.

- Sim, mas é um jogador de póquer terrível. Vimos aqui duas vezes por ano e ele perde sempre dez mil dólares. Mas adora. Pode falar de negócios e fumar grandes charutos e olhar para as raparigas nuas e fingir que está em Monte Carlo, num filme de *James Bond.* É muito divertido, para um homem que passa os dias a vender esculturas de dragões chineses por atacado a lojas de decoração.

- Desculpa. Disseste *mulheres nuas*? Onde? Onde?

Ela chamou o empregado para nos trazer outro *martini.* Mais ou menos nessa altura, um homem apareceu no pátio por baixo de nós e começou a tocar *jazz* num saxofone. A um canto do pátio, um *disc jockey* estava a montar o equipamento para tocar algo muito mais barulhento do qu*e jazz.* Bettie fez um estalo com a língua.

- Oh, querida, inocente marinheira de água doce. Ainda não viste nada.

Ben

Phil avisara-me sobre as manhas de Arn Leroy, mas tive de ver para crer.

À meia-noite, o tipo do *jazz* já se tinha ido embora e o *disc jockey,* com a sua amaldiçoada música *pop,* estava a rebentar com os tímpanos de toda a gente.

- Bee Gees! Toda a gente gosta dos Bee Gees - gritou Arn da sua mesa. Mais ou menos nessa altura, a primeira rapariga despiu o vestido e começou a dançar nua junto da piscina. Depois outra. E outra. Contei cinco. Os outros jogadores nem sequer conseguiam fingir que estavam concentrados nas cartas.

Phil não me avisara sobre a parte da orgia à beira da piscina. Suponho que essa era a ideia que Arn tinha de uma desvantagem legal. Se um homem conseguisse manter a concentração enquanto mulheres nuas dançavam à sua volta, merecia levar para casa o bolo.

Levantei-me para uma pausa de dez minutos entre jogos e procurei Karen. Ela acenou-me da varanda, depois apoiou o queixo na mão, revirando os olhos

e dando a entender que estava muito enfastiada. Ao lado dela, a mulher de Woodrow Riggin, Bettie, sorriu-me e soprou um beijo a Woodrow. Eu e Woodrow tínhamos feito amizade enquanto bebíamos uma cerveja.

- A minha mulher mata-me se eu olhar para as raparigas nuas - confidenciou-me ele. - A única razão por que venho aqui é para testar a minha fidelidade - fez uma pausa. E pelo sexo fantástico que vamos ter quando regressarmos ao barco.

Mandei um bilhete a Karen por um empregado. «Queres ir-te embora?»

Ela respondeu da mesma forma. «Aguento bem o ambiente discoteca/bordel. Concentra-te e joga para ganhar.»

No jogo seguinte, uma das raparigas que estava sentada à beira da piscina começou a esfregar os seios nus. Depois aproximou-se e começou a massajar-me os ombros. Eu tinha despido o casaco e ela enfiou as mãos por dentro da minha camisa como uma massagista profissional. Sorri-lhe.

- Obrigado, querida, mas estou a tentar concentrar-me. Vai massajar outra pessoa.

- São as regras da casa - murmurou ela. - Desculpa, mas todos os jogadores que chegam à fase final têm direito a uma massagem - os seios dela estavam encostados às minhas costas.

- Bem-vindos à arena dos campeões, marinheiros - gritou Arn, com um sorriso. Havia raparigas nuas em posição atrás dos outros jogadores. - Temos aqui um belo grupo de finalistas. Agora sentem-se e vamos ao que interessa. Vejamos se conseguem bater o *capitão LaRoi*, o melhor jogador de póquer dos Sete Mares.

O DJ começou a tocar música *hip-hop,* tão alto que quase me rebentou os tímpanos, e as raparigas nuas aproximaram-se ainda mais. O bom capitão sabia como virar o jogo a seu favor. Especialmente tendo em conta que as raparigas estavam nuas mas não eram cegas, e viam as cartas de todos os jogadores. Provavelmente faziam sinais a Arn. O jogo estava viciado.

Ergui os olhos para Karen. Ela e a mulher de Woodrow observavam a cena como tubarões a tirar as medidas aos nadadores.

Quando voltei a olhar para a varanda, elas tinham desaparecido.

Sarilhos.

Kara

O DJ inclinou-se para mim e tirou um dos auscultadores.

- Desligue a música - ordenei. - Isto é um torneio de póquer, não uma experiência de guerrilha psicológica da CIA.

Ele riu-se, voltou a pôr os auscultadores e virou costas.

- Mulheres - desabafou.

E não foi no bom sentido.

Fiz um gesto a Bettie para me seguir. Com cuidado, descalças, passámos por um labirinto de cabos e fios eléctricos.

- Ah-ah - exclamei, pegando no cabo de alimentação principal. Segui-o até uma tomada. Puxei e a ficha saiu.

A música acabou.

- Eh, meninas, isto não é uma piada - gritou o DJ. - O Arn quer a música bem alta.

- Isto - respondi - é uma intervenção.

Encostei o meu *facón* ornamentado ao cabo e decepei a ficha.

Bettie riu-se. Enquanto o DJ praguejava e procurava outro cabo, dirigimo-nos à piscina. Arn olhou para nós, desconfiado.

- O que aconteceu à música? E às meretrizes dançarinas?

As raparigas nuas estavam de pé atrás dos jogadores, parecendo embaraçadas sem o casulo protector do ritmo forte. Fiz-lhes um gesto seco.

- Está na hora de se irem vestir, minhas amigas. Tirem as mãos dos homens e os olhos das cartas que eles têm na mão.

- Está a acusar-me de fazer batota? - reclamou Arn.

Ben levantou-se e levou a mão ao bolso onde tinha a arma.

- Veja como fala com ela.

- Está a chamar-me batoteiro.

- Se a carapuça lhe serve...

- Como se atreve, seu... seu *cowboyl* - lançou-me um olhar furioso. - Por que raio trouxe esta meretriz desconfiada para o meu torneio?

- É a minha guarda-costas.

Arn apontou para mim.

- Não confia em mim?

Estudei-o por um momento. Era evidente que ele gostava da sua personagem e que o drama do confronto o empolgava. Esta cena era o seu ritual tribal. Os rituais são criaturas delicadas, alimentadas por superstição, tradição e orgulho. Decidi que ia levar os rituais dele a sério.

- Você é um *pirata* - disse-lhe, acaloradamente. - Os piratas são poderosos e controladores. A batota faz parte da sua natureza. Não é um defeito. No mundo dos piratas, é uma vantagem.

Bingo. Ele ergueu o queixo. Os seus olhos faiscaram. Eu dera-lhe poder e, portanto, estava-me agradecido. Mas os outros jogadores, sem compreenderem o contexto temerário da provocação entre piratas, pareciam apenas infelizes.

- Não vim aqui para ser enganado - disse Woodrow. - Bettie, também és a *minha* guarda-costas?

- Sou, querido, e está na altura de virar a mesa.

Arn franziu o sobrolho.

- Woodrow, ou joga pelas minhas regras ou então não joga - apontou para mim. - Quanto a *si*...

- Quero estas raparigas fora daqui, *capitão*.

Uma das raparigas nuas, uma morena de pernas compridas, pigarreou sonoramente e pôs as mãos nas ancas, desafiante.

- O que a leva a pensar que vamos aceitar as *suas* ordens?

- Bettie, passa-me os sapatos, se faz favor.

Bettie tirou um par de sapatos de salto agulha de trás das costas. Agarrei-os pelos saltos finos e apontei a faca às biqueiras estreitas.

- Façam o que eu digo - ordenei às raparigas -, ou estes *Manolo Blahniks* serão destruídos.

A morena gritou.

- Esses sapatos custaram quatrocentos dólares.

- Nesse caso, darão uns confetes muito caros.

Os seguranças de Arn aproximaram-se de Ben e de mim. Ben aproximou mais a mão da pistola escondida. Woodrow enfiou a mão dentro do casaco do *smoking.* A equipa de segurança viu o gesto e parou. Murmurei a Bettie:

- Ele está armado?

- Não, é onde guarda a bomba para a asma. Mas que *bluff* fantástico!

Arn apontou para mim, furioso.

- Esta é a *minha* ilha, o meu torneio e as minhas regras! Sua sereia ingrata! Muito bem! Apresente as suas exigências! O que *pretende?*

- Um jogo justo. Nada de música aos berros. Nada de dançarinas nuas. Só póquer. Para que o Ben e o Woodrow e os outros cavalheiros à mesa não se distraiam.

- Esta é a *minha* ilha pirata e...

A morena guinchou quando encostei novamente a ponta do *facón* afiado à biqueira do seu sapato. Estendeu os braços para Arn.

- Arnie, querido, por favor... Os meus *Manolo Blahniks* estão em jogo.

Um impasse. Arn finalmente cedeu. Virou-se para Ben com uma expressão irritada.

- Onde é que a encontrou? Num navio de mulheres piratas?

- Sim - respondeu Ben. - Chamam-lhe *capitã Karen,* das Amazonas.

- Muito bem. Sem música e sem dançarinas. Mas você - apontou novamente para mim -, fica em prisão domiciliária até o jogo terminar. E você também, Bettie. Para a galé com as duas!

- Querida - chamou Woodrow. - Já não demoramos muito. Bebe outro *martini.*

Bettie e eu entreolhámo-nos e encolhemos os ombros. Eu olhei para Arn.

- De acordo, *capitão.* Agradeço a sua decisão. Mas vai perdoar-me por não correr riscos com um pirata - agitei novamente a faca sobre os sapatos.

Ele empertigou-se. Tinha-o na mão.

- Muito sensata, capitã Karen.

- Os meus *Manolo* - gemeu a morena.

Olhei para ela com uma sobrancelha erguida.

- Devolvo-lhos quando o torneio acabar.

- Veste qualquer coisa, sua oferecida - gritou Bettie.

Bettie e eu recuámos lentamente para dentro de casa, seguidas pelos seguranças de Arn. Mantive a faca apontada aos *Manolo Blahniks,* conservando-os como reféns.

Só tive tempo para um último olhar. Os meus olhos cruzaram-se com os de Ben.

Nunca o tinha visto tão orgulhoso.

***

Bettie e eu éramos prisioneiras na cozinha da ilha, decorada com um tema náutico.

- São quase duas da manhã. Como é *possível* que ainda não tenham acabado? - disse, impaciente.

De súbito, as portas da cozinha abriram-se. Ben entrou. A expressão do seu rosto era neutra. Estava elegante e sofisticado no seu *smoking*. Nem sinais de suor. Mas também não vi sinais de sucesso. O meu coração deu um pulo. Dirigi-me a ele. Estudei o seu rosto.

- Não faz mal - disse. - Encontraremos outra maneira de...

- Ganhei - um sorriso lento e maroto invadiu-lhe o rosto. - O *capitão LaRoi* não está muito contente - Ben tirou uma tira de papel do bolso de dentro do casaco. - Mas pagou. Sessenta mil dólares. A taxa de inscrição no concurso mais aquilo que devemos ao Shakey da loja de penhores. O dinheiro estará à nossa espera quando regressarmos ao motel.

Sem qualquer vergonha, gritei e beijei-o. Ele pegou-me ao colo e beijou-me também, enquanto Bettie, os seguranças, e até o cozinheiro jamaicano e a sua equipa, aplaudiam.

Tínhamos dominado o rei das peças de automóvel dos piratas das Caraíbas.

Yo ho.

Ben

Não há nada como beber *rum* numa praia iluminada pelo luar, com sessenta mil dólares guardados no quarto do motel e a mulher que amamos a sorrir ao nosso lado, na areia. Karen estava sentada de pernas cruzadas, com aquele vestido vermelho, *sexy* de morrer, arregaçado à volta das coxas. Eu tinha abandonado as delicadezas e vestia apenas as minhas calças pretas e a camisola interior branca.

- *Arrrgh* - disse, como um pirata, passando-lhe novamente a garrafa. Cortesia do *capitão LaRoi.*

Ela bebeu mais um trago.

- *Arrrgh* - retorquiu.

- Tu e eu vencemos o sistema. Juntos. Vencêmo-lo.

- Absolutamente.

- É mesmo isso. Desde que entraste na minha vida... parece que, quando estamos juntos, há uma boa possibilidade de o sistema não vencer sempre.

O sorriso de Karen disse-me que eu não podia ter-lhe dito nada melhor. Depois esmoreceu um pouco.

- Não *tens* de me elogiar.

- Ah, vá lá. Quem é que está sempre a dizer que eu não sei aceitar um elogio?

Ela riu-se um pouco mas depois ficou envergonhada. Desviou o olhar, bebeu mais um trago e encolheu os ombros.

- Tenho dificuldades em seguir os meus próprios conselhos.

- Estava a ser sincero no que disse.

Ela fitou-me, a timidez perdida, os olhos a brilhar.

- *Conseguimos* vencer o sistema juntos. Garanto-te.

Agora era eu quem estava ligeiramente envergonhado. Peguei na garrafa de *rum,* bebi um trago e pousei-a na areia. Depois de reunir a minha coragem, ergui o rosto e fitei-a nos olhos.

- Tiveste ciúmes daquelas raparigas nuas?

- Deixa-me pôr a coisa desta maneira: se o Arn tivesse mandado mais alguma rapariga nua para junto de ti, eu tinha-o esfaqueado a ele, a ela e aos *Manolo.*

- Então é um «sim». Ficaste um bocadinho ciumenta?

Ela ficou muda. Eu também. Por fim, murmurou:

- Muito.

- Não precisas de ter ciúmes - respondi, também num murmúrio. - Não há uma única mulher à face da Terra para quem eu gostasse mais de olhar do que para ti. Nua ou vestida. Mas... tu, nua... seria muito bom.

As nossas cabeças aproximaram-se. A areia estava quente, a lua brilhava, o ar salgado rodopiava à nossa volta com um toque fresco e suave. Ela afastou-se apenas o suficiente para olhar para mim com aqueles olhos azuis, escurecidos pelo desejo.

- O que acontecer aqui, fica aqui - disse.

- Então anda cá - murmurei. E ela veio.

***

A nossa primeira vez foi louca e rápida.

A segunda vez foi lenta e rica. Fazer amor como deve ser é um guisado de açúcar e picante. Duro e suave. Húmido e sujo. Sim, eu sei, não é uma maneira muito elegante de o dizer; não sou nenhum poeta. Mas nunca senti nada tão bom como as mãos de Karen a acariciar o interior das minhas pernas, nunca ouvi nada mais doce do que o meu nome nos lábios dela, e nunca desejei tanto algo como desejo fazê-la feliz.

Depois da terceira vez, aninhámo-nos um no outro, em cima dos lençóis encharcados de suor, no quarto escuro do motel. Ouvíamos as ondas a rebentarem na praia e víamos as estrelas pela janela aberta.

- Estrelas sobre o oceano - murmurou ela enquanto os meus dedos a exploravam. - Que bonito. Sinto-me em casa - arqueou as costas contra o meu peito. Tentámos ficar quietos, mas não conseguimos.

Depois da quarta vez, dormitámos um pouco, acordando de vez em quando para nos beijarmos e tocarmos. As únicas palavras que dissemos foram instruções e elogios.

Depois da quinta vez adormecemos profundamente, enroscados um no outro.

Não foi preciso falar sobre o que significava. Ela não me perguntou se eu a amava, mas com certeza que o sabia. As mulheres *sentem* essas coisas. Têm intuições. Não é?

Só posso dizer uma coisa: ela fez-me sentir como se eu fosse o rei do mundo, como se tudo fosse possível, e como se, enquanto permanecêssemos juntos, Joey, o rancho e todos os meus sonhos pudessem viver para sempre.

Kara

Ele foi tudo. Foi o máximo, o melhor, o mais doce, o mais terno, o mais espantoso. Fez-me sentir como a mulher mais irresistível que alguma vez existiu. Não falámos sobre o mundo maravilhoso que criámos entre nós naquela cama. Era demasiado delicado. Demasiado fácil de se partir. Era melhor não tocar no assunto.

Na manhã seguinte, tomámos um duche, vestimo-nos e entrámos no hidroavião de Phil com um entendimento tácito. O génio do sexo saíra da sua garrafa. Lidaríamos com esse génio em privado, cedendo-lhe quando a resistência fosse inútil, sem discutir o futuro.

- Vamos passar por Orlando no caminho para casa - disse Ben.

Sorri. Gostava da forma como ele falava no plural e dizia «casa».

Sei que é uma palermice. Os homens não se *preocupam* necessariamente com o futuro. E as mulheres não devem confundir compatibilidade sexual com amor. Sim, sim, mãe. Ouvi os teus sermões sobre sexo sem compromisso. Sim, pai, lembro-me dos teus conselhos elegantes sobre os caprichos dos homens.

Mas, agora, ouvia também as vozes de Mac e Lily.

Ama. Confia. Acredita.

Às vezes, as lições dos nossos pais são águas separadas de uma mesma fonte.

- Esta inscrição é alguma *piada*? - perguntou-nos uma mulher carregada de *Botox,* nos gabinetes dos executivos em The Groves. Segundo a placa em cima

da secretária, o seu título oficial era «Coordenadora de Eventos Especiais da Construtora J. T. Jackson».

Devia ser antes Senhora dos Esfíncteres Excessivamente Apertados.

- Repito, isto é alguma piada? - perguntou ela. - E quem lhe disse que podia aterrar o seu... o seu barco voador... no lago do campo de golfe?

Ben olhou para mim.

- Vou deixar-te responder. Tens mais jeito com as palavras.

Sorri.

- A nossa inscrição na corrida não é uma piada - respondi - , excepto talvez para alguém que considera mármore italiano cor de malva o cúmulo da sofisticação.

Os olhos dela lançaram-me farpas. Os escritórios da Construtora J. T. Jackson estavam *completamente* decorados em mármore cor de malva. Apontou para um cartaz da World Sports Network a anunciar a corrida de barris.

- Esta é uma competição desportiva, patrocinada por um canal codificado de televisão por cabo, para atletas *profissionais.* O que significa que é para cavalos e cavaleiras de *alta competição.* Não é para - olhou para o nosso impresso de olhos semicerrados - *qualquer pessoa.*

Ben disse, em voz baixa:

- Minha senhora, a nossa égua é de linhagem nativa, uma raça mais antiga do que qualquer outra raça de cavalos daqui até à Califórnia. E esta cavaleira - apontou para mim - está ao nível de qualquer profissional digna da sua fivela.

A *Senhora dos Esfíncteres* continuou a ler o impresso.

- Espere aí... *Thocco*? Você é o Ben Thocco?

- O próprio.

Ela pressionou um botão no telefone.

- Segurança, por favor - depois outro botão. - Gabinete de Mr. Jackson, por favor.

Ben franziu o sobrolho.

- Se está a pensar expulsar-nos, minha senhora...

- Não vão ser expulsos. Apenas escoltados à saída.

- Nesse caso, a nossa próxima paragem será no *Florida Times-Union* de Jacksonville - disse eu calmamente. - E depois visitaremos as cadeias de televisão locais. E também a CNN e outras estações noticiosas. E a seguir passaremos pelo escritório do nosso advogado para planear a melhor forma de processar a World Sports Network e a empresa de J. T. Jackson por nos excluírem injustificadamente da competição. *Depois,* começaremos a contactar todas as empresas patrocinadoras do evento e, claro, o gabinete do governador, os nossos senadores, os congressistas locais... os responsáveis das principais associações de corridas de barris e a associação de criadores de cavalos Cracker... em suma, garantiremos que *muitas* pessoas saberão que uma inscrição válida na corrida foi rejeitada por causa de uma vingança pessoal de Mr. Jackson.

Ela olhou para mim.

- Tenha calma.

Ben abanou a cabeça num gesto melodramático.

- Minha senhora, para ela, isto *é* ter calma.

- Vou apresentar a vossa inscrição ao comité de organização do evento. É tudo o que posso prometer.

- É o suficiente.

- Mas preciso de um cheque visado para pagar a taxa de inscrição.

Ben pousou um cheque em cima da secretária.

- Aqui tem.

Os seguranças chegaram nesse momento. Não estavam nada satisfeitos com o hidroavião estacionado no lago do campo de golfe.

Guardámos o nosso recibo e saímos. Quando chegámos junto do avião - nós e a nossa escolta pessoal - já se tinha reunido cerca de uma centena de pessoas na varanda do imponente e pretensioso clube de golfe, com vista para o lago ao lado do décimo oitavo buraco, onde o hidroavião estava preso às estacas de um pontão.

De súbito, um carro de golfe apareceu a toda a velocidade sobre a relva bem tratada e parou com um solavanco junto a nós. J. T. Jackson saiu intempestivamente, aos gritos. Não vale a pena relatar aqui os pormenores mais sórdidos. Digamos apenas que a linguagem era abjecta, as intenções bastante hostis e a mensagem extremamente simples.

Nunca permitiria que nós conspurcássemos o seu evento promocional. Nem nós, nem o cavalo que tencionávamos montar. E por aí fora.

O seu ataque de raiva foi desagradável mas, ao mesmo tempo, estranhamente divertido. Até os espectadores começaram a rir.

- Apanhaste tudo, querida? - perguntou Ben.

- A maior parte - disse eu, fechando o telemóvel. - O bastante para partilhar com a comunicação social.

Sorrimos um ao outro, entrámos no avião e descolámos em grande estilo.

O bem-estar após uma noite de sexo incrível elimina todas as outras preocupações. É como uma droga que nos anima, nos aproxima e nos dá esperança. E nós estávamos mergulhados nela.

Capítulo 22

Kara

- O que aconteceu entre ti e o Ben nas Keys? - perguntou Miriam. Eu estava a percorrer o perímetro do picadeiro com *Estrela.* Miriam apoiou o queixo duplo nas mãos com unhas pintadas de vermelho. - E não finjas que não aconteceu nada.
- Levámos a melhor sobre o *capitão LaRoi.*
- Ah! Levaram a melhor um sobre o outro.
- Talvez.
- Estás apaixonada por ele.
- Estou.
- E ele também te ama.
- Ele ama as mulheres.
- Ama-te a *ti.*
- Não deu qualquer indicação quanto ao futuro.
- Mas tu és cega?

O futuro. Eu estava a tentar pensar num dia de cada vez. Os eventos estavam a desenrolar-se a um ritmo que fazia o Outono - e a promessa que eu fizera a Sedge de deixar o rancho, para representar os meus falecidos pais na cerimónia do Nobel - parecer demasiado próximo.

- Aparecemos nos jornais - gritou Lily. Dirigiu-se tão rapidamente quanto conseguia ao picadeiro, acenando o *Florida Times-Union.* - Aparecemos nos jornais!

O resto do pessoal vinha atrás dela, a gritar e agitar também exemplares do jornal. Lily não conseguia andar tão depressa, por isso Mac pegou nela e trouxe-a ao colo. Bigfoot empurrava a cadeira de rodas de Joey e *Mr. Darcy* guinchava, excitado, em cima do ombro de Joey. Roy, Dale, Cheech e até Possum estavam quase a dançar.

Conduzi *Estrela* até à cerca enquanto Miriam pegava num jornal e o perscrutava avidamente.

- Raios me partam - ergueu a página desportiva. O cabeçalho dizia: «Concorrente Surpresa em Corrida de Barris!» Por baixo: «Cavaleira amadora e égua Cracker local vão competir contra profissionais de topo.»

Lily olhou para mim com os olhos a brilhar enquanto acariciava o focinho de *Estrela.*

- Eu sabia que ias conseguir. Vês, não és estúpida, não és burra. És apenas diferente.

- Vamos ganhar! - exclamou Joey, ofegante. Lula estendeu a mão e aumentou o oxigénio. - Porque a *Estrela* é especial, como nós!

Ben aproximou-se, atrás dos outros. Olhámos um para o outro, preocupados.

Havia tanta coisa em jogo.

Ben

- Queres encontrar-te comigo esta tarde num sítio onde podemos estar sozinhos durante uma hora? Tenho uma cabana junto de um pequeno lago, no outro lado do pântano.

- Sim - disse Karen.

- Não é nada especial.

- Não preciso de nada especial.

Eu tinha feito uma remodelação rápida na cabana do amor. Não queria que fosse o mesmo sítio onde sempre levara as minhas mulheres. Pintara de branco as paredes e substituíra o colchão por uma cama nova, com lençóis, almofadas, tudo a estrear.

Quando Karen lá chegou, eu já tinha a ventoinha a funcionar no parapeito da janela e uma jarra com margaridas em cima do único luxo da cabana - um pequeno frigorífico cheio de vinho, chocolate e garrafas de água.

- O chocolate é orgânico - disse-lhe.

Ela comeu um pedacinho e bebericou vinho branco.

Olhámos um para o outro.

- Diz - ordenei. - Aquilo que disseste nas Keys. Aquela maneira de o dizer que me agradou tanto.

- Quero que *tenhas conhecimento carnal ilícito* de mim. Ou, de outra maneira...

Não a deixei dizer mais nada.

Fomos para a cama.

***

- Acreditas na eternidade? - perguntou Karen. Estávamos sentados no alpendre da cabana, nus, a olhar para o lago. Eu tinha virado a ventoinha para nós, para afastar os insectos. O ar fresco sabia bem. Do outro lado do lago, uma pantera, negra como breu, estava deitada com as duas crias.

- *Painteras* - murmurou Karen.

Que alegria, ver no mundo moderno estes raros felinos da Florida, os mais selvagens de todos, em risco de extinção, mas aqui estavam elas, a viver em paz. Comigo e Karen a observá-las, juntos.

- Acreditas? - murmurou ela. - Na eternidade?

- Quero acreditar. E espero que seja assim.

Ela segurou-me na mão.

- Eu também.

De repente, toda a gente queria saber mais sobre Karen e *Estrela.* Quando demos por isso, apareceu um grupo de repórteres com a nossa agente publicitária pessoal, destacada pela World Sports Network.

Será que Karen os deixava arranjarem-lhe o cabelo e a maquilhagem e vestirem-lhe um biquíni?

Não.

E se fosse calças de ganga justas e uma camisola de alças à altura do umbigo?

Não.

Calções?

Não.

De certeza?

Sim.

- Está a violar o seu dever contratual de promover este evento - bufou a agente publicitária, irritada.

- E vocês estão a violar o meu bom gosto - retorquiu Karen. - Estou disposta a posar para fotografias de uma maneira, e apenas de uma maneira. Com as minhas roupas normais, ao lado das pessoas que realmente merecem atenção. As pessoas que salvaram a *Estrela* do cepo no leilão e que acreditam nela, e em mim, com uma devoção total e inabalável.

A agente publicitária disse que a World Sports Network queria mostrar as corredoras em roupas *sexy,* não proprietários de cavalos sem graça nenhuma.

- Está preocupada por os donos da *Estrela* não terem graça - retorquiu Karen - ou por eles não condizerem com a imagem entusiasta e atrevida da World Sports Network? Está com medo de que se babem ou tirem macacos do nariz? Garanto-lhe que têm muito mais charme e classe do que os homens de *Neanderthal* que sintonizam a World Sports Network para ver programas como «Mulheres Escaldantes no Basquetebol» ou «As Miúdas das Festas do Desporto Universitário».

Esta pequena batalha prolongou-se durante dois ou três dias, enquanto um grupo de fotógrafos aguardava à sombra, à beira do Little Hatchawatchee, a beber chá gelado e a olhar com desconfiança para *Gator.* Um dia, a agente publicitária recebeu um telefonema do patrão. Alguns dos patrocinadores do programa, grandes empresas, tinham ouvido falar, de alguma forma, do rancho e das pessoas que trabalhavam nele; tinham ouvido falar de como Joey, Lily e os outros tinham salvado *Estrela* de ser transformada em comida para cão. Queriam essa história, não fotografias de Karen em biquíni.

- Muito bem, ganhou. Vamos atacar o ângulo sentimental - disse-nos a agente publicitária.

Karen usava o sistema e o sistema trabalhava a nosso favor, sempre.

Capítulo 23

Ben

Pela primeira vez nas suas vidas, os trabalhadores do meu rancho eram estrelas. Tiraram-lhes fotografias, foram filmados enquanto trabalhavam, responderam a entrevistas. Joey posou na sua cadeira de rodas, ao lado de *Estrela,* e esta baixou a cabeça cicatrizada e encostou o focinho à cara dele. Essa fotografia apareceu em imensos jornais do Sul e correu o mundo através da Internet.

O meu irmãozinho não cabia em si de felicidade. Estas memórias sustentá-lo-iam durante muito tempo. Tentei não pensar que podia ser a última grande alegria da sua vida.

- Vamos tirar uma fotografia da Karen com os pais adoptivos - disse um fotógrafo, um dia.

Karen estacou abruptamente.

- Desculpe?

- O Mac e a Lily. As pessoas com quem vive. Eles têm orgulho em tudo o que você faz. É como se a tivessem adoptado.

Depois de alguns segundos estranhos, em que temi que Karen chorasse, ela acabou por concordar.

Glen telefonou.

- O meu irmão está na primeira página do jornal de Jacksonville, com a Lily, aquela égua feroz e a Karen Johnson. Achaste que eu não merecia ser informado sobre esta corrida de barris ridícula?

- Calculei que não te importarias. Claro que, se a *Estrela* ganhar, o Mac receberá a sua quota-parte do milhão de dólares. Toda a gente receberá um quinhão igual.

- É impossível que aquela égua louca e inútil ganhe. Isto é apenas mais um esquema bizarro da Karen Johnson. Não me agrada. Vai ser uma humilhação para o meu irmão.

- Ah, sim? Pelo que vejo, ele nunca esteve tão feliz em toda a sua vida. Sabes, Glen, ele não precisa de ser o melhor dos melhores. Não precisa de vencer para ser feliz. Ele e a Lily ficam contentes só por terem uma oportunidade de serem tratados como pessoas normais. É tudo o que sempre quiseram. Serem levados a sério.

- Fico muito sensibilizado com a tua defesa das pessoas com problemas mentais. Fico mesmo. Mas ele é *meu* irmão e eu é que sei o que é melhor para ele.

- Está bem. Vem até cá fazer-lhe uma visita. Vê com os teus próprios olhos como ele está bem.

- Vou esperar algum tempo. Desde que a Karen Johnson se vá embora no Outono.

- Já te disse que essa decisão é dela.

- Não tentes dissuadi-la.

O aviso já vinha demasiado tarde, mas não lho disse.

Kara

Em que outro lugar poderíamos fazer a festa de despedida antes da partida para Orlando, a não ser no bar de Phil?

Foi uma festa maravilhosa. As sereias vieram, muitos dos rancheiros do Norte da Florida vieram, e ainda Bettie e Woodrow, Tom D. e a mulher, os nossos vizinhos de Fountain Springs, pessoas relacionadas com os espectáculos hípicos, entusiastas dos cavalos Cracker e representantes dos índios Seminole. Era uma comunidade fantástica.

Ben e eu dançámos um samba, mas mais contido do que da primeira vez. Havia demasiados olhos sobre nós. Mesmo assim, acabámos nos braços um do outro, a sorrir. A banda começou a tocar uma canção *country-western,* e fomos rodeados por pessoas sorridentes que nos davam palmadinhas nas costas. Não reparámos. Nem sequer nos mexemos.

Recuperámos o fôlego, fumámos um cigarro e tentámos não parecer obviamente enamorados. Um segundo depois, apercebi-me da aproximação de Miriam. A sua voz rouca explodiu nos nossos tímpanos.

- Ben! Elas devem ter visto as histórias sobre ti e a Karen nas notícias. Eu avisei-te há que tempos, *não avisei?*

Ben olhou na direcção para onde ela estava a apontar. Eu fiz o mesmo.

Estávamos a ser observados por quatro mulheres com um ar infeliz.

Tive o mau pressentimento de que não eram desconhecidas.

Ben

Joey e *Ruibarbo* ressonavam por baixo dos lençóis da *Guerra das Estrelas* e *Grub* dormitava ao meu colo, mas eu ainda não tinha dormido nada. Não conseguia esquecer o desastre da festa.

Portara-me mal com quatro das minhas melhores amigas, e sabia-o. Devia ter-lhes contado sobre Karen desde o primeiro dia. Eu soubera nesse mesmo dia que a minha vida tinha dado uma reviravolta. E devia ter falado sobre elas a Karen.

Elas estavam magoadas e zangadas. Tudo o que pude dizer-lhes foi:

- Não culpem a Karen, culpem-me a mim.

E foi o que fizeram.

Karen teve muita classe. Quando elas saíram, acompanhou-as até à rua. Não sei o que disseram, mas diabos me levem se ela não acabou a abraçá-las.

Posso dizer uma coisa em minha defesa: sei escolher mulheres que se respeitam a si próprias e que respeitam as outras mulheres.

Sentia-me como um cão, mas esse era um dos poucos aspectos positivos.

Quando regressámos ao rancho, Karen abanou a cabeça quando eu tentei dizer alguma coisa e seguiu directamente para a caravana de Mac e Lily.

Tap, tap, tap.

Possum era o nosso guarda-nocturno. Estava a bater com os nós dos dedos na janela de Joey. Eram três da manhã. Olhei para a janela de olhos semicerrados. Possum espreitou para dentro do quarto. Sob a leve claridade da luz de presença de Joey, em forma de uma nave espacial do *Caminho das Estrelas,* Possum parecia ainda mais esquisito do que era. Nariz comprido, olhos pequenos, boca nervosa.

Mandei-o embora com um gesto.

Tap, tap, tap. Fingi estar a dormir. Às vezes, Possum vinha à janela de Joey só para dizer um olá no código de Possum. Eu acenava-lhe sempre e ele regressava ao celeiro. Geralmente, tudo o que queria era que eu lhe acenasse. Não me apetecia levantar-me da poltrona para conversar, às três da manhã.

Tap, tap, tap.

Ah, bolas. Levantei-me, com os ossos a estalar, como os de um velho, e aproximei-me da janela. Abri só uma fresta para o ar condicionado não sair. O coração de Joey precisava do ar fresco.

- O que se passa, Possum?

Ele apontou para o celeiro.

- A Karen está a falar com a *Estrela.* Estão lá fora, no picadeiro. Estou preocupado. Os cavalos precisam de dormir muito. Caso contrário, têm *pesadelos.* Podes ir dizer à Karen que pare de falar para que a *Estrela* possa ir para a cama?

Kara

Estrela e eu percorremos o circuito dos barris, no escuro. Já tínhamos dado uma dúzia de voltas, sobre o solo arenoso, lado a lado. As estrelas cintilavam no céu; uma leve brisa agitava os carvalhos; as barbas-de-velho baloiçavam gentilmente, como *écharpes* de plumas à volta do pescoço de uma mulher que acena.

Vi os meus pés descalços e os cascos escuros de *Estrela* levantarem pequenas nuvens de areia, à luz de uma lanterna a pilhas. O meu pijama, uma prenda de Mac e Lily, tinha um padrão de margaridas amarelas.

- A Paula é gerente do consultório de um grupo de médicos em Tallahassee - disse eu a *Estrela.* - E a Suzie dá aulas ao sétimo ano numa escola em Gainesville.

Estrela agitou-se, como que espantada por eu já saber tantos pormenores sobre as outras mulheres de Ben.

- A Cathy é gestora de conta na sucursal do Banco Sun Farm em Ocala - continuei. - E a Rhonda é contabilista de uma empresa de refrigerantes. As quatro são divorciadas. As quatro estão a criar os filhos sozinhas. As quatro são mulheres trabalhadoras, sensatas, simpáticas. Não estamos zangadas umas com as outras. Elas disseram-me que algo já tinha mudado no Ben mesmo antes de eu chegar. Que ele andava macambúzio e distante como nunca o tinham visto. Disseram-me que havia algo a atormentá-lo, mas que ele não diz o que é. Estão preocupadas. Pediram-me que tomasse conta dele.

Estrela agitou-se de novo, como se estivesse escandalizada com a forma graciosa como eu aceitava as múltiplas parceiras sexuais de Ben.

- Não julgues que não sou, neste momento, um poço de infelicidade e ciúmes - disse-lhe num tom de voz abatido. - Sempre fui a maior defensora do sexo seguro. Do *sexo monógamo.* Mas o que será pior? Um homem que mantém o mesmo pequeno grupo de mulheres durante anos, ou um homem que vai para a cama com uma série de estranhas? A Paula e as outras disseram que eu devia ser especial, que os sentimentos dele por mim o tinham deixado obviamente diferente. Dizem que não parece coisa dele enganá-las. Ou a si próprio.

Caminhámos em silêncio durante alguns minutos, recomeçando o circuito. Dirigimo-nos ao primeiro barril, cujo material reflector emitia um leve brilho cor de laranja na escuridão.

- Presumo que ele pense que eu sou parecida com elas. Que sentir-me-ia *honrada* por fazer parte dessa tribo. Quero acreditar que sou trabalhadora, como elas, que tenho substância e que podia ser uma boa mãe solteira, se fosse preciso. Mas a verdade, *Estrela,* é que *não* sou como elas. Olha para o tipo de mulher com quem ele se sente confortável. Elas não são ricas. Não têm posições de poder. São iguais a ele. É esse o tipo de mulher que ele quer.

«Não há nada que eu possa dizer-lhe que o consiga convencer de que eu e ele também somos iguais. Não posso livrar-me do dinheiro todo e fingir que sou realmente a Karen Johnson. Os meus pais deixaram-me uma fortuna para eu poder fazer com ela algo de bom, tal como eles tentaram fazer. Não posso ignorar isso. Não posso continuar a esconder a minha identidade. Tenho andado a iludir-me, na esperança de eu e o Ben termos um futuro juntos.»

Estrela encostou o nariz aos barris quando os contornámos, com desdém mas aceitação.

- Estás a ver? - disse-lhe desanimada. - A vida não é escoicear os barris. É lidar com eles à medida que os alcançamos.

Limpei os olhos enquanto nos dirigíamos ao segundo barril. Lágrimas, não. Chorar era inútil.

- E tenho andado a iludir-me quando penso que o Mac e a Lily alguma vez reconhecerão a minha existência. É evidente que não estão interessados em desenterrar o passado. Não quero confrontá-los, exigir-lhes respostas, envergonhá-los ou humilhá-los.

Chegámos novamente ao terceiro barril. *Estrela* contornou-o sem lhe tocar.

- Muito bem! - a minha voz era rouca. - Temos de nos reconciliar com os obstáculos que não conseguimos derrubar. Admitir que fazem parte de algo que não foi desenhado por nós e que nem sempre podemos alterar. Não somos nós que fazemos as regras.

Caminhámos em direcção ao portão. Levei-a para a cocheira, para a sua cama macia de aparas de madeira. Ela aceitara os marcos inalteráveis da competição, os postes que não podiam ser derrubados, apenas contornados.

E eu também.

Ben

Aproximei-me quando Karen saía do celeiro. Ficámos ali parados, mudos, olhando um para o outro sob o brilho de uma lâmpada de segurança salpicada de mosquitos.

- Diz-me o que tens a dizer - pedi-lhe. - Eu sei que me portei mal com toda a gente. Não pensei. Se *tivesse* reflectido, ter-lhes-ia falado sobre ti há muito tempo. Mas não estava à espera disto.

- Vou aceitar isso como um elogio.

- Eé.

- Fiquei perturbada quando as conheci, admito, mas agora já estou bem. Gostei delas. Mas... não quero ser a número cinco no calendário rotativo.

- Isso acabou. Já tinha acabado antes de teres entrado na minha vida.

- Porque deixaste de as ver?

- Tinha muita coisa na cabeça. Sabes, não são só as mulheres que têm uma dor de cabeça de vez em quando.

- Elas estão preocupadas contigo.

- Eu sei.

- Vais dizer-me qual é a razão da «dor de cabeça»?

- É algo com que tenho de lidar sozinho durante mais algum tempo. Já tens muito com que te preocupar, com a corrida de barris e tudo o mais. Não vamos falar nisso, está bem? Prometo que te contarei em breve.

- Ben... estás doente? Há algum problema...

- Oh, raios, não. Não. Desculpa. Não queria causar-te essa preocupação. Não tem nada a ver comigo. E também não são problemas de dinheiro. Mas neste momento não consigo dizer mais nada. Nem a ti, nem a ninguém - ofereci-lhe um sorriso cansado.

Se a boa sorte gera boa sorte, o mesmo se pode dizer do azar. É melhor não o alimentar.

Silêncio. Percebi o seu olhar triste.

- Não posso insistir para que confies em mim quando tenho tanta coisa para te contar sobre mim própria que ainda não estou pronta para partilhar.

- Bem visto. Vamos fazer um acordo. Depois da corrida, tu contas-me a mim e eu conto-te a ti. Está bem?

Ela engoliu as lágrimas, sorriu e anuiu.

- Está bem.

Queria abraçá-la, mas sou inteligente o suficiente para saber quando uma mulher precisa de se afastar durante algum tempo.

Acompanhei-a à ponte. Despedimo-nos sem nos tocarmos. Fiquei a olhar para ela até a ver chegar à caravana de Mac e Lily. Eles tinham-se levantado e acendido a luz por cima da porta, para ela. Karen parou ao fundo dos degraus, no meio dos enfeites com margaridas, e olhou para mim.

Parecia a pessoa mais triste à face da Terra. A seguir a mim.

***

Faltavam dois dias para o fim-de-semana do Dia do Trabalhador. Dois dias para a grande corrida. Havia uma parede entre Karen e eu, mas tinha janelas. Janelas de oportunidade. Eu não ia desistir.

Apesar disso, o meu coração parou quando entrei na cozinha, uma tarde, e não a encontrei. Não havia calor, não havia cheiros deliciosos nem a azáfama de Karen a tratar dos preparativos para o jantar. Estava tudo calmo, arrumado e silencioso. *Vazio.* Um lagarto ensonado olhou para mim do parapeito da janela.

Abri a porta do frigorífico e vi grandes tigelas de comida preparada, tapadas com película aderente. Corri para o quarto de Joey. Ele estava a dormitar na sua cama. A garrafa de oxigénio sibilava como uma cobra. Miriam ergueu os olhos do caderno de desenho. Ela, Lula e Teegee iam usar o dinheiro de Steven Spielberg para criar fatos novos para as sereias.

- Onde está a Karen? - murmurei, tão descontraidamente quanto consegui.

- Não está cá - disse Miriam baixinho.

Senti um nó no estômago. Fiz-lhe sinal para que me seguisse. Na cozinha, tentei não mostrar que estava preocupado.

- Onde foi?

- A Jacksonville. Disse que precisava de fazer umas compras. Ainda não teve um dia de folga desde que aqui chegou, por isso...

- Levou a Lily?

- Não. A Lily está no celeiro com o Possum e a Lula. A *Miss Doolittle* está a parir. Eu disse à Lily que te avisava assim que a égua...

Eu já ia a caminho da porta das traseiras.

A harpa de Karen estava ali, ao lado de uma pilha de folhas de música. Ela andava a ensaiar mais canções de Elvis, para entreter Joey. Olhei para a harpa. Não se iria embora sem ela, pois não?

- Qual é o problema? - perguntou Miriam atrás de mim.

- Onde está o *Grande Azul*? - era como eu chamava a arara. Não conseguia tratá-lo por *Mr.* Darcy.

- Não sei. Anda sempre por aí. Às vezes empoleira-se na cerca do terreiro das galinhas, a grulhar.

Dirigi-me ao terreiro. Não vi arara nenhuma por perto. A seguir fui à cavalariça, fazendo um esforço para manter a calma. Se Karen se tivesse ido embora de vez, eu tinha de manter a cabeça fria para que o pessoal não ficasse ainda mais perturbado. Corri para o celeiro e dirigi-me ao grupo reunido à volta de uma das cocheiras maiores. Todos os meus trabalhadores estavam ali, sujos de terra, suados e cansados de um dia a tomar conta do gado, mas, apesar disso, sorridentes.

Mac tinha um braço à volta de Lily. Lily virou-se para trás e sorriu-me.

- Bebés! A *Miss Doolittle* e o *Cougar* tiveram gémeos! Espera só até a Karen voltar! Vai ficar tão contente! Ela gosta muito de bebés.

- Ela disse-te que voltava à noite?

- Sim - o sorriso de Lily fraquejou. - Ainda não é de noite, pois não? A noite só começa depois de o sol se pôr trás do pântano. Porque estás com essa cara preocupada?

Pensar depressa.

- Ah, é só porque... prometi-lhe que dava os... amendoins do jantar ao *Grande Azul*. Onde é que ele está?

A expressão de Lily iluminou-se.

- A Karen deixou-o na nossa caravana. Quando está muito calor ele gosta do ar condicionado.

- Vou dar-lhe de comer.

Afastei-me com passos largos e rápidos. Depois de atravessar a ponte sobre o rio acelerei o passo e, assim que entrei no bosque e fiquei fora do alcance da visão de todos, corri o mais depressa que pude. Passei como um raio pelas cabanas e pelas outras caravanas, parei no pequeno jardim cheio de margaridas de Mac e Lily, subi os degraus a correr e abri a porta de rompante. Esta dava directamente para a pequena cozinha e cantinho de refeições. Não vi o pássaro em lado nenhum.

- Grande Azul*!- gritei.*

Silêncio.

Entrei na sala. Nada de pássaro.

- Darcy!

Nada. Nem um guincho.

Percorri o estreito corredor, passando por quadros de margaridas e pela porta do quarto de Mac e Lily. Ao fundo do corredor, levei a mão à maçaneta

do quarto de hóspedes. Lily até pintara uma margarida na maçaneta. Respirei fundo e empurrei a porta.

Mr. Darcy estava num poleiro junto da janela. Tirou a cabeça azul de baixo da asa e olhou para mim com ar ensonado.

- Jesus é Salvador - disse, e bocejou. - Louvado seja o Senhor - acrescentou. Dale andava a ensinar-lhe a sua linguagem bíblica.

Respirei fundo e sentei-me numa cadeira de madeira pintada com margaridas. Vi a escova de cabelo de Karen e o seu protector solar em cima da cómoda. Os sacos de lona que ela usava como malas estavam pendurados num gancho, na porta do armário. O pijama de margaridas estava em cima da colcha de margaridas, e o seu outro par de sandálias *hippies* muito bem arrumado debaixo da cama.

Então ela não estava tão magoada ao ponto de decidir ir-se embora mais cedo.

O meu olhar incidiu numa pilha de cadernos em cima da mesa-de-cabeceira. Metade pareciam novos; os restantes estavam usados e muito desfolhados. Em cima dos cadernos estavam algumas canetas. Antes que o meu cérebro conseguisse reagir, eu já estava de pé ao lado da mesa-de-cabeceira. Afastei as canetas, abri o caderno de cima e folheei as primeiras páginas.

Listas. Listas diárias. Animais selvagens avistados, pássaros contados, bezerros vacinados, potros desmamados. As ementas das refeições. O que fizera para o almoço na véspera. Expressões engraçadas que ouvira do farmacêutico em Fountain Springs. Todo o tipo de detalhes engraçados e interessantes sobre a vida no rancho. O tipo de coisas em que praticamente ninguém repara.

Ela reparava.

Franzi o sobrolho. Que pensar disto? Passei mais algumas páginas e continuei a ler. Depois apercebi-me de que estava a fazer algo muito feio. Ela nunca entrara à socapa no meu escritório para bisbilhotar.

Fechei o caderno, voltei a pôr tudo como estava e saí. Provavelmente nunca viria a compreendê-la, nunca descobriria de onde ela viera ou para onde ia. Mas o nó que sentia no estômago dizia-me que se ela *realmente* partisse, se eu entrasse no seu quarto e não visse qualquer sinal dela, esse seria o quarto mais vazio do mundo.

Kara

Sedge e eu estávamos sentados junto à janela enorme do quarto de hotel, um arranha-céus em Jacksonville, com vista para o rio St. John e para a baixa da cidade.

- Gosto deste sítio - disse Sedge. - A vista faz-me lembrar o porto de Xangai por volta de mil novecentos e cinquenta e cinco, embora com iates e pontes de ferro em vez de barcaças carregadas de ópio.

Peguei-lhe na mão.

- Estou muito feliz por teres decidido vir para assistir à corrida.

- Não a perderia por nada. O Malcolm chega esta noite. Vamos alugar um carro para ir a Orlando amanhã. Ele está muito entusiasmado.

- Sedge... é quase Outono. Não precisas de te preocupar mais com a minha situação. Vou deixar o rancho em breve.

Ele estudou-me com desconfiança.

- Devia ficar contente por ouvir isso.

- Pois devias.

- O que se passa?

- Não estou mais perto de descobrir a verdade sobre o meu nascimento. Talvez seja melhor para o Mac e a Lily não se verem apanhados entre mim e o Glen. E acho que não tenho futuro com o Ben. Ele nunca se sentirá confortável com outra mulher que, na ideia dele, tem o poder de o *possuir.*

- Tenho muita pena, a sério.

- Ele é um homem maravilhoso.

- Preferias nunca ter vindo à Florida?

- Não, nem pensar. *Quero* continuar envolvida com o rancho. Quero arranjar uma maneira de ir canalizando «boa sorte» para o Ben depois de me ir embora. E tenciono fazer parte da vida do Mac e da Lily, mesmo que seja à distância. Não vou permitir que o Glen os separe. É importante que o Ben tenha recursos, para que o Glen não consiga manipulá-lo, nem a ele nem ao Mac e à Lily. Posso não tomar conta deles pessoalmente, mas serão sempre os meus...

- Os teus pais - disse Sedge gentilmente. - Não faz mal chamares-lhes assim.

- E eu *amo-os,* apesar de não poder ser reconhecida como sua filha.

Sedge concordou, mas não parecia vitorioso.

- Quando partires, tu e eu vamos sentar-nos e encontrar várias oportunidades de negócio lucrativas, que podem surgir *por acaso* no caminho do Ben.

Olhei para ele com lágrimas nos olhos.

- Búfalos-de-água. Quero que ele tenha uns búfalos-de-água.

Ben

Nessa noite, debrucei-me sobre a secretária no meu escritório. Tentei concentrar-me nas contas para pagar, mas só conseguia pensar na Karen.

Miriam bateu à porta.

- A Karen chegou. Foi para o celeiro ver basebol. Trouxe uma caixa do gelado preferido do Joey. Achei que gostarias de saber.

Tentei não parecer ansioso por chegar à sala de televisão comunitária, mas pus-me lá em menos de nada. Estavam todos refastelados nos sofás, a comerem

as pipocas que Karen fazia com milho verdadeiro. Ela proibira os pacotes para microondas. Por causa dos químicos do papel, dissera.

Joey, com uma tigela gigante de gelado nas mãos, sorriu-me da sua cadeira de rodas. Mac e Lily olhavam alternadamente de mim para Karen, com ar esperançoso. Karen ergueu os olhos da placa eléctrica na cozinha improvisada a um canto e despejou mais uma dose de pipocas doces para uma tigela de louça. Tinha o rosto tenso e pálido; os olhos azuis pareciam muito grandes e tristes.

- Encontraste o que querias em Jacksonville? - perguntei.

- Foi só um passeio à cidade grande - disse, por fim. - Trouxe gelado para o Joey. E comprei um tapete com margaridas para a casa de banho do Mac e da Lily. E um brinquedo novo para *Mr. Darcy.* Ele atirou os seus blocos de madeira para o pântano, tentando acertar num corvo-marinho que andava à pesca. Ele acha que os corvos-marinhos são antinaturais. Na opinião dele, nenhum pássaro devia poder mergulhar.

Era uma conversa estranha, mesmo para os nossos padrões. Mas eu estava tão contente por vê-la!

Malditos corvos-marinhos manhosos - disse.

Ela sorriu.

Desviámos o olhar.

Parte Quatro

«Haverá pequenos obstáculos e desilusões por todo o lado, e todos temos tendência a esperar demasiado; mas depois, se um esquema de felicidade falhar, a natureza humana volta-se para um outro; se o primeiro cálculo está errado, fazemos um segundo melhor; encontramos sempre conforto em algum lado.»

Jane Austen, Mansfield Park

Capítulo 24

Kara
Arena The Groves, Orlando

- O que se passa? - perguntou Lily, apertando-me a mão. Estávamos ao lado de uma enorme arena coberta, no meio da gigantesca comunidade «para uma vida de elite» de J. T. Jackson. The Groves ficava apenas a alguns quilómetros da Disneylândia. - Pareces tão triste. Estou assustada. Olha para esta gente toda! E *tu,* estás assustada? Preferias estar no desfile de moda? Ainda bem que não estás. Não quero que as pessoas te vejam de roupa interior.

- Estou só a pensar, mais nada - respondi a Lily. - E também estou contente por não estar no desfile de moda.

A Corrida de Barris para *Cowgirls* de Um Milhão de Dólares era um evento promocional multifacetado concebido para apresentar J. T. Jackson como um homem importante. Tal como uma aranha que tenta agarrar todos os insectos que passam por perto.

A corrida era o ponto alto de um elaborado festival de três dias que incluía arte, comida, música, um *rodeo* para crianças e eventos para televisão, como o Desfile de *Lingerie* para *Cowgirls*, apresentado por Tami Jo Jackson. Na *passerelle* desfilariam ela e algumas das suas amigas do mundo dos cavalos. Equipas de filmagens da World Sports Network estavam a cobrir o desfile de todos os ângulos.

Eu estava positivamente borrifando-me. Estava concentrada na corrida. *Estrela* e eu tínhamos de conseguir dois bons tempos na sexta-feira e no sábado para ficarmos entre as vinte melhores. No domingo à noite, os vinte melhores cavalos correriam três vezes cada um e aquele que fizesse a melhor média da noite ganharia o milhão de dólares. A Arena The Groves tinha uma lotação para vinte mil pessoas.

Estava esgotada para domingo à noite.

Estrela e eu não tínhamos qualquer hipótese lógica de chegar à final. Provavelmente seríamos atropeladas pelas equipas de filmagens antes de chegarmos à arena. Eu já tinha sido entrevistada cinco vezes e ainda nem sequer eram dez da manhã.

- Vamos comprar um *latte* e muesli para o pequeno-almoço - disse a Lily. Depois de uma noite sem dormir, no quarto de motel em Orlando, precisava de cafeína e cereais integrais.

- O que é *latte* e muesli?

- Café com leite e cereais, mas mais caros do que o habitual.

Dirigimo-nos a uma banca no pavilhão de cozinha *gourmet* na área dos concorrentes. Os seguranças olharam para as nossas identificações e deixaram-nos entrar. Estacionados para lá das tendas estavam filas e filas de atrelados

para cavalos fabulosos. Não, não eram apenas atrelados. Eram caravanas para cavalos. Eram instalações de viagem topo de gama, para as corredoras profissionais que atravessavam o país com os seus cavalos campeões e respectivos treinadores.

- Olha para aqueles *autocarros* para cavalos! - disse Lily.

- Os cavalos vivem na parte de trás, as cavaleiras na parte da frente.

- Aquele é quase tão grande como a minha caravana! E muito mais moderno.

Sorri-lhe.

- Mas a tua não cheira a estrebaria.

Ela riu-se. Encontrámos uma mesa e tomámos o pequeno-almoço. Encomendei refeições para levar para Ben e Mac, que estavam acampados ao lado da cocheira de *Estrela.* Tom D. Dooley, Shakey Baker e outros vizinhos estavam a cuidar do rancho de Ben durante o fim-de-semana. Miriam e Lula chegariam à tarde, trazendo Joey e o resto do pessoal.

E a primeira noite de competição começaria às seis da tarde.

Os meus joelhos tremeram.

***

- Sai daí - ordenou Lula.

- Senão vamos buscar-te - ameaçou Miriam.

Eu estava dentro do atrelado para cavalos de Ben. Ao contrário dos elegantes «autocarros para cavalos», que tinham vestiários, tive de mudar de roupa entre os sacos de feno e os baldes de água de *Estrela.*

- Tenho *mesmo* de usar o chapéu? - perguntei através do respiradouro da porta lateral.

- Tens, sim - disse Lula. - Todas as cavaleiras usam chapéu. É uma regra.

- Espero que voe.

- Isso não vai acontecer depois de nós o prendermos ao teu couro cabeludo com ganchos.

- Vá lá, Karen - incentivou-me Lily.

- Sai, Karen - ordenou Dale.

Saí furtivamente. Não tinha nada contra a indumentária à Oeste, mas sentia-me como uma *cowgirl* falsa num rancho a fingir. Até Roy e Dale pareciam mais autênticos do que eu, com as suas camisas de cores vivas cheias de franjas.

Mas Miriam, Lula, Lily e Dale sorriram.

- Bonita como um pirilampo no pântano numa noite de Verão - disse Lula.

Eu esperava parecer-me com algo que tivesse menos pernas e um rabo mais pequeno.

Ben

As mulheres praticamente tiveram de arrastar Karen para a zona de bastidores da arena. Eram três da tarde e os promotores tinham marcado sessões fotográficas com os cavaleiros e os cavalos. Possum segurava *Estrela,* que estava bastante elegante, com a sela oleada e a pelagem cinzenta escovada até brilhar.

Sim, ainda era uma desconhecida de focinho marcado ao lado dos outros cavalos profissionais e elegantes, com o seu equipamento de alta tecnologia, mas nessa fase já todos tínhamos aceitado a realidade de sermos a ovelha negra do concurso. Pelo menos estávamos ali. Isso, por si só, já era um milagre.

- Aqui está ela, a nossa estrela - berrou Miriam. - Que interessa se não foi convidada a participar no desfile de roupa interior da Tami Jo?

Eu e os outros homens do rancho Thocco olhámos para ela boquiabertos. À excepção das calças de ganga, Karen estava toda cor-de-rosa. Botas cor-de-rosa; uma camisa à Oeste cor-de-rosa; uma fita cor-de-rosa entrançada no cabelo e um chapéu de *cowboy* cor-de-rosa, com uma fita cravejada de turquesas, cortesia da Associação Cívica de Fountain Springs, que lhe entregara o chapéu extravagante numa cerimónia antes de partirmos para Orlando.

Olhei para ela e pensei: «É *sexy.* Para mim, resulta.»

- Não está mal - disse, num tom relutante.

Ela semicerrou os olhos.

- Não precisas de me dar graxa. Sei que estou extremamente *cor-de-rosa.* Disse à Lily que usaria a cor que ela escolhesse. Não pensei que fosse *cor-de-rosa.*

- Não gostas de parecer uma *cowgirl*? Cor-de-rosa ou não, estás vestida para um *rodeo.*

- É um uniforme que não conquistei. Talvez seja por isso que o acho estranho.

- Então vai conquistá-lo.

Ela mordeu o isco. Ergueu o queixo e ajeitou o chapéu cor-de-rosa.

- Está bem, assim o farei.

***

Tami Jo Jackson não estava nada satisfeita.

Na sessão fotográfica, o produtor de televisão anunciou a ordem da competição dessa noite e a lista colocava Tami Jo e Karen nas últimas vinte.

- São os melhores lugares - queixou-se Tami Jo alto e bom som, em frente de todas as outras concorrentes, dos fotógrafos e de várias pessoas da World Sports Network. - É dessas concorrentes que o público está à espera. Deviam colocar em último lugar as cavaleiras mais conhecidas e os cavalos campeões - apontou para Karen. - Por que raio é que ela e aquela égua feia têm um dos melhores lugares?

Um produtor mais corajoso avançou.

- Foram os patrocinadores e o pessoal do *marketing* que assim o determinaram, Miss Jackson.

- Quero a ordem alterada.

- Lamento, mas já não é possível.

- Vou falar com o meu pai!

- Miss Jackson, esta foi uma decisão executiva. Tem a ver com o espectáculo. As pessoas do público querem ver competir os menos favoritos, quem tem menos probabilidades de ganhar. Ficarão a ver até mais tarde.

- Vou apresentar queixa. E as outras concorrentes também.

Muitas das outras cavaleiras olharam para Tami Jo de lado, como se estivessem a pensar: «Não contes com isso», já que o seu ataque de histerismo fazia com que parecesse que todas as outras estavam apenas a roubar-lhe tempo de antena. Mas o seu círculo de bajuladoras lançou olhares furiosos a Karen.

- Elas odeiam-me - murmurou-me Karen. - Odeiam-me por estar aqui, por lhes roubar as luzes da ribalta. E, acima de tudo, odeiam-me por não ter conquistado esse direito, por o ter comprado.

- Elas também o compraram. Cinquenta mil dólares cada uma.

- Sim, eu sei. Mas elas têm provas dadas, e eu não.

- O teu lugar não é aqui! - gritou Tami Jo a Karen. - Não és nada! Não és ninguém!

Karen inflamou-se como uma tocha.

- Aproxima-te mais para dizeres isso. Tenho aqui um punho que encaixa mesmo bem nos teus dentes.

- Experimenta lá bater-me com esse punho *gordo e sardentol* Desafio-te!

Puxei Karen para junto do atrelado e só a meio caminho achei que ela se acalmara o suficiente para a poder largar.

- Não percebes? Se agredires uma das outras concorrentes, serás *desclassificada* por conduta pouco desportiva. Ela está a tentar provocar-te. E tu estás a *deixar.*

Karen gemeu.

- Tens razão.

- Calma. Concentração. Isto é um jogo e tens de ter a atitude certa. Que importa o que ela te chama? Não és gorda. Tens a constituição de um muro de tijolos... és sólida. E eu gosto de todas as tuas curvas.

Ela baixou a cabeça.

- Eu sei que ainda tenho uns quilinhos a mais. Nunca serei uma florzinha delicada. Já aceitei esse facto. Mas há alturas em que alguém me diz a coisa errada e transformo-me novamente na menina a quem todos chamavam *Porquinha* no colégio interno. E, quando isso acontece, saiam da minha frente.

- Colégio interno? Andaste num colégio interno?

Ela emudeceu, depois retraiu-se. Finalmente, abatida, assentiu.

- Falaremos sobre a minha história pessoal para a semana, lembras-te do que combinámos? Para já, podes esquecer o que eu acabei de dizer?

- Sim, está bem.

- Obrigada.

Colégio interno.

***

- Querido Jesus - rezou Dale baixinho, no meio do nosso círculo ao lado do atrelado. - Por favor, olha pela Karen e pela *Estrela* e faz com que o seu tempo não seja mais do que quinze segundos e meio, porque o Ben diz que é o tempo que os melhores cavalos geralmente fazem. Ámen.

- Ámen - entoámos todos em coro. Quando olhei para Karen, que estava de mãos dadas com Lily e Mac, um de cada lado, ela estava a chorar.

- Não chores, vais irritar o pessoal da maquilhagem - ordenou Miriam, afastando o resto dos trabalhadores e limpando cuidadosamente com um lenço de papel os olhos carregados de maquilhagem de Karen.

Karen reprimiu as lágrimas.

- Respirar fundo... pronto. Desculpem. Às vezes, quinze segundos e meio parece-me muito pouco.

Joey olhou para ela.

- Lembra-te, nós não queremos saber se ganhas ou perdes, gostamos de ti de qualquer maneira - *Mr. Darcy* bamboleou-se em cima do ombro dele, como se tivesse compreendido. Roy, Cheech, Possum, Bigfoot e Lula acenaram em sinal de concordância. Lily abraçou Karen e Mac acariciou-lhe a trança ruiva. Deram-lhe uma margarida e Karen prendeu-a na fita do chapéu.

Depois olhou para mim, como se a minha aprovação fosse a mais importante para ela.

Eu tinha um nó na garganta que não me deixava falar. Levantei os polegares e esperei que ela compreendesse.

***

Dirigi-me às bancadas juntamente com Joey e o pessoal do rancho. Karen enxotara-me da área dos bastidores.

- O Joey precisa de ti ao lado dele - dissera. - Quanto menos pessoas estiverem a assistir ao meu ataque de nervos, melhor.

Era verdade. Mas Mac e Lily não suportavam estar longe dela. Tinham ficado para lhe fazer companhia.

Os funcionários da arena deram-nos lugares VIP, com acesso fácil por causa da cadeira de rodas de Joey. Mr. *Darcy* bamboleava-se no ombro dele. À nossa volta, toda a gente estava a tirar fotografias dele com o pássaro. Joey sorriu e acenou.

- Lembrem-se todos de olhar para os relógios e para os ecrãs de televisão - instruí. O tempo aparecia num grande ecrã digital com três lados, pendurado por cima da arena. Podíamos ver cada instante da corrida, até ao centésimo de segundo. - Podemos ver a Karen e a *Estrela* em grande plano. Não se esqueçam.

Eles olharam para cima em simultâneo.

- Gosto de as ver na televisão - disse Bigfoot. - Parecem mais reais.

Joey olhou em volta. Respirava com dificuldade.

- É ainda maior do que o concerto do Garth Brooks em Tallahassee!

Não, nem de longe. Mas, para ele, isto era maior do que qualquer outro evento na história do mundo.

Por isso, acenei afirmativamente.

- É o maior dos maiores. Não interessa o tempo que a Karen e a *Estrela* fizerem hoje... mesmo que não consigam chegar à final de domingo... vamos todos dizer à Karen como estamos orgulhosos dela, ok?

- Ok!

Olhei em volta, para Roy, Dale, Cheech, Bigfoot e Possum.

- Ok?

Eles aprovaram.

- Eu depois pago um gelado à Karen - disse Joey.

Dei-lhe uma palmadinha nas costas.

- Boa ideia.

Kara

As minhas mãos tremiam sobre as rédeas. *Quinze segundos e meio ou menos.* O objectivo ecoava no meu cérebro. *Quinze segundos e meio. Quinze segundos e meio.* E seria mesmo no limite. Já tinham corrido mais de oitenta cavalos. Tal como Ben calculara, os melhores tempos estavam todos abaixo dos quinze segundos e meio.

Olhei para um grande quadro digital na área dos bastidores, com a classificação até ao momento. O tempo mais alto da noite era de quinze segundos e oitenta e três centésimos. Os melhores e os piores tempos estavam separados apenas por fracções de segundo. Menos do que um batimento do coração.

Outra concorrente passou disparada pelo portão e parou na pista fora da arena. A multidão aplaudiu.

- Darla Waites e *King Joe Bar,* da Califórnia - troou o apresentador. - Quinze e vinte e dois!

Fracções. Batimentos cardíacos. O *meu* batimento cardíaco poderia ser medido em nanossegundos naquele momento.

- Quem é aquele homem que vem para aqui? - perguntou Lily. - Aquele homem alto e velho com ar de pessoa importante.

Virei *Estrela* no picadeiro de aquecimento.

- Qual? - a área dos bastidores de uma grande arena não era propriamente uma zona privada. Havia pessoas e cavalos por todo o lado.

Mac apontou.

- Aquele velho c-com um senhor bonito de m-mala.

- Não é uma mala. É aquilo a que a *Gucci* chama uma «bolsa de homem».

- Dava-me j-jeito uma bolsa dessas - disse Mac solenemente. - Para guardar as minhas coisas de homem.

Sedge olhou para mim, comovido.

- Peço perdão pela intrusão, *Miss Johnson.* Mas somos seus fãs e queríamos cumprimentá-la e desejar-lhe boa sorte.

- Adoro o traje cor-de-rosa - acrescentou Malcolm. - Essas botas? Pura perfeição.

- Queríamos apenas dizer-lhe que estamos a torcer por si. Aconteça o que acontecer. A sua paixão e a sua persistência impressionaram-nos - a implicação era clara. Estava a referir-se a muito mais do que esta competição.

- Nem imaginam como é importante para mim ouvir isso - acenei a Mac e Lily, que olhavam timidamente para estes dois desconhecidos. - Mac? Lily? Não é simpático da parte destes dois cavalheiros terem feito questão em vir desejar-nos boa sorte?

Eles sorriram. Sedge estudou-os com uma expressão gentil.

- Muito prazer em conhecê-los - fez uma ligeira vénia a Lily, que corou e se virou bruscamente para mim.

- Viste? - murmurou. Eu assentiu. Sedge estendeu a mão e apertou a de Mac. Mac parecia tão orgulhoso.

- Adoro o seu motivo com margaridas - disse Malcolm a Lily.

- Obrigada! - depois olhou para mim, insegura. - Tenho uma margarida no meu motivo?

- Número quatro-sete-dois, a postos - chamou o organizador dos bastidores. Com um gesto indicou-me que levasse *Estrela* para uma cocheira perto da pista de entrada.

- Tenho de ir - disse a Sedge e Malcolm. A minha voz tremeu de emoção. - Foi muito bom vê-los. Agradeço a vossa presença.

- Os nossos desejos de felicidades são muito sinceros - disse Sedge. - Desejamos o melhor para si e também para o Ben Thocco. Ouvimos falar muito bem dele.

- É tudo verdade.

- Óptimo. Estaremos nas bancadas a torcer por si e por *Estrela.*

E deixaram-nos. Vi-os afastarem-se com um sorriso emocionado. Sedge queria que eu soubesse que as minhas escolhas, fossem elas quais fossem, tinham a sua bênção.

- Gostei muito daqueles senhores simpáticos - disse Lily.

- Cheiravam m-muito bem - concordou Mac.

***

- Aqui vem o último par da noite! A *Estrela,* montada pela Karen Johnson, do Rancho Thocco, em Fountain Springs, Florida!

A encarregada da pista fez-me sinal. *Partida.*

Arranque. Inclinar-me sobre o pescoço de *Estrela.* Uma mão na sela. O impulso empurrou-me para trás. Para a frente, para a frente! Mais! Calcanhar direito a tocar no flanco direito de *Estrela.* Mantê-la em linha recta. Não podemos desperdiçar nem uma fracção de segundo.

Primeiro barril. Inclinar o peso para trás, um bocadinho só, deixar *Estrela* fazer o pivô, inclinar para a direita. Nariz para dentro. O dela e o meu. Deslizar, girar, SIGA!

Para o segundo barril. Chegar para trás, inclinar para a esquerda. Nariz para dentro. Deslizar, girar, inclinar para a frente, gritar. SIGA!

Para o terceiro barril. Deslocar, inclinar, nariz. Olhei para baixo. A biqueira da minha bota esquerda estava tão perto do barril que eu não conseguia ver o espaço entre ambos. Perna para trás. Pronto, espaço. Salva! Fracções. Batimentos cardíacos. JÁ ESTÁ. SIGA, SIGA, SIGA!

Deitei-me sobre o pescoço de *Estrela.* Alguns cavaleiros gritam, outros berram, outros ficam em silêncio.

Eu murmurei.

Voámos.

O portão. Um borrão indistinto. Endireitei-me, inclinei-me para trás, empurrei os pés para a frente, puxei as rédeas. *Estrela* derrapou e parou obedientemente, fazendo saltar a serradura sob os cascos. Respirei fundo, dei-lhe uma palmadinha no pescoço, virei-a. Caos.

Aplausos, pessoas aos gritos, *Estrela* a empinar-se. Não conseguia fixar o olhar no quadro dos totais. Toda a gente na área de bastidores parecia muito empolgada. Olhei para baixo quando Mac se aproximou da pista de entrada a correr. Com Lily ao colo. Ambos muito felizes.

- Conseguiste! - gritou Mac sem gaguejar.
- O relógio diz que sim! - gritou Lily.

Finalmente consegui acalmar *Estrela* o suficiente para olhar para o quadro das classificações.

Quinze e quarenta e nove.

Poucos minutos depois, Ben, Joey e os outros encontraram-nos no meio de uma multidão de fotógrafos, nos estábulos.

Abraços. Risos. Estupefacção. *Mr. Darcy,* empoleirado na cabeça de Joey, soltou um trinado.

- Acho que vou voltar para o hotel e beber uma *Margarita* dupla - disse a Ben. - Estou demasiado nervosa.
- Acho que vou fazer-te companhia, querida.

Querida. Olhou para mim com ternura. Olhei para ele da mesma forma.

Ben

O entusiasmo da primeira noite prolongou-se para sábado.

Não comi nada o dia todo. Só café. Nervos. Karen e *Estrela* tinham ultrapassado dois terços das melhores atletas das corridas de barris a nível nacional. Talvez fosse apenas sorte, uma única prova fantástica, e não voltasse a acontecer.

Mas acontecera. Independentemente do resultado seguinte, só essa primeira noite já seria uma recordação fantástica.

No sábado, o segundo dia da competição, Joey e os outros passaram o dia a posar para os fotógrafos. Até posaram com *Estrela* para um artigo na revista *Newsweek* sobre «os novos 'competentes' mentais». Eles não sabiam o que era a *Newsweek*, mas sabiam que era importante e que estavam a representar todas as pessoas como eles. O jornalista perguntou-lhes se estavam orgulhosos.

Oh, sim, muito.

Eram alguém.

Por causa de Karen e de *Estrela,* o mundo inteiro sabê-lo-ia finalmente.

Kara

Nessa tarde, apanhei um táxi, passei pelos enormes hotéis e complexos de entretenimento de Orlando, até à segurança do nosso motel barato, com intenções de me trancar no quarto durante uma hora ou duas. Precisava de andar de um lado para o outro, de vomitar, de tomar uma aspirina e de devorar as bolachas do enorme cesto de guloseimas VIP que a World Sports Network me enviara.

- Uma mensagem para si, Miss Johnson - disse o recepcionista quando passei apressadamente pelo átrio. Agora era uma corredora de barris famosa. Eles sabiam o meu nome. - Tem uma visita. O cavalheiro está à espera na pequena sala de reuniões ao fundo do corredor, do lado esquerdo.

Um visitante? Franzi o sobrolho agradeci ao recepcionista, peguei no papel e li a mensagem. Lentamente, percorri o corredor e bati à porta. Um assessor abriu-me a porta. Um guarda-costas afastou-se para o lado.

Entrei.

Um bilionário elegante e corpulento, ainda vestido com o traje da sessão de golfe matinal, ergueu os olhos do seu *whisky* duplo e da sua sanduíche.

- Durante todo o Verão - disse ele -, o Sedge conseguiu convencer a família de que estavas isolada, a fazer o luto, no Brasil. Mas esta manhã, estava com o ex-governador a ver televisão no seu clube privado em Coral Gables, e eis que te vejo na World Sports Network com um traje cor-de-rosa de *cowgirl,* montada numa égua cinzenta de aspecto peculiar. E disse: «Valha-me Deus, acho que aquela é a minha sobrinha. *Numa corrida de barris.*»

Respirei fundo.

- Deixa-me explicar, tio William.

Ele pousou a sanduíche e olhou para mim com expressão terna.

- Diz-me, foram uma revelação ou uma desilusão?
- Quem? - perguntei, desconfiada.
O seu tom, como já disse, era terno.
- Os teus pais biológicos - respondeu.

***

O meu pai tinha confessado ao tio William que eu era adoptada, muitos anos antes. Eu devia ter calculado. Embora ele e o tio William tivessem personalidades muito diferentes, sendo o tio William o tradicional conservador Whittenbrook e o meu pai o *hippie* rebelde, eram, afinal de contas, irmãos.

- Ainda me consideras uma Whittenbrook? - perguntei, com o queixo apoiado no punho, sentada à mesa da sala de reuniões.

- *Kara,* claro que sim. Uma vez Whittenbrook, Whittenbrook para sempre. Meu Deus, frequentaste *Yale.* Cresceste obrigada a comer o histórico pudim de figos dos Whittenbrook todos os Natais.

- Fiz o melhor que pude. Mas acho, como o meu pai disse uma vez, que o objectivo original desse pudim era tapar rachas nas paredes.

Ele riu-se.

- *Odeio* esse antigo pudim inglês dos Whittenbrook. Por mim, os antigos Whittenbrook ingleses podiam ter ficado com ele. Mas não há dúvida de que *é* potente. É o tipo de coisa capaz de alterar o ADN de uma pessoa. Segundo sei, tem o seu próprio marcador genético. Os efeitos são visíveis a um microscópio... genes de pudim de figo com o emblema de Yale.

Consegui sorrir debilmente.

- Nesse caso, *devo* ser uma Whittenbrook. E orgulho-me de o ser, apesar de estar a ser teimosa como uma mula.

- Como uma mula?

- Estou a regressar às minhas raízes. Sou uma *cowgirl,* afinal de contas.

- É perfeitamente aceitável.

- Quero muito representar os interesses dos meus pais, mas também tenho o Mac e a Lily para representar. Eles precisam de mim. Acredites ou não, acham-me fabulosa. Só não sei se devo dizer-lhes quem sou. Não sei se querem saber o que aconteceu à sua bebé. Ainda estou a pensar nisso. De qualquer maneira, tenciono continuar a fazer parte da vida deles.

- Compreendo. E concordo. Podes cuidar de ambos os legados. Discretamente ou não, como decidires que é melhor.

- Achas que os meus pais queriam que eu soubesse a verdade sobre o meu nascimento? O Sedge acha que não.

- Eles discutiram intensamente o assunto depois de o teu avô morrer, quando já não tinham de temer a sua mesquinhez. Achavam que devias saber, mas não queriam magoar-te. O teu sentido de identidade era frágil e eles sabiam disso. Seria indicado dizer-te que eras adoptada e que os teus pais

biológicos eram deficientes mentais? Sentir-te-ias melhor ou *pior,* se soubesses que a tua mãe era tímida, como tu, e que o teu pai também gaguejava?

- Descobri que a Lily nasceu saudável e foi magoada quando era bebé. Sacudida. E é muito provável que os problemas do Mac se devam ao facto de a mãe beber bastante enquanto estava grávida. Mas não pode ser o único factor. Eu herdei a gaguez.

- Talvez. Às vezes, essas coisas são aleatórias.

- Já não me interessa como ficaram a ser como são, porque agora que os conheço não os defino... a eles ou a mim... pelas suas incapacidades.

- Ainda bem! - ele sorriu. - Não podes ser menos do que perfeita! És uma Whittenbrook! Sabias que vários dos teus primos passaram os anos de universidade muito chateados porque tu tinhas sempre melhores notas?

- Não!

- É verdade. Nós erguíamos-te como uma tocha cintilante, estabelecendo os padrões de inteligência e proezas juvenis.

Recostei-me na cadeira, aturdida.

- Posso pertencer a ambos os mundos? Posso ser uma Whittenbrook e, ao mesmo tempo... Tio William, *detesto* o irmão do meu pai biológico. Glen Tolbert.

- Glen Tolbert. É bastante bem relacionado, aqui na Florida. O Jeb conhece-o. É um imbecil.

- Vês?

- Kara, não importa. És quem *quiseres* ser. Vou deixar nas tuas mãos a decisão de como lidar com esta situação com os teus pais biológicos. Mas podes estar descansada, o Charles e a Elizabeth queriam apenas uma coisa: que tu fosses feliz. E é isso que eu quero também. Apoiarei as tuas decisões.

Levantei-me e abracei-o. Ele acompanhou-me à porta com o braço sobre os meus ombros. Quando o assessor fez menção de me abrir a porta, o tio William ergueu as sobrancelhas.

- É verdade, já me esquecia de te dizer. A tua tia e eu arranjámos bilhetes de última hora para a corrida de barris! Vamos estar nas bancadas. Temos a certeza de que vais vencer. Mais uma campeã da linhagem Whittenbrook!

Deu um murro no ar.

- Força, Whittenbrook!

Ben

Não é bom sinal quando o som que ouvimos através da porta de um quarto de motel faz lembrar um gato a vomitar uma bola de pêlo feita de arame farpado.

- Deixa-me entrar, por favor - pedi a Karen. - Não precisas de ter vergonha.

- Ainda não viste o chão da casa de banho.

- Vá lá, já estivemos nus juntos. Já nos vimos um ao outro de todos os ângulos.

- Deste ainda não.

Finalmente, ela abriu a porta. Tinha uma toalha molhada encostada à boca. Vestia uma *t-shirt* das sereias do Kissme Woomee e calções de caqui. O seu cabelo estava descontrolado e parecia ter estado a chorar quando não estava a vomitar.

- Não lido bem com a pressão - disse ela. - E a pressão ainda é maior do que eu esperava. Nem fazes ideia.

- Estás a sair-te muito bem. Calma - peguei-lhe ao colo. Parecia que alguém lhe sugara a cor das faces. Levei-a para uma das camas duplas. Ela partilhava o quarto com Lily, que estendera colchas de croché por cima das camas. Deitei-a e tapei-a com as margaridas bordadas. Ensopei uma toalha em água fria e sentei-me ao lado dela, molhando-lhe o rosto.

- Não me arranjas nada para a ansiedade? - perguntou ela. - O Phil é traficante de droga, não é? Telefona-lhe.

- O Phil não é traficante de droga. Nem sequer usa drogas. Segundo as mulheres, ele *é* uma droga.

- Gosto dele. É um amigo de confiança, embora de uma forma distorcida.

- Aposto que ele consideraria isso um elogio.

- Tens material veterinário trancado na carrinha. Eu sei que tens.

- Não te vou dar um tranquilizante para vacas. Ainda começavas a mugir.

- Prometo que não.

- Fecha os olhos. Respira.

Ela tentou. Passei-lhe a toalha molhada pelas faces.

- Tens muito tempo para descansar antes da prova de logo à noite. Dorme uma sesta.

- Não me deixes.

- Não te vou deixar - «Nunca. Basta dizeres.» - O que te perturbou tanto?

- Nunca ninguém dependeu de mim, antes. Eu. Apenas eu. Nunca ninguém acreditou em mim, antes. Não da forma que tu e o Mac e a Lily e o Joey e os outros acreditam em mim.

Sorri-lhe.

- Não aguentas que as pessoas acreditem em ti?

- É como a atitude inicial da *Estrela* em relação às corridas de barris. Eu costumava concentrar-me apenas em derrubá-los. Não compreendia o quadro geral. A paixão da própria corrida. Quando uma pessoa sonha em fazer coisas grandiosas, e depois tem uma oportunidade *real* de alcançar essas coisas... não nos representamos apenas a nós próprios, Ben.

- O facto de teres trazido a *Estrela* até onde ela chegou, já é pagamento mais do que suficiente por todos os sonhos deles.

- Antes de chegar ao teu rancho, nunca senti que precisassem de mim. Era apenas uma observadora. Mantinha o mundo à distância e limitava-me a estudá-lo. Mas, graças a ti, não posso continuar a fazer isso. Estou *envolvida,* agora. Às vezes é doloroso preocupar-me tanto, mas não o trocaria por aquilo que era antes. Estou contente por estar aqui. Obrigada.

Segurei a mão dela nas minhas.

- Agora eu vou falar e tu vais apenas ouvir. Está bem? Prometes? Ouve apenas. Não me dês resposta nenhuma agora.

- Está bem.

- Venhas de onde vieres, seja o que for que deixaste para trás, seja o que for que planeias dizer-me, nada mudará o que eu sinto por ti.

- Ben, não compreendes. Eu...

- Prometeste.

Ela calou-se e fez um gesto de concordância.

- Amo-te. Quero que cases comigo.

Os seus olhos encheram-se de lágrimas. Tentou dizer algo, mas eu estava demasiado assustado para a deixar falar. Pus os dedos sobre os lábios dela.

- Guarda o que tens a dizer para depois deste concurso de loucos. Seja bom, mau ou indiferente, podemos falar depois. Está bem?

Finalmente, ela acedeu. Deitei-me ao seu lado e apertei-a nos braços. Ela escondeu o rosto no meu ombro.

Adormecemos.

Capítulo 25

Kara

Estrela e eu andávamos de um lado para o outro atrás dos atrelados, sob o céu estrelado de Orlando. Um caleidoscópio de fogo-de-artifício explodiu no horizonte. O espectáculo do final do dia na Disneylândia. *Estrela* resfolegou quando uma explosão de foguetes sibilantes, azuis e vermelhos, se ergueu sobre o horizonte por cima do Reino da Fantasia.

Acariciei-lhe o pescoço.

- Para a semana, contarei ao Ben tudo sobre mim. Com calma, cuidadosamente, do princípio ao fim. Para ele ter muito tempo para assimilar tudo e não se esquecer de que me prometeu que nada destruiria a nossa relação. Tudo. Incluindo o facto de ser filha do Mac e da Lily. E, acima de tudo, dir-lhe-ei que *o amo e aceito o seu pedido de casamento.*

Levei-a de novo para dentro. A multidão aclamou outra concorrente que entrou a toda a velocidade na arena. *Estrela* levantou o focinho cinzento e cheirou o ar quente e competitivo. Agitou as orelhas; empinou-se. Segurei melhor as rédeas.

- Pronta para correr? - perguntou Ben. Afagou-me o rosto com as costas da mão.

Puxei a aba do chapéu cor-de-rosa para baixo.

- Vamos a isso, companheiro.

Ben

- A Karen e a *Estrela* não podem fazer mais do que catorze segundos e meio - disse a toda a gente depois de estarmos instalados nas bancadas. - Têm de melhorar a média das duas noites.

- É por esse tempo que devo rezar? - perguntou Dale.

Segurei a sua mão escura na minha mão Cracker bronzeada.

- Sim. Não mais do que catorze segundos e meio, ou não terão hipótese de ficar nas vinte primeiras.

- Catorze e meio, Jesus - disse Joey alto e bom som, olhando para cima.

Dale olhou para ele de sobrolho franzido.

- Não é preciso gritares. Ele ouviu.

- Muito obrigado - disse *Mr. Darcy.*

- Aqui vem Tami Jo Jackson, a actual campeã mundial em título - troou o apresentador.

A multidão aplaudiu. Não se pode censurar as pessoas por serem bem-educadas. Mas eu e o meu pessoal nem levantámos as mãos. Tami Jo e o seu baio campeão entraram na arena a galope. Ela e o cavalo estavam vestidos a condizer; ela tinha rendas na camisola e uma fita de renda no chapéu à *cowboy*, o baio tinha um enfeite de renda na sela.

- É um campeão cheio de estilo - disse o apresentador.

Enfim, para quem gosta de rendas.

Do outro lado da arena, à nossa frente, J. T. Jackson aplaudiu do seu camarim privado.

Primeiro barril. Quatro e setenta e sete.

Segundo barril. Oito e vinte e cinco.

Terceiro barril. Onze e sessenta e três.

Portão. Catorze e sessenta e oito.

- Catorze segundos, seis décimos e oito centésimos - gritou o apresentador. - O melhor tempo da noite. Senhoras e senhores, Tami Jo e *Mr. Go Bar Gone South* estão em primeiro lugar e são a equipa a vencer na final de amanhã!

J. T. Jackson olhou para mim, sorriu e levantou um dedo.

O do meio.

- E agora - disse o apresentador em tom dramático -, aqui vem a última concorrente da noite. A enérgica égua Cracker de que todos têm estado à espera! Do leilão de comida para cão, à Corrida de Um Milhão de Dólares! Venha daí, *Estrela,* do Rancho Thocco, montada por Karen Johnson!

Fechei os olhos por um segundo. «Vá lá, querida, corre como se tudo dependesse disso. Porque depende mesmo.»

Elas entraram no picadeiro. A multidão começou a aplaudir tão alto que Joey se encolheu. Tive de lhe tapar os ouvidos. O meu coração batia muito depressa e tinha as mãos a tremer. Não conseguia olhar para Karen; em vez disso, olhei para o quadro com o relógio.

Primeiro barril. Tempo, até aqui: quatro segundos, dois décimos e trinta e quatro centésimos.

Segundo barril. Oito, seis, cinquenta e dois.

Terceiro barril. Onze, quatro, vinte e três.

Portão.

O portão.

O tempo final no portão.

Catorze três um.

- Ela conseguiu! Estão nas vinte melhores! - gritei.

Gritos, assobios, saltos, abraços. Possum enfiou-se debaixo das cadeiras, a aplaudir. Joey dava murros nos braços da cadeira de rodas.

Eu dava palmadas nos ouvidos de Joey.

Todo o público se levantou. O apresentador gritou tão alto que a sua voz ficou rouca.

- Elas conseguiram! Senhoras e senhores, o cavalo menos favorito do século bateu todas as probabilidades. *Ela fez o melhor tempo da noite, e está na final da competição!*

Doces palavras. Doces. Doces palavras.

Kara

Fizemos uma festa junto da cocheira de *Estrela.* Lá dentro, *Estrela* mordiscava cenouras orgânicas e arreganhava os dentes de vez em quando para um desconhecido ao acaso. Ben abriu uma garrafa de champanhe e encheu os nossos copos. Joey riu-se.

- Faz cócegas!

- Como se diz esse n-nome? - perguntou-me Mac, apontando para a garrafa.

- Dom Pérignon.

- O que quer dizer?

Ben riu-se.

- É francês para *Se tens de perguntar quanto é que isto custa, é porque não tens dinheiro para o comprar* - bebeu mais um gole e suspirou. - Mas não há dúvida de que é bom.

Lily agarrava o seu copo de plástico com champanhe como se fosse um prémio.

- E o homem que nos mandou a garrafa de graça é um... um *quê?*

- Um senador dos Estados Unidos - explicou Miriam de novo, com um sorriso. - Não é o máximo?

- Um brinde ao senador Whittenbrook! - disse Lula, erguendo o copo. - A Karen e a *Estrela* arranjaram um fã milionário! E *yankee,* ainda por cima!

Cheech, Bigfoot, Possum, Roy e Dale e os restantes imitaram o nosso brinde com cuidado e solenidade. Lily cheirou o champanhe antes de o provar.

Eu desviei os olhos disfarçadamente. Gostava que o tio William tivesse sido menos generoso e mais discreto. Ben viu a minha reacção e franziu o sobrolho. Atirou o copo vazio para um caixote de lixo.

- Eu e a Karen vamos dar uma voltinha e conversar sobre a estratégia para amanhã à noite, está bem? Não quero que os repórteres nos ouçam.

- Eu e a *Estrela* e *Mr. Darcy* podemos protegê-los - disse Joey orgulhosamente.

Ben e eu encontrámos um sítio sossegado ao lado de uma cocheira vazia.

- Em relação ao que te disse esta tarde... - começou ele.

- Ben, não imaginas como...

- Eu sei que achas que eu sou um mulherengo que não quer assentar. Sei que há muita coisa a teu respeito que desconheço e muita coisa sobre mim que tu desconheces, mas estava a falar a sério.

Acariciei-lhe a face.

- Tenho tanto para te dizer...

- Ben! - gritou Roy. Contornou a esquina a correr e derrapou nas aparas de madeira do corredor dos estábulos. - O Joey diz que não consegue respirar e que parece que o coração está a tentar fugir-lhe!

***

- Não podemos ir sem *Mr. Darcy* - gritou Joey enquanto os paramédicos o punham numa maca. - Com quem é que ele vai conversar? Benji, não quero deixá-lo aqui. Por favor, Benji, tenho medo de ir na ambulância sozinho.

A expressão do rosto de Ben era trágica.

- Maninho, vais vê-lo mais tarde. Juro. E não tens nada de que ter medo. *Nunca* estarás sozinho.

- Vens comigo?

- Estarei contigo sempre, todos os minutos, todos os segundos.

- E a Karen?

- Estou aqui - disse eu com voz rouca. Mesmo antes de os paramédicos colocarem a maca na ambulância, segurei *Mr. Darcy* de modo a Joey poder tocar-lhe com a mão pálida. Joey acariciou-lhe a asa. *Mr. Darcy* inclinou a cabeça azul para o rosto de Joey e mordiscou-lhe gentilmente o nariz.

- Uááá - disse Joey, a chorar.

- Uááá - respondeu *Mr. Darcy.*

***

Tentei reconfortar Mac, Lily e os outros - todos cheios de medo e à beira das lágrimas - enquanto aguardávamos na sala de espera das Urgências de um hospital de Orlando. Roy, Dale, Miriam e Lula tinham ficado na arena, para afastar os admiradores inocentes do alcance dos dentes de Estrela. *Mr. Darcy* ficara aos seus cuidados.

Quando Ben finalmente apareceu, olhou primeiro para mim. Vi desespero e resignação no seu rosto, mas depois virou-se para os outros com um sorriso.

- Ah, ele está bom. Foram só umas palpitações. Daqui a um ou dois dias estará como novo. Assim que o passarem para um quarto, podem todos ir vê-lo. Deram-lhe uns remédios dos bons e ele está a dormir.

Lily limpou os olhos e sorriu.

- Estão a ver! A Karen *disse* que o Joey ficaria bom! - ela e Mac abraçaram Ben. Cheech, Bigfoot e Possum deram-lhe palmadas nas costas e sorriram. Acreditavam tão facilmente nas boas notícias, e tão sinceramente.

- Hora de jantar - anunciei, fazendo sinal a Ben. - Descansa um pouco. Eu já volto - ele deixou-se cair numa cadeira e ficou sentado, de olhar perdido no vazio.

Levei o resto do pessoal até à cantina do hospital, enfiei todas as nossas moedas nas máquinas de venda automática e organizei um jantar de

sanduíches frias, bolachas e refrigerantes. Depois corri de novo para a sala de espera. Ben estava sentado com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça baixa. Endireitou-se quando me sentei ao lado dele.

- Está tudo bem - disse ele rapidamente. Depois levou a mão ao peito. - Fibrilação atrial. Coração acelerado. E irregular. Mas já conseguiram pô-lo num ritmo quase normal. Se for preciso, podem colocar-lhe eléctrodos e dar um pequeno choque ao coração para estabilizar. Mas, até ver, ele está bem. Vai ficar bom.

Pousei a mão sobre a de Ben. Puxei-a para o meu joelho e entrelacei os meus dedos nos dele. Encostei-me ao seu ombro. Com a outra mão, acariciei-lhe as costas da mão com as pontas dos dedos.

- O teu segredo «azarado» é este? Tem a ver com o Joey? Ele soltou um longo suspiro. Os seus ombros abateram-se.

- Ele só tem mais alguns meses - murmurou Ben. - Já sei desde a Primavera. Está a morrer.

Eu tinha desconfiado e temido que assim fosse, mas era difícil ouvir as palavras de confirmação. Eu sempre quisera ter irmãos. Joey tornara-se também o meu irmão mais novo. Encostei a cabeça à de Ben e chorei.

***

- Sedge, não há *nada* que possamos fazer?

- Estou a trabalhar nisso, minha querida, e o William também. O tio William. Tinha-o julgado mal, tantas vezes, ao longo dos anos. Sempre partira do princípio de que ele não queria saber de mim. Mas estava muito enganada. Afastei o telemóvel da boca. Estava a chorar.

- Minha querida - disse Sedge gentilmente. - Não podes salvar todas as pessoas que amas. Mas podes sempre contar com a tua família para te ajudar a *tentar*.

Capítulo 26

Ben
Domingo de manhã

Miriam lançou-me um olhar aflito. A mão tremia-lhe ao segurar no copo de café. Os amuletos em forma de sereia tilintavam na sua pulseira.

- Por que raio estamos *aqui,* Ben?

- Vais ter de fazer essa pergunta ao padre mais próximo - a minha voz era rouca. - E, já agora, faz-lhe também esta: qual é o sentido da vida? E não te esqueças de lhe perguntar se o Elvis está mesmo morto. O Joey diz que o *Rei* ainda anda por aí, algures.

- *Ben* - ela indicou com um gesto brusco o letreiro por cima das portas duplas. - «Cuidados Intensivos Cardíacos». Por que raio está o Joey *aqui?*

Fui-me abaixo.

- Porque o coração dele está muito mal e não há grande coisa que possam fazer a esse respeito.

As lágrimas deslizaram-lhe pelo rosto.

- Eu sabia. Raios! Eu sabia.

Pus o braço sobre os ombros dela.

- Vai ver como está a Karen, está bem? Ela não dormiu nada a noite inteira. Ficámos os dois sentados na sala de espera.

- Vi-a a falar ao telemóvel no corredor ainda agora.

Franzi o sobrolho.

- Disse-te com quem estava a falar?

- Não. Talvez com o pessoal da World Sports Network. Vão desistir da prova desta noite, Ben?

- Sim. Eu e a Karen estamos de acordo. Não podemos participar na corrida com o Joey neste estado.

- Queres que eu diga ao resto do pessoal?

Eu sentia-me como se tivesse cem anos e estivesse amarrado a balões de chumbo.

- Sim.

***

- Benji, esta televisão apanha a World Sports Network?

Eu estava sentado ao lado da cama de hospital de Joey, a mexer no comando à distância.

- Provavelmente. Vamos ver - carreguei num botão. Outra vez. E outra. - Sim. Aqui está.

- Boa! - ele ergueu o braço com o tubo do soro, depois apontou para os fios de monitorização da frequência cardíaca que tinha presos ao peito. - Durante quanto tempo tenho de ficar com isto?

- Ah, um dia ou dois. Depois vamos para casa.

- Prometes?

- Juro.

Ele sorriu.

Karen entrou. Ainda vestia a sua indumentária cor-de-rosa da corrida. O cabelo ruivo era uma juba desgrenhada presa com um elástico. Exibia umas olheiras carregadas e estava pálida. Mas sorriu a Joey.

- Tenho uma *surpresa* para o teu segundo pequeno-almoço.

Pôs um saco térmico em cima da mesa dele, abriu-o e retirou uma embalagem de gelado.

- Gelado de chocolate e caramelo com pepitas de manteiga de amendoim. Da Gold N'Creamy.

- Oh, uau! Como é que arranjaste *isto*?

- Foi o dono das lojas Cold N'Creamy que o mandou. Ele viu a *Estrela* na televisão ontem à noite. Uma vez que és um dos proprietários da Estrela, quis mandar-te um presente e os desejos de melhoras rápidas.

- Uau! - Joey apoiou a caixa de gelado na barriga e levou uma colherada à boca. Engoliu e sorriu. - Gelado antes do almoço! É comida saudável?

Ela levantou a sobrancelha numa expressão marota.

- *Não.* É terrivelmente pecaminoso e delicioso. Mas faz bem ao sorriso!

Ele comeu outra colherada.

E sorriu mais.

***

- Aquele gelado - disse eu a Karen. - Fizeste uns telefonemas.

- Sim. Mas fica a ser o nosso segredo.

- Obrigado. Obrigado. Obrigado - beijei-a na testa. - Obrigado.

- Ben - chamou Joey.

Voltámos a entrar no quarto. Ele estava sentado na cama, a ver televisão. Miriam estava ao seu lado, a acabar com a *segunda* caixa de Cold N'Creamy. Joey já estava cheio e ela aderira à causa em nome dele.

- Parece que vão continuar a enviar este maldito gelado de hora a hora - resmungou ela.

Joey apontou para a televisão.

- Vão dar a Karen e a *Estrela* esta noite. Disseram agora.

Eu e Karen olhámos um para o outro. Ela aproximou-se de Joey e pegou-lhe na mão.

- Joey, o Ben e eu vamos dizer-lhes que não vamos participar na corrida.

Joey olhou para ela de boca aberta.

- Porquê?

- Porque preferimos ficar aqui contigo.

- Porquê?

Eu aproximei-me também.

- Maninho, não faz mal. A Karen e a *Estrela* chegaram à final. Ninguém acreditava que o conseguissem. Já é muito bom. Não precisam de ganhar. Prometi-te que não te deixava aqui sozinho.

- Não podem desistir agora!

- Joey, não faz mal...

- Tenho a Miriam. Tenho gelado. Tenho a World Sports Network na televisão. Tu e a Karen podem voltar à arena. Quero ver a Karen e a *Estrela* ganharem! - os seus olhos encheram-se de lágrimas. - Quero mesmo! Por favor, Benji!

Olhei para Karen. Ela acenou afirmativamente.

Virei-me de novo para Joey.

- Se é isso que queres, é isso que faremos.

Capítulo 27

Kara
Domingo à tarde

- Tenho água numa garrafa - disse Lily. Bateu com a garrafa de plástico na porta lateral do atrelado. - E um comprimido. Chama-se aspirina.

Abri a porta.

- Obrigada. Cheiro mal?

Ela e Mac olharam para mim.

- Não. Não cheiras nada a vomitado. Mac concordou com um aceno.

- De qualquer maneira, n-não nos importamos. Sentámo-nos os três no degrau do atrelado, sob o sol quente de Setembro. A minha camisa cor-de-rosa e as calças de ganga estavam lavadas e secas, graças a uma lavandaria automática que Lily e eu tínhamos encontrado em Orlando. *Mr. Darcy* deambulava na relva à nossa frente, com ar aborrecido.

- Criatura - disse, observando uma formiga a subir uma folha de relva.

- Ele tem saudades do Joey - disse Lily. - Eu também.

- Eu t-também t-tenho.

Ela e Mac olharam para mim. Suspirei. Maldita gaguez. Estava de volta.

Mac aproximou a cabeça da minha.

- S-sabes o que eu p-penso sobre a g-gaguez, agora?

Encostei-me a ele.

- O quê? - murmurei.

- Que se t-tu também a tens, não é motivo de v-vergonha.

Não consegui falar durante alguns segundos. Fiquei simplesmente encostada a ele.

Lily aproximou a cabeça das nossas.

- Sei o que aquela formiga está a pensar.

- O que é? - perguntei gentilmente.

- Que tudo o que é preciso é cada um chegar ao cimo da sua própria folha de erva. Se o conseguirmos, somos especiais, e não interessa a que altura as outras pessoas conseguem subir nas *suas* folhas de erva.

Senti um nó na garganta.

- Vocês são duas das pessoas mais sábias que já conheci.

Ben

Uma pessoa pode pôr a preocupação de lado e seguir em frente. É como se trancássemos a tristeza numa jaula, sabendo que conseguirá escapar mais tarde, mas não agora. Tentei pensar na noite que tínhamos pela frente, em vez de

pensar em Joey. No dia seguinte teria de lhe dizer que ele não ia sair do hospital tão cedo. Talvez nunca mais, mas não lhe ia dizer isso.

Uma executiva da World Sports Network entrou nos estábulos e reuniu as vinte finalistas.

- Drama. É isso que queremos esta noite - disse. - Isto é o clímax! Emoção, paixão, sentimentos genuínos! Portanto não se armem em tímidas. Se forem seguidas por uma das nossas câmaras nos bastidores, esta noite, abram o coração!

«Dêem-nos as vossas reacções *honestas.* Se têm alguma queixa sobre uma das outras concorrentes, ou uma preocupação, ou um problema pessoal, partilhem-no com a câmara. A América adora *honestidade.*»

Karen estava ao meu lado, de braços cruzados. Os seus olhos cansados estavam vermelhos, semicerrados e inchados.

- Talvez - disse ela, no seu tom mais frio -, o que a América adora seja uma competição *honesta,* não a farsa das lutas na lama.

Tami Jo soltou uma gargalhada altiva.

- Como se alguém te quisesse ver *nua.*

Karen ignorou-a.

A executiva olhou para Karen com um sorriso azedo.

- *Quem me dera* conseguir convencer estas raparigas a lutarem nuas na lama, mas a cavalo. A estação dava-me um bónus e um gabinete maior.

- Somos mulheres, não raparigas.

- Ah, sim? Por isso é que isto se chama a Corrida de Um Milhão de Dólares para *Cowgirls.* E, já agora, peça ao pessoal da maquilhagem que lhe ponha um pouco de pomada para as hemorróidas debaixo dos olhos, para ver se esses papos desincham.

Tami Jo riu-se.

Puxei Karen para longe delas antes que as coisas azedassem.

- Como te sentes? - perguntei.

- Não tão exausta como tu, imagino.

- Admito que me sinto como se tivesse sido atropelado por uma manada de cavalos. Tenho de ir ao hospital ver como estão o Joey e a Miriam. Prometi-lhe que ainda passava por lá antes de jantar - fiz uma pausa. - Para o ajudar a comer a próxima caixa de gelado.

- Desculpa. Eu faço um telefonema.

- A Miriam diz que as enfermeiras estão a fazer apostas sobre qual delas consegue comer mais gelado sem ficar com o colesterol elevado.

Ela sorriu.

- Quem me dera ter aqui uma caixa. Vou beber mais um café. E depois vou comer uma dose substancial de proteínas para contrabalançar os picos glicémicos do açúcar. Preciso de todas as minhas energias.

Proteínas? Só havia um tipo de proteína por perto, e ambos sabíamos o que era. Apontei para a zona dos restaurantes.

- Cachorros quentes e hambúrgueres gigantes, de carne de vaca de primeira categoria, nascida e criada na Florida. Por ali.

Ela condescendeu.

- Não digas a ninguém que finalmente me deixei corromper.

- Prefiro considerar que foste «conquistada».

Ela olhou para o bolso da minha camisa.

- O que é isso que tens no bolso?

- Ah, não é nada.

- Uma barra de muesli e soja!

- Comprei-a para ti.

Ela ergueu os olhos para mim, encantada.

- Estou tão orgulhosa de ti.

- Não digas a ninguém que me deixei corromper - imitei-a num tom carinhoso.

Os olhos dela encheram-se de igual ternura.

- Prefiro considerar que foste «conquistado».

Kara

Cinco da tarde. Encontrei uma cocheira vazia, com o chão coberto de aparas de madeira macias e limpas. Deitei-me a dormir uma sesta a um canto. Lily e Mac insistiram em ficar de guarda à porta. Sentaram-se do lado de fora, em cadeiras de armar. Sonhei com eles. As suas vozes doces e suaves chegavam até mim, como nos meus sonhos de infância. E depois...

- Venho buscar a Karen - disse Possum em voz alta.

Abri os olhos.

- Não, não, ela está a dormir - ouvi Lily dizer.

- Ela p-precisa de d-dormir - acrescentou Mac. - Senão p-põem pomada nos olhos dela p-para encolherem.

- *Venho buscar a Karen!* O Ben ainda está com o Joey no hospital. E o Ben disse: «Se alguma coisa te preocupar, VAI BUSCAR A KAREN!»

- O que é que te está a preocupar? - perguntou Lily.

Nesta altura, eu já estava completamente acordada.

- A Tami Jo Jackson está a dizer coisas más na televisão! Mesmo em frente da cocheira da *Estrela!* Onde a *Estrela* a consegue ouvir*!*

Levantei-me precipitadamente. Há uma cena clássica no segundo filme da série *Alien,* que eu tinha visto há pouco tempo com Joey, no rancho. Sigourney Weaver, a lutar para proteger uma menina pequena da gigantesca e feroz rainha dos seres extraterrestres, prende-se ao exoesqueleto de um robô industrial, aproxima-se do focinho assustador da rainha alienígena e diz, com uma calma maternal inabalável: «Afasta-te dela, cabra.» Depois Sigourney dá cabo da rainha alienígena gigante e lança o seu traseiro crustáceo para o vácuo negro do espaço.

Eu sentia-me da mesma maneira.

Era melhor que Tami Jo se afastasse da minha égua.

***

- Acho apenas que as pessoas *e* os cavalos deviam *conquistar* o seu lugar no mundo - estava Tami Jo a dizer à câmara da World Sports Network. Estava a pouco menos de um metro da cocheira de *Estrela.* Era evidentemente o tipo de drama espontâneo que a executiva da estação tinha encorajado.

Atrás de Tami Jo, as luzes fortes da câmara apontavam para os olhos de *Estrela,* que pisoteava o chão e sacudia a cabeça. De repente, empinou-se e tentou mover a tranca da porta com os beiços. Cheech, Bigfoot, Roy e Dale estavam por perto, retorcendo as mãos, quando Lily, Mac e eu nos aproximámos rapidamente.

- Não é isso a América? - continuou Tami Jo. - Li o último livro da Ann Coulter... bom, ouvi-o no meu *iPod...* e ela diz «Os liberais odeiam a América. Querem que todos sejam iguais.» Ou algo parecido. Eu também. Iguais. Mas igual pode significar diferente, percebem? Quer dizer, não podemos deixar *qualquer* cavalo entrar aqui e correr, pois não? - apontou para *Estrela.* - Mas podem perfeitamente usar as cocheiras. Isso é ser igual mas diferente.

- Só se for para uma idiota - disse eu em voz bem alta. Empurrei o operador de câmara. - Está a perturbar a minha égua.

- Estamos quase a acabar.

- Não, *já acabaram.* Se continuarem a incomodar um animal indefeso, farei queixa aos comissários.

Tami Jo riu-se.

- Queixa-te à vontade, *gorda.* São todos amigos do meu pai.

«Não deixes que ela te faça perder a cabeça. Faz com que *ela* perca a cabeça.»

- Porque não contas a este simpático operador de câmara como nos conhecemos? - perguntei. - Quando estacionaste num lugar para deficientes na Cold N'Creamy, recusaste tirar o carro e te referiste a vários dos funcionários do Rancho Thocco em termos que as pessoas decentes considerariam extremamente cruéis.

- Desliguem a câmara - ordenou Tami Jo.

- Está desligada - mentiu o operador. Não era nenhum idiota. Estas eram imagens de primeira categoria.

Ela fez beicinho.

- A luz ainda está acesa.

- A minha câmara demora um minuto a desligar-se. Acreditando que não estava a ser gravada, Tami Jo assumiu de novo a sua forma alienígena e lançou-me um sorriso desdenhoso.

- Não há nada de errado com a expressão «atrasado mental». Não tenho culpa de que os teus amigos sejam *atrasados mentais* - sorriu a Mac, Lily e os outros. - Atrasados mentais. Pobres atrasados mentais.

Lula, que tinha ido comprar um lanche para Cheech e Bigfoot, pôs-lhes a comida nas mãos e segurou-me no braço.

- Anda. Vamos dar uma volta.

Tami Jo riu-se.

- Atrasados mentais - repetiu, e riu mais alto, atirando a cabeça para trás. Desequilibrou-se ligeiramente e recuou um passo. Estava agora ao alcance dos dentes de *Estrela*, que dobrou as orelhas para trás.

Eu enganara-me na analogia. Neste cenário, a personagem de Sigourney Weaver não era *eu*. Era *Estrela.*

A égua arreganhou os beiços. Arqueou o pescoço como uma cobra prateada, preparando-se para atacar. Lula soltou uma exclamação abafada.

- A *Estrela* será desclassificada!

Corri para *Estrela.*

Estrela baixou a cabeça para as costas de Tami Jo.

Eu bloqueei o ataque.

Com a cara.

Ben
Urgências

Miriam desligou o telemóvel. Joey estava a dormitar. Eu estava sentado do outro lado da cama. Eram cerca de seis da tarde. Dentro de pouco, teria de os deixar para regressar à arena. As corridas começavam às sete. Olhei para Miriam.

- O que se passa?

Ela arregalara tanto os olhos que as pestanas falsas pareciam pétalas de uma flor penugenta.

- Querido, tens de ir ver o que se passa com a Karen. Ela está bem, mas... *não* está bem. Houve um pequeno acidente. Mas ela está bem.

Levantei-me de um salto.

- Onde é que ela está? Na arena ou no motel? Miriam fez uma careta e apontou para o chão.

- Está lá em baixo. Nas Urgências.

***

Karen tinha a parte da frente da camisa cor-de-rosa ensopada em sangue e as calças de ganga salpicadas. Tinha bolas de algodão ensanguentadas enfiadas em ambas as narinas. Um arranhão vermelho ia da linha do cabelo até à cana do

nariz. O nariz e a zona circundante estavam inchados. Os olhos estavam a começar a inchar também.

Estava sentada na ponta de uma marquesa. Lily apertava-lhe a mão esquerda; Mac segurava a direita acariciando-a.

- Tem o nariz partido - disse-me o médico das Urgências. - Não é grave, apenas muito doloroso.

Ela olhou para mim.

- Sim, calculo que devo estar muito atraente - fez uma careta.

- A culpa não foi tua, querida.

- Da *Estrela* é que não foi, de certeza.

- Ela atacou-te? Deu-te uma cabeçada?

Karen acenou afirmativamente. Lily olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas.

- A *Estrela* não teve intenção. Estava a tentar morder aquela rapariga má. A Karen teve de a impedir.

- P-porque isso ia tirar-nos do c-concurso - acrescentou Mac.

Suspirei.

- O como e o porquê agora não interessam - pousei a mão na cabeça de Karen com ternura. - Estás fora da corrida. Vou telefonar à organização e dizer-lhes que não podes correr esta noite.

Os olhos dela faiscaram.

- Nem *penses* nisso - com os tampões do nariz, soou mais como «dem penses dinsso».

- Querida, não podes fazer três circuitos neste estado. A cara vai-te doer terrivelmente ao mais pequeno movimento.

- Foi para estas coisas que os medicamentos modernos foram inventados.

- Não há no mundo inteiro comprimidos para as dores que te façam aguentar três circuitos rápidos a cavalo.

- Então hei-de cair no picadeiro a jorrar sangue do nariz, criando um espectáculo tão escabroso que a *Madame Executiva de TV* será louvada por produzir televisão «real» e ficará um passo mais perto do seu gabinete de sonho. Vou correr esse risco. Ben, diz a estas pessoas simpáticas que me limpem, me droguem até eu ficar numa nuvem de felicidade e me deixem sair daqui. *Não vou desistir.*

«Dão von densistinr.»

Olhei para Mac e Lily, que se limitaram a comprimir os lábios e a apertar mais as mãos dela. Também não iam desistir.

- O que é que estou a ver aqui? - resmunguei, mas num tom gentil. - Três contra um?

Eles aquiesceram.

Três contra o mundo.

- Bom, contem comigo e já somos quatro - disse.

Kara

Sangue. É o rio da vida, do destino. Flui através de nós do nascimento à morte, transportando todos os que existiram antes de nós e todos os que virão depois. Pecado, sexo, herança. Tudo começa e acaba com o simbolismo fluido dessa profunda corrente vermelha.

Eu não me sentia profunda. Estava cheia de dores.

Estava coberta de sangue. Vi, com uma fascinação desfocada, uma gota cair sobre a toalha de papel que uma enfermeira me colocara no colo.

Sangue por todo o lado - o meu e até o de *Estrela.* Ela arranhara o focinho na minha testa. Uma mancha vermelha cobria a minha mão.

Se isto era uma cerimónia de união, então eu era agora parte cavalo.

Ben

- Não estamos de acordo - disse o oficial, na arena. - A Karen Johnson não está em condições de montar. O médico examinou-a e *ele* diz que há probabilidades de os medicamentos para as dores a colocarem em risco de se magoar ainda mais se insistir em correr.

Cruzei os braços sobre o peito.

- Não há regra nenhuma que diga que ela não pode correr sob o efeito de comprimidos para as dores receitados por um médico. Não são permitidos medicamentos para os cavalos, mas não há regras quanto às cavaleiras.

- Somos *nós* que tomamos essa decisão. Lamento muito. Ela está desqualificada.

- Também lamento, mas vou passar por cima de vocês nessa decisão - disse um homem de idade alto, elegante, com sotaque inglês. Que raio? Tinha aparecido do nada, com outro homem um pouco mais novo ao lado. - Sou um dos novos membros da direcção de um dos principais patrocinadores deste evento, o Banco Sun Farm, e falei com os produtores da World Sports Network - o homem mais novo estendeu uma folha de papel. - Aqui está a decisão deles.

Os lambe-botas de J. T. Jackson franziram o sobrolho e resmungaram entre dentes.

- Temos de ver isto melhor.

- Se eu fosse a vocês, não mexia mais no assunto - avisou o homem. - Pelo que sei, há imagens de Miss Jackson a provocar o incidente nos estábulos *e* a proferir insultos sobre os trabalhadores do rancho de Mr. Thocco. Tenho a certeza de que nenhum de nós quer que um vídeo tão embaraçoso chegue aos olhos do público, pois não?

Ui, essa deve ter doído.

Depois de os oficiais se afastarem intempestivamente, fitei o desconhecido.

- Amigo, presumo que faz parte do grupo que comprou a hipoteca do meu celeiro no Sun Farm?

- Ora, julgo que sim. Estive de facto envolvido numa transacção para aquisição de um pacote de hipotecas agrícolas.

- Sei que comprar hipotecas é apenas um negócio para si, mas obrigado pelo que fez nessa altura e pelo que acabou de fazer agora.

- Apenas um negócio... hum, sim. Mas acredito firmemente na igualdade de direitos e no tratamento justo. E... sou um admirador dos feitos de Miss Johnson. Julga mesmo que pô-la a correr é a coisa certa a fazer, esta noite, no estado em que ela está?

- Não. Mas não consigo demovê-la, portanto vou apoiá-la em tudo o que puder.

Ele sorriu.

- Bom, nesse caso, fico mais tranquilo. Boa sorte para si, para ela e para a *Estrela* - virou costas.

- Desculpe, como disse que se chamava?

- Sedge - respondeu ele com um aceno. - Basta Sedge.

Capítulo 28

Kara

Os gritos da multidão entusiasmanda pareciam distantes, como as ondas do mar a rebentarem do outro lado de uma porta grossa. Não sentia dor, nem ansiedade, apenas um interesse curioso no brilho das luzes da arena por cima de mim. Que auréolas tão bonitas. Eu não devia estar a cavalo. Os medicamentos para as dores tinham funcionado bem de mais. Sentia-me bêbada.

- Como vai isso aí em cima? - perguntou Ben, observando-me atentamente enquanto eu preparava *Estrela* no picadeiro de aquecimento.

- Tudo bem. Estou a ver a aurora boreal. Não sabia que era possível ver as Luzes do Norte em Orlando.

- Oh, merda - ele entrou para o picadeiro. *Estrela* resfolegou e deu um passo para o lado. Ele ergueu ambas as mãos num gesto tranquilizador. - Karen. Olha para mim. Olha para baixo.

Baixei os olhos para ele.

- Lindo. És lindo.

- Bom, sim.

- Eu estou bem, Ben. Consigo fazer isto. Achas que se percebe que estou ferida?

Tinha pequenos tampões de algodão enfiados no nariz e, da última vez que me vira ao espelho, o meu rosto inchado fazia lembrar vagamente o de uma rã. Alguém me arranjara uma camisa de cerimónia cor-de-rosa, para substituir a anterior, que estava ensopada em sangue.

- Não - disse Ben. - És a coisa mais bonita que já vi.

- É óbvio que não sais muito.

- Estou a falar a sério - aproximou-se. *Estrela* olhou para ele mas não se mexeu. Pousou a mão no meu joelho. - Estou mesmo a falar a sério.

- Ben Thocco, adoro-te. Não estou incapacitada ao ponto de as palavras terem perdido o sentido para mim. Sei exactamente o que estou a dizer. *Adoro-te.*

Um elemento da organização aproximou-se.

- Está quase, Miss Johnson - depois virou-se para Ben e perguntou: - Como está ela?

- Está óptima - mentiu Ben. Depois de o funcionário se afastar, olhou para mim com ar desconfiado. - De que cor é a minha auréola?

- Azul e magenta, com delicados laivos verde-lima.

- Era o que eu pensava - disse ele.

***

- Quinze-nove-três - gritou o apresentador. - Vão ter de fazer bem melhor nas próximas duas corridas! É de admirar como é que a Karen Johnson consegue sequer *ver,* com a cara tão inchada!

Ben segurou-me enquanto eu desmontava.

- Devagar, querida, calma.

Apercebi-me vagamente de Lily estar a acariciar-me o cabelo e de Mac me dar palmadinhas na bota. Lula e os outros levaram *Estrela,* enquanto Ben me levava para fora do recinto para apanhar ar.

- Diz ao Joey que sim, que ela está óptima! - ouvi Lula gritar a Miriam pelo telemóvel. Não, não tem tão mau aspecto ao perto! E só por causa da maquilhagem!

Ben sentou-se na relva junto dos atrelados dos cavalos, segurando-me no seu colo. Olhei para as estrelas indistintas no céu.

- Suponho que ainda é cedo para que isto que estou a ver seja o fogo-de-artifício da Disneylândia.

- Receio que sim - disse Ben sem rodeios.

Pestanejei. Senti um leve ardor debaixo dos músculos do meu rosto. Sentei-me entre os joelhos dele, fazendo um esgar de dor.

- O efeito dos medicamentos para as dores está a passar. Óptimo.

- Querida, não podes correr outra vez. Não é por causa do efeito dos medicamentos. É o inchaço. Se a tua cara inchar mais, teremos de usar os palitos da Miriam para te manter os olhos abertos.

- Não te preocupes. Arranja-me um saco de gelo. Mas não quero mais comprimidos. Se quero ganhar, tenho de conseguir pensar com clareza.

Lula resmungou.

- Tens de conseguir *ver.*

- Talvez nós possamos ajudar - disse alguém.

Olhámos para cima. Era um homem de meia-idade, desgrenhado, com calças de ganga e uma *t-shirt* a dizer «Goat Power», acompanhado por uma jovem mulher seminole com uma camisola de alças e uma mini-saia feita de retalhos. Ben franziu o sobrolho.

- Olá, Keeber. A Karen tinha deixado bilhetes para vocês na câmara de comércio, mas não sabíamos se sempre vinham.

Keeber Jentson. O homem que trocava queijo de cabra por bagas de palmito.

- Estás a brincar? Esta corrida de barris é o confronto do ano. Não podíamos perdê-la - sorriu para a mulher ao seu lado. - Esta é a minha mulher, Sammie Eagle.

- Olá a todos - disse ela.

- É dona das lojas Ajudante da Mãe Natureza. Comida saudável e suplementos naturais. E queijo de cabra.

- Dez lojas na grande área de Gainesville - disse Sammie Eagle. - E para o ano vamos expandir-nos para Tallahassee, Jacksonville e Kissimmee - levantou um grande saco de macramé. Ouvimos tilintar. - Acho que tenho algumas ervas

que podem ajudar com o inchaço. Tudo natural. Karen, estás disposta a experimentar remédios naturais?

Ben nem sequer precisou de olhar para mim para saber a resposta.

- É como perguntar a um cego se quer ver.

***

- *Chiu,* Ben - murmurou Lily. - A Karen ainda tem unguento de madressilva na cara.

Eu estava deitada de costas numa cocheira vazia.

- Sabugueiro - corrigi, debaixo de uma toalha quente e molhada. A toalha tinha sido impregnada com uma pasta oleosa feita a partir das cápsulas de Sammie Eagle. - Faz parte da *família* da madressilva, ou seja, *Caprifoliáceas*. Também é conhecida como *tabocci* entre os Seminoles.

- Não gosto do aspecto disto - disse Ben secamente. - Estás a dizer coisas sem sentido.

- Oh, não - gemeu Lily. - Passa-se alguma coisa com a cabeça dela?

- Lily, ele está só a brincar.

- Desculpa - murmurou Ben -, mas tens de te preparar para a próxima corrida. Querida? Tira a toalha da cara e vamos lá ver se resultou.

Levantei-me lentamente e tirei a compressa quente da cara. Ben e Lily olharam para mim. Lily abriu a boca, estupefacta.

- Consigo ver as tuas pestanas outra vez!

Testei o efeito com um olhar de esguelha para Ben.

- Tenho visão periférica.

- É outro milagre - disse ele, incrédulo.

Ben

- Catorze-oito-quatro - gritou o apresentador. - Isto coloca a Karen Johnson e a *Estrela* novamente na competição! Sim, senhoras e senhores, ainda temos aqui espectáculo, mas será preciso uma terceira corrida *perfeita* para a pequena égua Cracker conseguir vencer o grande prémio! É uma noite espantosa, senhoras e senhores. Há poucos meses, *Estrela* estava a ser leiloada como comida para cão! Mas, graças a um rancheiro nativo-americano de bom coração, Ben Thocco, e à sua equipa de trabalhadores muito especiais, esta noite ela está a apenas uma corrida de ser uma estrela e ganhar um milhão de dólares!

- Ben, sabias que és nativo-americano? - perguntou Bigfoot. - Isso é bom?

- C-claro que é bom o Ben ser nativo-americano - murmurou Mac a Bigfoot. - Disseram q-que ele tem «bom coração». Se o dizem na televisão, é porque é bom.

- Quer dizer índio - explicou Cheech a Bigfoot.

- Ah! Então porque é que não disseram «índio»?

- Porque não se pode dizer «índio» na televisão - explicou Roy.

- Porquê?

Possum, que estava encolhido ao meu lado, soltou um grande suspiro de impaciência.

- Porque é como chamar-nos *atrasados mentais.* Ou dizer que o Roy e a Dale são «pretos».

- Bom, o Roy e a Dale *são* pretos.

- E tu és bronzeado - retorquiu Dale.

- De que cor é Jesus?

- Da cor que *Ele* quiser.

- Silêncio, todos - ordenei. - Estão a roubar o ar à Karen.

Isso bastou para os calar. O silêncio instalou-se.

Seguiram-me como cachorrinhos. Lily levava *Estrela.* Eu levei Karen novamente lá para fora para apanhar ar. Ela tinha os olhos fechados com força, por causa das dores. Tinha o queixo e a parte da frente da camisa salpicados de sangue. Portara-se lindamente, mas o seu nariz não estava a colaborar.

- Vou buscar uma camisa limpa - disse Lula. - Comprei algumas a mais.

- Traz outra toalha com aquela porcaria. Vamos aplicá-la novamente no rosto dela.

- Está bem.

Sentei-me na relva, com Karen no meio dos meus joelhos. Ela respirou fundo e, lentamente, abriu os olhos. Antes, quando ela estava a ver auréolas e fogos-de-artifício, tinha as pupilas tão dilatadas que mais parecia uma coruja. Agora estavam de volta ao normal. Mas a dor era tanta que mal conseguia pestanejar.

- Podemos acabar agora mesmo com esta competição - disse-lhe. - Ninguém te culparia por isso.

- Eu culpar-me-ia - ela olhou para mim com lágrimas nos olhos, mas conseguiu sorrir. - Traz-me lá mais unguento de madressilva.

***

- Olá, maninho, como vai isso? - perguntei ao telefone. Estava num beco por trás dos restaurantes. Na arena, a banda que tocava entre as séries de corridas estava a terminar uma canção de Toby Keith, uma das minhas preferidas. O público batia os pés ao ritmo da música. As paredes do beco vibravam a cada compasso. Na cocheira, Karen estava a descansar com a compressa de sabugueiro na cara. Dentro de poucos minutos teria de montar de novo, para a última corrida.

- Benji! Recebi mais gelado da Cold N'Creamy esta noite! - disse Joey. - E uma *pizza* de queijo! E dois médicos pediram-me o meu autógrafo!

- Ainda bem, mano. Como te sentes?

- Bem. Posso ver o meu coração a bater na televisão.

- Na televisão? Queres dizer nos monitores que tens ao lado da cama, não é?

- Sim! E às vezes o meu coração bate mais depressa e as enfermeiras aparecem logo a correr e põem mais remédio no meu tubo.

- No tubo do braço? - ele referia-se ao soro.

- Sim.

- Mas estás a divertir-te a ver a Karen e a *Estrela* na televisão?

- Muito!

- Ainda bem. Vejo-te mais logo.

- Traz a Karen.

- Está bem.

Quando ele passou o telefone a Miriam, ela disse:

- Ele está bem, querido.

- Teve problemas?

- O coração acelerou. Mas ele nem reparou. Está concentrado na televisão. Como está a Karen?

- Está a aguentar-se.

- As enfermeiras e os médicos estão sempre a aparecer para conhecerem o Joey. É uma festa. Ben, não te preocupes com ele. Neste preciso momento, tem para aí uma dúzia de médicos e enfermeiras dos Cuidados Intensivos sentados ao lado dele, a verem televisão. É o centro das atenções. Está a comer gelado e tem os olhos a brilhar. Ben, ele diz que esta é a noite mais excitante da vida dele.

Encostei a testa a uma parede.

- Cuida bem dele, está bem? Eu telefono logo a seguir à última corrida. Seja, boa, má ou indiferente.

- Ben, não percebes, pois não? Ele está feliz por estar vivo. Não interessa o que aconteça a seguir. Está muito à frente de todos nós em termos de sabedoria.

- Quem me dera estar também.

- Boa sorte, querido. Os teus pais estão a olhar por ti e pelo Joey esta noite. Consigo senti-los.

Fechei os olhos.

- Espero bem que sim. Às vezes, quase que consigo ouvi-los falar.

- Estão a falar contigo do teu coração, Ben.

- Era bom que falassem ligeiramente mais alto.

Desliguei e regressei aos estábulos.

Karen estava deitada numa espreguiçadeira ao lado da cocheira de *Estrela*. Tinha a metade superior do rosto coberta por uma compressa de sabugueiro. Cheirava a tarte de bagas. *Estrela* mordiscava-lhe a trança, como se estivesse a tentar prová-la.

Lily e Mac estavam sentados um de cada lado de Karen, segurando-lhe nas mãos.

- Como se sente? - perguntou uma repórter da World Sports Network, encostando o microfone à boca de Karen.

- Deliciosa.

- O que fará se ganhar?
- Ponho uma colher de gelado e uma fatia de queijo de soja na cabeça.
- Vamos à Disneylândia - respondeu Lily.
- Porquê? - perguntou a repórter.

Ela encolheu-se.

- Porque é o que toda a gente diz.

A repórter virou o microfone para Mac.

- Mr. Tolbert, está orgulhoso da sua égua?

Mac baixou a cabeça, timidamente. Karen, ainda de cara tapada, sentiu o nervosismo dele. Pegou-lhe na mão grande e desenhou um triângulo no ar. *Concentração. Seguir o ritmo.* Mac olhou atentamente para o padrão.

- Estou orgulhoso... da *Estrela* e orgulhoso... da Karen.

Não gaguejou, nem uma vez. Exibiu um sorriso radiante. Lily também. Karen apertou-lhe a mão.

Depois de a repórter se ir embora, agachei-me ao lado de Karen e pousei a mão no joelho dela.

- O Joey está a torcer por ti - disse-lhe. - Ganhes ou percas.

Ela tirou a toalha da cara e olhou para mim como se soubesse que tinha de caminhar na prancha do navio pirata, quer estivesse pronta ou não. A pasta de sabugueiro deixara-lhe na cara uma camada húmida, castanha e gordurosa, que formava uma máscara estranha em volta dos olhos e do nariz inchados. Parecia um guaxinim que se tivesse envolvido numa sessão de pancadaria.

- Ganhe ou perca, que tal estou? perguntou ela.
- Linda, de uma maneira ou de outra - respondi.

Kara

Dor. Dominava-me por completo. A compressa de sabugueiro só reduzira a intensidade dos baques, do ribombar de um bombo, para os ecos delicados dos tímpanos.

Estrela percorreu lentamente o picadeiro de aquecimento, controlando os passos, como se estivesse a tentar não me sacudir demasiado. Talvez sentisse a minha necessidade de meditar. Montei de olhos fechados, tentando afastar a dor com os pensamentos.

- E lá vai Sue Rhoane - gritou o apresentador. - Mais um grande tempo! Senhoras e senhores, a seguir temos Becki Ray, e depois Tami Jo Jackson e Karen Johnson. Com estes tempos, vai ser o confronto milionário do século!

Os gritos distantes da multidão eram como punhos a apertarem-me as têmporas. Respirei fundo. «Não consigo fazer isto. Não consigo. É impossível. Vou desiludir toda a gente.»

Olá, minha querida.

Mãe? Uma fantasia induzida pela dor. Uma pequena alucinação. Inofensiva.

Muito bem.

O teu pai também está aqui.

Pai! Tenho tantas saudades vossas.

Nós sabemos, querida. Faz parte da vida. Temos muita pena que tenhas sido obrigada a sofrer tanto. Mas tens tantas pessoas maravilhosas à tua volta. Tens o Mac, a Lily e o Ben. Agora nunca mais estarás sozinha. Nunca mais.

- Karen? - chamou Ben. - Karen? Chamada à Terra!

Abri os olhos. Ben, Mac, Lily e os demais fitavam-me preocupados. Ben abriu o portão e aproximou-se de *Estrela* ainda com mais cuidado do que o habitual. *Estrela* olhou por cima da cabeça dele quando a multidão exaltou de novo.

As orelhas dela inclinaram-se para a frente. Resfolegou. De súbito pareceu estremecer, alerta, pronta, como uma bailarina a dançar em pontas. Movi-me com ela, equilibrada, espantada.

A dor desaparecera. Tinha uma pequena janela de oportunidade. A cabeça limpa. Esperança. Confiança. E, acima de tudo, paz.

- Está tudo bem aí em cima? - perguntou Ben baixinho. - É agora ou nunca. Não tens nada a provar. És uma boa corredora de barris e uma das melhores *cowgirls.* Basta dizeres e eu levo-te daqui para fora agora mesmo. É a tua última oportunidade.

Sorri, primeiro a Mac e Lily, depois a Ben. *Uma das melhores cowgirls.* Tínhamos uma corrida pela frente.

- Estou pronta.

***

- Catorze-dois-nove - gritou o apresentador. - Tami Jo Jackson acaba de fazer o melhor tempo da noite!

- Tenta lá fazer melhor, sua cabra gorda sardenta.

O desafio de Tami Jo. Lançou-mo quando passou com o seu cavalo por mim e por *Estrela* - íamos a caminho da pista de entrada.

Eu levei a mão à aba do chapéu e continuei sem olhar para trás.

Insultos reles não são coisa própria de uma *cowgirl.*

Ben

- Faz lá melhor, *El Diablo.*

Não havia dúvida de que Tami Jo sabia atirar uma ou duas palavras contundentes. Não tinha ouvido o que ela dissera a Karen, mas ouvi muito bem o que me disse a *mim* ao passar. Levei a mão ao chapéu e continuei a andar.

Tinha mandado Mac e Lily para as bancadas, com Lula e os demais.

- Precisamos de uma claque lá em cima - disse-lhes.

A verdade era que, acontecesse o que acontecesse, eu queria cuidar de Karen - das suas lágrimas, da sua desilusão, fosse o que fosse - em privado.

Bom, com uma equipa de filmagem perto da entrada da pista a gravar tudo seria *privado* dentro do possível.

Coloquei-me ao lado da pista. Até havia um ecrã de televisão nos bastidores. Olhei para ele e vi o rosto de Karen em grande plano, todo inchado. Mas os seus olhos estavam límpidos e calmos enquanto colocava *Estrela* em posição.

- Olhem para aquele rosto, senhoras e senhores - troou o apresentador. - Ela deve estar cheia de dores. Conseguem sequer imaginar?

Karen olhou para mim e eu desviei os olhos da versão televisiva para fitar a mulher real. O que quer que tivesse acontecido dentro do picadeiro de aquecimento, era óbvio que ela tinha feito as pazes consigo própria e, naquele momento, não sentia qualquer dor. Talvez mais tarde, mas não agora. Apenas garra e determinação.

Ela levou a mão ao chapéu.

Eu levei a mão ao meu.

Era agora ou nunca.

- Karen Johnson e *Estrela,* o Cavalo Maravilha, podem entrar - gritou o apresentador.

E partiram.

Primeiro barril. Quatro-seis-dois.

Segundo barril. Oito-sete-um.

Terceiro barril. Onze-nove-dois.

Estavam vinte mil pessoas de pé. Um grande plano das bancadas mostrou o meu pessoal, com Mac e Lily agarrados um ao outro enquanto os restantes saltavam. Até Possum. Um grande plano de J. T. Jackson mostrou-o de sobrolho franzido. Um grande plano de Tami Jo mostrou o seu rosto a empalidecer.

O portão.

O portão.

- Catorze-um-nove! - gritou o apresentador. - Karen e *Estrela,* do Rancho Thocco, conseguiram! Venceram! Venceram!

Estrela entrou na pista a toda a brida. Karen encostou-se para trás na sela e a égua deslizou numa paragem perfeita. Depois girou sobre si própria e tentou abocanhar a cabeça do operador de câmara que eslava a enfiar-lhe a câmara no focinho.

Este recuou rapidamente. *Estrela* não estava preparada para grandes planos.

Saltei por cima da cerca e corri para Karen. Segurei-a pela cintura e ela desmontou.

- Ganhaste, *querida!*

- Não, *ganhámos* - acariciou o pescoço de *Estrela. Estrela* estremeceu, com um olhar feroz para a câmara, mas deixou Karen acariciá-la. Depois Karen lançou os braços à volta do *meu* pescoço e beijou-me. Retribuí o beijo, com cuidado para não lhe tocar no nariz.

Ambos perdemos os chapéus.

No meio dos aplausos e da excitação, olhei para o ecrã de televisão. Estavam a mostrar J. T. Jackson e Tami Jo. Ela estava com uma expressão tão azeda que parecia ter sido mergulhada em vinagre por dentro e por fora. J. T. Jackson parecia *Jabba the Hut* quando a *Princesa Leia* o estrangulou a bordo do seu barco à vela.

Depois o ecrã dividiu-se; eles de um lado, eu e Karen do outro. Sorri e levantei a mão para todo o mundo ver. Com a palma virada para a frente.

Depois fechei-a e deixei só um dedo levantado.

O indicador.

- Somos os primeiros - disse.

Karen fez um pequeno aceno ao mundo da televisão, uma espécie de aceno régio, para um lado e para o outro, com a mão ligeiramente dobrada.

- Mac, Lily! - gritou. - Joey! Roy! Dale! Possum! Cheech! Bigfoot! Miriam! Lula! *Ganharam!*

Mais tarde, soubemos que Joey sorrira de orelha a orelha quando ela disse o seu nome na televisão. Miriam e todos os médicos e enfermeiras que estavam a ver a World Sports Network com ele quase rebentaram, com o esforço para não gritarem alto e não assustarem os outros pacientes da enfermaria.

Os joelhos de Karen cederam. Peguei-lhe ao colo. Levei-a para fora da arena, para apanhar ar, com *Estrela* atrás de nós como um cachorrinho satisfeito. *Estrela* não tentou morder-me. Maravilha das maravilhas, até encostou o focinho ao meu ombro.

Tinha a minha mulher nos braços e a égua dela não estava a tentar morder-me. Mais ou menos nessa altura, o fogo-de-artifício da Disneylândia teve início, iluminando o horizonte como se nos homenageasse. Ficámos os três a olhar para o céu, a ver os foguetes sofisticados da nova Florida rebentarem entre a grandiosidade das estrelas da velha Florida. Às vezes, o antigo funde-se com o novo da melhor forma, e alma e coração são suficientes para vencer o sistema.

Não podia haver nada melhor.

Capítulo 29

Kara

Depois de uma boa noite de sono, com a cabeça no colo de Lily, na sala de espera da Unidade de Cuidados Intensivos Cardíacos, as enfermeiras da unidade ofereceram-me um duche, comprimidos para as dores e um conjunto de calças e bata verdes como os que usavam no bloco operatório. Lily, Mac e eu entrámos no quarto de Joey em bicos de pés, enquanto Ben e Miriam iam tomar o pequeno-almoço. Mac trazia uma surpresa escondida num grande saco de plástico.

- Temos uma prenda para ti - disse eu a Joey.

Os olhos dele cintilaram.

- É quase tão grande como eu!

Mac pousou o presente volumoso em cima da mesa de Joey. Fiz sinal a Lily. Ela desamarrou a fita.

- *Tcharaml* - disse, puxando o plástico para baixo.

O elaborado troféu brilhou sob as luzes fluorescentes do quarto. No topo, uma *cowgirl* contornava um barril montada num cavalo, tudo em dourado. Apontei para a placa em branco, na base.

Vão pôr os nomes aqui. Vai dizer: «Entregue ao Rancho Thocco». E, por baixo, os nomes de todos os que gostam da *Estrela.* O Mac e a Lily, o Roy e a Dale, a Miriam e a Lula, o Bigfoot e o Cheech e o Possum. E o Ben – sorri-lhe. – E tu.

Joey arregalou os olhos.

- O meu nome vai estar aí em ouro? Para sempre?

- Para sempre.

- *Para sempre* - ele saboreou as palavras. Depois o sorriso desapareceu e o seu rosto contraiu-se. - Acho que não estarei cá... para sempre.

Os alarmes dos monitores começaram a apitar.

***

Desliguei o telemóvel quando Ben entrou na sala de espera.

- Como está ele?

- Tiveram de lhe dar um choque no coração para o normalizar. Está sob o efeito dos medicamentos, mas a descansar tranquilamente. Por enquanto.

- Lamento muito. Não devíamos ter trazido o troféu. Foi demasiada excitação para ele, depois de tudo o resto.

- Não digas isso. Não há nenhuma razão particular para o que lhe está a acontecer - a voz de Ben falhou. - O que fizeste por ele... fizeste-o feliz. Ele está... em paz.

- Não tens de travar sozinho as batalhas dele. Anda cá. Senta-te. A Miriam e a Lula levaram o resto do pessoal lá abaixo para almoçar. Tu e eu precisamos de conversar.

Conduzi-o a um sofá perto de uma janela. As ruas movimentadas e os empreendimentos turísticos de Orlando fervilhavam. Ben sentou-se, desanimado, os braços bronzeados apoiados nos joelhos, os ombros abatidos, a cabeça inclinada.

- Não me venhas com contos de fadas nem me digas que vai correr tudo bem. Porque não vai.

- Nunca te prometeria milagres. Mas posso dizer-te que há bons motivos para não abandonarmos a esperança.

- Querida, eu vivo de esperança desde que era miúdo. Nunca a abandonei. Mas ela abandonou-me muitas vezes.

- Ben, preciso de te dizer...

- Ben Thocco? - perguntou um homem atrás de nós.

Ben e eu virámo-nos e vimos um executivo com roupas informais. Sedge calculara mal as horas de chegada. Ben e eu levantámo-nos. Ele franziu o sobrolho.

- Sim, sou Ben Thocco. O que posso fazer por si, amigo?

- É mais o que eu posso fazer pelo seu irmão, Mr. Thocco - o homem avançou, de mão estendida. Apresentou-se e apertaram as mãos. - Faço parte de um grupo de investigação cardíaca da Universidade de Emory, em Atlanta. Estamos envolvidos em novas técnicas experimentais de cirurgia. Não há garantias, Mr. Thocco, mas o Joey parece ser um bom candidato ao nosso programa.

- Está a dizer que talvez consiga salvar-lhe a vida?

- Possivelmente. Será necessária uma cirurgia arriscada e, como já disse, não há garantias. Mas, se estiver interessado em saber mais, estou aqui para lhe explicar tudo.

- Estou interessado - disse Ben.

Ben

Assim que eu e Karen ficámos novamente sozinhos, apertei-a contra mim.

- Agora, o Joey tem pelo menos uma hipótese.

Ela sorriu.

- Sim. É maravilhoso.

Segurei-lhe o rosto.

- Tu és mesmo um amuleto de boa sorte.

- Está na altura de te contar alguns pormenores sobre mim. A minha sorte tem... uma história por trás. Vamos sentar-nos num lugar sossegado e eu tentarei...

- Mr. Thocco - disse outra voz.

Virámo-nos. Karen escondeu-se atrás de mim. Como tinha a cara inchada, achei que era uma reacção natural. Outro desconhecido de fato sorriu-me.

- Estou aqui para organizar a transferência do seu irmão para Atlanta... - depois os olhos dele fixaram-se em Karen, atrás de mim. - Kara? Oh, meu Deus! - e aproximou-se de nós com as mãos estendidas.

Karen gemeu atrás de mim, depois suspirou e saiu do seu esconderijo.

- Sim? - disse.

O homem quase lhe fez uma *vénia.*

- Kara, tive tanta pena de saber o que aconteceu aos seus pais. O Charles e a Elizabeth eram tão generosos nas suas contribuições. E a influência do senador Whittenbrook tem sido muito útil na obtenção de subsídios. Quero apenas que saiba que o apoio da família Whittenbrook significa muito para a nossa pesquisa. Fico muito feliz por podermos fazer alguma coisa por si, pessoalmente, em troca.

Virei-me lentamente para Karen.

- O teu nome é Kara, não Karen?

- Sim - disse ela. Quanto mais estudava o meu rosto, mais tristes os seus olhos ficavam.

- E, só para que fique bem esclarecido, qual é o teu apelido?

Ela respirou fundo.

- Whittenbrook - disse.

- Já sou um rapazinho crescido, portanto não precisas de te preocupar comigo - declarei a Karen. Estávamos no parque de estacionamento do hospital. Ela tinha estado a chorar. E eu também estava com vontade de fazer o mesmo. - Só gostava que não tivesses feito tanta questão de me dizer, há algum tempo, que eu tinha conquistado a tua confiança.

- Isto não tem nada a ver com falta de confiança. Não foi por isso que não te disse quem sou.

- Então porquê? Um joguinho secreto? Deixa-me ver se percebi bem. Trataste do meu problema com a hipoteca no Sun Farm?

Aquiesceu.

- Sim.

- Aquele homem de idade que conheci na arena. Sedge. Ele trata dos teus assuntos.

- Sim.

- E o teatro das sereias, o negócio com o Spielberg? Também foste tu?

- Sim.

- E... a propriedade do Tom D. Dooley?

- Sim.

- E o maldito jogo de póquer, fui mesmo eu que o ganhei? Ou também estava tudo preparado?

- *Claro* que foste tu que o ganhaste. Não tive nada a ver com isso. Juro.

- Graças a Deus pelas pequenas benesses.

- Por favor, não olhes assim para mim.

- Nunca arriscaste nada aqui. Nunca. Usaste-me. Que piada que este drama todo deve ter tido para ti. As preocupações todas com dinheiro. Quantias que são apenas trocos para uma pessoa como tu.

Ela levou a mão ao medalhão de ouro.

- Arrisquei perder as *cinzas* dos meus pais numa loja de penhores. *Isso não foi nenhuma piada para mim.*

- Sabias que podias ir lá mais tarde, sem ninguém saber, e comprar o medalhão, se fosse preciso. Nunca tiveste nenhuma preocupação genuína. Nem com o medalhão, nem com nada. Não é o facto de seres rica que me incomoda, Karen. Kara. Seja lá qual for o teu nome. É o facto de teres fingido preocupares-te em vez de admitires simplesmente: «Olha, sou rica. Queres algum dinheiro?»

- Nunca o terias aceitado.

- A questão não é essa.

- Ben, tudo o que eu te disse, sobre como te respeitava, como respeitava o que conseguiste no rancho, tudo isso é verdade. E tudo o que disse sobre querer ajudar a preservar o rancho também é verdade. Adoro o rancho. Adoro tudo nele - a voz falhou-lhe. - Adoro todas as pessoas nele. Se me deixares, posso ajudar-te a tomar conta deles. Serei tua sócia.

- Como podemos ser sócios? São precisas partes iguais para haver uma sociedade.

- Não, é preciso uma confiança igual.

- Concordo. E não temos isso.

Ela ficou muda. Fechou os olhos, como as pessoas fazem quando se estão a recriminar por dentro. Sim, eu fizera-me entender. Que bom para mim. Quando ela abriu os olhos, a vontade de lutar desaparecera. Vi apenas um pedido de desculpa.

- Lamento muito. Estou a implorar-te que me perdoes. Cometi um erro enorme por não te dizer quem sou há muito tempo. Orgulhei-me tanto de estar a correr riscos, mas fugi daquele que mais me podia magoar.

- Ouve, o que acho imperdoável não é o facto de me teres mentido a mim, mas sim teres mentido aos demais. Apareceste no rancho sob falsos pretextos... eu percebi isso desde o princípio, sim, mas deixei toda a gente apaixonar-se pela Karen Johnson. E encorajaste-os a amarem-te, a dependerem de ti.

«Eu avisei-te para levares os sentimentos deles a sério. Sempre estive preocupado com o sofrimento que lhes causarias quando te fosses embora. Mas acabei por me deixar envolver e também me tornei dependente de ti. Deixei-me apanhar numa fantasia, sonhei que talvez conseguisse convencer-te a ficar depois do Verão.

«Mas agora vejo que nunca confiaste verdadeiramente em mim, nem mesmo depois de dizeres que sim, nem mesmo depois do que aconteceu nas Keys. E não tinhas a mínima intenção de ficar, pois não? Tinhas medo de que eu fosse atrás do teu dinheiro?»

- Não. Ben, por favor...

- E mais uma coisa: por que raio é que a Kara Whittenbrook se preocupa tanto com o Mac e a Lily? Dá-me uma boa razão, e honesta, para não quereres que *eles* soubessem quem tu eras.

Ela olhou para mim durante o que me pareceu uma eternidade. Vi um turbilhão de emoções agitarem-se dentro dela. Por fim, disse, em voz baixa:

- Não tinha a certeza se queria que eles, ou qualquer outra pessoa, soubessem que *sou filha deles.*

Uau!

Eu precisava de um minuto.

Recuei um passo.

Perscrutei o rosto dela. Quando amamos uma pessoa, acabamos por conhecer a cara dela tão bem como a nossa. Vemos para além dos defeitos, vemos o avesso.

E eu tinha de vê-la de uma forma completamente nova antes de conseguir absorver o que ela acabara de dizer.

- Mr. Thocco - chamou uma mulher da porta do hospital. - Há papéis que tem de assinar, relativamente à transferência do seu irmão para Emory. - Quando nem Karen nem eu quebrámos o nosso transe para lhe responder, a mulher insistiu. - Mr. Thocco? Isto é *urgente.*

- Vou já - ouvi a minha voz como um eco ao fundo de um longo corredor.

Meu Deus, era verdade. Aproximei-me de novo, olhando para tudo o que conseguia ver agora.

- És parecida com a Lily. E quando gaguejaste naquele dia, no espectáculo de cavalos em Fountain Springs, parecias mesmo o Mac. Meu Deus.

Ela anuiu. As lágrimas deslizaram-lhe pelas faces.

- Desculpa não te ter confessado a verdade mais cedo. Só soube da existência deles depois de os meus pais adoptivos morrerem. Ainda não sei bem o que hei-de dizer-lhes. Especialmente porque eles não admitem que tiveram um filho.

Passei a mão pelo cabelo. Um pensamento terrível sobrepôs-se a tudo o resto.

- Ainda não tens a certeza se queres que as pessoas saibam que os teus verdadeiros pais são *atrasados mentais.*

Era a coisa mais cruel que podia ter-lhe dito. Ela recuou. Foi como se lhe tivesse batido.

- Eu amo-os - disse ela com a voz rouca. - Não estava à espera de os amar, admito. Mas amo. E fiquei envergonhada quando soube da existência deles. Também o admito. Mas *agora,* tenho vergonha de alguma vez ter pensado neles como um embaraço. Não mereço o que acabaste de me dizer.

E deixou-me ali, a engolir o sabor amargo do meu orgulho, sozinho.

Kara

Na manhã seguinte, toda a gente do rancho se reuniu em volta da cama de Joey. Os executivos da World Sports Network trouxeram um cheque gigante de um milhão de dólares. Estava passado em nome de todos, incluindo eu. Karen Johnson.

Karen Johnson ainda existia, embora apenas no papel e nas mentes confiantes de Mac, Lily, Joey e dos outros. Tentei evitar olhar para Ben. Era difícil conter as lágrimas que me faziam arder os olhos.

Tiraram-se fotografias. Trocaram-se apertos de mão. Esta cerimónia rápida era por causa de Joey. Ele e Ben partiam para Atlanta nessa tarde. Eu ajudaria Miriam e Lula a levar o resto do pessoal de volta ao rancho.

Olhámos para o cheque.

- Nem consigo imaginar quanto dinheiro é - murmurou Lily.

Miriam riu-se.

- Mesmo depois de os impostos levarem quase metade, ainda receberemos todos mais ou menos cinquenta mil dólares cada um - tinham concordado em dividir o dinheiro em partes iguais. Eu receberia o meu quinhão.

- Cinquenta mil dólares - disse Roy. - Quanto é cinquenta vezes mil dólares?

Lula riu-se e abraçou-o.

- É o suficiente para tu e a Dale poderem comprar camisas e chapéus elegantes para o resto da vida.

Bigfoot assobiou.

Vou comprar brinquedos novos para os meus gatos.

- E eu uma máquina nova para tirar fotografias das pedras - disse Cheech.

- Uma caixa maior para dormir - disse Possum. Estava a sentir-se mais confiante em relação a espaços abertos.

- E vocês? - perguntei a Mac e Lily.

Mac pigarreou.

- A nossa p-parte chega para c-construir mais um quarto do t-teu lado da caravana?

- Chega e sobra, tenho a certeza. Mas porque querem acrescentar um quarto?

Lily sorriu-me.

- Para teres mais espaço. Não podes continuar a viver num quartinho tão pequeno. *Mr. Darcy* não gostava de ter um quarto só para ele?

Senti um nó na garganta. O que podia dizer, o que podia fazer?

- Falaremos de projectos de construção mais tarde - anunciou Ben. - Vamos sair daqui e deixar o Joey descansar.

A distracção funcionou. Depois de os outros saírem, Ben virou-se para mim.

- Quero que dês a minha parte aos médicos em Emory. Sei que cinquenta mil dólares está muito longe de cobrir as despesas da cirurgia de Joey, mas é

um princípio. Agradeço-te tudo o que fizeste. Se houver alguma coisa que eu possa fazer por ti, diz-me. Seja o que for.

- Estás a agradecer-me apenas por educação, não é? Não quero os teus agradecimentos. Nunca tive segundas intenções. Tu recusas-te a acreditar em pura generosidade. Ou só acreditas quando a generosidade é da tua parte? Deste-me um emprego, um lar, respeito. Nunca pediste favores em troca. Pois bem, eu também não peço.

- O que vais dizer ao Mac e à Lily?

- Ainda não sei. Ainda estou a pensar o que te vou dizer a *ti.*

- Diz-me apenas que cuidarás de todos até eu voltar.

- Assim o farei.

- Obrigado. Fizeste um excelente trabalho no rancho, Karen. Quero dizer, *Kara.*

- Nunca me importei com o nome que me chamavas - murmurei num fio de voz. - Desde que precisasses de mim. De *mim.* Não da imagem. Não do nome. Não do dinheiro. De mim. E afastei-me.

Capítulo 30

Kara
Rancho Thocco

Miriam telefonou-me nessa noite quando eu estava na cavalariça.

- O Ben ligou. O Joey adorou a viagem de helicóptero para Atlanta. O médico deu-lhe gelado durante o voo. Está instalado num quarto especial no hospital. O Ben diz que estão a tratá-lo como uma cobaia muito valiosa, mas no bom sentido. Dois dias de exames e depois a operação. O Ben queria saber como estavam as coisas por aqui.

«Disse-lhe que tinhas mandado o Tom D. Dooley para casa esta noite. Disse-lhe que tinhas dito que somos uma equipa e que, se trabalharmos juntos, conseguiremos manter todos os animais seguros e bem alimentados até ele voltar. E sabes o que o Ben respondeu? Disse: 'Ela é capaz de lidar com projectos muito maiores do que o meu rancho.' Que raio quis ele dizer com isso? E o que se passa entre vocês os dois? Não me agradam as vibrações que tenho estado a sentir nestes últimos dois dias.»

Respirei fundo. Porque não admitir a verdade a Miriam?

- Ele está aborrecido porque descobriu que eu sou herdeira de uma grande fortuna.

Miriam gemeu.

- Está bem, está bem. Avisa-me quando quiseres falar *a sério.*

Baixei a cabeça. De muito me valia ser honesta.

- Está bem.
- Não te demores senão a Lily e o Mac vão à tua procura.
- Só mais alguns minutos. Adeus.

Pousei o telefone e fiquei sentada, desanimada, a olhar para o céu escuro da noite. A fina Lua de Setembro parecia um brinco prateado no ramo de um carvalho. As rãs no pântano trocavam coros, soando como oboés desafinados. Os aligátores rugiam. A brisa suave da noite trazia aromas de laranja e madressilva e da água salgada distante. Inspirei profundamente.

Tirei o fio com o medalhão do pescoço e coloquei-o num pequeno envelope almofadado. Depois pus essa recordação preciosa num envelope maior, juntamente com os meus cadernos repletos de detalhes afectuosos sobre a vida no Rancho Thocco. Por cima de tudo, numa folha de papel pautado, escrevi:

Querido Ben,

Agora sou uma sereia, por isso sou atraída pelo aroma do oceano, mesmo a cem quilómetros da praia mais próxima. Respiro o aroma do Little Hatchawatchee nas traseiras do rancho e sinto-me em casa. Sou Atar-quem*, a sereia. E sou uma cowgirl de um milhão de dólares. E sou Karen Johnson. E Kara Whittenbrook. E sou a bibliotecária*

que compilou cadernos cheios de detalhes complexos sobre o teu rancho. E sou a cozinheira irascível e semivegetariana que se apoderou da tua cozinha. E sou a mulher que fez amor contigo com tanta intensidade. Todas essas pessoas, é isso que eu sou.

Tal como tu és Ben Thocco, o cowboy. O índio seminole cujo avô lutava com aligátores, cujo pai era cowboy e cuja mãe era uma sereia que fazia vestidos maravilhosos para mulheres que sonhavam com sereias e com Jackie Kennedy. O homem que vestiu um smoking e ganhou o jogo de póquer de um pirata/magnata dos pneus nas Keys. O homem que nunca se gaba de saber pilotar aviões e que fala espanhol fluentemente. O hombre forte que enfrentou os irmãos Pollo sem hesitar. O dedicado irmão mais velho de joey Thocco. O carinhoso protector de Mac e Lily. O galante filho emprestado de Miriam e Lula. É graças a ti que Bigfoot, Cheech, Possum, Dale e Roy têm um lar, uma vida, a companhia uns dos outros e dignidade.

E és El Diablo.

Sei que odeias a recordação de El Diablo. Não consegues ver a sua paixão e os seus atractivos, que se erguem acima da forma e do motivo por que foi criado. Ele era um sobrevivente, como tu. E, em certos aspectos, como eu. El Diablo Americano. Eu adorava El Diablo quando era uma adolescente a crescer sozinha num mundo rico e exigente. Nunca acreditei que ele fosse um dos vilões, um tipo mau. Acreditava que El Diablo simplesmente nunca tinha tido oportunidade de revelar a sua verdadeira personalidade.

E depois conheci-te. E tive a certeza. El Diablo era um herói, no coração.

Eu quis ser a tua heroína.

E dei-te o meu coração.

Com amor,

Kara e Karen

Fechei o grande envelope.

Estrela encostou o focinho ao meu cabelo e ergui a mão para acariciar o seu nariz macio e prateado.

- Tu, minha querida égua, és uma vencedora. Uma campeã. Estou tão orgulhosa de ti. Nunca mais ninguém te comparará com comida para cão.

Ela estremeceu perante essa possibilidade.

- Agora só queria saber o que hei-de fazer a seguir.

Senti o bafo quente da respiração de *Estrela* na minha testa. Até a mera pressão do ar me fazia doer a cara. O inchaço tinha diminuído, mas tinha nódoas negras debaixo dos olhos.

Levantei-me e dirigi-me à casa principal com passo fatigado. Os sonhos são feitos de salvação, triunfo, arrependimento e esperança. O sucesso é um sítio, uma forma de vida, uma espécie de família, a sensação de pertencer. O amor é fluido. Sai de nós a cada fôlego. A paixão mantém-nos à tona de água.

Nessa noite, eu sentia-me submersa numa sensação de perda.

Ben
5 a.m., Atlanta

- Vejam só o que o Diabo mandou vir - disse eu, com maus modos.

Phil entrou na sala de espera do hospital, olhou para o relógio que dizia que ainda não era manhã e sentou-se ao meu lado. Pousou no chão uma pequena mala de cabedal e retirou um fio de linha da manga da camisa.

- Os hospitais divertem-me - disse. - Gosto do cheiro a medo.
- Nesse caso, estás no sítio certo.
- A operação começa daqui a uma hora?
- Sim. Vão começar a prepará-lo nessa altura. Agora está a dormir descansado. Fui espreitá-lo há poucos minutos.
- Passei pelo teu rancho antes de vir. A espantosa Kara tem tudo bem organizado.

Kara. Senti um arrepio na espinha. Não era por acaso que ele estava a tratá-la pelo nome verdadeiro.

- Há quanto tempo sabes a verdade sobre ela?
- Desde pouco antes da vossa viagem às Keys. Ela deixou as impressões digitais numa garrafa de vinho no bar. Limitei-me a aproveitar a oportunidade para saber mais - tirou um pacote volumoso da mala e pousou-o nos meus joelhos. - Ela deu-me isto. Para ti.

Abri o pacote. Pus os cadernos de lado para ler mais tarde. Segurei no medalhão e li a carta.

Quando finalmente ergui os olhos, Phil tinha-me deixado sozinho na sala de espera.

Tínhamos feito um acordo há muito tempo. Eu não o veria chorar. E ele não me veria chorar.

Kara

Estávamos sentados na cozinha, tentando fingir que tínhamos apetite para o meu almoço de hambúrgueres de salmão com batatas doces fritas. De repente o telefone tocou. Miriam apressou-se a atender. Tinha as mãos a tremer.

- Ben? - depois ficou à escuta. - Sim. Sim.

Lily apertou-me a mão de um lado; Mac fez o mesmo do outro. Roy e Dale deram as mãos. Cheech, Lula e Bigfoot também. Possum enfiou-se debaixo da mesa e abraçou-se a *Ruibarbo. Grub* observava, muito quieto, de cima do balcão. Em cima do frigorífico, *Mr. Darcy* inclinou a cabeça para o lado como se estivesse também a ouvir.

Miriam respirou fundo e sorriu.

- Sim. Volta para o recobro. Eu ponho o resto do pessoal a par das novidades - desligou o telefone. - A operação correu bem. Nos próximos dias saberemos se o coração de Joey vai melhorar ou não.

- Obrigada, Jesus - disse Dale.

Olhei cuidadosamente para Miriam.

- Como te pareceu o Ben?

- Cansado. Exausto. Mas bem. Ele disse que voltava a ligar mais tarde. Diz que quer falar *contigo.*

Senti o coração leve e pesado ao mesmo tempo. Seria bom ou mau? Mas, pelo menos, ele queria falar. E, mais importante do que isso, a operação de Joey tinha corrido bem. Olhei para a mesa e sorri.

- Toca a comer! Temos um rancho para gerir!

Todos sorriram e pegaram nos seus hambúrgueres de salmão.

Eu apenas fingi comer.

Ben
Atlanta

Por mais que nos advirtam do que vamos encontrar, ver alguém que amamos depois de uma grande cirurgia é um choque. Joey estava muito pálido. Tinham acabado de lhe tirar o ventilador e a sua boca estava inchada. Estava rodeado de tubos e fios. As suas pálpebras estremeceram, mas ainda não estava acordado.

As enfermeiras puxaram o lençol para baixo e mostraram-me a longa incisão no centro do seu peito. Estava coberta por um penso transparente. Como se ele fosse um pedaço de carne embalada para guardar no frigorífico do supermercado.

Sentei-me ao lado da cama e peguei numa das suas mãos frias e inertes.

- Vá lá, maninho, acorda - tudo o que importava agora era Joey. Precisava de ouvir a sua voz, de ver o seu sorriso. Podiam dizer-me o que quisessem sobre bons resultados e bons sinais vitais. Mas eu precisava de provas. Esfreguei as costas da sua mão com o polegar. - Joey? Acorda. Vá lá.

Nada.

Pigarreei. As enfermeiras tinham dito que eu devia falar com ele para o ajudar a recuperar a consciência, mesmo que ele ainda não percebesse.

- Mano, descobri recentemente umas coisas sobre a Karen que explicam muito do que eu não conseguia perceber antes. O porquê de ela ter vindo para a Florida, o porquê de ter ficado tão agarrada ao Mac e à Lily tão depressa, talvez até o porquê de *eles* se terem agarrado tão depressa a ela, tão naturalmente, como se os seus instintos lhes dissessem que partilhavam o mesmo sangue.

«Não faço ideia do que aconteceu quando a Karen nasceu, ou do motivo pelo qual o Mac e a Lily nem sequer admitem que a tiveram. Não sei se a deram

para adopção de boa vontade ou se o Glen os obrigou. Conhecendo o Glen, acho que não devem ter tido muitas opções.

«Mas a verdade é que a Karen começou a vida tão mal como nós. Teve a sorte, acho que se pode dizer isso, de ser entregue a pessoas ricas, portanto talvez as coisas tenham corrido pelo melhor. Os pais dela morreram... os que a adoptaram... e ela veio à procura do Mac e da Lily. Agora tenho de saber o que tenciona fazer em relação a eles. Talvez não consiga dizer-lhes quem é. Talvez seja melhor não lhes dizer. Ou talvez não.

«Bolas, maninho, não consigo pensar bem neste momento. Mas sei uma coisa: ela tem estado a tentar ajudá-los desde o primeiro dia, e tentou também ajudar-nos, a ti e a *mim.*

«Se não fosse ela, não estarias aqui, não terias tido esta oportunidade de viver uma vida melhor. Ela nunca me pediu nada e tudo o que fiz ultimamente foi ser cruel para ela.

«Acho que o que estou a dizer, Joey, é que a amo e sempre a amarei. Ela faz parte da minha vida, da tua vida, da vida do Mac e da Lily, da vida do rancho, faz parte de *nós.* Sempre tive medo de ser propriedade de outra mulher. Nunca me ocorreu que, quando amamos uma mulher, ela já é nossa *dona,* de corpo e alma, independentemente do dinheiro. E, com sorte, eu sou *dono* dela. Se cada um é dono do outro, trata-se de uma sociedade, não de uma relação de domínio. O que achas?»

Nada.

Passei a mão pelo cabelo, inclinei a cabeça, fechei os olhos.

- Vá lá, maninho. Acorda. Eu amo-te. Não sei o que faria sem ti. Acorda. Acorda e dá-me algumas palavras de sabedoria. Tens estado a falar com os anjos este tempo todo? Foi o que a Dale disse. Vá lá, Joey. Acorda e conta-me o que os anjos disseram. Falaste com os pais? Espero que sim. Conta-me o que eles te disseram.

Nada.

Fiquei ali sentado, com a cabeça inclinada, durante o que me pareceu uma eternidade, segurando-lhe na mão. Quando os dedos dele começaram a apertar os meus, pensei que fosse a minha imaginação.

- *Benji* - murmurou ele. Ergui os olhos e vi-o a sorrir, um sorrisinho ensonado. - A mamã e o papá estão a olhar por nós - murmurou ele. - E disseram: «*Diz ao Ben que também arranjámos o coração dele.*»

***

Eu precisava de ouvir o som da voz de Karen. Voltei para a sala de espera com o telemóvel na mão, com intenção de lhe ligar.

E ali estava Glen..

O tio biológico de Karen. Uma ideia difícil de aceitar. Não era um prazer vê-lo.

- O que estás a fazer aqui?

- Começava a pensar que tinha de passar por um agente publicitário da World Sports Network para falar contigo... ou com o meu irmão.

- Temos andado ocupados nestas últimas semanas, Glen.

- Está bem, admito. Estou devidamente impressionado. Karen Johnson e *Comida de Cão, a Égua Maravilha,* conseguiram uma vitória espantosa. Parabéns a todos.

- Guarda as tuas felicitações para alguém que tenha interesse nelas.

- Quero que a quota-parte do Mac no prémio seja enviada directamente para mim.

- Isso é com o Mac.

- Não. Eu sou o tutor legal dele. Estou a ordenar-te que me envies a parte dele, imediatamente. *Não* vou correr o risco de a Karen Johnson deitar aquelas mãozinhas gananciosas ao dinheiro do meu irmão.

- Farias melhor se tivesses cuidado com o que dizes. Ela é um adversário mais do que à *tua* altura.

- Oh, por favor. Por que raio achas que devia sentir-me pessoalmente ameaçado por uma vagabunda insinuante?

Mordi a língua. Devia dizer-lhe a verdade. Não, isso era uma decisão de Karen.

- Raios, Glen, ela não tem feito senão bem ao teu irmão e à Lily. Não vou continuar a falar contigo sobre ela.

- Quero o dinheiro. Insisto.

- A parte do Mac não é nada, para ti. Ele e a Lily podiam usar o dinheiro para comprar alguns cavalos ou gado a que pudessem chamar seu, ou uma casa melhor, ou simplesmente podiam pô-lo no banco e dizer «Somos pessoas importantes. Temos algum dinheiro guardado. Dinheiro que ganhámos.» Que diferença faz isso para *ti*?

- Achas que *gosto* de ter de gerir a vida do meu irmão? Não *pedi* para ser tutor dele; esse papel foi-me legado. A nossa mãe era alcoólica, Ben. O nosso pai não era muito melhor. Portanto fui eu que fiquei encarregado de tirar o nome dos Tolbert da lama onde os meus pais o deixaram. Salvei o bom nome da família e *vou* certificar-me de que o meu irmão *deficiente mental* não é roubado por uma *cabra* interesseira como a Karen Johnson.

O sangue subiu-me à cabeça como mercúrio num termómetro. Bati-lhe.

Há anos que tinha vontade de o fazer.

Mesmo em cheio nos dentes. Ele caiu, derrubou uma cadeira e bateu na parede. Não me orgulho disso, porque fui educado para nunca bater em ninguém excepto em legítima defesa ou numa luta justa. Glen estava em boa forma, era uns dez centímetros mais alto do que eu e vinte milhões de dólares mais rico, mais milhão, menos milhão. Mas era também catorze anos mais velho, muito mais lento, e não fora treinado para atirar outros homens ao chão como meio de sustento.

Eu sim.

Uma enfermeira olhou para a sala e desapareceu a correr, provavelmente para chamar um segurança. Raios. Sacudi a mão. Como já disse, o melhor é usar primeiro o cotovelo, sempre que seja possível. Estes ossinhos dos nós dos dedos não prestam para nada.

- Lamento, Glen - não era de todo mentira. - Nasceste no seio de uma família rica e desagradável, com pais que não prestavam para nada. Toda a gente sabe que o facto de a tua mãe beber foi provavelmente a causa dos problemas do Mac. Sempre ouvi dizer que ela se enfrascava enquanto estava grávida. Calculo que não tivesse bebido tanto quando estava grávida de ti. Tiveste sorte. O Mac não. Isso faz-te sentir culpado?

Glen limpou o sangue do lábio inferior.

- Acabou. Desta vez, ultrapassaste os limites.

- Não podes apagar aquilo que os teus pais fizeram ao Mac. A culpa não é tua. Mas não piores a situação sendo um imbecil controlador.

Ele olhou para mim.

- A única coisa que posso controlar é o *dinheiro.*

- Tens de olhar para além do dinheiro e tentar perceber o que pode magoar as pessoas e o que pode ajudá-las. Não tem nada a ver com dinheiro. Tem a ver com *coração. Deixa o passado em paz, Glen.*

Ele levantou-se. Dois seguranças entraram a correr. A nossa conversa privada chegara ao fim.

- Vou regressar à Florida esta tarde - gritou-me Glen. - E vou tirar o meu irmão do teu rancho. Afastá-lo da Lily. Afastá-lo da Karen Johnson. E não há nada que possas fazer para me impedir.

E saiu.

Kara

Quando o telefonema de Ben chegou, Miriam e eu estávamos a tentar acordar *Gator* e enxotá-lo do alpendre das traseiras.

- Um dia destes ainda acabas em carteira e no prato de alguém - disse Miriam, irritada, empurrando-o com o cabo de uma vassoura. - Aligátor frito é tão bom como bifes, estás a *ouvir, Gator?*

Tirei o telemóvel do bolso dos calções e, com o coração a cem à hora, levei-o ao ouvido.

- O Joey está bem?

- Está tudo a correr bem. Tu e eu temos outro problema. Senti o coração apertado.

- Sim, temos de falar sobre o meu futuro aqui. Mas não podemos fazê-lo em pessoa, por favor?

- Não estou a falar de nós. Tens de tirar o Mac e a Lily do rancho. Já.

Senti o sangue gelar.

- Porquê?

- O Glen vai a caminho para ir buscar o Mac.

- Não!

- Está furioso. Apareceu aqui no hospital há pouco e eu dei-lhe um soco.

- Imagino que a discussão tenha sido por minha causa. Ele soube que eu sou uma Whittenbrook?

Miriam soltou um grito surdo.

- Oh, meu Deus! És uma... *oh, meu Deus!*

Mandei-a calar com um gesto.

- Ben?

- Não, querida, ele ainda não sabe quem tu és. Mas é preciso dizer-lhe.

Senti os joelhos fraquejarem e sentei-me numa cadeira de jardim. *Gator* agitou-se no seu sono. Miriam, ainda com a vassoura na mão, ignorou-o e aproximou-se para ouvir melhor a conversa sem qualquer vergonha. Respirei fundo.

- Achas que é a altura certa para anunciar que sou filha biológica do Mac e da Lily?

Miriam estremeceu e deixou cair a vassoura. *Gator* acordou e arrastou-se para outro lado.

- Era o que tinha em mente.

- Tenho de convencê-los a falar. Preciso do apoio deles. Preciso de armas contra o Glen, e os velhos papéis de adopção não são suficientes.

- Ele vai a caminho da Florida num pequeno avião particular, o que significa que aterrará no aeroporto a norte de Fountain Springs e estará no rancho dentro de duas horas, mais ou menos.

- *Não* vou permitir que ele aterrorize, intimide e separe o Mac e a Lily!

- Então tira-os daí antes que ele os descubra. Leva-os para qualquer lado. *Qualquer lado.* Onde quer que os possas esconder durante um dia ou dois, para te dar tempo de resolver as complicações legais.

- Sim.

- Lamento não poder estar aí para ajudar-te. Sei que és capaz de lidar com isto sozinha, mas...

- Porque é que bateste no Glen?

- Tinha de ser.

- Porquê?

Ele queria que eu enviasse a parte do prémio do Mac directamente para ele e eu recusei.

Foi só isso?

- Ah...

- Ben. Diz-me.

- Ele acha que tu queres deitar a mão ao prémio. Pensa que a Karen Johnson é uma vigarista interesseira. Nada de novo.

- Mas desta vez bateste-lhe. Por minha causa?

- Sim. Sabes, é que eu *conheço* essa Karen Johnson. Tenho-a visto ao longo de todo o Verão cuidar do Mac e da Lily, sacrificar-se por eles, sofrer para os fazer felizes.

«Sei que disse umas coisas desagradáveis à Karen Johnson sobre as opiniões dela em... questões de família, uma estupidez, uma criancice. Às vezes, também regresso aos tempos em que era miúdo, ao dia em que olhei para o Joey no seu berço pela primeira vez e me envergonhei de ser irmão dele. Nessa altura, também lhe chamei um nome feio.

«Esse rapaz às vezes vem ao de cima, tentando atingir os outros nas mesmas fragilidade que ele próprio sente. Mas não tinha o direito de acusar ninguém. Porque a Karen Johnson provou que a família é mais importante para ela do que o dinheiro.»

Quando acabou de falar, eu estava a chorar.

- Ben, eu amo-os. É verdade. E amo-te a ti.
- Diz lá isso outra vez.
- Amo-te.
- Estava com medo que nunca o dissesses.
- E eu estava com medo que nunca mais mo dissesses.
- Amo-te, Karen. E Kara. Amo a Kara também. Só preciso de a conhecer melhor.
- E conhecerás.
- Agora tira o Mac e a Lily daí e telefona-me quando puderes.
- Está bem.

Apertei o telefone contra o peito. Miriam estava sentada numa cadeira de baloiço, estupefacta.

- Eu sabia - disse ela baixinho. - Desde *o primeiro dia* que achei que eras parecida com a Lily. *Disse-o* à Lula. Ela resmungou e disse que eu não devia beber tanta *tequila.*

- Vamos buscar o Mac e a Lily tão discretamente quanto possível, para não assustar os outros.
- Onde é que os vais esconder?
- Vou escondê-los num sítio que o Glen nunca suspeitará. Ele pensa que não me atreveria a tanto. O único sítio onde sou capaz de conseguir algumas respostas deles em relação ao meu nascimento.

Ela arregalou os olhos.

- Oh, meu Deus!

Capítulo 31

Kara

Tolbert. A família.

Tolbert, Florida. A cidade com o mesmo nome.

A minha *família.* A minha cidade natal.

Eu ia para casa, para a minha família, para a família rica do meu pai e para a memória da família pobre da minha mãe. Para casa, para a verdade, fosse ela qual fosse.

Para ir do rancho de Ben a Tolbert, tínhamos de conduzir por caminhos de terra e estradas secundárias obscuras, serpenteando entre maciços de pinheiros e de palmeiras, laranjais e pântanos, pastos e campos de vegetais. Conduzi a carrinha de Ben com calma e firmeza. Não queria assustar Mac e Lily parecendo apressada. Embora com vergonha, mentira-lhes em relação à viagem. Tinha medo que entrassem em pânico se lhes dissesse a verdade.

- Tens a certeza de que o Joey quer gelado da Pink Cow Parlor em Tolbert? - perguntou Lily outra vez. Ia sentada ao meu lado, entrelaçando as mãos com nervosismo. - Eu adoro a Pink Cow. Gosto muito de cor-de-rosa, quase tanto como de margaridas.

- Eu sei. Então não estás contente por fazermos esta viagem?

- A Pink Cow não é tão boa como a Cold N'Creamy. Tens a *certeza* de que o Joey quer gelado de baunilha com molho de caramelo e nozes da Pink Cow?

- Tenho. Vamos pô-lo num recipiente próprio para produtos congelados e mandá-lo para Atlanta por correio expresso.

Do banco de trás, Mac disse num tom solene:

- Bom, se é isso que o Joey quer, está bem! M-mas... não podias t-telefonar para a Pink Cow e dizer o que ele quer? A d-dona da geladaria dá p-pulos por qualquer amigo dos T-tolbert. É o que o Glen diz. Toda a gente em Tolbert dá pulos pelo Glen.

- Interessante. Quero conhecer esta cidade *puladora.*

- Não, não queres - disse Lily tristemente. - Eu e o Mac não gostamos de lá ir.

- Mas foi onde ambos cresceram.

- É demasiado perto de River Bluff, a grande quinta onde o Glen vive. Sabes, o Glen provavelmente vai aparecer no rancho um dia destes. Por causa do dinheiro que tu e a *Estrela* ganharam. Glen aparece sempre por causa de dinheiro.

Senti um nó na garganta.

- Não precisamos de lhe dizer que estivemos lá perto, está bem?

Ela e Mac confiavam em mim. Endireitaram as costas e acenaram afirmativamente.

***

- ... e comemos um gelado na Pink Cow - estava Lily a dizer. - E depois eu mostro-te o parque junto ao rio, o Parque Alvin P. Tolbert. O Albert era tio do pai do Mac, era uma pessoa importante, depois pisou um prego e morreu antes de nós nascermos...

- De t-tétano - disse Mac. - Dizem que ele se b-babava como um cão com raiva.

- Cá estamos - disse eu, sem grande alegria.

«Bem-vindo a Tolbert, Florida» dizia um letreiro de madeira elegantemente trabalhado. Atravessámos o rio St. John sobre a Ponte William C. Tolbert - uma bonita ponte de duas faixas com cantaria trabalhada e pequenos pilares de azulejos vermelhos no meio, onde uma ponte levadiça se erguia cinco vezes por dia para deixar passar os iates maiores e os barcos à vela e entrámos nesse outro mundo.

***

- Não vás por essa rua - disse Lily.

- Não é b-boa - concordou Mac. Andávamos a passear pela baixa da cidade há já uma hora. Eu tentara convencê-los a falar do passado, mas sem sucesso.

Parei a carrinha no cruzamento; fingindo estar a observar os turistas sentados numa esplanada. Tinha os nervos em franja. Olhei tão casualmente quanto consegui para a rua em questão.

- Não é boa? Ora, vejo umas lojinhas encantadoras e casas bonitas. Parece-me uma rua boa. O que tem de errado?

Lily meneou a cabeça e brincou com as margaridas no vestido. Apontou na direcção oposta, com um sorriso demasiado esperançoso.

- Vamos por aquela rua *ali.*

- Podemos passear ao longo do rio - acrescentou Mac. - Ver os barcos bonitos.

- Está bem, mas primeiro vamos passar por esta rua.

Os sorrisos deles desapareceram. Senti-me cruel, mas tinha de saber o que eles estavam a esconder. Virei para a rua misteriosa. Estava deserta, à excepção de alguns tanseuntes. Depois de passarmos pela zona comercial, começaram a aparecer ao longo da rua pequenas casas de madeira, pintadas com os tons pastel da Florida e com ares condicionados que tornavam suportável o seu charme antigo no calor sufocante. Uma bonita cúpula de carvalhos fechou-se sobre nós.

Lily afundou-se no banco ao meu lado, de olhos baixos, as mãos entrelaçadas. Pelo espelho retrovisor, vi Mac baixar a cabeça timidamente. As casas bonitas começaram a tornar-se mais espaçadas. No limiar da cidade transformaram-se em casas em ruínas, separadas por terrenos baldios cheios de

ervas daninhas. A floresta chegava até à estrada e os passeios desapareceram. Abrandei a marcha.

- Lily - pedi baixinho -, por favor, diz-me o que esta rua significa para ti e para o Mac.

Ela recusou-se a levantar os olhos. Tinha os lábios a tremer.

- Não quero que vejas onde eu cresci.

- Tu não tens culpa, Lily - disse Mac a chorar.

Apertei o braço de Lily.

- Por favor, olha para mim - ela ergueu os olhos para os meus. - Lily, tu e o Mac não têm de ter vergonha de *nada* quando estiverem ao pé de mim.

- Temos, sim. Não quero que me odeies. Ou que odeies o Mac.

Olhei para ela.

- Odiar-vos? Como podia eu... Lily, do que estás a falar?

- Não podemos *sair* desta rua? Vamos à Pink Cow. Não gosto de estar aqui.

- N-nem eu - disse Mac.

- Prometo-vos uma coisa: nada do que me disserem me fará odiar-vos. Por favor. Quero saber o que vos perturba tanto. Por favor. Confiem em mim.

Ela não se mexeu, não falou. Olhei alternadamente para ambos, mas nenhum deles retribuiu o meu olhar. O nosso passado e o nosso futuro encontravam-se naquele momento.

- Lily... Mac... Eu... eu sei que tiveram um bebé. O Ben e eu *sabemos* do bebé.

Eles encolheram-se e Lily tapou a cara com as mãos.

- O que quer que tenha acontecido ao bebé... não vou odiar-vos por me contarem a verdade. E o Ben também não. Mas *têm* de me contar. O Glen quer levar o Mac do rancho e a verdade é a única coisa que pode impedi-lo de o fazer. Eu sei que estão confusos, mas confiem em mim. *Contem-me o que aconteceu ao vosso bebé.*

Eles olharam para mim, petrificados, atormentados. Os seus rostos exibiram uma expressão de tamanha dor e medo que fiquei condoída.

- Não quero que o Mac vá para a prisão - murmurou Lily.

Mac pousou-lhe a mão no ombro.

- Prefiro que me matem a deixar que *tu* vás para a prisão.

Lily olhou novamente para as mãos e mordeu os lábios. As lágrimas deslizaram dos olhos fechados de Mac. Por fim, ela abriu as mãos sob o aperto reconfortante das minhas. Levantou o dedo e apontou.

- Anda mais um bocadinho. Por ali. Ainda há um alpendre.

Parámos junto de um alpendre isolado, no meio de um emaranhado de madressilva. A estrutura apodrecida estava inclinada para o lado num ângulo impossível, como se apenas a vergonha de Lily a impedisse de desaparecer entre as flores delicadas e perfumadas das trepadeiras.

- Era aqui que vivias com a avó Maypop?

Ela acenou, ainda com a cabeça baixa.

- Lily, não faz mal. Tenho a certeza de que em tempos foi uma casinha encantadora...

- Não! - ela levantou a cabeça e olhou para mim com uma expressão ardente. - Não. Colávamos jornais às paredes para os bichos não entrarem e era fria no Inverno. E não tínhamos casa de banho. E às vezes... homens maus vinham visitar a avó. E eu tinha de ficar sentada no alpendre até eles... até estarem despachados - inclinou-se para mim, com uma expressão de horror. - As pessoas diziam que ela era... uma mulher má. E que vivíamos numa... numa *barraca reles.*

- Eu n-nunca disse isso - interveio Mac. - Nunca.

Lily gemeu.

- Mas é mau. É um nome mau para chamar a uma casa. E queria dizer que as pessoas que viviam na casa também eram reles. Se as pessoas da casa fossem *negras,* havia outro nome. E também era um nome feio.

Senti um nó na garganta.

- Não interessa o que as pessoas te chamavam. Não é aquilo que és. E só um nome.

- Não estás a perceber. Eu ainda sou pior do que isso. Pior do que reles. Eu e o Mac. Fizemos uma coisa horrível. Não queríamos. Mas fizemos.

Eu estava arrepiada.

- Conta-me o que tu e o Mac fizeram.

- Não posso! Não posso! Não posso falar sobre isso nunca. O Glen disse nunca, nunca, nunca. *Nunca.* Nunca falar sobre isso. Nunca.

- Podes... *mostrar-me*? Não podes *apenas... fingir* contar? Ou dar-me uma pista? Lily, juro-te que *não* vou contar a ninguém o que tu e o Mac partilharem comigo. Mesmo que seja muito mau. Juro. Dou-vos a minha palavra - fiz o sinal da cruz sobre o peito. Depois repeti o gesto sobre o peito dela. - E prometo sobre as tuas margaridas sagradas.

E resultou. Ela olhou para Mac. Este concordou. A seguir, Lily olhou para o alpendre torto e para a floresta por trás dele. De súbito, tirou as mãos das minhas, abriu a porta da carrinha e saiu. Correu para o bosque tão depressa quanto conseguia, a chorar.

- Lily! - travei rapidamente a carrinha. Mac e eu corremos atrás dela.

Os carvalhos deram lugar a pinheiros altos. O sol derramava-se entre os ramos como uma cascata de raios de luz. Segui Lily durante um quilómetro e meio, pelo menos. Os mosquitos esvoaçavam à volta da minha cara. Tinha de me desviar das folhas aguçadas das palmeiras e das teias-de-aranha.

À minha frente, Lily, com o rosto banhado em lágrimas, abria caminho por entre a vegetação. Mac vinha atrás de mim, avançando como um urso.

Chegámos a uma pequena clareira, talvez com seis metros de diâmetro. Ela caiu de joelhos e cravou os dedos na terra. Mac sentou-se ao seu lado. Eu agachei-me em frente deles.

- Do que estás à procura? - perguntei, em tom suplicante.

Lily cavava freneticamente.

- O Mac e eu trazíamos pequenas recordações para aqui sempre que podíamos - estava a chorar tanto que eu mal conseguia compreender as suas palavras.

- Sempre que conseguíamos escapar - começou Mac -, vínhamos aqui e deixávamos pedras pintadas. Para assinalar o local onde estão os nossos c-corações.

- Pedras pintadas, Lily? Mac? Porquê? Por que motivo este local é tão importante para vocês?

- Aqui está uma! - Lily limpou-a ao vestido. As suas mãos tremiam quando as estendeu para mim, mostrando-me um pequeno seixo redondo. Olhei melhor e distingui um desenho esbatido de pétalas brancas com um centro dourado. Uma das suas margaridas.

- Pintaste margaridas em pedras e enterraste-as aqui? Porquê?

Ela levou a pedra ao peito e fechou os olhos.

- Porque foi aqui que *matámos* a nossa bebé.

Senti as pernas cederem. Sentei-me de lado, apoiando-me com o braço trémulo. Quando recuperei o fôlego, disse:

- Diz-me o que queres dizer com isso. Conta-me o que aconteceu aqui

Lily baloiçou-se lentamente para trás e para a frente.

- Tentámos fugir. Ninguém sabia que íamos ter um bebé. Nós sabíamos que não nos deixariam ficar com o bebé.

- Por isso eu poupei algum dinheiro - disse Mac. - Para fugirmos antes de o bebé chegar.

Lily confirmou.

- Íamos apanhar o autocarro e viajar para muito longe. Muito longe. Para estarmos em segurança quando o bebé chegasse. Mas... só chegámos até *aqui* quando íamos a caminho do autocarro e depois... depois aqui, aqui mesmo, doía tanto. Era de noite. Estávamos tão assustados. Não sabíamos o que fazer. E... então... parámos. E o bebé saiu. Era uma menina - Lily soluçou. - Mas não parecia bem. Não se mexia. Não fazia barulho nenhum. E depois encontraram-nos. O Glen mandou pessoas à nossa procura. E vinha com eles. E levaram-na. E o Glen disse... disse... que ela estava morta. E disse... *que nós a tínhamos matado.*

Eu emiti um som, não sei bem o quê.

Lily olhou para mim, aflita.

- Estás a chorar. Oh, não. Agora odeias-me, a mim e ao Mac, não é? Matámos a nossa bebé - baixou a cabeça e chorou ainda com mais intensidade.

Passei a mão pela face. Respirar fundo. Calma.

- Não. Não, *Lily.* Tu e o Mac não fizeram mal à bebé de propósito, pois não? Não a apertaram, nem a deixaram cair? Não a sacudiram?

Mac abanou a cabeça veementemente.

- Não! Ela saiu e ficou ali deitada, e nós só *olhámos* para ela. Tínhamos medo de lhe mexer. Ela estava cheia de sangue e... e nós estávamos t-tão assustados! Só *olhámos* para ela. Devíamos ter feito *qualquer coisa.* Mas não sabíamos o *quê.* Porque somos estúpidos. Somos *atrasados mentais.*

- Não, não. Por favor. O Glen *insistiu* em que a tinham matado?

Lily abraçou-se a si própria, aos soluços.

- Sim, e matámos. Devemos ter matado. Ele levou-a e nunca mais a vimos. E ele disse... - a voz de Lily ergueu-se, cheia de angústia - ...ele disse: «Não contem nada a ninguém, nunca, senão...» Disse que daí para a frente tínhamos de fazer sempre o que ele dissesse, porque ele é que sabia. E garantiu que se alguém descobrisse que tínhamos matado a nossa bebé, mesmo que tivesse sido sem querer, seríamos presos. E que nem sequer nos deixariam ficar *juntos.*

Tapou a cara com as mãos e chorou baixinho. Mac, também a chorar, abraçou-a.

A atrocidadade de Glen queimava-me como ácido. Mac e Lily tinham-me desejado. Não me tinham rejeitado, não me tinham dado, não me tinham feito mal e nunca se tinham esquecido de mim. Eu nascera *desejada.* E eles tinham sofrido ao longo destes trinta e dois anos, sofrido e sonhado com margaridas. Caminhei devagar até eles. Pus uma mão no rosto de Lily e a outra na face de Mac. Depois peguei nas mãos de Lily, abri-as e toquei na pedra.

- O que significam as margaridas?

O rosto dela contraiu-se. Fez um esforço para falar. Finalmente, murmurou:

- Foi o nome que demos à nossa bebé. Daisy[7].

Fui-me abaixo. Não havia discernimento que se aplicasse àquele momento. Não havia nada a discutir. Não havia escolhas práticas. Apenas puro instinto, dor e amor.

- Não chores - murmurei. - Vocês não mataram a vossa menina.

Acariciei-lhe o rosto surpreendido. Toquei no queixo de Mac. Os rostos deles. Os *nossos* rostos, os olhos que partilhávamos, o nosso cabelo, a curva das nossas bocas, os nossos sonhos. Reflectidos uns nos outros. Lily e Mac olharam-me com os olhos cheios de lágrimas.

- C-como sabes? - perguntou Mac.

Lily gemeu.

- Como podes ter a certeza?

Fechei os olhos. Assumi a minha identidade. Olhei para eles com ternura e murmurei:

- Porque eu sou a Daisy.

Ben

Joey estava a dormir descansado, com melhor aspecto a cada hora que passava. Eu estava sentado numa cadeira ao lado da sua cama, de olhos postos no telefone. Quando tocou, já tinha o auscultador na mão antes de o primeiro toque acabar.

---

[7] Margarida, em português (N. da T.)

- Ben - disse Miriam em tom excitado. - Ela chama-se Daisy!

- Quem? - ouvi vozes excitadas atrás de Miriam. Reconheci a voz de Dale e o sotaque de Cheech, depois os outros.

- A Karen! - gritou Miriam. - Quer dizer, a Kara! Chama-se Daisy! É por isso que o Mac e a Lily gostam tanto de margaridas! Foi o nome que deram à bebé deles! - a voz dela afastou-se do telefone. - Calma, calma! Não consigo ouvir nada - depois disse-me: - Estão todos aqui na cozinha a tagarelarem como gralhas!

- Eles estão bem? A Karen e o Mac e a Lily? Onde é que estão?

- Em Tolbert. Ela levou-os a Tolbert. Os velhos territórios, as velhas recordações. Conseguiu fazê-los falar. Ben, aquele filho da mãe do Glen não só lhes disse que a bebé tinha nascido morta, como os convenceu de que tinham sido eles a *matá-la.* Foi por isso que eles nunca admitiram nada. Pensavam que iriam presos.

Maldito.

- Onde está o Glen?

- Quero lá saber! Esse desgraçado apareceu aqui e quase levou outra tareia.

- O que aconteceu?

- Nessa altura nós já sabíamos a história da bebé. A Karen tinha telefonado. Portanto o Glen caiu no meio de um grupo de gente furiosa. Estávamos no alpendre da frente e não o deixámos sequer pôr o pé nos degraus. O Roy e a Dale começaram a rezar alto e bom som e o Bigfoot pegou numa cadeira para lhe atirar. O Cheech lançou-lhe uma praga cubana qualquer... falou em espanhol, por isso não percebi uma palavra, mas parecia ser terrível... e o Possum trouxe o *Gator* ao colo para o pátio e estava com cara de quem seria capaz de o atirar ao Glen. Eu e a Lula tivemos de os acalmar. Depois eu disse ao Glen para sair da propriedade Thocco e nunca mais voltar.

Passei a mão pelo cabelo.

- Muito bem, então o Glen já sabe tudo sobre a Karen?

- Oh, sim. Dissemos-lhe que ela é filha do Mac e da Lily e que pode prová-lo, e que é uma Whittenbrook mais rica do que Midas.

- O que é que ele disse?

- Ficou branco como a cal. A única mancha de cor era a nódoa negra por cima da boca onde lhe bateste. Ele sabe que a verdade expõe a sua maldade.

Fechei os olhos. Doce satisfação.

Daisy tinha levado a melhor.

Kara

Na nossa visita à agência do Banco Sun Farm, na baixa de Tolbert, o presidente do banco, estupefacto, confirmou a minha identificação com um telefonema para Sedge e para a minha agência de contabilidade pessoal no

Connecticut. Quando a verdade se tornou evidente, e o meu pedido para abrir a maior conta individual na história do Banco Sun Farm se tornou credível, o presidente do banco levantou-se da sua cadeira de cabedal e, a tremer de excitação, fez um aceno cortês a Lily, apertou a mão a Mac e fez-me uma vénia.

- Estão prontos para ir às compras? - perguntou. - Consideraria uma honra poder escoltar-vos pessoalmente.

Lily e Mac olharam para mim em busca de orientação. Estávamos de mãos dadas. Tínhamos a cara inchada de chorar. O meu nariz ferido, ainda mais maltratado pela emoção, latejava. Mas sorri, e eles sorriram também.

- Vamos lá ver o que está à venda por estes lados - disse eu.

***

Atraímos uma grande multidão para a montra de uma das agências imobiliárias mais respeitadas da cidade. Mac, Lily e eu sentámo-nos em cadeiras de braços confortáveis, em frente de um trio de vendedores de olhos esbugalhados. O presidente do banco fez as apresentações e garantiu-lhes que eu não era nem maluca nem uma vigarista. Estava agora sentado a um lado, pronto para somar as nossas compras numa pequena calculadora de bolso. Apercebi-me de que um grupo de cidadãos locais se tinha juntado do lado de fora da montra, atrás de nós.

- Querem ir para uma sala dos fundos, onde teremos mais privacidade? - perguntou debilmente o chefe da agência.

- Não - sorri. - As atenções não nos incomodam.

Mac e Lily olharam para mim.

- Bebé, quanto dinheiro temos? - murmurou Mac.

Apertei-lhe a mão.

- Temos montes de dinheiro. Podemos comprar tudo o que quiserem.

Lily aproximou-se mais de mim.

- Podemos dar algum dinheiro às pessoas dos animais?

- Às pessoas dos animais?

- Ela refere-se à sociedade protectora dos animais - disse uma das vendedoras, abanando-se com um papel.

- Claro - olhei para o presidente do banco. - Importa-se de tratar disso, por favor? Meio milhão para a sociedade protectora dos animais local.

Ele acenou afirmativamente.

- Há uma associação da igreja chamada Mãos Que Ajudam, para as pessoas que não têm dinheiro - murmurou Mac. - Eles eram bons para a Lily e para a avó dela.

Lily baixou a cabeça, envergonhada.

- Éramos muito pobres.

- Dois milhões para a Mãos Que Ajudam - disse ao presidente do banco. - E mande-me uma lista de todas as outras organizações cívicas e de caridade da

comunidade, por favor. O Mac e a Lily farão donativos muito generosos a todas.

Lily puxou-me o braço.

- Podemos comprar o bosque onde nasceste? Podíamos construir um caminho de pedra e bebedouros para os pássaros. E plantar margaridas?

Olhei para os agentes imobiliários.

- A área entre Oak Street e o rio? Incluindo as ruínas das velhas casas? Julgo ter visto os vossos cartazes na zona?

Eles acenaram com expressões entorpecidas e correram a estudar os seus mapas e documentos.

- Isso seria... aproximadamente quarenta hectares com uma zona encostada ao rio na fronteira noroeste da propriedade... loteado... é um pouco caro, porque temos estado em negociações com empresas interessadas em construir condomínios.

- Nós ficamos com a propriedade de Oak Street. Toda. Vamos transformá-la num parque comunitário. E talvez possamos construir um... oh, já sei! Vamos construir um pequeno museu dedicado à cultura Cracker - olhei para Mac e Lily, para ver se estavam de acordo. - E daremos o nome da *Estrela* ao museu e ao parque!

Mac e Lily olharam para mim boquiabertos.

- O q-que vamos fazer com tantas terras? - perguntou Mac.

- Nada. Vamos deixá-las como a natureza queria.

Eles sorriram.

Ben

- Miriam, deixa-me falar com a Karen.

- Ben... ela foi-se embora.

- Embora?

- Comprou metade da cidade de Tolbert, depois pegou no Mac e na Lily e foi-se embora. Disse que só havia um sítio onde eles estariam seguros até ela ter a certeza de que as questões legais com o Glen estavam todas resolvidas. Ben, eles estão tão felizes por terem a sua menina de volta que a seguiriam até ao fim do mundo. Passaram pelo rancho há coisa de duas horas. Pegaram em algumas roupas e em *Mr. Darcy* e partiram. Ela disse que iam alugar um avião em Tallahassee e depois logo se veria. Ainda tinha de arranjar passaportes para o Mac e a Lily.

- Miriam, valha-me Deus, esperaste este tempo todo para me dizeres isso? Para onde é que ela os levou? *Para onde é que a Karen foi?*

- Levou-os para a casa *dela.* Para o *Brasil.*

***

Estava sentado no quarto de hospital de Joey com a cabeça baixa. Sentia-me arrasado. A noite quente e chuvosa de Atlanta salpicava o vidro da janela. Joey estava outra vez a dormir, o que não era de espantar. Dormir seria o seu passatempo predilecto durante os próximos dias. Phil estava algures nas redondezas, num hotel. Aparecia e desaparecia como uma espécie de *haint,* a palavra dos antigos para um espírito que assombra os vivos.

Eu próprio me sentia como um *haint.*

Partira. Ela partira.

Só o mero conhecimento de que Karen já não estava no rancho, não estava onde eu pudesse chegar facilmente junto dela, deixava-me tão vazio por dentro que mal conseguia respirar. Levantei-me e saí para a sala de espera, onde fiquei a olhar pela janela para a noite de chuva.

- Meu amigo - disse Phil, atrás de mim. Provavelmente formara-se a partir de uma nuvem de vapor. - Eu fico com o Joey esta noite. Toma - aproximou-se e deu-me uma chave de quarto de hotel. - Vai. Come. Bebe. Dorme. Eu ligo-te se o Joey precisar de ti. Estás com péssimo aspecto.

- Ora, muito obrigado - eu não dormia numa cama a sério há dias. - Mas não sei se consigo dormir, para dizer a verdade.

- Notícias da Karen?

- Não vais acreditar nisto. Ela pegou nos pais e desapareceu. Vão a caminho do Brasil.

- Ah! Na verdade, faz sentido.

- Tanto quanto sei, pode nunca mais voltar.

- Ela disse-te que te ama.

- Bom, sim. Mas pode amar-se alguém à distância. Por que raio não me telefonou pessoalmente para dar a notícia, em vez de deixar recado à Miriam?

- Talvez esteja a dar-te algum espaço. Afinal de contas, *tu* é que estavas relutante em aceitar esta nova realidade, não era ela. *Já* a aceitaste?

- Phil, esta tarde ela sentou-se numa agência imobiliária em Tolbert e gastou perto de cinco milhões de dólares em menos de meia hora. Isso é muito assustador.

- O poder?

Assenti. Mas depois olhei para ele calmamente.

- E o arrepio de entusiasmo que me percorreu quando soube.

- Ah! A atracção do dinheiro.

- Ela pegou no livro de cheques e liquidou o Glen Tolbert com um golpe de caneta. Quis assegurar-se de que, daqui em diante, ele e todas as outras pessoas naquela cidade tratarão o Mac e a Lily como membros da realeza. E é o que vai acontecer. Não posso censurá-la por fazer isso pelos pais. Mas a verdade é que não sei qual é o meu lugar nisto tudo.

- Tu ajudaste-a a recuperar os pais biológicos.

- E depois ela salvou a vida do Joey. Talvez estejamos quites.

- Estamos a falar de uma mulher rica e inteligente que te jurou o seu amor, te confiou as cinzas dos pais e, para cúmulo, parece aceitar sem problemas o facto de teres em tempos sido um *wrestler* chamado *El Diablo.* Venceste o sistema e ganhaste a sorte grande, meu amigo.

O medalhão de ouro estava no bolso da minha camisa. Tirei-o e olhei para ele.

- Qual é o caminho mais rápido até à floresta tropical do Brasil?
- Voar para sul até ao Peru e virar à esquerda.
- Conheces alguém que me possa levar lá?

Phil sorriu.

- Meu amigo, eu conheço pessoas que te podem levar a *qualquer lado.*

Karen
Nessa noite

O jacto alugado estava algures sobre a América Central. Os meus olhos pareciam permanentemente inchados das lágrimas, tanto de alegria como de tristeza. Fora difícil dizer adeus a Miriam, a Lula, aos trabalhadores do rancho, a *Grub* e *Ruibarbo,* a *Gator* e, especialmente, a *Estrela.* Esperava que fosse apenas temporário.

Olhei para a janela salpicada de chuva, perguntando-me o que teria Ben achado das minhas loucuras na agência imobiliária. Eu tinha-me armado em importante. Em grande estilo. Brandira o meu dinheiro como se fosse esmagar toda a animosidade.

E, sim, se fosse preciso, faria tudo de novo.

Era uma herdeira sem recuperação possível.

Levei a mão ao peito, onde costumava estar o medalhão.

Esperava que Ben compreendesse.

- Já estamos a chegar? - perguntou Lily.

Enxuguei as lágrimas e rodei a cadeira para lhes sorrir. *Mr. Darcy* estava sentado no joelho de Mac, a comer uvas da palma da mão dele. *Mr. Darcy* estava perfeitamente relaxado. Mac e Lily não.

Nunca tinham saído dos Estados Unidos e nunca tinham andado de avião.

- Ainda faltam algumas horas. Daqui a pouco chamo o comissário de bordo para nos trazer o jantar. E podemos ver um filme.

- P-podemos telefonar para o r-rancho para ver se têm saudades nossas? - perguntou Mac.

- Lá já é muito tarde. Telefonamos logo de manhã, de São Paulo - Mac anuiu, mas parecia desiludido. - Prometo que voltaremos para casa assim que os advogados me garantirem que é seguro. Não será por muito tempo.

Lily ficou mais animada.

- Estamos contigo. Confiamos em ti. É tudo o que importa. Não te deixaríamos partir sozinha. És a nossa bebé.

Enxuguei de novo as lágrimas.

- Vamos divertir-nos muito no Brasil. Chegaremos a São Paulo antes do nascer do dia. O Sedge tem lá uma casa. Passaremos um dia com ele antes de apanharmos o avião para uma cidade mais pequena na região da Amazónia, Manaus. Daí, outro avião mais pequeno para Dos Rios. Aterramos num aeródromo na floresta tropical e o pessoal da reserva estará à nossa espera. Vão poder ver onde eu cresci e posso mostrar-vos alguns dos projectos de pesquisa em que trabalhei. Podem ver fotografias e vídeos dos meus... dos meus pais, e algumas das suas coisas preferidas. Para ficarem a conhecê-los.

- Gostávamos m-muito - disse Mac. Lily concordou. - De c-conhecer os teus pais.

Senti um nó na garganta.

- Não devia continuar a chamar-vos «Mac e Lily». Não está certo. Posso chamar-vos mãe e pai, também?

Eles fitaram-me, com os olhos cheios de lágrimas. Depois trocaram um olhar, comunicando silenciosamente. Por fim, Mac negou com um gesto.

- N-não. Não queremos que nos chames isso. Isso é o que lhos chamas a *eles.*

Senti o coração apertado.

- Não queria ofender-vos.

Lily soltou uma exclamação abafada.

- Oh, não nos ofendeste. É só porque preferimos que nos chames «mamã» e «papá».

Depois de um momento de espanto, suspirei de alívio.

- Está bem, mamã. Está bem, papá.

Eles exibiram um sorriso radiante.

Mais tarde, no agradável aconchego da cabina de voo, enquanto Mac e Mr. *Darcy* dormitavam, Lily e eu sentámo-nos perto da janela, a ver as luzes do mundo darem lugar ao oceano e à natureza selvagem.

- O mundo é um sítio tão grande - murmurou ela. - Mas já não é solitário - encostou a mão à janela. - Olha como as gotas de chuva fazem sombras pequeninas nos meus dedos.

Pus a minha mão ao lado da dela.

- E nos meus também.

Ela pegou-me na mão.

- Não há nada triste numa chuva abençoada. Faz crescer as coisas - juntámos as cabeças. Ela tocou no meu braço com a ponta do dedo. - Quando chegarmos a essa cidade...

- São Paulo?

- Temos tempo para ver as raparigas quase nuas do samba?

- Há sítios onde elas dançam, sim, mesmo quando não é Carnaval. Podemos ver as artistas do samba. Eu levo-os.

Ela sorriu. Os seus olhos azuis tinham um brilho malandro.

- Quero ver se têm mesmo franjas no rabo.

Rimos.

Lá em baixo, o mundo já não era de facto tão solitário. Uma chuva abençoada era tudo o que precisávamos para recomeçar a nossa árvore genealógica.

Se pelo menos Ben estivesse connosco.

Capítulo 32

Kara

Em Dos Rios, Mac e Lily pareciam dois miúdos. Percorreram os alpendres e varandas rústicos da casa principal da reserva, com papagaios empoleirados nos ombros e macaquinhos nos braços. Olharam maravilhados para as estufas cheias de orquídeas exóticas e outras plantas nativas espectaculares. Brincaram com crias órfãs de ocelote no centro de reabilitação da vida selvagem. Sorriram timidamente aos homens e mulheres nativos, seminus, que lhes trouxeram presentes.

- Já vi as raparigas do samba com franjas no rabo - disse Lily. - Estou a ficar habituada a pessoas nuas.

Passaram horas a estudar avidamente fotografias dos meus falecidos pais e a ouvir as minhas histórias sobre eles. Mac pegou-me na mão.

- G-gostavas de os t-ter de volta?

Cobri a mão dele com a minha.

- Gostava. Porque assim podia ter *dois* pais e *duas* mães para amar.

Ele gostou da resposta.

Telefonávamos para o rancho pelo menos duas vezes por dia, para Mac e Lily poderem contar a toda a gente as suas últimas aventuras e ouvir as novidades do rancho. Segundo Miriam, Joey estava a progredir muito bem em Atlanta e já se levantava da cama para se sentar numa cadeira.

Ben, disse ela, estava finalmente a conseguir descansar um pouco. Não mencionou os pensamentos dele sobre mim.

Ben

- Parece-me que o conheço de algum lado - disse eu a Sedge, quando o motorista abriu a porta. - Acho que nos conhecemos numa corrida de barris - ele estava sentado no banco de trás do grande *Land Rover* que foi ao meu encontro no aeroporto de Manaus, uma cidadezinha nas profundezas da Amazónia. O tipo de lugar onde havia mais barcos do que carros.

Sedge apoiou-se numa bengala com castão de prata e acenou amavelmente com um movimento da cabeça.

- Tinha a sensação de que nos voltaríamos a ver - apontou para um homem e uma mulher com calças de caqui, camisolas de algodão e chapéus de safari. A tribo de Karen, a julgar pela indumentária.

- O Joaquin e a Editha ajudam na gestão da reserva. Eles levam-te.

Cumprimentei-os. Eles pegaram no meu saco de lona e afastaram-se. Olhei para Sedge.

- Agradeço a sua ajuda para me fazer chegar a Dos Rios. Não nos acompanha?

- Não, não. É uma viagem demasiado dura para estes velhos ossos cansados. Vou voltar a São Paulo. Uma das cidades mais bonitas do mundo. O Mac e a Lily adoraram-na. Duvido que alguma vez se esqueçam dos sambistas. O Malcolm e eu havemos de vos receber em breve, a si e à Kara, na nossa casa.

- Então está mesmo a torcer por mim?

- Sim, na verdade estou. Mas tenho de admitir que, ao princípio, tive as minhas dúvidas.

- Mas consegui conquistá-lo, apesar de ser um ex-*wreslller* e mau actor de telenovela?

- É verdade.

- Não acha que eu estou interessado no dinheiro dela?

- Não. Cheguei à conclusão de que o seu maior problema é não querer o dinheiro dela tanto como devia.

- Não me diga.

- Há muitas maneiras boas de usar uma fortuna, Ben. O sonho do Charles e da Elizabeth Whittenbrook era que a filha seguisse os seus *próprios* sonhos e se revelasse uma administradora sensata generosa. E não tenho dúvidas de que assim o será. Mas com certeza que o ideal seria ter ao seu lado um companheiro também generoso. Agora vá. Vá surpreendê-la em Dos Rios e diga-lhe a verdade. Vou ficar a torcer por vocês.

Agradeci. O motorista fechou a porta. Virei-me e vi Joaquin e Editha à minha espera. Respirei fundo. Estava a caminho de territórios selvagens desconhecidos.

Em mais do que um sentido.

Kara

Ao nascer do dia, pedi que avisassem Mac e Lily de que estaria de regresso à tarde, montei um dos cavalos da reserva e embrenhei-me na floresta. Precisava de estar sozinha, para pensar sobre o silêncio de Ben. Para chorar.

A floresta tropical é imponente, majestosa, uma catedral. Percorri um caminho íngreme até um lago mágico, aninhado no meio da vegetação, que atraía centenas de papagaios e araras. As aves decoravam as árvores circundantes alegrando a paisagem. Prendi o cavalo e sentei-me em silêncio diante do lago azul-acinzentado, abraçada aos joelhos.

Os meus falecidos pais estavam aqui. Estavam em todo o lado. Não tinham partido, não tinham morrido, tinham-se apenas *desviado,* para abrir espaço para

Mac e Lily. Conseguia senti-los, sentir a presença deles. Imaginar as suas vozes, ver os seus sorrisos. Tinha o resto da vida pela frente e já não era órfã.

Os meus pais adoptivos tinham encarado Deus como um executivo extremamente pragmático. Não lhe rezavam, porque, na opinião deles, Deus não ouvia as orações individuais dos accionistas; em vez disso, Ele servia os melhores interesses da empresa e, na verdade, interessava-se tão pouco com o destino dos indivíduos como a sua sócia, a Mãe Natureza.

Deus estava em todos os detalhes da natureza, na energia por trás de cada elemento de pensamento, na magia que fazia os peixes respirarem debaixo de água e os ursos polares sobreviverem aos Invernos no Árctico. Deus não podia ser resumido em simples conceitos.

Mas há alturas em que uma pessoa precisa simplesmente de rezar. Eu esperava que alguém estivesse a ouvir. Inclinei a cabeça, murmurando para que só eu e Deus conseguíssemos ouvir.

Ámen.

Levantei a cabeça e dirigi-me à assembleia de pássaros.

- Estou muito grata por todas as bênçãos, mas preciso de ter o Ben ao meu lado.

- Tenho andado a dizer a mesma coisa - disse Ben atrás de mim. - O quanto preciso de ti.

Levantei-me atrapalhada e girei sobre mim própria. Ali estava ele, na orla da floresta, segurando na trela do cavalo que o trouxera. Fiquei tão aturdida que não consegui fazer mais do que levar a mão à boca. Ele prendeu o cavalo ao lado do meu e ficou imóvel, a olhar para mim. Uma brisa suave agitou-lhe o cabelo preto; vestia calças de caqui e uma camisa de algodão. Estendeu a mão. O meu medalhão de ouro cintilou sob os raios de sol.

- Recebi a mensagem - disse ele repentinamente. - Vim aqui para to devolver em troca de algo.

- Em troca? - perguntei, com a voz embargada pelas lágrimas.

- Dou-te este coração de ouro se me deres o teu.

- Ben, é a coisa mais poética e profunda...

- Não quero ser poético. Quero que me dês um beijo.

Encontrámo-nos a meio caminho. Ele levantou-me do chão. Beijámo-nos de mil maneiras diferentes. Quando finalmente nos acalmámos o suficiente para falar, encostámos as cabeças uma à outra e conversámos em murmúrios, agarrados um ao outro.

- Amo-te, Ben Thocco. Amo-te desde o momento em que deste uma cotovelada ao irmão Pollo por mim. Amo-te desde que salvaste o rabo desta sereia de um aligátor no Mundo Kissme Woomee. Amo-te desde o dia em que pus o teu chapéu na cabeça depois de a *Estrela* me atirar ao chão. Amei-te entre todas essas coisas, e antes, e desde então, e amo-te agora e sempre.

- Karen. *Kara.* Kara Whittenbrook-Tolbert-Johnson... eu também te amo. Vou amar-te até ao dia da minha morte e para além dela.

Por cima de nós e à nossa volta, a assembleia de pássaros da Amazónia, esses nobres de penas, gorjeava envolvendo esta demonstração de paixão tão humana.

Afinal, Deus estava mesmo a ouvir.

Ben

- Pronto - disse eu a Karen, com gentileza.

Afastei-me da pequena cova que fizera.

- Está bom, obrigada - disse Karen. Ajoelhou-se ao meu lado, segurando o medalhão em forma de coração com ambas as mãos. Fechou os olhos. - Isto é para a minha irmã afectiva, a menina cujo corpo os meus pais enterraram nesta floresta há trinta e dois anos. Eles estão comigo de tantas maneiras. Posso passar sem esta recordação deles. Em vez disso, ofereço-a a ela.

Lentamente, baloiçou o medalhão em cima da estreita sepultura e deixou-o cair. Tapámos a cova.

Regressámos aos nossos cavalos de mãos dadas. Virei-me para ela.

- Só para ficar esclarecido: as coisas que disseste na carta sobre seres fã de *El Diablo...* foi só para seres simpática, não foi? Podes dizer-me a verdade.

- Ben - ela acariciou-me o rosto, olhando-me com admiração. - Quando eu tinha dezassete anos, era a presidente do clube brasileiro de fãs de *El Diablo Americano.*

Capítulo 33

Ben

Não há nada melhor do que sexo escaldante e doce com uma mulher que já me amava mesmo quando eu usava uma máscara e calças justas. Uma mulher que me desejava desde que era adolescente, apesar de eu ser nessa altura apenas um jovem vilão de telenovela todo aperaltado. Uma mulher que sempre suspeitou de que *El Diablo Americano* era, no fundo do coração, um herói.

Nessa noite, eu e Karen deitámo-nos numa cabana construída a doze metros de altura, entre as copas das árvores da Amazónia. *Uma casa na árvore.* Estava tão escuro que a única coisa que víamos eram pequenos insectos brilhantes e lagartos agarrados às redes da janela, como se fossem jóias. Observámo-los deitados na cama, de mãos dadas, esgotados, transpirados e nus.

De vez em quando, um de nós desatava a rir sem qualquer razão aparente e contagiava o outro.

- Chorei quando *El Diablo Americano* morreu - confessou-me ela baixinho. - Fiquei mesmo transtornada. Mal conseguia suportar olhar para todas as minhas revistas e *posters.* Era demasiado doloroso. Vi tantas vezes as cassetes das telenovelas onde ele entrava que as estraguei - fez uma pausa. - Há alguns anos, comprei a colecção em DVD. Por razões sentimentais.

Abracei-a.

- Por favor não me digas que tens *posters* de *El Diablo Americano* guardados algures - silêncio. Um silêncio *culpado.* Gemi. - Quantos tens?

Ela riu-se.

- Todos.

- Suponho que não pões a hipótese de os queimar?

- Não! São artigos de colecção - soergueu-se sobre um cotovelo e olhou para mim na escuridão profunda. Pousou a mão no meu rosto.

- Gostava... gostava que os nossos filhos soubessem da tua carreira no México. Não temos de decidir esta questão agora, mas espero que pelo menos estejas disposto a *discutir* o assunto comigo.

Filhos. Crianças.

- E se...

- Lidaremos com o que tiver de acontecer. Seja bom ou mau.

- Está bem.

Ela levantou-se, levando-me com ela. Sentámo-nos numas cadeiras almofadadas em frente um do outro. Ficámos ali sentados na escuridão, nus, com os pés entrelaçados.

- Ben, a Marjorie Kinnan Rawlings disse: «Uma mulher tem de amar um homem mau uma ou duas vezes na vida, para poder dar graças quando

encontra um bom.» - riu-se. Os seus dedos dos pés fizeram-me cócegas. - Eu tenho *El Diablo* e a ti. E estou muito grata.

- Eu estou grato por estes dedos dos pés macios.

- Quero que estejas grato por outra coisa.

- Põe o calcanhar aqui. Assim. Estou grato por isso.

- Temos de falar sobre o dinheiro.

Empurrei o seu pé sedutor para o joelho.

- Querida, eu sou teu. Mas não sei como havemos de lidar com a história do dinheiro.

- Rancho Thocco, SA. Dá-me sociedade. Eu invisto. Nomeamos o Joey, o Mac e a Lily como sócios minoritários, e os outros podem ser também accionistas. Teremos reuniões de direcção. No piquenique da empresa, insisto em que toda a gente coma hambúrgueres com queijo de soja.

- Agora estás a falar bem!

- Usaremos o meu dinheiro para começar, mas todo o lucro que fizermos será o *nosso* dinheiro. Dinheiro que ganharemos juntos.

- Está bem - respondi suavemente. - Negócio fechado.

- Perdoa-me por citar de novo, mas parafraseando Jane Austen, «Um homem solteiro com fortuna deve precisar de uma mulher.»

- Que fortuna tenho eu? - perguntei bruscamente, acariciando-lhe o tornozelo, o joelho e depois...

- Sou capaz de demorar *anos* a enumerar todas as riquezas que tens - disse ela suavemente.

Kara

- Estão prontos para regressar a casa? - perguntei aos meus pais na manhã seguinte. - Temos de voltar para junto do Joey. O Phil é capaz de lhe incutir maus hábitos.

Eles estavam tão felizes desde que Ben chegara. Sorriram-nos. *Mr. Darcy* atirava-nos cascas de laranja. Depois os sorrisos deles esmoreceram um pouco e Lily disse:

- Só se tu também fores.

- Claro.

- Calma aí - disse Ben gravemente. - A Karen não pode voltar ao rancho enquanto eu não tiver uma conversa com vocês os dois.

Mac e Lily olharam para ele.

- Ela não d-dá trabalho nenhum - disse-lhe Mac. - Não come muito. Pode continuar a morar connosco.

- Nós dissemos que íamos acrescentar um quarto - recordou-lhe Lily.

Ele pigarreou.

- Pois, o problema é esse. Quero que ela viva *comigo.*

Mac olhou para ele de sobrolho franzido.

- Eu e a Lily vamos casar. Acho que *tu* devias casar com a nossa bebé se queres que ela vá viver contigo - Lily concordou com veemência.

- Bom, sim. É isso que estou a dizer. Tenho o vosso consentimento para casar com ela?

Lily inclinou-se para ele e murmurou:

- Não devias perguntar à *Karen,* em vez de a nós?

- Sim, mas primeiro quero saber se vocês estão de acordo. Posso pedir à Karen para casar comigo?

Lily exibiu um sorriso radiante.

- Ficávamos muito contentes! Mac acenou.

- Se casares com a K-karen, nós teremos também um filho. Dois filhos. Tu e o Joey.

- Ainda não tenho a certeza se ela quer casar comigo. Eles olharam para mim. Os olhos de Lily cintilavam.

- Bom, ela está sentada ao teu lado. Pergunta-lhe.

Ben levantou-se.

- Está bem.

Esta era a parte de que eu não estava à espera. A parte em que Ben virou a minha cadeira para ele e se ajoelhou à minha frente. Aquilo que fora até aí um momento descontraído tornou-se de súbito intensamente emotivo.

Ben pegou-me nas mãos e olhou para mim.

- Karen. Kara. Daisy. Aceitas casar com um *cowboy?*

Eu chorei e sorri.

- Sim. Aceitas casar com uma *cowgirl*-sereia?

- Sim. Sempre quis ter uma dessas.

Kara
Outono

Joey voltou do hospital com um prognóstico que não o condenava nem lhe garantia um grande futuro.

- Demos-lhe pelo menos mais alguns anos – disseram-nos os cirurgiões.

- E nós aceitamos, obrigado - respondeu Ben.

Uma bela manhã, em finais de Setembro, Joey deu-nos a todos um grande presente em troca. Entrou na cozinha para tomar o pequeno-almoço pelo seu próprio pé. Sim, ainda precisava de oxigénio e de vez em quando deslocava-se lentamente, mas caminhava de novo. E todos os dias, desde então, caminhava mais um pouco, até que a cadeira de rodas acabou por ficar a ganhar pó num armário.

Glen prescindiu do seu estatuto de tutor legal de Mac, depois de fazer algum barulho mas, na realidade, sem grande luta. Ouvimos dizer que passava a maior parte do tempo numa casa de praia na Carolina do Sul.

Ben foi comigo à Suécia, onde aceitei o Prémio Nobel em nome dos meus pais adoptivos.

Contratámos um arquitecto para desenhar os planos de um parque e de um museu de história Cracker, em Tolbert, onde Lily me dera à luz. Lily e eu estudámos catálogos de sementes, escolhendo variedades de margaridas para ali plantar na Primavera.

O Mundo Kissme Woomee pavimentou o parque de estacionamento, colocou uma rede antialigátores em volta da zona dos espectáculos e começou a fazer planos para expandir a loja de recordações e construir um museu dedicado às sereias. Com um generoso donativo meu e de Ben, contrataram um agente publicitário.

Na primeira reunião de direcção da empresa Rancho Thocco, SA, votámos para arranjar o buraco na parede da despensa, pôr uma rede no alpendre das traseiras, comprar uma televisão maior para a sala comunitária e adquirir uma nova carrinha que não cheirasse a crisântemos. Votámos também para adquirir o resto da quinta Dooley e começar a primeira fase de conversão para uma quinta de lacticínios amiga do ambiente, com búfalos-de-água.

O escritório de Ben saiu do quarto dele, e eu entrei. Planeámos o casamento para o Inverno, antes do nascimento dos bezerros e dos potros, na Primavera.

Estrela retirou-se das corridas de barris. Afinal de contas, não tinha mais nada a provar. Como se soubesse que tinha conquistado, ao mesmo tempo, confiança e paz de espírito, fez amizade com as outras éguas, deixou de morder as vacas e pôde começar a percorrer os pastos com a manada. Se decidisse acasalar com *Cougar,* informá-lo-ia disso quando entendesse que chegara a altura.

Phil desapareceu. Tão simples como isso. Um dos empregados do bar apareceu um dia no rancho e entregou a Ben a escritura do estabelecimento e uma carta de Phil. Dizia apenas: «Vende o bar e compra um *Hummer.* É altura de seguir caminho. Falamos um dia destes. Phil»

- Raios me partam - disse Ben. - Agora que posso ter um *Hummer*, acho que já não o quero.

É engraçado como os nossos desejos desaparecem quando são demasiado fáceis de alcançar.

O tio William e Sedge vieram ao meu baptizado. A cerimónia teve lugar ao ar livre, em Fountain Springs, junto da estátua de Ponce de León. A mamã e o papá salpicaram-me com a água que escorria dos dedos da estátua. Embora eu continuasse a ser conhecida como Kara ou Karen, fui baptizada Daisy, como eles tinham desejado. De certa forma, a cerimónia também me tornou residente de Fountain Springs e Cracker honorária.

Mac e Lily casaram-se numa cerimónia maravilhosa no rancho. Eles queriam simplicidade e foi o que tiveram: uma cerimónia ao ar livre, num dia frio de Novembro. Eu toquei harpa. *Mr. Darcy* assistiu empoleirado em cima do instrumento, meneando a cabeça azul. Joey levou as alianças, Ben foi o

padrinho do noivo, Miriam, Lula e Dale as damas de honor e Roy, Cheech e Bigfoot os acompanhantes do noivo.

Possum ficou com o papel da menina das flores.

O papá vestia fato e gravata; a mamã levava um vestido branco pelo tornozelo e um pequeno véu. Nas mãos, um ramo de margaridas. O copo d'água incluiu o churrasco mais magnífico da história do condado e um *buffet* alternativo de pratos vegetarianos. A banda do bar de Phil tocou as nossas músicas preferidas, incluindo sambas.

Nessa noite, já tarde, depois de todos os convidados se terem ido embora e de o rancho estar a dormir sob uma grande Lua de Outono, Ben e eu, da janela do nosso quarto, vimos os meus pais a dançar.

Wise man say only fools rush in[8], cantava Elvis num leitor de CDs que a mamã colocara em cima de uma mesa. O papá aninhou a cabeça dela na curva do seu pescoço curtido pelo sol, enterrando o rosto no seu cabelo ruivo grisalho.

Cavalos e gado pastavam sob o luar, sempre mantendo as suas crias debaixo de um olhar protector. Uma garça, em cima de um dos celeiros, com o bico comprido enfiado debaixo da grande asa, agitou-se e ajeitou as penas. Tudo estava em harmonia neste mundo de terras douradas, telhados queimados pelo sol, nascentes de águas calcárias infinitamente profundas e florestas escuras e pantanosas, longe das praias famosas da costa e do brilho das cidades turísticas. Esta era a verdadeira Florida. Esta era a velha Florida - lar de pessoas fortes, gado resistente e cavalos descendentes das primeiras manadas espanholas.

Esta terra selvagem e bela ligava a península ao continente acima de Tampa. A Florida Cracker. Uma brisa nocturna agitou as palmeiras, com um som que fazia lembrar castanholas à distância; os fios cinzentos das barbas-de-velho ondulavam nos ramos maciços dos carvalhos.

O papá dançou lentamente ao som da canção de Elvis. A mamã tinha o pé esquerdo equilibrado na biqueira do sapato dele. Sorridente, ergueu os olhos para o rosto do marido. Beijaram-se.

So it goes, cantou Elvis. *Some things are meant to be.*[9]

Ben

Tinha sido um Verão fantástico e o Outono foi um Outono fantástico. Eu estava sempre a tentar colocá-lo em palavras, mas isto foi o melhor que consegui: as pessoas querem fazer parte de algo maior, algo mais profundo do que elas próprias. Algo pelo qual valha a pena viver, valha a pena morrer. Algo tão maravilhoso que estão dispostas a correr o risco de ser alvo de chacota, o risco de serem chamadas loucas, o risco de nadarem sozinhas nas águas mais

---

[8] «Os sábios dizem que só os loucos se precipitam» (N. da T.)

[9] «Há coisas que estão predestinadas» (N. da T.)

escuras, determinadas a mergulhar nas profundezas para encontrarem algo especial, algo que possa durar para sempre. Algo que correrão o risco de amar, mesmo depois de esse amor as magoar.

Agora, eu acredito nesse algo.

Acredito em amar Karen.

Nessa noite, depois do casamento de Mac e Lily, quando Karen e eu nos preparávamos para dormir, dei-lhe um pequeno embrulho de papel dourado. Ela abriu-o e sorriu.

- Estava no cofre do meu escritório - confessei. - É a máscara do famoso *El Diablo Americano.*

O sorriso dela tornou-se malicioso. Olhou para mim com amor, felicidade e um brilho convidativo e perverso nos olhos azuis. Estendeu a máscara.

- Põe-la - murmurou.

Fiz-lhe a vontade.

Um *cowboy* faz sempre a vontade a uma senhora.

FIM